
GUIA DE

Niterói

Maricá

TRILHAS

CNM - Clube Niteroiense de Montanhismo - 2017



Texto e fotos 2017 © Leandro do Carmo
Edição 2017 © Editora Kimera

Colaboradores no texto:
Alex Figueiredo, André Costa e Stephanie Maia

Colaboração nas fotos:
Leonardo do Carmo e André Costa

Mapas: André Costa

Colaboração na seleção das trilhas:
Ary Carlos, Luciano Gomes, Alex Figueiredo e
André Costa

Revisão: Keity Emidio e Priscilla Neto

Produção editorial: Vanderlei Sadrack

Projeto gráfico: ArtePlusBrasil.com

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil
desde 1º de janeiro de 2009.

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o
trabalho do autor e de muitos outros profissionais
envolvidos na produção e comercialização
das obras: editores, revisores, diagramadores,
ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores,
livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia
ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da
cultura e encarece os livros que você compra.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

L900g do Carmo, Leandro, 1979-
Guia de trilhas Niterói e Maricá / Leandro do
Carmo. - Rio de Janeiro: Kimera Publicações, 2017.
328 p. : il. , 21 cm.

ISBN 978-85-68883-44-0

1. Ecoturismo, 2. Trilha, 3. Guia, 4. Turismo, I. do Carmo,
Leandro, II. Título.

12-2587

CDD: 028.5

CDU: 087.5

034955



KIMERA PUBLICAÇÕES

Tels.: (21) 3149-9719 / 95908-1119

Visite nosso site: www.editorakimera.com

GUIA DE NITERÓI MARICÁ TRILHAS

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha esposa Sarah, meus filhos João, Alice e a toda a minha família.

Sozinho, com certeza esse trabalho não teria sido concluído. Muitas pessoas contribuíram, seja com informações sobre trilhas, participando de algum mapeamento e até dispostas a explorar locais desconhecidos. O meu medo de nomear esses meus companheiros de aventura, é de me esquecer de alguém.

Seguem os nomes dos meus companheiros de trilhas que por uma ou mais vezes me acompanharam nessa empreitada: Stephanie Maia, Michael Patrick, Tauan Nunes, Alex Figueiredo, Cléver Felix, Renato Valejo, Taffarel Ramos, Leonardo Carmo, Marcos “Velhinho” Lima, Paulo Coelho, Alessandra Neves, Luciano Gomes, Vander Silva, Antônio Alves, Andréa Vivas, Anelise Vianna, Patrícia Gregory, Gabriel Gregory, Lando Mendonça, Cris Anderson, Alexandre Rockert, André Pontes, Renato Rubis, José Antônio, Simone Bezerra, Ary Carlos, Patrícia Hurtado. Um agradecimento especial ao André Costa pela elaboração dos mapas e para o Eduardo França pela disponibilização do GPS utilizado no mapeamento das trilhas.

Trilhas e florestas são “lugares comuns”... Porém comuns para quem?

Elementos da paisagem que vemos, em geral à distância, das ruas e estradas. E curiosamente, às vezes, nos passa pela cabeça: “será que tem trilhas ali”?

Um guia de trilhas é algo curioso, que nos dá uma deliciosa sensação de descobrimento, de exploração. Iniciada na literatura com Marco Polo em suas andanças pelo Oriente (quando fica amigo de Kublai Kan), ou mesmo na nossa cultura pop, imortalizada nas palavras de James T. Kirk: “Indo audaciosamente onde nenhum homem jamais esteve!”.

Um guia de trilhas nos dá a liberdade de andar por velhos caminhos, que para muitos serão novos caminhos, onde teremos a oportunidade do prazer da descoberta, de mirantes fantásticos, de animais que não sabíamos serem nossos vizinhos e de incríveis e agradáveis conversas com quem estejamos ali, explorando e conhecendo.

Caminhar na floresta é um prazer enorme, quando fazemos com respeito à natureza, proporcionando a religião com a mesma. Esqueçamos o asfalto e o cinza da cidade!

Saiamos do “lugar comum” que é a cidade e nossas casas e vamos para o “lugar comum” das trilhas!

Niterói e Maricá são municípios que ainda possuem uma gama enorme de trilhas, onde podemos buscar essa forma de lazer que muitos consideram “programa de índio”, porém é uma atividade que nos permite contemplação... de vistas que a maioria não conhece!

Temos a Serra da Tiririca, o Morro do Santo Inácio e a Serra da Viração, Serra do Malheiro e Morro do Cantagalo, Serra Negra e o Espreado, Pedra de Itaocaia e Pedra do Elefante, Restinga de Maricá e as Ilhas Maricás, tantos lugares próximos, que para quem anda nas florestas nos são conhecidos ...

Um guia de trilhas tem esse objetivo, partilhar não apenas os nomes estranhos do parágrafo acima, mas compartilhar a experiência de conhecer estes locais tão ricos em história, natureza e feições geográficas excepcionais, que de certa forma é tão distante da maioria das pessoas.

Estes lugares nos são conhecidos e de uso, amamos cada rocha, cada árvore, cada paisagem que vemos e o Clube Niteroiense de Montanhismo veio agora, de forma maravilhosa, partilhar a experiência adquirida em mais de uma década de montanhismo com você, que lê estas palavras.

Lembro agora as palavras de um jovem explorador, falecido em 1992:

“A felicidade só é plena, quando é compartilhada”

Chris McCandless/Alexander Supertramp

Pois bem, aqui estamos, compartilhando um pouco de nossa felicidade com você.

Boa leitura... Boa exploração...

Ame e respeite as montanhas como amamos!

Alex Figueiredo

Montanhista do Clube Niteroiense de Montanhismo
Administrador do Parque Natural Municipal de Niterói

DISTRIBUIÇÃO DOS SETORES



Niterói

- 1 - PARNIT**
- 2 - PESET - Itaipu**
- 3 - PESET - Itacoatiara**
- 4 - PESET - Engenho do Mato**
- 5 - PESET - Darcy Ribeiro**
- 6 - PESET - Várzea das Moças**



Maricá

- 7 - Itaipuaçu**
- 8 - Calaboca**
- 9 - Inoã**
- 10 - Centro**
- 11 - Silvado**
- 12 - Espreado**
- 13 - Ponta Negra**

SUMÁRIO

Apresentação

O CNM	11
Objetivos.....	12
Classificação de trilhas FEMERJ.....	13
Definições.....	13
Esforço físico.....	13
Exposição ao risco.....	14
Orientação.....	15
Insolação.....	15
Tipos – Denominação.....	16
Duração.....	16
Distância.....	16
Altitude.....	17
Desnível.....	17
Como utilizar o Guia.....	17
Mínimo impacto.....	20



NITERÓI

Um pouco da história.....	27
Setor PARNIT – Mosaico Sul.....	30
Informações gerais.....	30
Curiosidades.....	33
Trilhas.....	35
Setor PESET - Itaipu.....	94
Informações gerais.....	94
Curiosidades.....	96
Trilhas.....	97
Setor PESET - Itacoatiara.....	114
Informações gerais.....	114
Curiosidades.....	116
Trilhas.....	118
Setor PESET – Engenho do Mato.....	136
Informações gerais.....	136
Curiosidades.....	138
Trilhas.....	140
Setor PESET – Darcy Ribeiro.....	158
Informações gerais.....	158
Curiosidades.....	160
Trilhas.....	161
Setor PESET – Várzea das Moças.....	174
Informações gerais.....	174
Curiosidades.....	176
Trilhas.....	177



SUMÁRIO

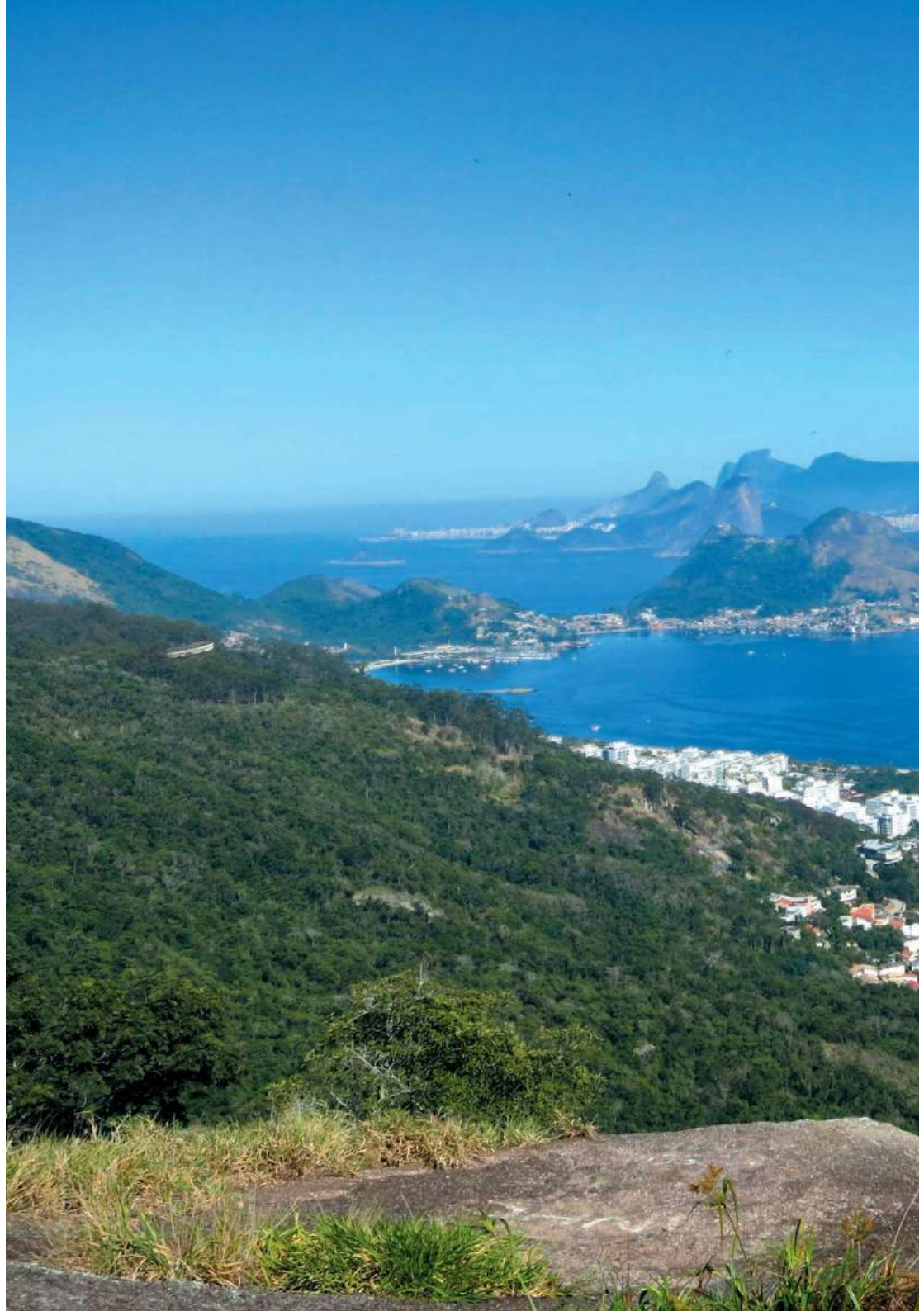
MARICÁ

Um pouco da história.....	190
Setor Itaipuaçu.....	194
Informações gerais.....	194
Histórico.....	194
Trilhas.....	196
Setor Calaboca.....	212
Informações gerais.....	212
Histórico.....	213
Trilhas.....	214
Setor Inoã.....	234
Informações gerais.....	234
Histórico.....	234
Trilhas.....	236
Setor Centro.....	250
Informações gerais.....	250



Histórico.....	250
Trilhas.....	252
Setor Silvado.....	264
Informações gerais.....	264
Histórico.....	264
Trilhas.....	266
Setor Espreado.....	280
Informações gerais.....	280
Histórico.....	282
Trilhas.....	284
Setor Ponta Negra.....	316
Informações gerais.....	316
Histórico.....	318
Trilhas.....	319
Referências.....	324





O CNM

O Clube Niteroiense de Montanhismo - CNM, único clube excursionista da cidade, surgiu da iniciativa de alguns escaladores de Niterói integrantes da lista de e-mails da Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro - FEMERJ. Foi indagado na lista se existia algum clube excursionista em Niterói, e diante do fato da inexistência de um, houve a mobilização e assim, no dia 26 de março de 2003, ocorreu a primeira reunião com muitos montanhistas niteroienses interessados na criação do clube.

Com o apoio da FEMERJ, demais clubes e escaladores independentes, o CNM começou a se organizar e tomar forma. Já a partir de 2003, o clube iniciou sua participação na Abertura da Temporada de Montanhismo, evento anual organizado pelos clubes filiados à federação. No início de 2004, iniciou o primeiro curso de formação de guias de montanha do clube, e instrutores de outros clubes se disponibilizaram a ajudar. Durante este tempo, diversas atividades ocorreram: caminhadas e escaladas em Niterói, no Rio e em outras localidades do estado.

No final de 2004, mais precisamente no dia 20 de novembro, foi realizada a Assembleia Geral de Fundação do CNM. Com esse importante passo, foi aprovado o estatuto e eleita a primeira Diretoria, representada por: Gustavo Muniz (presidente), Alan Marra (vice-presidente), Nise Caldas (tesoureira), Jerônimo dos Santos (diretor-técnico) e Alex Figueiredo (diretor de meio-ambiente).

Oficializado o clube, mais integrantes passaram a fazer parte, o que permitiu maior representatividade em Niterói.

No dia 22 de novembro de 2005, um ano após a fundação, mais um momento importante para o CNM. Em Assembléia Geral Extraordinária da FEMERJ, o clube foi aceito pelas demais entidades que compõem a federação como o mais novo filiado. Desta forma, foi inserido efetivamente no contexto da organização do montanhismo estadual e nacional, uma vez que a federação integra a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada - CBME.

Atualmente fazemos parte do Conselho Consultivo do Parque Estadual da Serra da Tiririca e participamos de algumas Câmaras Técnicas e Grupos de Trabalho. Desenvolvemos algumas ações de educação ambiental, manejo de trilhas e mutirões de reflorestamento em diversos pontos da cidade.

Os guias do clube são responsáveis por organizar e conduzir diversas atividades para os sócios. São trilhas e escaladas em diversos locais. Além das atividades, oferecemos também cursos de escalada, palestras e oficinas técnicas que são ministradas regularmente, de acordo com necessidade específica.

Todo o trabalho no clube é voluntário. Tanto a diretoria, quanto os guias, não recebem nenhum tipo de valor para exercer suas atividades. O clube é uma entidade sem fins lucrativos, que visa a divulgação e prática do montanhismo, além de desenvolver ações com o objetivo de preservar o meio ambiente.

Objetivos

Este guia tem o objetivo de divulgar as diversas trilhas da região, e o grande potencial em áreas pouco visitadas e até desconhecidas pelo público em geral. Com o grande aumento do número de praticantes de atividades ao ar livre, especialmente as caminhadas em trilhas, na maioria das vezes concentrados em poucos pontos, como por exemplo as trilhas da região de Itacoatiara, no Parque Estadual da Serra da Tiririca, acarreta na aceleração do processo de degradação nesses locais. Mas como melhorar essa distribuição? De fato, podemos encarar isso como um grande desafio... Mas a princípio, a simples divulgação dos outros atrativos, já seria o primeiro passo para essa distribuição mais equalizada.

A maioria das pessoas só acabam frequentando os locais onde elas conhecem, ou que pelo menos tenham informações suficientes. Para se ter uma ideia, quando digo que na região do PARNIT existem mais de 10 trilhas, muita gente até se espanta... Acho que poderemos suprir essa falta de informação sobre as mais diversas trilhas dos municípios de Niterói e Maricá.

Até a organização desse trabalho, também não tinha muita noção do que iria encontrar pela frente, principalmente no município de Maricá. Cada dia era uma surpresa...

Depois de percorrer algumas centenas de quilômetros nos municípios de Niterói e Maricá, fotografando e, colhendo informações e até mesmo abrindo algumas trilhas, apresentamos o presente trabalho com as informações que julgamos necessárias para que o caminhante possa chegar e percorrer cada roteiro descrito nesse guia, claro que levando em consideração a sua experiência, condicionamento físico, condições climáticas, etc.

Classificação de trilhas FEMERJ

A metodologia de classificação de trilhas utilizada nesse guia foi desenvolvida pela Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ). As trilhas são classificadas de acordo com o grau de Esforço Físico, Exposição ao Risco, Orientação e Insolação. Cada parâmetro é representado por indicadores de severidade crescente e vem acompanhada de informações que detalhem certos aspectos da trilha, como extensão, altitude inicial, altitude final, altitude máxima e tempo médio do percurso. Além disso, há classificação quanto ao tipo de trilha, sendo eles: Trilha, Travessia ou Circuito.

Visando à sua aplicação prática, foi incluída uma iconografia específica para cada parâmetro, propiciando rápida identificação da classificação. Com isso, o usuário poderá avaliar de forma objetiva, se tem condições físicas e dispõe do tempo e dos equipamentos necessários para percorrer a trilha na qual está interessado.

Sempre que necessário, mostraremos informações que julgarmos relevantes, mesmo que não estejam disponíveis para todas as trilhas.

DEFINIÇÕES

Esforço físico

Avalia o nível de esforço físico necessário para cumprir o percurso em função de características específicas da trilha (duração, percurso, desnível, obstáculos e piso/terreno). Está dividido em oito níveis, iniciando em “Leve” e terminando em “Extra Pesada”. O oitavo nível desta classificação é referente a trilhas de “Longo Curso”, que é um nível que indica um tipo de trilha em particular.

Uma trilha é classificada em determinado nível quando a maioria das suas características (duração, percurso, desnível, obstáculos e piso/terreno) estiver de acordo com o respectivo nível. Não é obrigatório que as características da trilha estejam de acordo com todos os parâmetros de um nível de classificação; na verdade, isso deve ocorrer na minoria dos casos.

IMPORTANTE: A Classificação Básica representa o esforço para realizar determinada trilha e não o nível técnico da mesma. Quando houver algum trecho técnico, como uso de corda ou algum lance de escalada, será informado juntamente coma a classificação básica. Exemplo: Trilha Moderada com lance de escalada de II grau, ou Trilha Pesada com lance em cabo de aço.

Nível	Ícone	Características em geral (valores médios)				
		Duração	Percurso	Desnível	Obstáculos	Piso/Terreno
Leve		Até 1 hora	Até 3 km	Até 200 metros (+) e até 400 (-)	Poucos e simples obstáculos	Piso regular
Leve superior		De 1 até 2 horas	Até 6 km	Acima de 200 até 400 metros (+) e acima de 400 até 600 metros (-)	Pode ter pequenos obstáculos	Piso ligeiramente irregular
Moderada		De 2 até 4 horas	Até 12 km	Acima de 400 até 600 metros (+) e acima de 600 até 800 metros (-)	Com obstáculos	Piso irregular
Moderada superior		De 4 e 6 horas	Até 18 km	Acima de 600 até 800 metros (+) e acima de 800 até 1200 metros (-)	Muitos obstáculos	Piso irregular e lugares onde é necessário usar as mãos para manter o equilíbrio e/ou ascender
Pesada		De 6 até 8 horas	Até 24 km	Acima de 800 até 1200 metros (+) e acima de 1200 até 600 metros (-)	Com muitos ou grandes obstáculos	Piso irregular e lugares onde é necessário usar as mãos para manter o equilíbrio e/ou ascender
Pesada superior		De 8 até 12 horas	Até 36 km	Acima de 1200 até 2000 metros (+) e acima de 2000 até 2600 metros (-)	Com muitos ou grandes obstáculos	Piso irregular e lugares onde é necessário usar as mãos para manter o equilíbrio e/ou ascender
Extra Pesada		Mais de 12 horas	A partir de 36 km	Acima de 2000 metros (+) e acima de 2600 metros (-)	Com muitos ou grandes obstáculos	Piso irregular e lugares onde é necessário usar as mãos para manter o equilíbrio e/ou ascender
Longo Curso		Vários dias	Normalment e mais de 50 km	-	Está relacionada com o comprimento.	Variado

Exposição ao risco





Avalia a dificuldade do trajeto em relação ao nível e à frequência com que o caminhante é exposto a situações de perigo (Evento de risco). Este parâmetro é dividido em 4 graus de exposição, onde o aumento do grau está relacionado diretamente com as consequências / probabilidades que um evento de risco aconteça.

O grau de exposição da trilha corresponde ao evento de risco mais alto, mas não quer dizer que, necessariamente, não possua eventos de riscos das faixas anteriores. Toda trilha tem no mínimo o Grau de Exposição Pequeno, pois o ambiente natural é cercado de incertezas.

Experiência	Consequências			Grau de Exposição	Ícone
	Baixa	Probabilidade de pequenas lesões, no máximo casos de primeiros socorros ou tratamento médico menor. Probabilidade baixa de acidentes graves.	Pequeno		
		Probabilidade de lesões médias e tratamento médico. Probabilidade pequena de acidentes graves.	Moderado		
		Probabilidade média de lesões de gravidade moderada a alta.	Severo		
	Alta	Probabilidade alta de lesões graves ou morte caso o evento de risco aconteça.	Crítico		

Orientação

Avalia o grau de dificuldade para o usuário manter-se orientado e leva em consideração características específicas da trilha como sinalizações, bifurcações, definição do leito, referências de orientação (acidentes geográficos), vegetação (vegetação fechada ou não) etc. Este parâmetro de classificação é dividido em quatro níveis de dificuldade crescente (Fácil, Moderado, Difícil e Muito Difícil). Serve para o caminhante decidir se tem suficiente conhecimento técnico de orientação para adentrar determinada trilha.

Nível	Ícone	Descrição
Fácil		Caminhos e cruzamentos bem definidos: normalmente são trilhas com alguma sinalização, com poucas bifurcações e com o seu leito bem definido. Esse tipo de trilha pode até não ter sinalização, mas o seu traçado não deixa dúvida para onde seguir.
Moderado		Trilha com pouca ou nenhuma sinalização, com algumas bifurcações mas com o seu leito ainda definido ou com poucos trechos poucos marcados.
Difícil		Trilha sem nenhuma sinalização, com muitas bifurcações que podem confundir o caminhante, passando às vezes por mata fechada ou por lajes com a trilha pouco definida. Ainda é possível identificar a calha da trilha, mesmo que em alguns trechos ela fique com o seu leito tênue. Pode requerer a identificação precisa dos acidentes geográficos (rios, fundos de vale, bordas, cumes etc.) e pontos cardeais. Requer conhecimento e habilidade para navegação terrestre por meio de mapas topográficos e bússola ou aparelho de GPS.
Muito Difícil		Trilha fechada com traçado tênue ou inexistente e na mata. Na sua maioria são trilhas de montanhas do tipo exploração ou acessos a vias de escalada remotas. Requer conhecimento e habilidade para navegação terrestre por meio de mapas topográficos e bússola ou aparelho de GPS.

Insolação

Avalia a disponibilidade de sombra ao longo da trilha, indicando a percentagem do caminho que o Sol permanece descoberto, brilhando sem anteparos. Este parâmetro é dividido em três níveis crescentes de insolação, iniciando na “Baixa” insolação, com percentual de até 33%, depois “Média”, de 33% até 66%, e a última, a “Alta”, de 66% até 100% do caminho com exposição ao sol.

Nível	Ícone	Descrição
Baixa		Até 33% do caminho com exposição ao sol.
Média		De 33% até 66% do caminho com exposição ao sol.
Alta		De 66% até 100% do caminho com exposição ao sol.


Tipos – Denominação

TRILHA: Quando a ida e a volta se dão pelo mesmo caminho.

TRAVESSIA: Quando o início e o fim são lugares distintos. Para padronização na nomenclatura, usa-se por convenção a letra “x” (minúsculo) entre o local de início e o do fim sempre que a travessia não possuir um nome específico.

CIRCUITO: Quando começa e termina no mesmo local, mas seguindo por caminhos diferentes.

OBS: Em todos os tipos de roteiros (trilhas, travessias e circuitos) a extensão, o tempo informado e outras características para a aferição da classificação sempre levarão em conta o caminho total, mesmo se o caminho da ida for o mesmo da volta, no caso dos roteiros que possuem a denominação “trilha”.

Tipo	Ícone	Descrição
Trilha		Quando a ida e a volta se dão pelo mesmo caminho.
Travessia		Quando início e o fim são lugares distintos. Para padronização na nomenclatura, usa-se por convenção a letra “x” (minúsculo) entre o local de início e o do fim sempre que a travessia não possuir um nome específico.
Circuito		Quando início e o fim são lugares distintos. Para padronização na nomenclatura, usa-se por convenção a letra “x” (minúsculo) entre o local de início e o do fim sempre que a travessia não possuir um nome específico.

Duração



A duração determina um tempo médio para se fazer o percurso, levando em consideração as pequenas paradas para fotos, água, trechos mais íngremes e lances técnicos. Grupos muito grandes podem levar a uma diferença muito grande no tempo proposto e o tempo realmente observado, assim como grupos reduzidos ou excursionistas experientes. Se houver necessidade

de paradas mais longas, será necessário uma reavaliação das condições. Para os percursos classificados como trilha, foram levados em consideração o tempo de ida e volta.

Distância



A distância contabiliza o total do percurso percorrido, obedecendo os critérios:

- 1 – Se for trilha, contabiliza ida e volta;
- 2 – Se for circuito, a distância total;
- 3 – Se for travessia, somente ida, contabilizando a distância entre o ponto inicial e final.

Altitude



1 – Inicial: Determina a altitude no ponto inicial da trilha.



2 – Final: Determina a altitude no ponto final. No caso dos percursos denominados Trilhas, a altitude final se dá no ponto de destino.



3 – Máxima: Ponto mais alto do percurso.

Desnível



É o somatório do ganho ou perda de altitude entre dois pontos do percurso. É representado pelo desnível positivo do percurso total e pelo desnível negativo, com o sinal “-” antes do valor. Exemplo 2: 200 m / -150 m (Significa que se ganhou 200 metros de altitude e perdeu 150 metros de altitude.

Obs: Pode ser usado o desnível positivo conjugado com o negativo, ou apenas o desnível mais representativo para a classificação da trilha. Exemplo: Desnível: 450 m / -10 m; será usado somente Desnível: 450 m, pois a perda de elevação de 10 m é desprezível se comparada ao todo.

Obs: No percurso classificado como “Trilha”, o desnível apresentado é SOMENTE do trecho de ida, pois nesse caso, como voltaria pelo mesmo local, o desnível positivo e negativo seriam iguais.

COMO UTILIZAR O GUIA

Para melhor entendimento, as trilhas foram agrupadas em setores, caracterizadas por suas localidades. Além da metodologia de classificação de trilhas, existem algumas outras informações relevantes que são apresentadas para embasar a tomada de decisão na hora da escolha da trilha a ser feita. São elas:

- Coordenadas UTM do ponto inicial e final;
- Principais atrativos;
- Perfil Altimétrico;

- Como chegar ao início da trilha, utilizando carro ou ônibus;
- Descrição geral da trilha;
- Descrição do caminho a ser percorrido com fotos de pontos importantes;
- Curiosidades com informações históricas diversas.

Os mapas que ilustram as trilhas utilizam a base cartográfica com maior escala de detalhe disponível gratuitamente pelo IBGE (projeto RJ-25, escala 1/25.000) e os trajetos das trilhas foram obtidos através de GPS de navegação.

Visando processamentos futuros e compatibilidade com outros mapas e dados, foram adotados os padrões do Sistema Cartográfico Nacional, portanto, os mapas utilizam sistema de projeção UTM e sistema de referência SIRGAS 2000 (compatível com WGS84 para atividades de trilha). Ainda não foram disponibilizados cursos d'água para esta base, portanto, os mapas não apresentam rede hidrográfica. Pelas observações feitas em campo, não foram encontrados cursos d'água de grande porte e a presença de água varia bastante em função da sazonalidade.

O sistema de coordenadas planas da projeção UTM permite medir ou calcular distâncias com mais facilidade do que realizar cálculos com ângulos. A escala (E) é uma proporção entre a dimensão da representação no mapa (d) e sua dimensão real no terreno (D) de forma que: $E = d/D$. A escala gráfica, presente no canto inferior direito de cada mapa, foi elaborada de forma que o segundo valor depois do zero informa quantos metros representa um centímetro no terreno. Por exemplo, no mapa da trilha Serra do Camburi, o valor "250" significa que 1cm no mapa representa 250 metros no terreno (em projeção horizontal).

A equidistância vertical das curvas de nível, para uma base cartográfica na escala 1/25.000, é de 10 metros. Embora cada mapa esteja impresso em escala compatível com a dimensão da trilha, todos utilizaram a mesma base cartográfica 1/25.000, portanto, as curvas de nível em todos os mapas representam uma variação de altura de 10 metros.

Para sua orientação, fique sempre atento para a indicação do Norte geográfico (presente no canto superior direito de cada mapa) e que, por convenção, aponta para cima. A malha de coordenadas varia de dimensão de acordo com a escala de impressão e está representada em metros, fique atento também para a escala gráfica.

DICAS DE SEGURANÇA

Os roteiros descritos nesse guia, estão em áreas naturais e nem sempre o traçado está bem definido ou às vezes é inexistente. Além disso, árvores podem cair, bloqueando o caminho principal, induzindo o caminhante ao erro.

Ao caminhar pelas trilhas descritas neste guia ou em qualquer outra, esteja ciente de que elas possuem alto potencial de risco. Praticá-las, implica em assumir o risco de ocorrên-

cia de lesões permanentes, acidentes graves ou mesmo fatais. Os riscos envolvidos nas atividades, especialmente na escalada e no montanhismo, incluem, mas não se limitam a: (i) Ataques de animais, incluindo os peçonhentos, tais como: cobras, aranhas, escorpiões, insetos, abelhas, marimbondos, podendo causar alergias e outras reações; (ii) Exposição a condições climáticas adversas, tais como: frio, calor extremo, tempestades, ondas, chuva, vento forte, deslizamentos, trombas d'água, raios, e às as consequências diretas dessas condições, por exemplo: insolação, hipertermia, exaustão, desidratação; (iii) Realização de atividades em terrenos escorregadios, instáveis, expostos e de grande altura; (iv) Quedas de objetos: pedras, galhos, equipamentos, entre outros; (v) Falha dos equipamentos e das proteções fixas ou móveis por mau uso, má colocação, desgaste, degradação das condições do material, ou quaisquer outras razões; (vi) Comportamentos inadequados, inapropriados, negligentes ou imprudentes de outras pessoas ou seu próprio, que colocam em risco a segurança e a vida de todos os participantes das atividades; (vii) Perigos subjetivos, tais como: medo, erro de julgamento, falha na avaliação dos riscos, cansaço, entre outros; (viii) Torções, luxações, arranhões, fraturas de ossos e lesões em geral; (ix) Estresse físico e psicológico; (x) Quedas e impactos; (xi) Morte.

Para minimizar os riscos, é extremamente recomendável que você:

- 1 – Estude minuciosamente o roteiro escolhido e verifique sua capacidade física e técnica;
- 2 – Evite andar sozinho e sempre deixe alguém avisado do roteiro e horário previsto para retorno;
- 3 – As trilhas, naturalmente, são passíveis de modificações, portanto esteja muito atento ao seu traçado original. Se por algum motivo estiver inseguro sobre o caminho a seguir, volte e tente buscar mais informações;
- 4 – Leve água e comida suficientes para o tempo de caminhada;
- 5 – Esteja com roupa e calçado adequado à atividade;
- 6 – Não faça ou use atalhos, pois os riscos de perder aumentam consideravelmente, além de causar fortes erosões no terreno;
- 7 – Em caso de tempestades de raios, não permaneça nos cumes, não se abrigue debaixo de árvores (principalmente se estiverem em pastos ou áreas descampadas), não fique próximo à cercas de arame, não se abrigue em barracas com peças metálicas, não se deite no chão;
- 8 – Evite percorrer as trilhas durante a chuva ou logo após esta;
- 9 – Quando em grupo, fique atento ao seu próprio ritmo de caminhada e ao dos companheiros, para não forçar desnecessariamente.

MÍNIMO IMPACTO

Texto adaptado do site www.pegaleve.org.br:

Hoje em dia, milhares de pessoas procuram os ambientes naturais para atividades de lazer, que vão desde um simples passeio até a prática de esportes de natureza, como as caminhadas, o montanhismo, a canoagem, a exploração de cavernas, o mergulho e muitas outras.

Nesses locais, a natureza precisa ser tratada com cuidado e respeito. O equilíbrio ecológico e a saúde dessas áreas dependem do bom estado de sua conservação. Saiba que não é possível realizar trabalhos de limpeza e conservação em ambientes naturais da forma como acontece nas cidades. Portanto, a proteção desses locais depende muito do comportamento dos visitantes.

Você pode evitar o impacto da poluição e da deterioração das áreas que frequenta. É só adotar algumas práticas e hábitos simples, que ajudam a proteger o meio ambiente, dão maior prazer à sua visita e previnem acidentes, que nesses lugares afastados, podem ter graves consequências.

Estas práticas de mínimo impacto, baseadas em oito princípios, estão sendo adotadas por viajantes em todo o planeta. Seguindo e ajudando a divulgar o conteúdo dessa publicação, você estará ajudando a preservar os lugares que vem desfrutando hoje, sempre na melhor condição, para você e para os outros visitantes.

Planejamento é fundamental

Entre em contato prévio com os responsáveis pela área que você vai visitar para tomar conhecimento dos regulamentos e restrições existentes.

Informe-se sobre as condições climáticas do local e consulte a previsão do tempo antes de qualquer atividade em ambientes naturais.

Viaje em grupos pequenos. Grupos menores se harmonizam melhor com a natureza e causam menos impacto.

Evite viajar para as áreas mais populares durante feriados e férias.

Certifique-se que você possui uma forma de acondicionar seu lixo em sacos plásticos, para trazê-lo de volta.

Escolha as atividades que você vai realizar na sua visita conforme o seu condicionamento físico e seu nível de experiência.

Você é responsável por sua segurança

O salvamento em ambientes naturais é caro e complexo, podendo levar dias e causar grandes danos ao ambiente. Portanto, em primeiro lugar, não se arrisque sem necessidade.

Calcule o tempo total que passará viajando e deixe um roteiro de suas atividades no ambiente natural com alguém de confiança, com instruções claras para facilitar o acionamento do resgate, caso necessário.

Avise a administração da área sobre sua visita e sobre sua experiência, o tamanho do grupo, o equipamento que vocês estão levando, o roteiro e a data esperada de retorno.

Tenha certeza de que você dispõe do equipamento apropriado para cada situação. Grande parte dos acidentes e agressões à natureza são causados por improvisações, negligência e uso inadequado de equipamentos.

Leve sempre os itens essenciais: lanterna, agasalho, canivete, capa de chuva, chapéu, estojo de primeiros socorros, alimento, água, mapa e bússola, mesmo em atividades com apenas um dia ou poucas horas de duração.

Caso você não tenha experiência, não se arrisque sozinho, entre em contato com centros excursionistas, empresas de ecoturismo ou condutores de visitantes. Pessoas inexperientes podem causar grandes impactos, sem perceber, e se expor a riscos desnecessários.

Cuide dos locais por onde passa, das trilhas e acampamentos

Mantenha-se nas trilhas pré-determinadas, não use atalhos, pois estes favorecem a erosão e a destruição da vegetação.

Mantenha-se na trilha mesmo se ela estiver molhada, lamacenta ou escorregadia. A dificuldade das trilhas faz parte do desafio de vivenciar a natureza. Se você contorna a parte danificada de uma trilha, o estrago se tornará maior no futuro.

Acampando, evite áreas frágeis que levarão um longo tempo para se recuperar após o impacto. Acampe somente em locais pré-estabelecidos, quando existirem. Em qualquer situação, acampe a pelo menos 60 metros da água.

Não cave valetas ao redor das barracas. Escolha melhor o local, de modo que a água escorra naturalmente e use um plástico sob a barraca.

Bons locais de acampamento são encontrados, não construídos. Não corte nem arranque a vegetação, nem remova pedras ao acampar.

Remova todas as evidências de sua passagem. Ao percorrer uma trilha, ou quando sair de uma área de acampamento, certifique-se que esses locais permaneceram como se ninguém houvesse passado por ali.

Traga seu lixo de volta

Se você pode levar uma embalagem cheia, pode trazê-la vazia na volta. Embalagens vazias pesam pouco e não ocupam espaço na mochila.

Não queime nem enterre o lixo. As embalagens dificilmente queimam completamente, e animais podem cavar até o lixo e espalhá-lo. Traga todo seu lixo de volta.

Utilize instalações sanitárias existentes. As áreas oficialmente destinadas a acampamentos geralmente possuem instalações sanitárias como banheiros, latrinas e pias. É de vital importância utilizá-las para manter a área em boas condições.

Traga papel e outros produtos higiênicos de volta.

Não use sabão nem lave utensílios e panelas em fontes de água. Lave o que for necessário a pelo menos 60 metros das fontes d'água.

Deixe cada coisa em seu lugar

Não construa qualquer tipo de estrutura, como bancos, mesas, pontes etc. Não quebre ou corte galhos de árvores, mesmo que estejam mortas ou tombadas, pois podem estar servindo de abrigo para aves ou outros animais.

Resista à tentação de levar “lembranças” para casa. Deixe pedras, artefatos, flores, conchas e outros elementos naturais e culturais onde você os encontrou, para que outras pessoas também possam apreciá-los.

Lembre-se sempre: tire apenas fotografias, deixe apenas pegadas e leve apenas suas memórias.

Evite fazer fogueiras

Fogueiras matam o solo, enfeiam os locais de acampamento e representam uma grande causa de incêndios florestais.

Para cozinhar, utilize um fogareiro próprio para acampamento. Os fogareiros modernos são leves e fáceis de usar. Cozinhar com um fogareiro é muito mais rápido e prático que acender uma fogueira.

Para iluminar, utilize um lampião ou uma lanterna no lugar de uma fogueira.

Respeite os animais e plantas

Observe os animais à distância. A proximidade pode ser interpretada como uma ameaça e provocar um ataque, mesmo por parte de pequenos animais. Além disso, animais silvestres podem transmitir doenças graves.

Não alimente os animais, pois eles podem acabar se acostumando com a comida que oferecemos e passar a invadir os acampamentos em busca de alimento, danificando barracas, mochilas e outros equipamentos.

Deixe os animais domésticos em casa, pois podem causar problemas, como a introdução de doenças e ameaças ao ambiente natural.

Não colha flores e plantas silvestres. Aprecie sua beleza no local, sem agredir a natureza, oferecendo a mesma oportunidade a outros visitantes.

Seja cortês com outros visitantes e com a população local

Ande e acampe em silêncio, preservando a tranquilidade e a sensação de harmonia que a natureza favorece. Deixe rádios e instrumentos sonoros em casa.

Trate os moradores da área com cortesia e respeito. Comporte-se como um visitante em casa alheia.

Peça permissão para passar e para acampar.

Prefira contratar os serviços locais de hospedagem, alimentação, transporte e serviços de guias/condutores.

NITERÓI

Para melhor distribuição das informações, o município de Niterói foi dividido em 6 setores. Neles, foram selecionados 33 roteiros, distribuídos em 120 km de trilhas. Tal divisão foi baseada na região de onde essas trilhas iniciam, levando em consideração o percurso mais utilizado ou que seja mais fácil de iniciá-lo. Alguns roteiros também foram classificados como trilhas, ao invés de travessias, pela facilidade de retornar pelo mesmo caminho, como por exemplo o “Caminho Darwin”. Nesse caso, seria mais fácil retornar pelo mesmo caminho, do que voltar por Itaipuaçu.

Setor	Qte	Distância (m)
PARNIT	15	50.377
PESET - Darcy Ribeiro	3	26.453
PESET - Engenho do Mato	4	10.049
PESET - Itacoatiara	4	10.013
PESET - Itaipu	4	12.192
PESET - Várzea das Moças	3	10.840





Um pouco da história

A História de Niterói começa com a aldeia fundada por Araribóia, com a posse solene em 1573, que recebeu a denominação de São Lourenço dos Índios, o primeiro núcleo de povoamento. A morte de Araribóia (1587) iniciou o processo de declínio do aldeamento, justamente por localizar-se distante da “povoação maior”, Rio de Janeiro, e não oferecer condições para sua expansão.

A chegada da Corte de D. João VI à colônia brasileira em 1808, foi culminante para o apogeu e progresso das freguesias do recôncavo e principalmente a de São João de Icaraí, além de escolher São Domingos para localização de seu sítio para lazer. A estadia na Praia Grande, em comemoração as festividades de seu aniversário, foi responsável pelo aumento dos números de visitantes àquela localidade. O comércio e a navegação progrediram e se intensificaram, aparecendo também os vendedores ambulantes, mascates.

A cidade se reestruturava gradativamente. Em 1841, foi idealizado o Plano Taulois ou Plano da Cidade Nova, abrangendo o bairro de Icaraí e parte de Santa Rosa, constituindo-se num plano de arruamento, de autoria do Engenheiro francês Pe-

dro Taulois e organizado após a elevação da cidade, à condição de capital. O traçado ortogonal da malha viária se iniciava na Praia de Icaraí e terminava na Rua Santa Rosa, duplicando a área urbanizada de Niterói.

A condição de capital estabelecida à cidade, determinou uma série de desenvolvimentos urbanos, dentre os quais, a implantação de serviços básicos como a barca a vapor (1835) efetuado pela Cantareira e Viação Fluminense, a iluminação pública a óleo de baleia (1837) e os primeiros lâmpões a gás (1847), abastecimento de água (1861), o surgimento da Companhia de Navegação de Nictheroy (1862), bonde de tração animal da Companhia de Ferro-Carril Nictheroyense (1871), Estrada de Ferro de Niterói, ligando a cidade com localidades do interior do estado (1872), bondes elétricos (1883) entre outros (fotos 08 e 14).

Ao fim do século XIX, a eclosão da Revolta da Armada (1893) destruiu vários prédios na zona urbana e bairros litorâneos e paralisou as atividades produtivas da cidade, fez com que divergências políticas internas interiorizassem a cidade-sede, principal causa da transferência da capital para Petrópolis. Essa condição permaneceu por quase 10 anos, possibilitando sua entrada no século XX com o projeto de reedificação da Capital. A cidade já havia sofrido fragmentação de seu território em 1890, dada a separação das freguesias de São Gonçalo, Nossa Senhora da Conceição de Cordeiro e São Sebastião de Itaipu, que passaram a constituir o município de São Gonçalo.



Lagoa de Piratininga



Enseada de Charitas

O retorno de Niterói a condição de Capital do Estado do Rio de Janeiro em 1903, deu-se principalmente por sua proximidade com o Rio de Janeiro, município este, o mais importante da rede urbana nacional (liderava as exportações de café através do seu porto). Marcou um período de intervenções urbanas, promovendo a cidade de qualificada infraestrutura, procurando organizar uma vida urbana condizente com sua condição perante o Estado Fluminense.

No final da década de 60, inicia-se a construção da Ponte Presidente Costa e Silva. Neste mesmo período, a cidade sofreu outro impacto em sua estrutura econômica. A lei complementar n.º 20 de 1974, efetivaria a fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro, retirando de Niterói a condição de capital. A implantação do novo Estado do Rio de Janeiro ocorreu em 1975. A fusão trouxe o inevitável esvaziamento econômico da cidade, situação que se modificou com a conclusão da Ponte Rio-Niterói, pois esta intensificou a produção imobiliária nas áreas centrais e bairros litorâneos consolidados da Zona Sul (Icaraí e Santa Rosa), além de redirecionar a ocupação para áreas expansivas da cidade, como as regiões Oceânica e Pendotiba.

Setor PARNIT Mosaico Sul

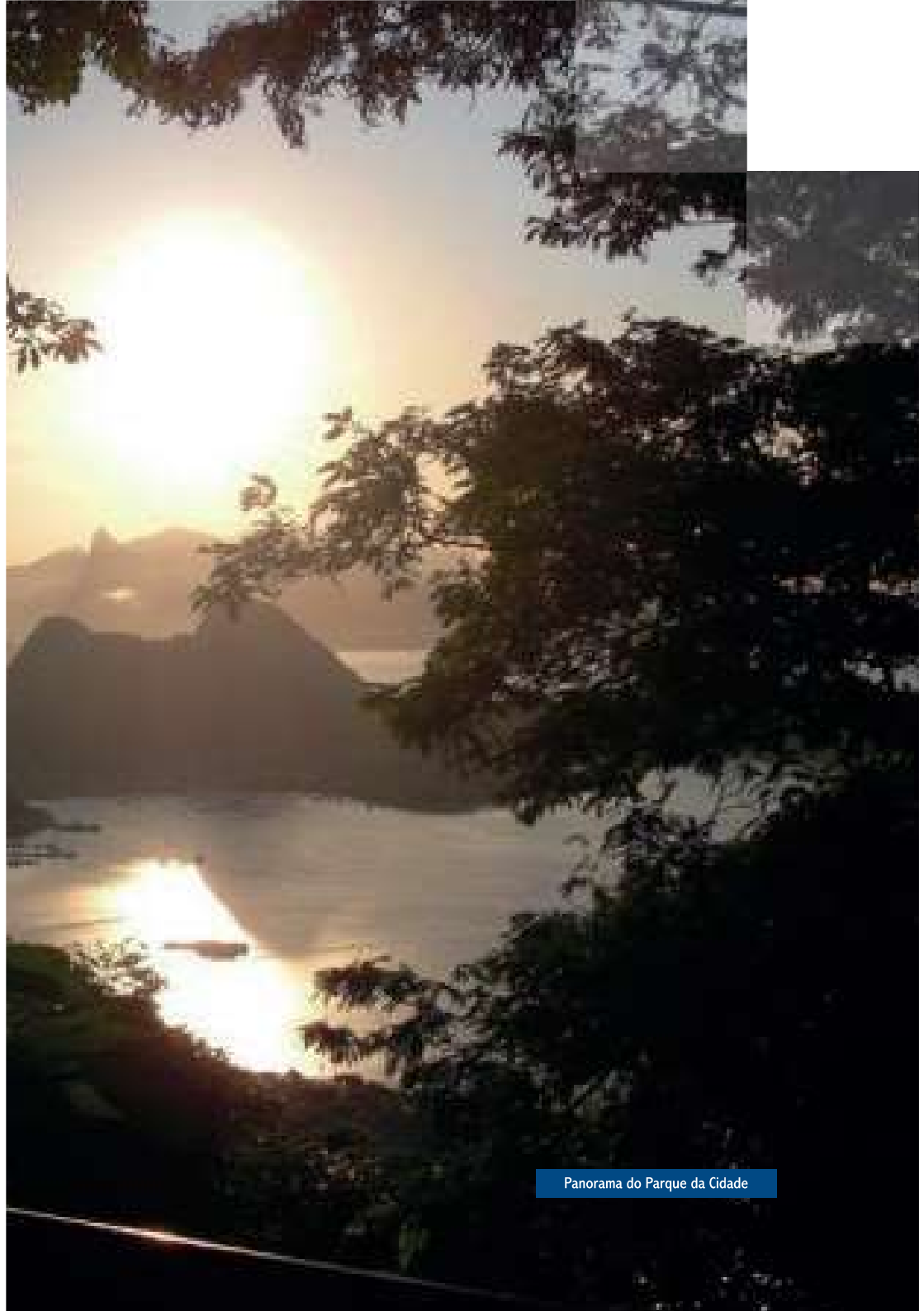
Informações gerais

No setor PARNIT – Mosaico Sul foram mapeadas 17 trilhas, com aproximadamente 50 km, distribuídas em 15 roteiros. Esses roteiros são apenas sugestões, principalmente para aqueles que estão indo pela primeira vez, pois muitas trilhas utilizam o mesmo acesso e partes em comum. Leve isso em consideração na hora de organizar sua visita.

O Parque da cidade é palco de várias modalidades de esportes radicais, como o Trekking, Escalada, Highline, Rapel, Slackline, Mountain Bike, Voo Livre, Parapente. Além dessa diversidade de esportes, muitos optam por apenas subir a estrada a pé ou de bike para curtir um dos mais belos visuais da cidade. O local possui estrutura de banheiros, além de restaurante e lanchonete.

No geral, as principais trilhas possuem um traçado bem definido, não sendo problema para os menos experientes. Porém, devemos ter atenção redobrada quanto a circulação de bicicletas. Algumas trilhas são de uso misto, por isso, fique atento e procure se informar antes com os esportistas ou caso não tenha ninguém por perto, caminhe sempre que possível pela borda da trilha e em fila indiana. Algumas trilhas também são um desafio no quesito orientação, como a das Ruínas.





Panorama do Parque da Cidade

Para efeitos de referência e localização, no PARNIT – Mosaico Sul, tomamos dois pontos como ponto de partida: O posto da Guarda Ambiental da Prefeitura de Niterói, no coração do Parque da Cidade; e a Associação Atlética Banco do Brasil – Piratininga, no Cafubá. As trilhas com seus roteiros ou partem ou chegam à esses pontos.

Como chegar ao Posto da Guarda Ambiental no Parque da Cidade

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar qualquer ônibus que vá para Charitas/São Francisco. Descer no último ponto da Praia de São Francisco, entrar na Av. Rui Barbosa, em seguida, dobrar à direita, na Rua Gen. Rondon. Seguir até ao final dela e começar a subir pela Rua Nossa Sra. de Lourdes. Daí até o Posto da Guarda Ambiental, são 1,3 km de subida.

De carro:

A partir do início da Praia de São Francisco, seguir até rótula, no limite com Charitas, iniciar o retorno e na metade desse retorno, entrará à sua direita (Restaurante À Mineira na esquina) na Av. Taubaté (Rua com um pequeno valão no meio) . Seguirá até ao final, dobrará à esquerda e depois na primeira à direita e depois, novamente à direita, começando a subir a Av. Nossa Senhora de Lourdes. A partir do início da subida, são, aproximadamente 1,3 km.



Posto da Guarda Ambiental do Parque da Cidade



Chegada ao Posto da Guarda Ambiental

Como chegar à ABB Piratininga

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 39 (Piratininga), da viação Pendotiba e descer na Rótula da Av. Conselheiro Paulo de Melo Kale e entrar à direita na Rua Raul de Oliveira Rodrigues, são aproximadamente 900 metros de caminhada.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, siga reto na Av. Conselheiro Paulo de Melo Kale, na rótula, virar à direita na Rua Raul de Oliveira Rodrigues e seguir nela até a ABB Piratininga.

Curiosidades

Através do programa Niterói Mais Verde, em 2014, a prefeitura de Niterói criou 22,5 milhões de metros quadrados de áreas protegidas no município. As áreas sob proteção foram divididas em dois mosaicos, sendo um deles, o Permite – Sul (Parque Municipal de Niterói - Unidade de Conservação de Proteção Integral), que abrange partes da Zona Sul, Região Oceânica e a Baía de Guanabara, com extensão de 16,3 milhões de metros quadrados.

Dentro dos limites do PARNIT, está o conhecido Parque da Cidade de Niterói, unidade de conservação, criada através do Decreto Municipal nº 2.808, de 27/01/77. Através da Lei Municipal nº 459, de 11/05/83, foi transformado em Estação Ecológica. Como possui características de parque urbano, sendo bastante frequentado pela população da cidade para lazer e prática de esportes, o Plano Diretor de Niterói (Lei 29/12/92) transformou a área novamente em Parque Municipal, mantendo os mesmos limites anteriores.

O Parque da Cidade é cortado pela Estrada Nossa Senhora de Lourdes (antiga Estrada da Viração) e liga os bairros de São Francisco à Maceió. Provavelmente, uma das vias mais antigas ainda em uso no município de Niterói. Originalmente, era uma trilha que os índios Tamoiós utilizavam em época pré-cabraliana, para suas migrações sazonais para a região de Cabo Frio. Outro ponto que podemos destacar é que existe a hipótese de que o Parque da Cidade estava no trajeto utilizado por Charles Darwin em sua viagem até Macaé. Segundo seu diário, Darwin saiu da Praia Grande às 09h00min, chegando a Itaocaia por volta do meio dia. Foram três horas de viagem. Ali é o acesso mais curto para a Região Oceânica e estima-se que a estrada que descia para o bairro do Cafubá, através de parte da trilha Colonial, estava ativa na época de sua visita, em 1832.

O Parque da Cidade divide os bairros do Cafubá e Piratininga, em sua vertente sul e Charitas e São Francisco em sua vertente norte. Piratininga localiza-se no entorno da lagoa de mesmo nome. O bairro originou-se em parte da sesmaria doada a Cristóvão Monteiro e tinha a pesca como a sua atividade mais importante, tendo inclusive sediado uma colônia de pescadores na localidade conhecida como Tibau. Com o surgimento das grandes fazendas da região, como a denominada Piratininga, pertencente a Manuel de Frias e Vasconcelos, a área passou a produzir açúcar, aguardente e café, além de culturas de subsistência. Essa produção seguia por terra ou mar, até a enseada de Jurujuba. A ligação entre as fazendas e os locais de escoamento da produção, talvez tenha sido a origem de muitas trilhas na região.

São Francisco foi primeiramente colonizado por Jesuítas, que receberam a sesmaria e ali instalaram a fazenda São Francisco Xavier. Mais tarde, entre 1662 e 1696, construíram a Igreja. O local servia de ligação entre Icaraí e Piratininga. Segundo mapas de 1833 e 1836, ele seguia um precário caminho pelo morro do Cavalão e atingia o Morro da Viração, descendo em direção a Piratininga. Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marques de Pompal e suas terras confiscadas pela Coroa.



Trilha dos Blocos

Duração

 45 min

Distância

 1.398 m

Altitude Inicial

 117 m

Altitude Máxima

 227 m

Altitude Final

 223 m

Desnível

 136 m / -30 m


Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

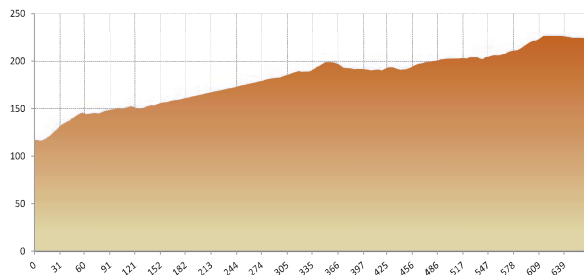


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Irregular e Uso das Mãos

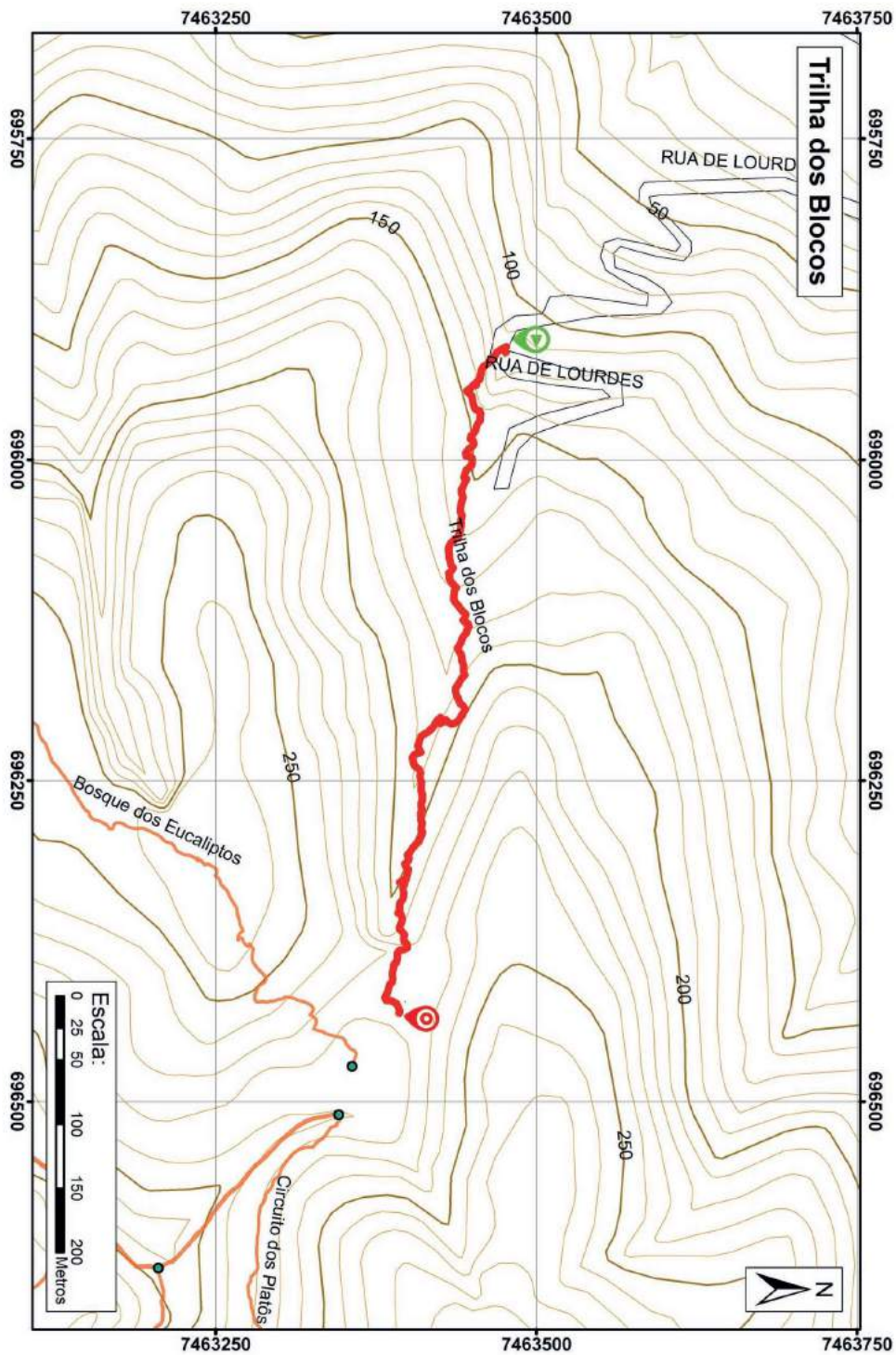
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Acesso à gruta da Viração e ao Campo Escola da Viração, com diversas vias de escalada esportiva. Caminhada na densa floresta. Entre seus pontos culminantes estão o Morro do Santo Inácio (348 m), Sapezal, Preventório e Viração (270m).





Início da trilha

Subindo a Rua Nossa Senhora de Lourdes, o início da trilha fica na 5ª curva dessa rua, após a última casa à direita, bem ao lado de um poste (foto 1).

O caminho

A trilha inicia-se subindo levemente com a rocha a sua direita e segue sempre por um vale, num caminho de água de chuva. Com alguns metros, chegará a um grande eucalipto caído e nesse ponto, à direita, terá o acesso a uma gruta que tem uma passagem escura, saindo alguns metros acima, num buraco apertado, uma ótima opção. **ATENÇÃO: SE TIVER PROBLEMAS COM LOCAIS APERTADOS, NÃO ENTRE. PODE HAVER MORCEGOS NO LOCAL, ALÉM DE COBRAS E OUTROS ANIMAIS.**

Mais acima terá que subir uma pedra (foto 2) e chegará ao segundo eucalipto caído, onde deverá seguir por cima dele, mas cuidado se estiver molhado, fica muito escorregadio. No final desse eucalipto, saindo à direita, tem a entrada do Campo Escola da Viração. Muitos não percebem, mas ali fica uma série de corredores muito bonitos, formados por grandes rochas, vale a pena a visita.

Note que você sempre caminhará paralelo à Rua Nossa Sra. de Lourdes, servindo também como referência. Continuará subindo, sempre ultrapassando vários obstáculos e chegará a uma cerca com moirões de cimento, deverá ultrapassá-la. Nesse ponto muita gente tende a virar para a direita, mas não suba. Ultrapassando-a, seguirá para a esquerda e voltará para o caminho de água da chuva. Mais a frente, um outro eucalipto caído.

Continuará subindo e cruzará por duas caixas d'água coberta por vegetação. Seguindo, passará por mais um eucalipto caído e chegará a um bambuzal, onde seguirá reto até começar a subir para o trecho final, entre uma vegetação rasteira, até chegar a umas cisternas (foto 3) onde havia, antigamente, uma mina d'água. Mais a frente um pouco, fica o Posto da Guarda Ambiental Municipal.

Curiosidades

Trilha aberta pelo Clube Niteroiense de Montanhismo em 2015 por Leandro do Carmo, Alex Figueiredo, Ary Carlos e Alessandra Neves como alternativa para quem sobe o Parque da Cidade a pé.



Bosque dos Eucaliptos

Duração



30 min

Distância



1.159 m

Altitude Inicial



218 m

Altitude Máxima



260 m

Altitude Final



260 m

Desnível



52 m / -10 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

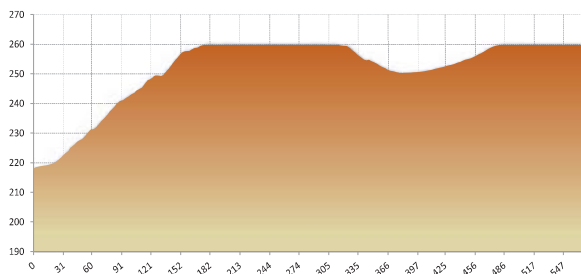


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

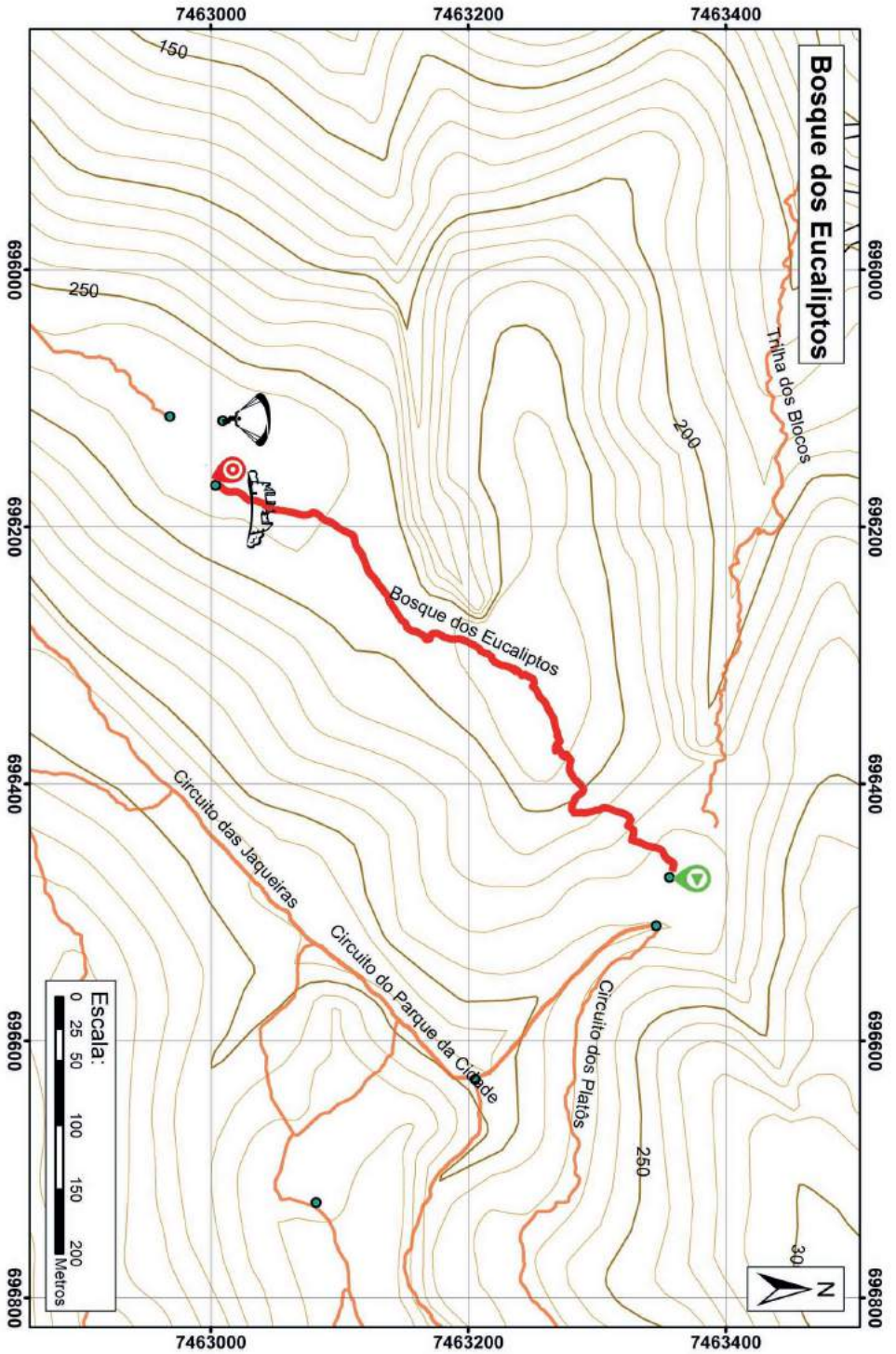
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Presença de grandes eucaliptos e alguns exemplares de Pau Brasil. Ruínas centenárias de uma atalaia portuguesa.





Descrição geral

A trilha é de uso misto com praticantes de mountain bike, fique atento e se estiver em grupo, tente caminhar em fila indiana. Ela segue em meio a imensos eucaliptos. No início, alguns trechos do caminho estão bastante erodidos, procure o melhor. No final, você chegará às ruínas de uma antiga construção e estará a poucos metros da Rampa de voo do Parque da Cidade.

Início da trilha

A trilha fica do lado direito da estrada, ao lado de uma casa, conhecida como “Casa do Alto Maceió, antes de chegar ao Posto da Guarda Ambiental da Prefeitura

O caminho

ATENÇÃO: TRILHA UTILIZADA POR MOUNTAIN BIKERS. ESTEJA SEMPRE ATENTO, SE ESTIVER EM GRUPO, TENDE CAMINHAR EM FILA INDIANA E BEM NA BORDA DA TRILHA.

Ao lado direito da casa, pegar qualquer um dos caminhos. O começo (foto 1) pode parecer um pouco confuso, mas todos eles chegam ao mesmo ponto. Deve-se prestar muito atenção, pois as bicicletas descem em alta velocidade.

Você caminhará em meio a grandes eucaliptos, com um cenário bem interessante. Na subida (foto 2), há um exemplar de Pau Brasil, árvore que existia em abundância em nosso território à época do descobrimento e que deu nome ao nosso país. Ao final dessa subida, chegará a um platô bem amplo, onde você deverá cruzá-lo até o lado oposto, onde haverá uma bifurcação, pegue a da direita, descendo levemente, pois a da esquerda (foto 3), apesar de chegar ao mesmo local, é muito utilizada pelo pessoal das bikes.

A partir daí, estará caminhando paralelo à estrada. Mais um pouco acima, haverá possibilidade de abandono da trilha. Note que você estará caminhando bem próximo à estrada, por vezes tocando o meio fio. Haverá uma saída à direita, mas não a pegue, continue subindo e chegará às ruínas da Atalaia Portuguesa.





Ruínas da Atalaia Portuguesa

Ruínas da Atalaia Portuguesa

“Atalaia” é um termo de origem árabe e significa torre de observação. Designa qualquer lugar mais elevado ou ponto alto de onde se vigia. O termo também designa a pessoa que está encarregada de vigiar determinada área. Neste caso, é sinônimo de sentinela ou vigia. É também o termo para designar o morro mais alto de uma serra. “Estar de atalaia” é uma expressão que indica o ato de estar de guarda, à espreita, vigilante e com sentido a algo que possa estar para acontecer ou alguém que possa estar se aproximando.

Alguns incidentes como: o primeiro ataque corsário à Baía de Guanabara, liderado por Van Nooth, em 1599; o ataque do corsário Duclerc em 1710; e em 1711, com a expedição de Duguay-Trouin que tomou o Rio de Janeiro e gerou um lucro de 97% no investimento inicial, deixando um gosto amargo na goela dos portugueses (havia neveiro na Baía da Guanabara, logo, passou pelas fortificações sem dificuldades); podem ter sido os fatos motivadores para a construção do sistema de comunicação, e consequentemente a construção da atalaia do Parque da Cidade.

Não se sabe a data exata da construção desta Atalaia de observação, mas alguns afirmam que a relevância dela, após o ataque de Trouin, ficou enorme, sendo que haviam atalaias que iam do Parque da Cidade de Niterói à Cabo Frio (Pontal do Atalaia) para observação da chegada de navios. Por que desde Cabo Frio? Todos os navios que vinham do Velho Mundo beneficiavam-se das correntes marítimas, que vem justamente do sentido norte-sul, passando por Cabo Frio. Logo, quando um navio era avistado e não identificado, começava-se uma corrida de sinalizações que variavam desde tiros de canhão, com códigos pré-determinados, até fogueiras e corridas de posto de observação à posto de observação, de topo de morro à topo de morro, com o intento de avisar o sistema de defesa da Colônia, na Baía da Guanabara. Provavelmente esta é a última atalaia ainda em pé.

Curiosidades

Em alguns pontos, avistamos o sistema lagunar na região oceânica. O eucalipto chegou ao Brasil como planta ornamental, em 1825, mas apenas no início do século XX começou a ser plantado comercialmente.

Trilha do Santo Inácio

Duração



1 h 30 min

Distância



3.740 m

Altitude Inicial



211 m

Altitude Máxima



340 m

Altitude Final

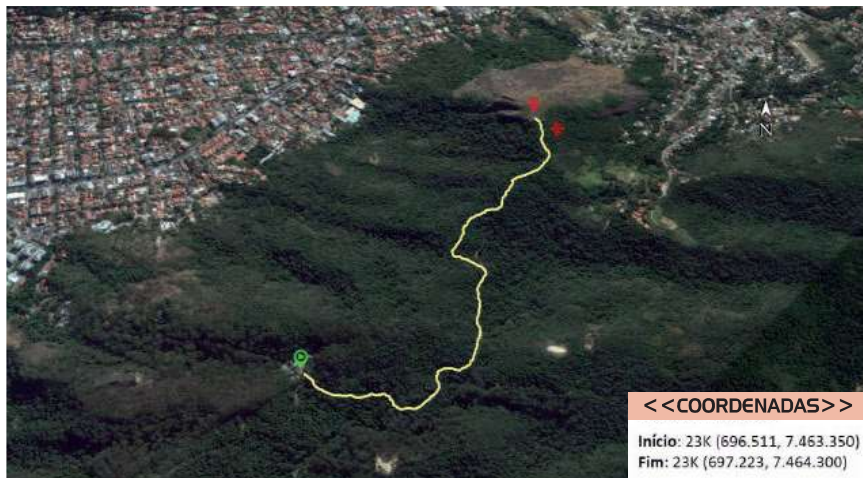


340 m

Desnível



211 m / -82 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.511, 7.463.350)

Fim: 23K (697.223, 7.464.300)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

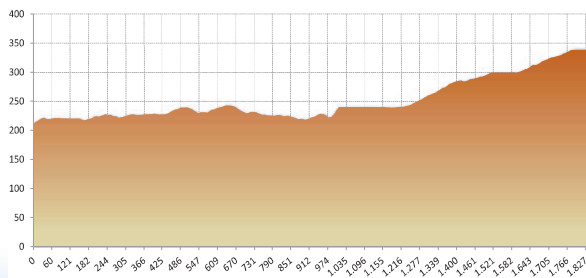


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Irregular

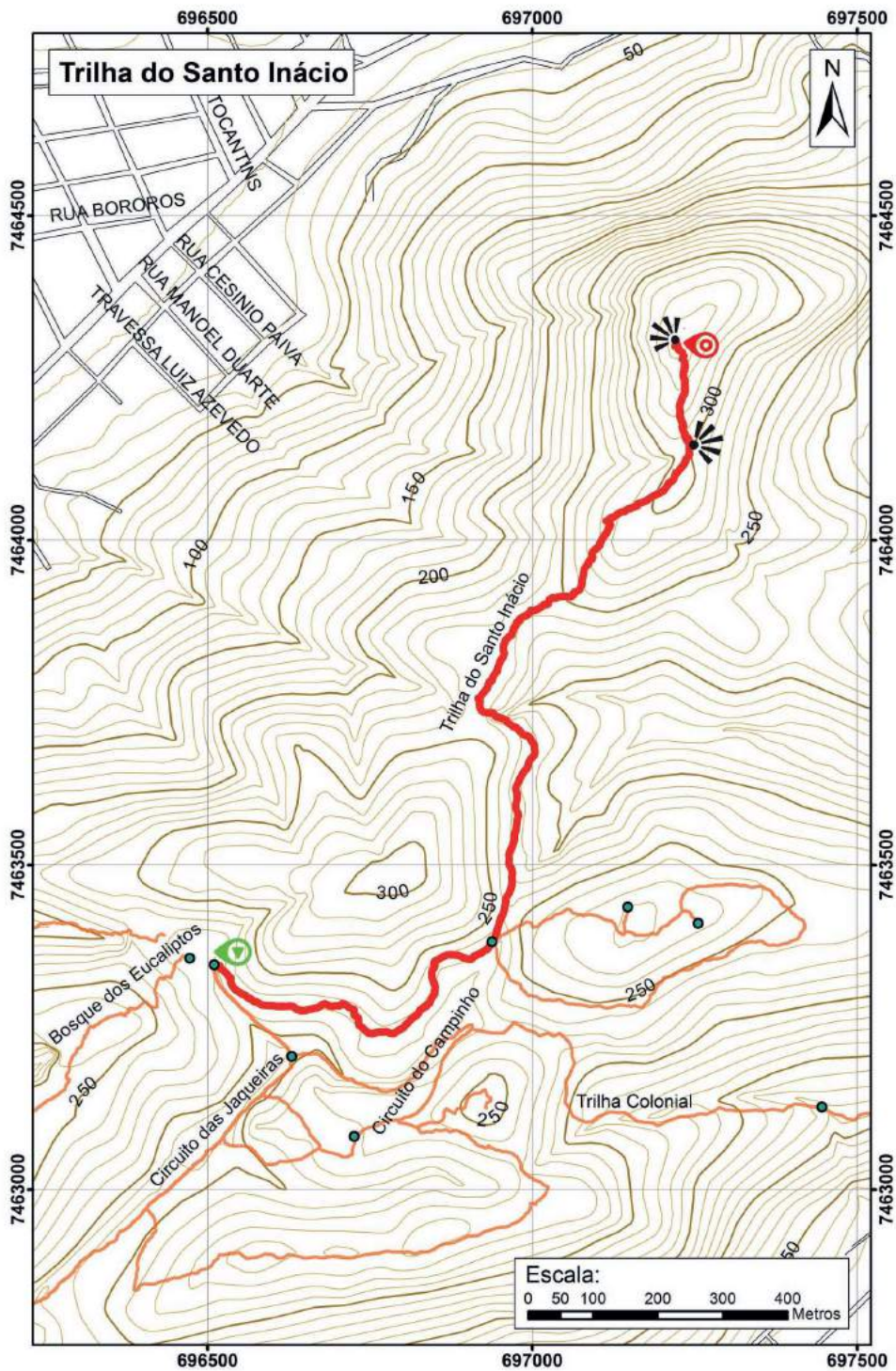
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista 360° da cidade de Niterói. Caminhada em densa floresta. Acesso a pontos de rapel, escalada e highline. Foto: Morro do Santo Inacio visto do Museu de Arte Contemporânea.





Trilha do Santo Inácio

RUA BOROROS
TOCANTINS
RUA CESINIO PAIVA
RUA MANOEL DUARTE
TRAVESSA LUZ AZEVEDO

Bosque dos Eucaliptos

Circuito das Jacueiras

Circuito do Campinho

Trilha Colonial

Escala:
0 50 100 200 300 400 Metros

Descrição geral

Uma das trilhas clássicas do local. A sua trilha principal, com início em São Francisco, foi fechada por um condomínio na década de 90. Hoje o acesso é feito pelo Parque da Cidade. A trilha segue subindo e há algumas bifurcações, mas é fácil seguir o leito principal. Toda a caminhada é feita por entre a densa floresta. Seu cume possui 348 metros. É uma visão com outra perspectiva da cidade. Em dias de tempo aberto, podemos ver até a Serra dos Órgãos. Existem algumas vias de escalada, rapel e um fantástico highline.



Início da trilha

Do Posto da Guarda Ambiental, são aproximadamente 850 metros até o início da trilha. Fique atento após passar um pórtico de pedras. Terá uma descida e seu início, ficará à esquerda, numa espécie de recuo na estrada, pode estar um pouco fechado pela vegetação (foto 1).

O caminho

O começo da trilha pode estar um pouco fechado, mas logo ela fica bem definida, permanecendo assim durante todo o percurso. Siga reto e logo virá uma subida, fazendo uma curva à direita. Mais a frente virá uma grande rocha à sua esquerda. Siga reto e terá uma pequena descida. Mais à frente, chegará uma trifurcação, pegue a da esquerda. Nesse ponto, marque o caminho para voltar corretamente. A partir daí, subirá mais um pouco e encontrará outra bifurcação. Dessa vez, siga pela direita. Seguirá subindo e passará por um enorme cupinzeiro. Mais a frente haverá outra bifurcação. Não desça. Siga reto para cima.

Um pouco mais adiante, virá outra saída, agora para a direita. Continue reto e verá um grande bloco à esquerda. Terá uma pequena subida e voltará a descer. Logo a frente chegará a uma cerca de





Vista do cume do Santo Inácio

arame. Siga-a com ela a sua direita e chegará a um trepa pedra. No final, estará em uma laje de pedra (foto 2) de onde se tem uma visão bem bonita da Região Oceânica de Niterói, com vista para a Lagoa de Piratininga e toda a Serra da Tiririca (foto 3). Nesse ponto, você já estará bem próximo do cume. Continuando a subir, verá um grande bloco de pedra a sua esquerda, onde começará um pequeno trecho de subida forte. Após esse lance, já estará no cume.

A vista é de 360° da cidade de Niterói. Dá para ver a Enseada de São Francisco, Morro do Morcego, Pedra da Gávea, Corcovado, Aterro do Flamengo, Baía de Guanabara, Ponte Rio-Niterói, Serra do Mar ao fundo, Pendotiba, Pedra de Inoã, Serra da Tiririca, Pedra do Cantagalo, etc. Uma fantástica vista! Existe muito capim em volta do cume e o local é muito atacado pelas queimadas. Abaixo, dá para ver alguns grampos utilizados para um Highline e outros para rapel.

Curiosidades

A região, que hoje compreende São Francisco, esteve durante um período sob administração de Jesuítas. E o nome do Morro do Santo Inácio, leva a crer que tem a referência com “Ignácio de Loyola”, um dos fundadores da Companhia de Jesus.

Circuito dos Platôs

Duração



30 min

Distância



1.974 m

Altitude Inicial



211 m

Altitude Máxima



280 m

Altitude Final



234 m

Desnível



139 m / -116 m



Tipo: Circuito



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



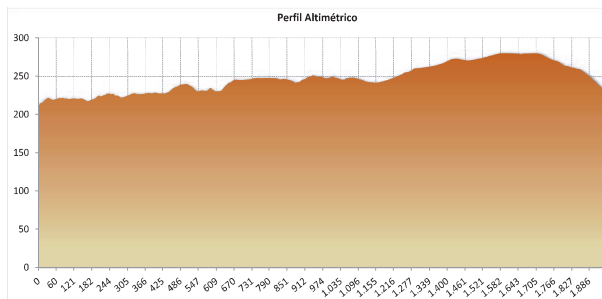
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

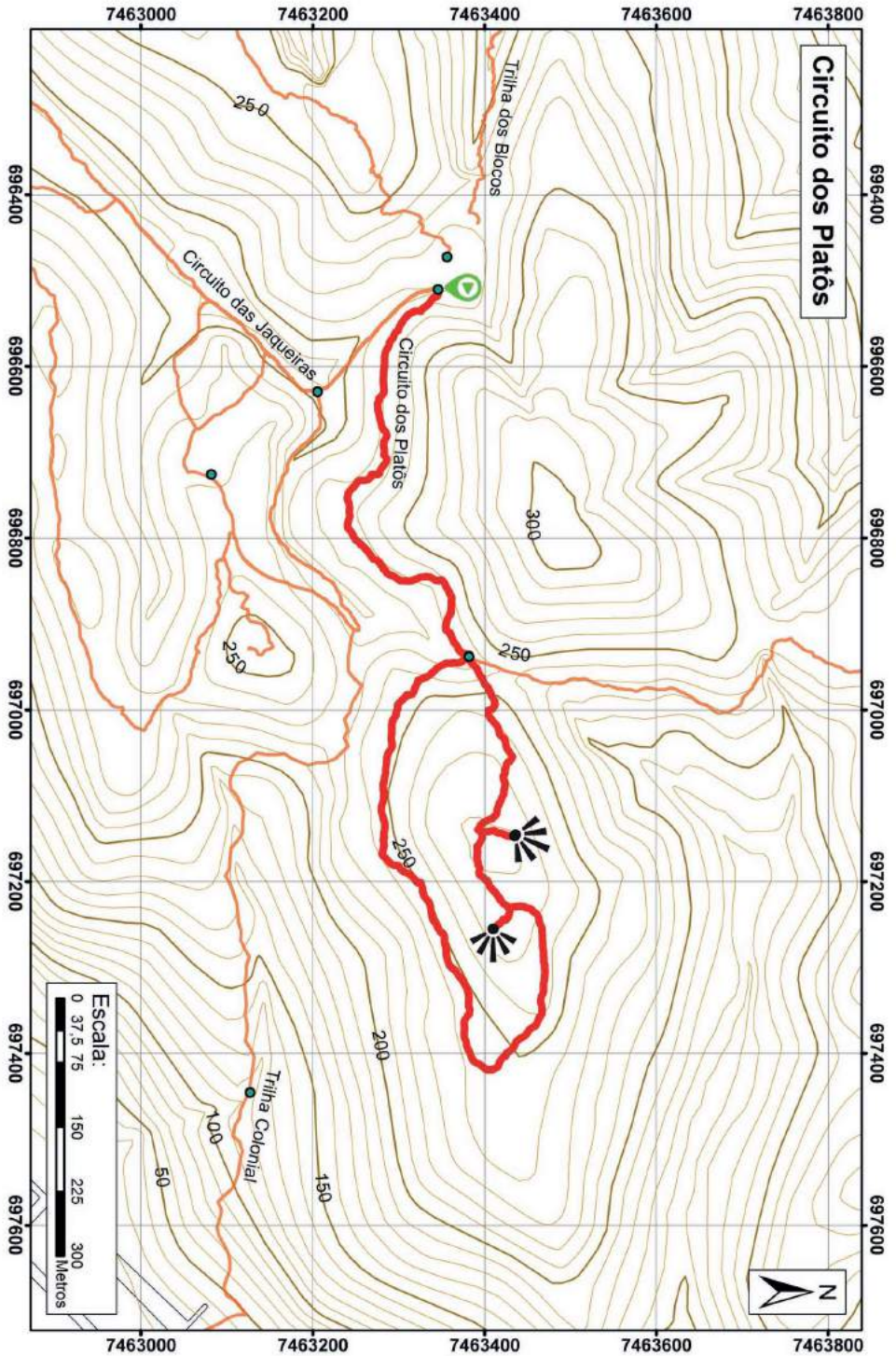
Piso: Regular



Principais atrativos

Dois grandes platôs, ótimos para um picnic e vista panorâmica para região norte e oceânica da cidade. Foto: Antiga Rampa de Voo Livre no Primeiro Platô.





Descrição geral

A trilha é de uso misto com praticantes de mountain bike e segue com leito muito bem definido e conta com dois grandes platôs, ótimos para paradas e contemplação deste cenário único, uma vez que não existe sub-bosque ali, sendo uma opção para pic-nic. Permite apreciar a Região Oceânica e Zona norte da Cidade, além das aves de rapina que ali tem seu campo de caça. No primeiro platô, tem uma antiga e desativada rampa de voo livre.

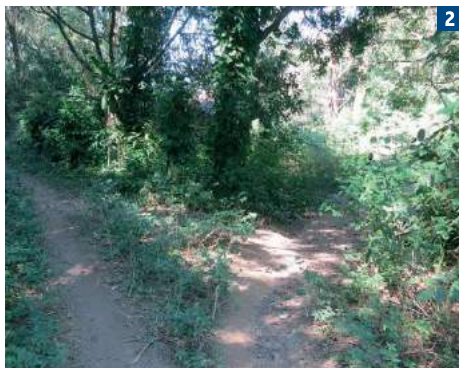


Início da trilha

A partir do Posto da Guarda Ambiental de Niterói, seguir pela Estrada Nossa Senhora de Lourdes por uns 500 metros e chegará a um pórtico de pedras. Logo após o marco da direita, haverá uma porteira caída. A trilha inicia-se nesse ponto (foto 1).

O caminho

ATENÇÃO: TRILHA UTILIZADA POR MOUNTAIN BIKERS. ESTEJA SEMPRE ATENTO, SE ESTIVER EM GRUPO, TENDE CAMINHAR EM FILA INDIANA E BEM NA BORDA DA TRILHA. Nesse local, dá para perceber o início e o final da trilha. Descendo o caminho mais largo, seguirá por uma densa floresta. O caminho é bem aberto. Com alguns minutos, chegará a uma bifurcação (foto 2), onde tem os escombros de uma casa abandonada. O caminho da direita dará acesso ao Platô das Bikes e ao Posto da Guarda Ambiental, o da esquerda é o que utilizaremos. Seguindo o caminho, dá para notar que era uma pequena estrada (foto 3). Vai seguindo contornando uma suave curva para a esquerda até que chegamos ao primeiro platô, numa saída bem aberta à esquerda. Nesse platô, temos uma excelente vista para a Região Oceânica, com a Lagoa de Piratininga ao fundo. Voltando para a trilha, continuamos subindo suave até chegar ao segundo platô, agora com ampla vista para Zona Norte da cidade, além da Serra do Mar ao fundo. Antes da entrada do platô, tem uma saída à esquerda, que segue para final da trilha. A partir daí, a atenção deve ser redobrada, pois o caminho é bem estreito e as bikes descem em alta velocidade. Se tiver mountain bikers no local, opte por voltar pelo mesmo caminho, será mais seguro.



Circuito do Campinho

Duração

30 min

Distância

1.317 m

Altitude Inicial

210 m

Altitude Máxima

236 m

Altitude Final

210 m

Desnível

93 m / -93 m



Tipo: Circuito



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

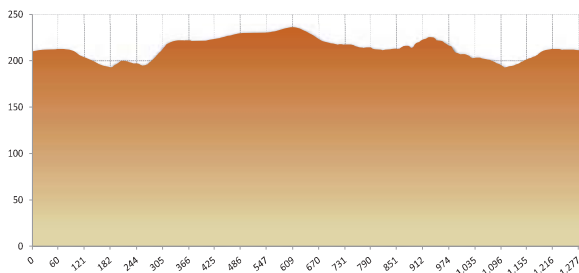


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

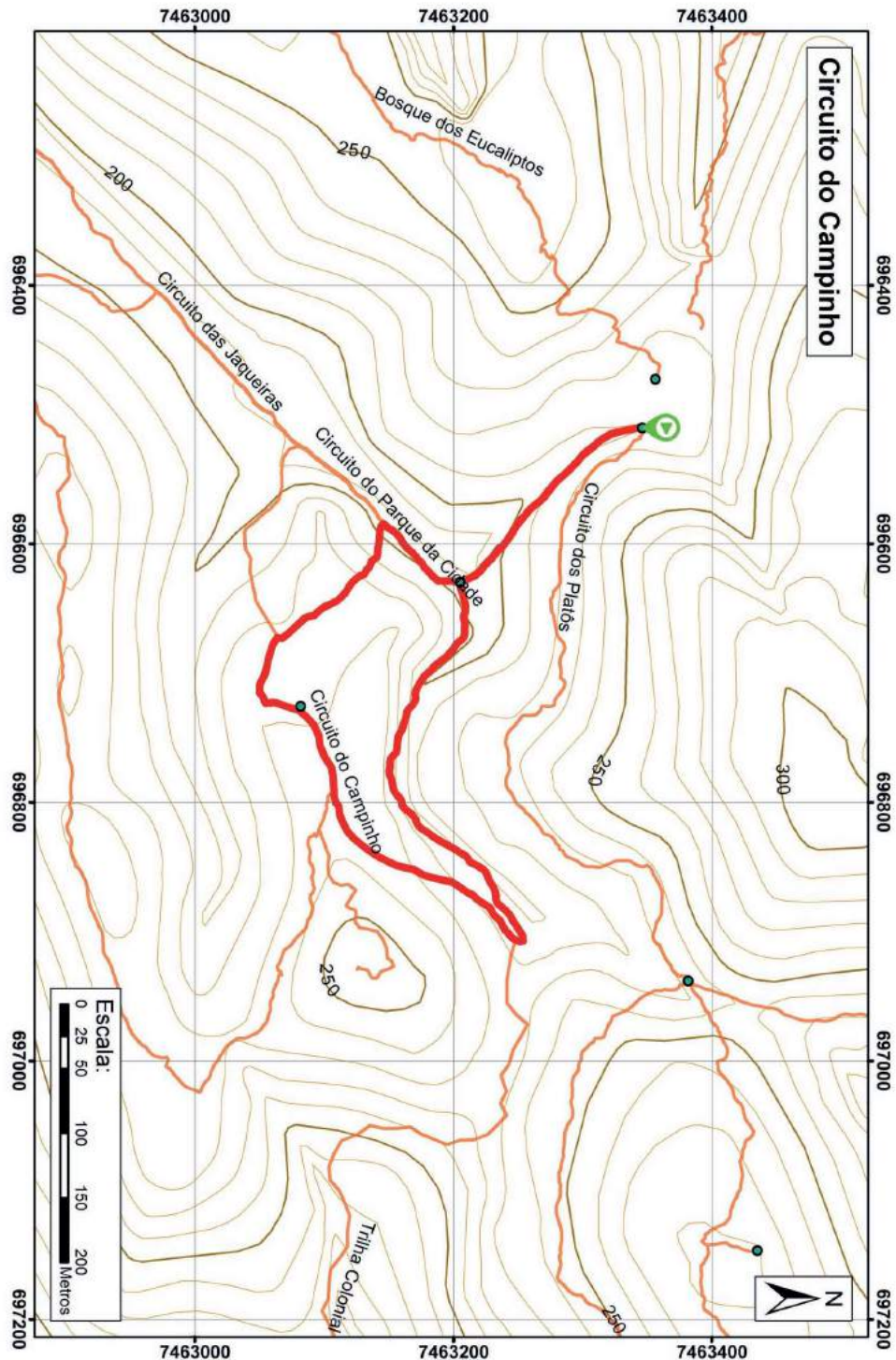
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Acesso a um platô com vários circuitos de Mountain Bike. Caminhada em densa floresta.
Foto: Entrada para o Circuito do Campinho.





Descrição geral

Trilha bem rápida e tranquila. Existe uma variante, que é a Trilha dos Três Poços, ambas terminando quase no mesmo local. Em alguns pontos, o leito da trilha está bem erodido, mas no geral apresenta boas condições de uso.

Início da trilha

A trilha inicia-se descendo uma rua antes do posto da Guarda Ambiental da Prefeitura. Seguindo a rua, vai chegar às ruínas de um pórtico de pedra. Nesse ponto inicia-se o caminho (foto 1), e é comum a diversas outras trilhas do local, como a das Jaqueiras, Colonial e um acesso alternativo à Trilha Circular dos Platôs.

O caminho

ATENÇÃO: TRILHA UTILIZADA POR MOUNTAIN BIKERS. ESTEJA SEMPRE ATENTO, SE ESTIVER EM GRUPO, TENDE CAMINHAR EM FILA INDIANA E BEM NA BORDA DA TRILHA.

PARTE I

Entrar no caminho das ruínas do pórtico. Note que haverá um caminho à esquerda, antes dele, que sairá um pouco mais a frente. Seguirá reto num caminho bem aberto e com densa floresta. À esquerda do pórtico de entrada existiu um horto da prefeitura, que hoje está desativado não havendo mais nada no local. Seguindo a estradinha, passará por um enorme eucalipto caído e cruzado, onde devemos passar por baixo dele. Ao final, chegará a uma bifurcação (foto 2). À esquerda, segue para a Trilha Circular dos Platôs, para a direita, e subindo, está o Platô das Bikes.

PARTE 2

Comece a subir por um trecho bem amplo (foto 3) e tome cuidado com os praticantes de Mountain Bike, pois eles costumam descer em grande velocidade. Ao final da subida, você chegará a um espaçoso platô, onde existem vários circuitos para a prática de Mountain Bike, com diversas rampas e





obstáculos (foto 4). Ali, costumam se reunir dezenas de pessoas e esportistas no final de semana. Siga para o outro lado do platô, caminhando com o barranco bem a sua esquerda, mas não entre em nenhum caminho.

Ao final, haverá um caminho, no qual começará a descer numa curva para a direita. Na primeira bifurcação, pegue a da direita e desça com a trilha bem erodida em seu meio. Se seguir à esquerda nessa bifurcação, entrará na trilha dos Três Poços. Em poucos minutos estará novamente na estrada, onde deverá virar à direita em direção ao Posto da Guarda Ambiental da Prefeitura.

Curiosidades

* Trilha dos Três Poços:

Na bifurcação, pegando à esquerda, seguirá descendo entre retas e curvas. Passará por três poços de água e ao final estará, novamente, na estradinha. Siga para a direita e em alguns metros estará no Posto da Guarda Ambiental.

Circuito das Jaqueiras

Duração



1 h

Distância



2.431 m

Altitude Inicial



210 m

Altitude Máxima



240 m

Altitude Final

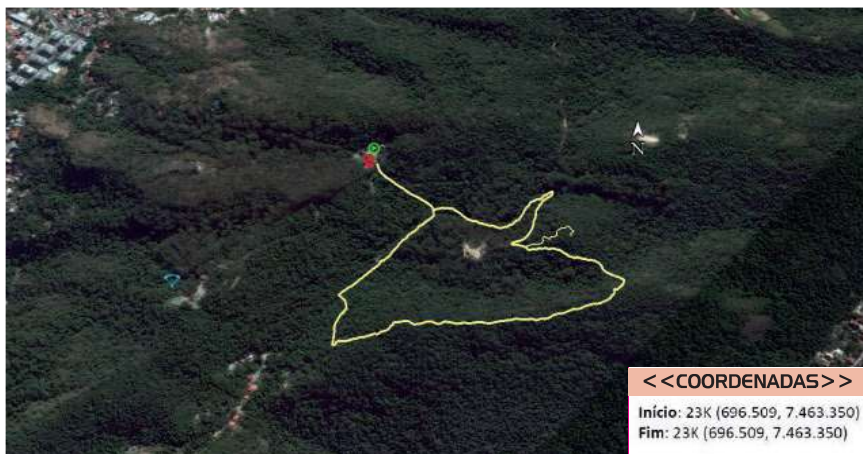


210 m

Desnível



141 m / -141 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.509, 7.463.350)

Fim: 23K (696.509, 7.463.350)



Tipo: Circuito



Esforço: leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

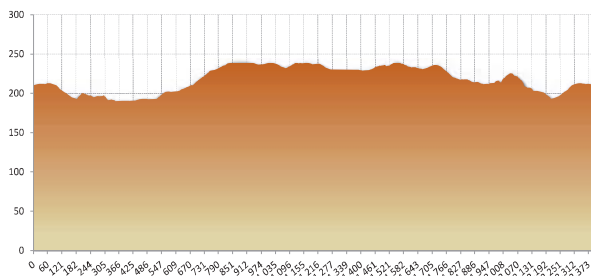


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

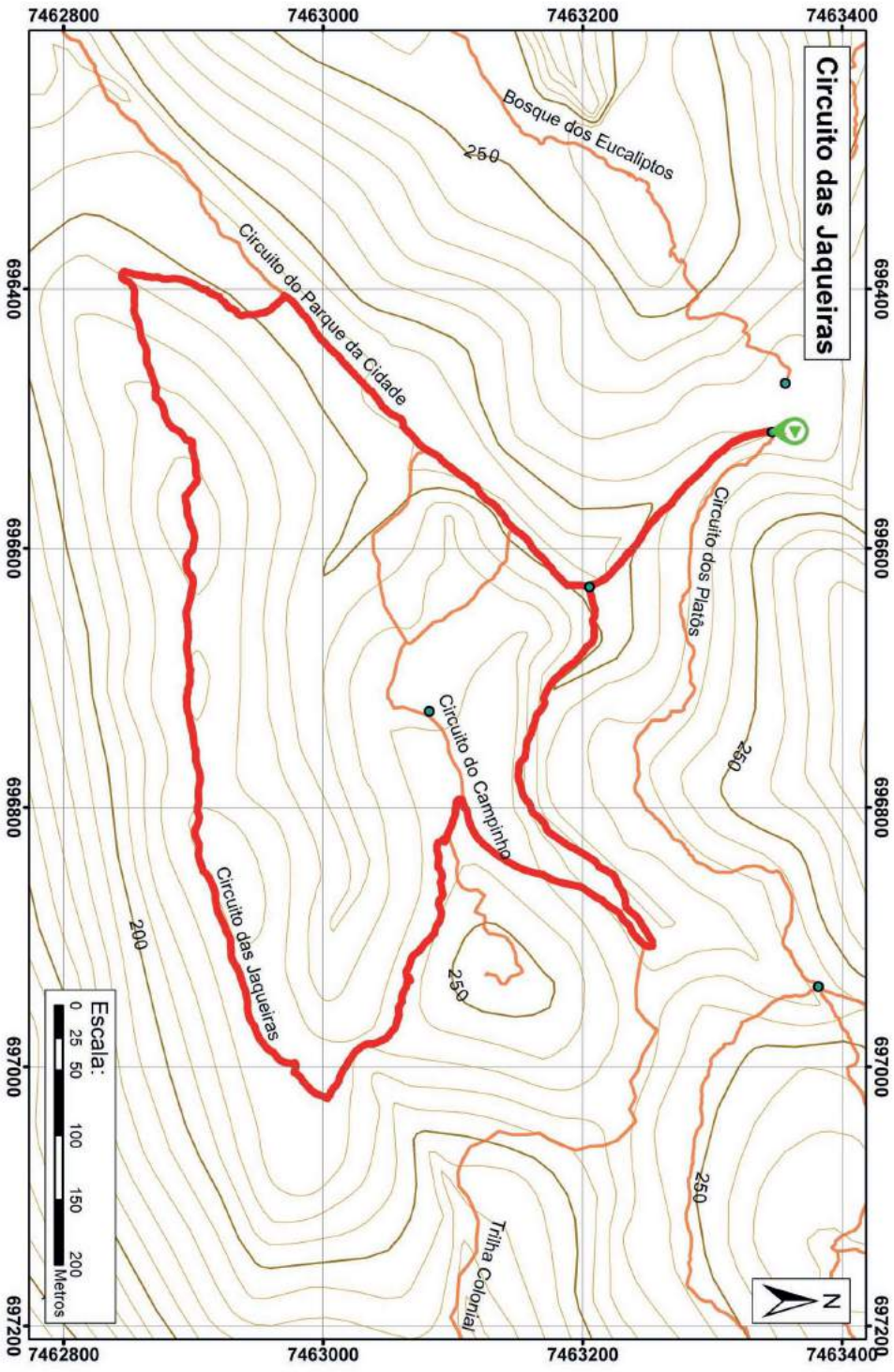
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Caminhada em densa floresta. Foto: Grande Jaqueira na Borda da Trilha





Descrição geral

A trilha segue em leito bem definido e o tempo todo estará entre a densa floresta. Em seu início, passamos por duas imensas jaqueiras, que por ausência de referência, deram nome a essa trilha. Já quase no ponto mais alto, dá para ver entre as árvores, o sistema lagunar da Região Oceânica e praia de Piratininga.

Início da trilha

A trilha inicia-se descendo uma rua antes do posto da Guarda Ambiental da Prefeitura. Seguindo a rua, vai chegar às ruínas de um pórtico de pedra. Nesse ponto, inicia-se o caminho e é comum a diversas outras do local, como a do Platô das Bikes e Colonial.

O caminho

ATENÇÃO: TRILHA UTILIZADA POR MOUNTAIN BIKERS. ESTEJA SEMPRE ATENTO, SE ESTIVER EM GRUPO, TENDE CAMINHAR EM FILA INDIANA E BEM NA BORDA DA TRILHA.

PARTE I

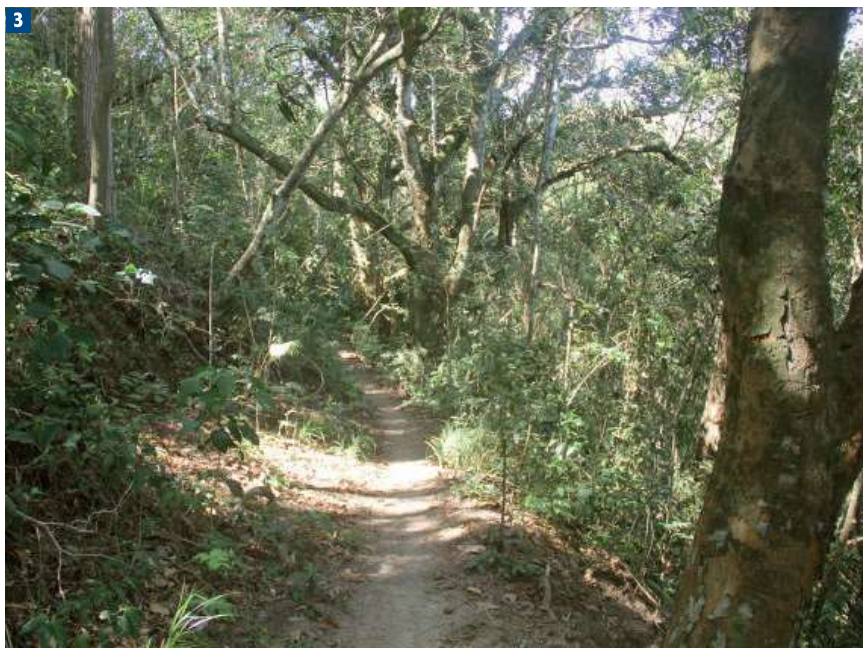
Utilize a PARTE 1 do Circuito do Campinho (pág. 47).

PARTE 2

Comece a subir por um caminho bem amplo e tome cuidado com os praticantes de Mountain Bike, pois eles costumam descer em grande velocidade. Antes de chegar ao Platô das Bikes, tem uma saída à esquerda, onde deve-se entrar. Mais à frente haverá uma confluência, devemos seguir reto na trilha (foto 1) e na primeira bifurcação* (foto 2), devemos pegar à direita.

Seguirá reto numa agradável caminhada em densa floresta. Cruzará com duas enormes jaqueiras à margem da trilha (foto 3). O caminho segue bem definido com curvas diversas até começar a subir. Haverá uma bifurcação, pegue à esquerda (Nesse ponto, se pegar à direita, encurtará um pouco o caminho, encontrando a trilha mais acima). Seguirá subindo, com uma





curva para a direita e passará pelo final do atalho descrito anteriormente a sua direita. **NÃO DESÇA À DIREITA, SIGA RETO!** Se entrar, acabará voltando para o ponto inicial.

Seguindo reto, subirá mais um pouco e começará a descer levemente e já poderá ver a Lagoa de Piratininga e o mar a sua esquerda por entre a vegetação. Seguindo descendo, terá uma saída para a direita (mais um atalho, muito utilizado por Mountain Bikers). Não entre, siga reto e vire uma acentuada curva para a direita. No meio dessa curva, há uma saída à esquerda. Novamente não entre. Seguirá descendo levemente e cruzará com o atalho anteriormente descrito a sua direita. Siga em frente até a estrada. Quando chegar a estrada, vire à direita e em alguns minutos estará novamente no Posto da Guarda Ambiental da Prefeitura.

Curiosidades

Trilha da Esquerda das Jaqueiras:

Seguirá subindo suave com algumas curvas. Note que passará por alguns obstáculos e rampas utilizadas pelos praticantes de Mountain Bikes. Ao final, você estará quase no topo dessa elevação. Não há vista, mas você estará caminhando sempre na mata fechada. Deverá retornar pelo mesmo caminho.

Trilha Colonial

Duração



1 h

Distância



2.190 m

Altitude Inicial



27 m

Altitude Máxima



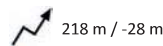
232 m

Altitude Final

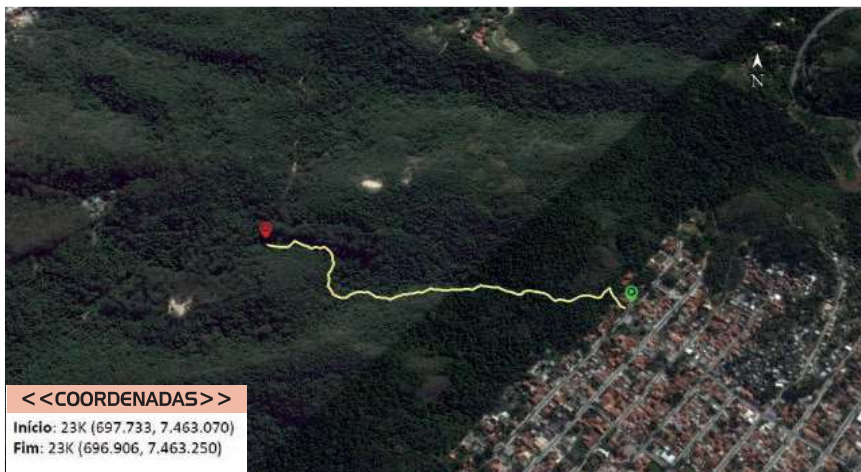


217 m

Desnível



218 m / -28 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (697.733, 7.463.070)

Fim: 23K (696.906, 7.463.250)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



Insolação: Baixa

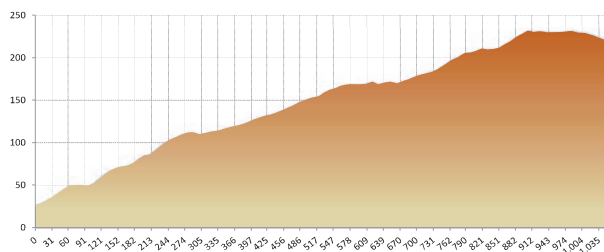


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

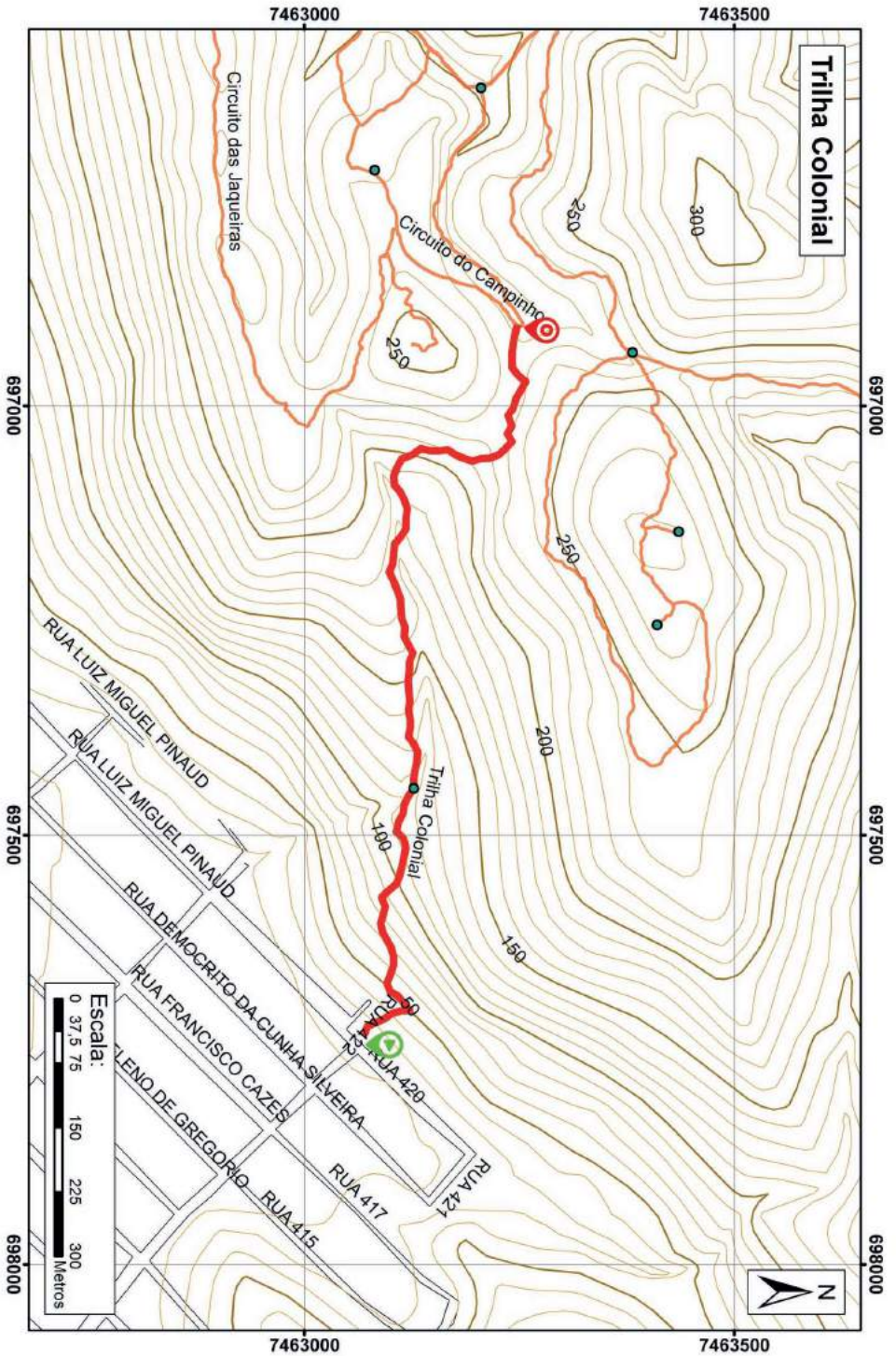
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Caminhada na densa floresta, passando por uma belíssima ponte de pedras que estima-se ser da época do Brasil Colônia.





Descrição geral

Uma ótima opção de travessia para chegar ao Parque da Cidade, saindo do Cafubá. O início no Cafubá é um pouco fechado e foi aberto pelo Clube Niteroiense de Montanhismo em 2015. A ponte de pedras é uma atração nessa bela caminhada. Boa parte da caminhada é pelo leito de uma antiga estrada, provavelmente o caminho mais antigo até o Cafubá. Existe uma opção que é ir somente até a ponte de pedras, mas nesse caso, deverá iniciar a caminhada no Parque da Cidade. O trecho inicial está marcado com fitas nas árvores e pode estar bem fechado, devido ao pouco uso.

O Início da trilha

Seu início fica no final da Rua Dr. Godofredo Garcia Justo. Seguir o muro da casa da esquerda e ao final seguir a diagonal para a direita. (foto 1)



O caminho

Seguindo o muro da casa a esquerda, no final da Rua Godofredo Garcia Justo, virar levemente para a direita e mais acima virará para a esquerda e seguirá subindo. Há algumas fitas verdes e azuis durante essa parte do caminho. Subindo por entre as árvores, existem alguns pontos que estão bem fechados. Mais acima você entrará no leito de uma antiga estrada. Existe muita vegetação, mas pela largura e traçados, percebemos claramente



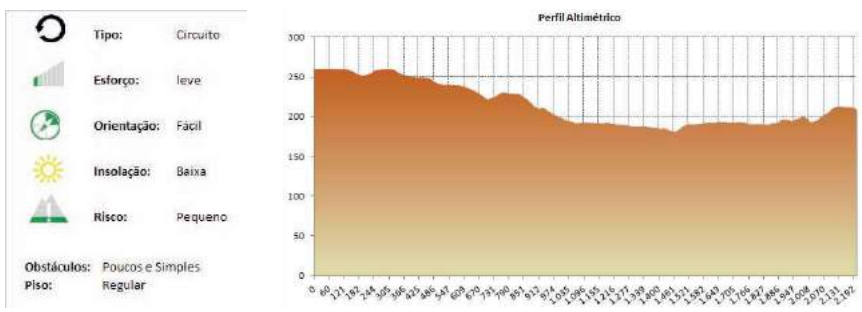
se tratar de um antigo caminho. Por causa da densa floresta, não temos muita visão da paisagem, somente em alguns raros pontos.

Depois de algumas curvas, chegaremos à ponte de pedra (foto 2). Uma belíssima construção e que estimamos ser do Brasil Colônia (foto 3). Até o momento não conseguimos muitas informações concretas.

A partir daí, o caminho melhora muito em qualidade, apesar do leito da trilha não estar tão definido. Existe uma grande quantidade de pequenas árvores que tomaram conta do caminho (foto 4). Note que você estará caminhando paralelo a um caminho de chuva à sua direita. Mais acima, esse caminho parece se perder. Deve-se virar à direita e contornar para a esquerda, até encontrar novamente o leito da estrada. Seguindo assim até o caminho de acesso ao Platô das Bikes.

Trilha Circular do Parque da Cidade

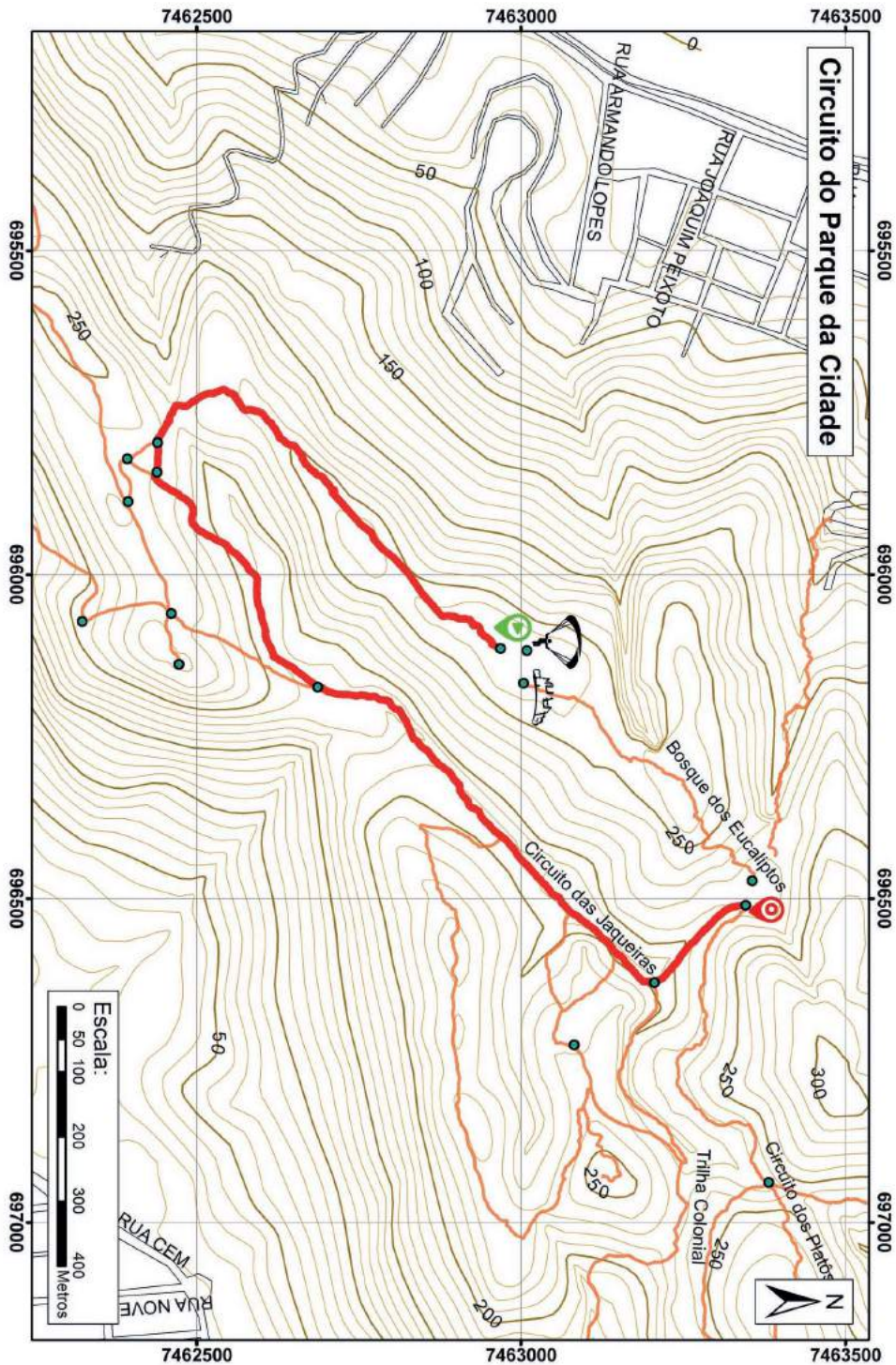
Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
1 h	2.223 m	260 m	260 m	210 m	79 m / -129 m



Principais atrativos

Bela vista da lagoa de Piratininga, Lagoa de Itaipu, Região Oceânica, Serra da Tiririca, Enseada de Charitas, Baía de Guanabara e montanhas da Cidade do Rio de Janeiro.





Descrição geral

A trilha é de uso misto com praticantes de mountain bike. É uma das clássicas do local. Segue pela linha de cumeeada em direção ao Morro da Viração, até começar a voltar para o ponto de partida. Segue em leito bem definido. Em alguns pontos a temos vista para os dois lados, tanto para a Região Oceânica, quanto para a Enseada de Charitas.

Início da trilha

A trilha inicia-se na borda esquerda da rampa sul, aquela que fica voltada para São Francisco (foto 1).

O caminho

Assim que chegar à área de estacionamento do Parque da Cidade, siga para a rampa sul, aquela com a vista para o Rio de Janeiro. Ali, siga para a borda esquerda e preste atenção numa laje de pedra. Mais ou menos no meio, há um degrau para descer. Siga para sua esquerda e veja um caminho aberto. Siga descendo até chegar bem próximo a trilha exclusiva de Bike. Mais a frente, você chegará na trilha principal (foto 2).

A partir desse ponto, seguirá reto, subindo levemente. Com alguns minutos de caminhada, chegará a um mirante, voltado para sua esquerda, de onde apreciará uma bela vista para a Região Oceânica de Niterói. A partir daí, começará a descer levemente, já vendo a Enseada de Charitas a sua direita. Note que você estará caminhando em uma crista. Continuando a leve descida, fará uma grande curva à esquerda (foto 3) e começará a subir novamente. Note que haverá uma saída à direita um pouco mais fechada que a trilha principal, não a utilize.





Mais acima, passará por uma área onde a vegetação é menos densa e haverá presença de capim. Adiante, chegará a uma bifurcação, em cima de uma pequena laje de pedra, devendo sair para a esquerda (foto 4). A partir daí, voltará a caminhar por um trecho bem aberto, até que encontre algumas casas bem humildes e onde a estrada toma forma. Seguindo reto, chegará ao Posto da Guarda Ambiental Municipal.

Curiosidades

A parte inicial desta trilha provavelmente serviu de ligação entre a atalaia de vigia que se encontra no final da Trilha do Bosque dos Eucaliptos ao complexo dos Fortes de Jurujuba. Esse era o caminho mais rápido entre a Atalaia e os Fortes do Rio Branco, Imbuhy e Fortaleza Santa Cruz, fazendo com que os soldados acessassem rapidamente as fortificações.

Traversia Parque da Cidade x Cafubá

Duração



1 h

Distância



2.911 m

Altitude Inicial



210 m

Altitude Máxima



236 m

Altitude Final

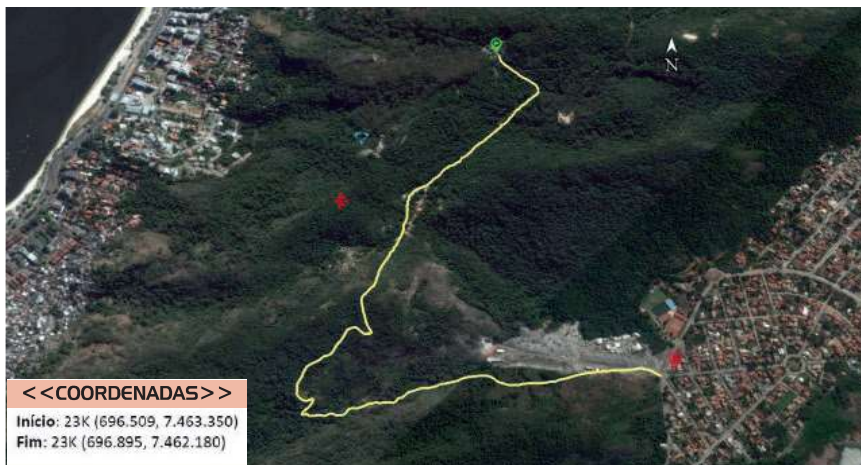


10 m

Desnível



94 m / -294 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.509, 7.463.350)

Fim: 23K (696.895, 7.462.180)



Tipo: Traversia



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

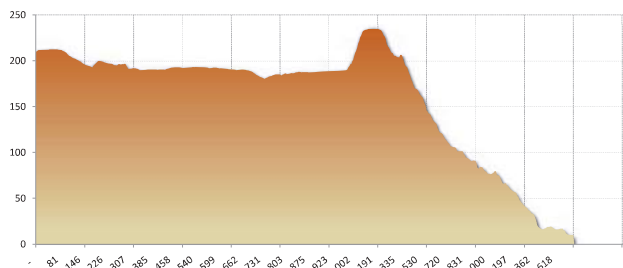


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Excelentes mirantes com vista para a Lagoa de Piratininga, parte da Região Oceânica, Serra da Tiririca e praia de Piratininga.



7462000

7463000

Travessia Parque da Cidade x Cafubá

696000

697000

696000

697000



7462000

7463000

Descrição geral

A trilha é de uso misto com praticantes de mountain bike e por vezes motocross. Uma travessia bem tranquila e clássica do local. A trilha segue com leito bem largo e definido. Por não ser muito longa, vale a pena o retorno pelo mesmo caminho ou combinando com parte da Trilha do Morro da Viração, via Trilha das Ruínas.

Início da trilha

A trilha inicia-se descendo uma rua antes do posto da Guarda Ambiental da Prefeitura.

O caminho

PARTE 1

Descendo na rua antes do Posto da Guarda Ambiental da Prefeitura, seguir a estradinha de barro, passando pela entrada ou saída de diversas trilhas da região. Com poucos minutos, você avistará várias casas, tanto à sua esquerda, quanto à direita. Ficando sempre no caminho principal, você chegará a uma bifurcação com um pórtico de pedras (foto 1). Entre à esquerda. Nesse ponto há uma casa à esquerda, bem ao alto, e uma à direita, um pouco mais a frente.

Siga subindo, passando as casas. O caminho fecha um pouco e vai passando por um traçado muito erodido, sempre subindo. Com aproximadamente 15 minutos de caminhada, à direita, temos um mirante. Uma rocha na qual podemos subir e apreciar uma bela vista da floresta e da rampa de Voo Livre que fica voltada para a Região Oceânica. Voltado à trilha, subirá mais um pouco e chegará a uma trifurcação. (foto 2)

PARTE 2

Perceba que a sua direita ficam as ruínas de um muro de pedra. O ca-



3



minho da esquerda dará em uma construção abandonada de uma antiga rádio, com uma vista primorosa da Lagoa de Piratininga e região. À direita, seguindo as ruínas do antigo muro, é o caminho que segue para o Morro Viração. Para seguir até ao Cafubá, objetivo dessa trilha, deve-se seguir a terceira opção, que é reto.

Começará a descer, seguindo por um interessante caminho, bem abrigado do sol. Com aproximadamente 30 minutos, chega-se a um platô, uma área descampada, numa acentuada curva para a direita. Uma pausa para a foto é obrigatória! (foto 3)

Continuando a descida, passará por algumas mangueiras. O caminho segue entre retas e curvas, chegando a um vale com grandes jaqueiras e outras árvores. Note que nesse ponto, o porte das árvores é maior.

Siga descendo. Existem algumas saídas, tanto para a direita, quanto para a esquerda, porém fique no caminho principal. A partir daí, surgirão algumas casas bem humildes. Mais a frente, à sua esquerda, fica a obra do futuro túnel da Transoceânica. Nesse ponto, você estará num caminho bem aberto, quase sem abrigo da vegetação, porém já estará chegando ao final da travessia, já ao nível do mar.

Morro da Viração via Parque da Cidade

Duração



2 h

Distância



6.708 m

Altitude Inicial



210 m

Altitude Máxima



320 m

Altitude Final



314 m

Desnível



224 m / -120 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.509, 7.463.350)

Fim: 23K (694.320, 7.461.540)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Média

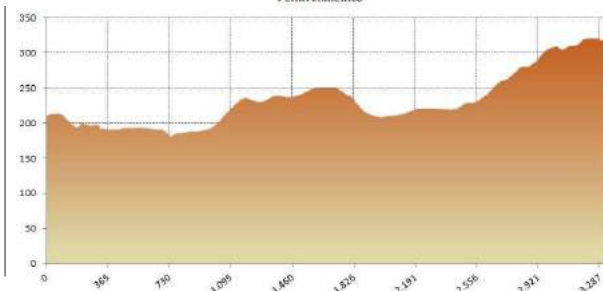


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Belos mirantes ao longo da trilha. A vista que se tem do Mirante da Viração é fantástica, temos uma outra perspectiva da entrada da Baía da Guanabara, Complexo dos Fortes, Jurujuba, etc. Foto: Vista do Morro da Viração à partir da Trilha.



Morro da Viração via Parque da Cidade



Descrição geral

Uma das clássicas do local. Há muitos anos, fazia parte da antiga Travessia São Francisco x Jurujuba, hoje fechada devido ao desuso e por estar em área militar. Segue boa parte pela linha de cumeeada do Morro da Viração até seu cume, de frente para os fortes São Luiz, Rio Branco e Imbuí. Seu mirante encontra-se encoberto pela vegetação, mas ainda há espaços para belas fotos!

Início da trilha

A trilha tem o seu início em comum com a Travessia Parque da Cidade x Cafubá. Vamos descendo uma rua antes do posto da Guarda Ambiental da Prefeitura. Uma outra opção é iniciando por baixo da Rampa Sul, com parte do caminho em comum da Trilha Circular do Parque da Cidade.

O caminho

PARTE I

Utilize a PARTE 1 da Travessia Parque da Cidade x Cafubá.

PARTE 2

Na trifurcação, perceba que a sua direita ficam as ruínas de um muro de pedra (foto1). O caminho da esquerda dará em uma construção abandonada de uma antiga rádio, com uma vista primorosa da Lagoa de Piratininga e região. Reto, é continuação da Travessia Parque da Cidade x Cafubá. À direita, seguindo as ruínas do antigo muro, é o nosso destino, o Morro Viração.

Seguindo o caminho, que fica paralelo ao muro de pedras, chegará a um des-





campado. Siga a trilha bem definida (foto 2) e chegará a uma bifurcação. Permaneça a sua esquerda. Nesse ponto, virão duas casas à esquerda. Continue reto e passará por um bambuzal. Note que você estará caminhando na linha de cumeeada (foto 3). Mais a frente, começará a descer e terá uma bela vista para a cidade do Rio de Janeiro, em especial, o Pão de Açúcar. Virá uma saída para a direita, mas siga reto e passará por algumas construções demolidas.

Mais à frente, você chegará a uma bifurcação: à esquerda, segue para a ligação com a trilha das ruínas. Fique à direita (foto 4) e começará a ter alguns pontos com vista para a Enseada de Charitas. Passará por um bambuzal e começará a subir levemente. Mais acima, virão alguns grandes eucaliptos. Note que estará bem na linha de cumeeada e chegará a um platô, chamado de Pimentel, com vista para ambos os lados: Lagoa de Piratininga à esquerda e Charitas à direita.

A continuação da trilha é do lado oposto ao que se chega, um pouco mais para direita. Siga subindo pelo caminho entre o capim que pode estar fechado. Note que a partir daí a trilha é bem mais fechada que o caminho feito anteriormente, talvez pela pouca frequência. Aliado a isso, algumas árvores e galhos caídos podem fechar o caminho, necessitando um pouco de cuidado com a orientação. Siga subindo até que descerá levemente e chegará a uma pequena área um pouco mais aberta, a sua direita. Esse é o final da linha! Você está no Mirante da Viração. Entre a vegetação, você pode ver o Forte Imbuí (foto 5), São Luiz, Forte do Pico (foto 6)... Uma vista, numa perspectiva diferente na qual estamos acostumados!



Curiosidades

O nome Viração advém dos períodos de virada de tempo, em que o vento úmido que vem do mar, forma uma cobertura em seu cume, indicando a “viração do tempo”.

Trilha das Ruínas

Duração



3 h

Distância



5.704 m

Altitude Inicial



10 m

Altitude Máxima



250 m

Altitude Final

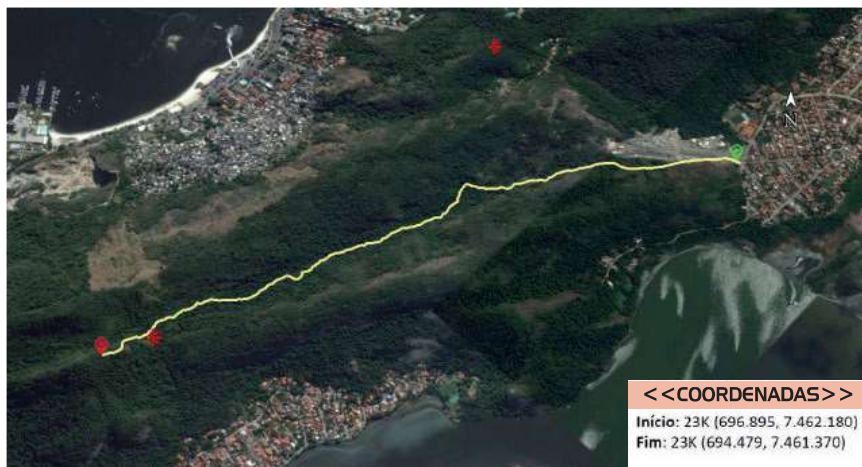


250 m

Desnível



288 m / -48 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.895, 7.462.180)

Fim: 23K (694.479, 7.461.370)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



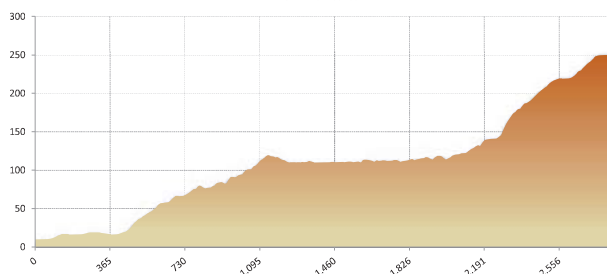
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Ligeiramente Irregular

Perfil Altimétrico



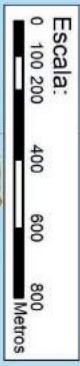
Principais atrativos

Caminhada boa parte por mata fechada. Belo mirante para a lagoa de Piratininga e parte da Região Oceânica. Ruínas de uma antiga Atalaia.





Trilha das Ruínas



Descrição geral

No quesito orientação, é uma das mais difíceis da região. Junto com a Trilha do Morro da Viração via Cafubá, são as menos visitadas, o que dá a impressão de estamos fora do centro urbano. Com a falta de frequência, é comum encontrarmos vestígios de caçadores no local. Dá acesso também, ao Morro da Viração. Ao seu final, chegamos às Ruínas de uma antiga Atalaia.

Início da trilha

A trilha tem início perto da AABB Piratininga, num caminho ao lado das obras do túnel Charitas x Cafubá, no final da Travessia Parque da Cidade X Cafubá, inclusive tendo um trecho em comum.

O caminho

PARTE I

Siga o caminho que fica a esquerda das obras do túnel Charitas x Cafubá (provavelmente esse trecho estará diferente ao término da obra). Siga reto por um terreno aberto e terá uma pequena subida. Note que em alguns minutos subindo, você estará caminhando com um leito de rio seco à sua direita, num grotão. Mais a frente, à direita, verá algumas casas bem humildes de uma pequena comunidade. Siga em frente. Perceba que terá algumas saídas à sua direita, mas elas são os acessos às casas. Fique no caminho principal. Chegará um ponto com duas saídas em meio a grandes árvores: uma para a esquerda; e a outra para a direita. Siga em frente e começará a subir levemente. Mais acima, terá uma outra saída à esquerda, tendo como referência uma jaqueira. Ali, tem um poço que serve de captação de água para os moradores do local. Evite descer, a água não é boa e pode causar desconforto aos moradores que utilizam o poço. Continue subindo e haverá uma acentuada curva para a direita. A entrada para a trilha fica nessa curva, à esquerda (foto 1). Pode ser que esteja um pouco fechada. Mas com atenção, vai notar o caminho.

Seguindo pela trilha, fará uma leve curva para a esquerda e cruzará uma cerca coberta de





4



5



6

vegetação. Seguirá pelo caminho e descerá levemente até chegar ao leito seco de um córrego (foto 2). Cruze o córrego seco até a outra margem, e siga em frente. A partir desse ponto seguirá numa pequena trilha, paralela ao leito seco do córrego, com ele à sua direita. Mais a frente, terá uma cerca à direita, bem próxima a trilha. Continue em frente e chegará a um bambuzal (foto 3).

Cruze-o pelo meio e vire levemente para a direita e depois à esquerda, chegando a uma área com bastante lama, que em dias de chuva, dificulta bastante a passagem. Seguindo em frente, chegará a uma área mais aberta na densa floresta. Haverá uma pequena nascente, mas não consuma essa água, pois ela fica parada e o local serve para os animais da floresta (foto 4). Um bom local para a primeira parada. Note que você estará caminhando em um vale. À sua esquerda, o Contraforte do Morro da Viração e à direita, o próprio Morro da Viração.

Nessa área aberta, terão grandes blocos de pedra. Suba um bloco, com uma árvore à esquerda dele e note a trilha novamente. Nesse ponto, a trilha está um pouco fechada. Vire levemente para a direita e depois à esquerda e virão algumas bananeiras. Cruzará uma grande árvore caída. Seguindo mais um pouco, começará a subir e chegará ao Vale das Jaqueiras (foto 5). A trilha vai serpenteando por enormes e incontáveis jaqueiras, com mudas espalhadas por todo lugar, por vezes, deixando o caminho fechado. Mais acima, a subida perde inclinação e passará por uns grandes blocos de pedra, tanto à direita quanto à esquerda. Haverá também, uma área um pouco mais aberta. Após os blocos, há uma bifurcação (foto 6): o caminho da direita segue para o Morro da Viração e é levemente mais fechado; o da esquerda é o que segue para as ruínas.

PARTE 2

Na bifurcação, siga para a esquerda. A trilha faz uma curva leve para a direita e continua subindo, passando por mais um bambuzal (foto 7). Entrando nele, à esquerda, tem um acesso a um mirante espetacular. O primeiro da trilha. Nesse ponto temos uma formidável vista para: Lagoa de Piratininga; Serra da Tiririca com o Alto Mourão, seu ponto culminante; entre outros. Um excelente local para a segunda parada.



Voltando a trilha, deixe o bambuzal e siga subindo para a sua esquerda. A partir desse ponto, a trilha fica bem fechada em alguns pontos com o caminho pouco definido. Será necessário um bom senso de orientação. Perceba que você estará praticamente na linha de cumeeada do contraforte do Morro da Viração, com o mesmo já visível à sua direita. Nesse ponto você já deixou o vale e seguirá nessa linha de cumeeada até às ruínas, nosso destino. Seguindo subindo, começará a passar por alguns pontos abertos e com capim colônião. Siga até o final e verá muitas pitangueiras. Note que estará numa ampla área com vegetação de pequeno porte. As Ruínas estarão logo à frente em meio ao capim (foto 8). Dá para subir em alguns pontos e tentar avistar alguma coisa. Passando por ela, tem mais um mirante. Uma laje de pedra que tem uma bela vista para o Pão de Açúcar.



Curiosidades

Não encontramos informações sobre as ruínas, mas pela localização, pela vista que ela proporciona e pelo tipo de construção, estima-se que seja da mesma época da construção da atalaia que fica no final da Trilha do Bosque dos Eucaliptos, fazendo parte do sistema de defesa da entrada da Baía de Guanabara.



Morro da Viração via Trilha das Ruínas

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 3 h	 9.160 m	 10 m	 320 m	 314 m	 433 m / -129 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.895, 7.462.180)

Fim: 23K (694.320, 7.461.540)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Ligeiramente Irregular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Uma excelente trilha, com trechos bem fechados. Ótima para um contato intenso com a natureza. Belos Mirantes ao longo da trilha.





Morro da Viração via Trilha das Ruínas

Escala:
0 100 200 400 600 800
Metros

Descrição geral

Segue por parte da Trilha das Ruínas. Um antigo caminho que ligava Piratininga ao Parque da Cidade. Teve um trecho comprometido por um desmoronamento, deixando aflorada uma laje de pedra que em dias de chuva, pode estar muito escorregadia. Alguns trechos estão bem fechados, porém o leito da trilha está definido.

Início da trilha

A trilha tem início perto da AABB Piratininga, no final da Travessia Parque da Cidade X Cafubá, inclusive tendo um trecho em comum.



O caminho

PARTE I

Utiliza a PARTE 1 da Trilha das Ruínas.

PARTE 2

Na bifurcação (foto 1), vire para a direita e continue subindo entre curvas. Tenha cuidado com uma enorme ribanceira a sua direita. Mais à frente e a sua esquerda virá alguns blocos de pedra, chegando a uma laje de pedra, que aflorou após um grande deslizamento (foto 2). A sua direita, você tem uma bela vista para a Lagoa de Piratininga, à sua esquerda, um grande sistema de blocos e fendas.



Atravesse reto essa laje e do outro lado, estará a continuação da trilha. A partir daí, vem o trecho mais fechado do percurso. Há muito capim, mas o chão está bem batido. Após esse trecho mais fechado, seguirá por suaves subidas e descidas, passando por um bambuzal a sua direita e algumas pedras

abaixo da trilha. Mais a frente, virá um poço seco (foto 3), com manilha de cimento. A partir daí segue sem muita dificuldade até que o terreno fica quase plano. Nesse ponto, você estará paralelo a trilha do Morro da Viração. Note que aparecerá um bambuzal a sua esquerda, se você cruzá-lo, estará na trilha do Morro da Viração (foto 4), bastando virar à esquerda e seguir. Caso opte por não entrar no bambuzal, siga até a confluência com a trilha do Morro da Viração, virando à esquerda.

A partir daí, começará a ter alguns pontos com vista para a Enseada de Charitas. Passará por um bambuzal e começará a subir levemente. Mais acima virão alguns grandes

eucaliptos. Note que estará bem na linha de cumeeada e chegará a um platô, conhecido como Pimentel, com vista para ambos os lados: Lagoa de Piratininga e Charitas. A continuação da trilha está do lado oposto ao que se chega, um pouco mais à direita. Siga subindo por um caminho entre o capim que pode estar bem fechado. Note que a partir daí a trilha é bem mais fechada que o caminho feito anteriormente, talvez pela pouca frequência. Aliado a isso, algumas árvores e galhos caídos, geralmente fecham totalmente a trilha, necessitando um pouco de cuidado com a orientação. Siga subindo até que descera levemente e chegará a uma pequena área, um pouco mais aberta, com uma enorme mangueira a sua direita. Esse é o final da linha! Você está no Mirante da Viração. Entre a vegetação, você pode ver o Forte Imbuí, São Luiz, Forte do Pico... Uma vista, numa perspectiva diferente na qual estamos acostumados!

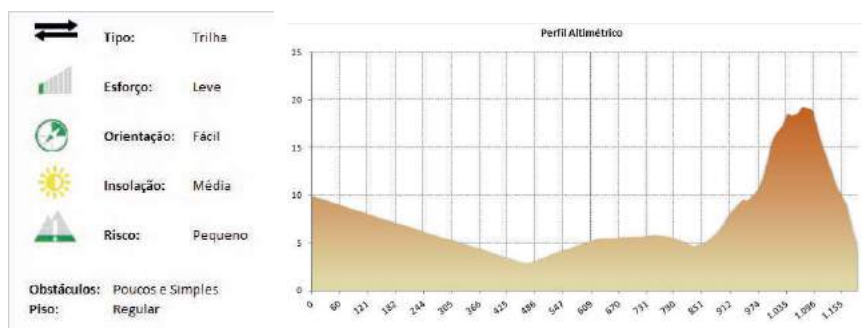
Curiosidades

Estima-se que o caminho seria utilizado por tropeiros que escoavam as produções das fazendas da região de Piratininga até Juru-juba, pelo caminho que se seguir no Morro da Viração.



Ilha do Pontal

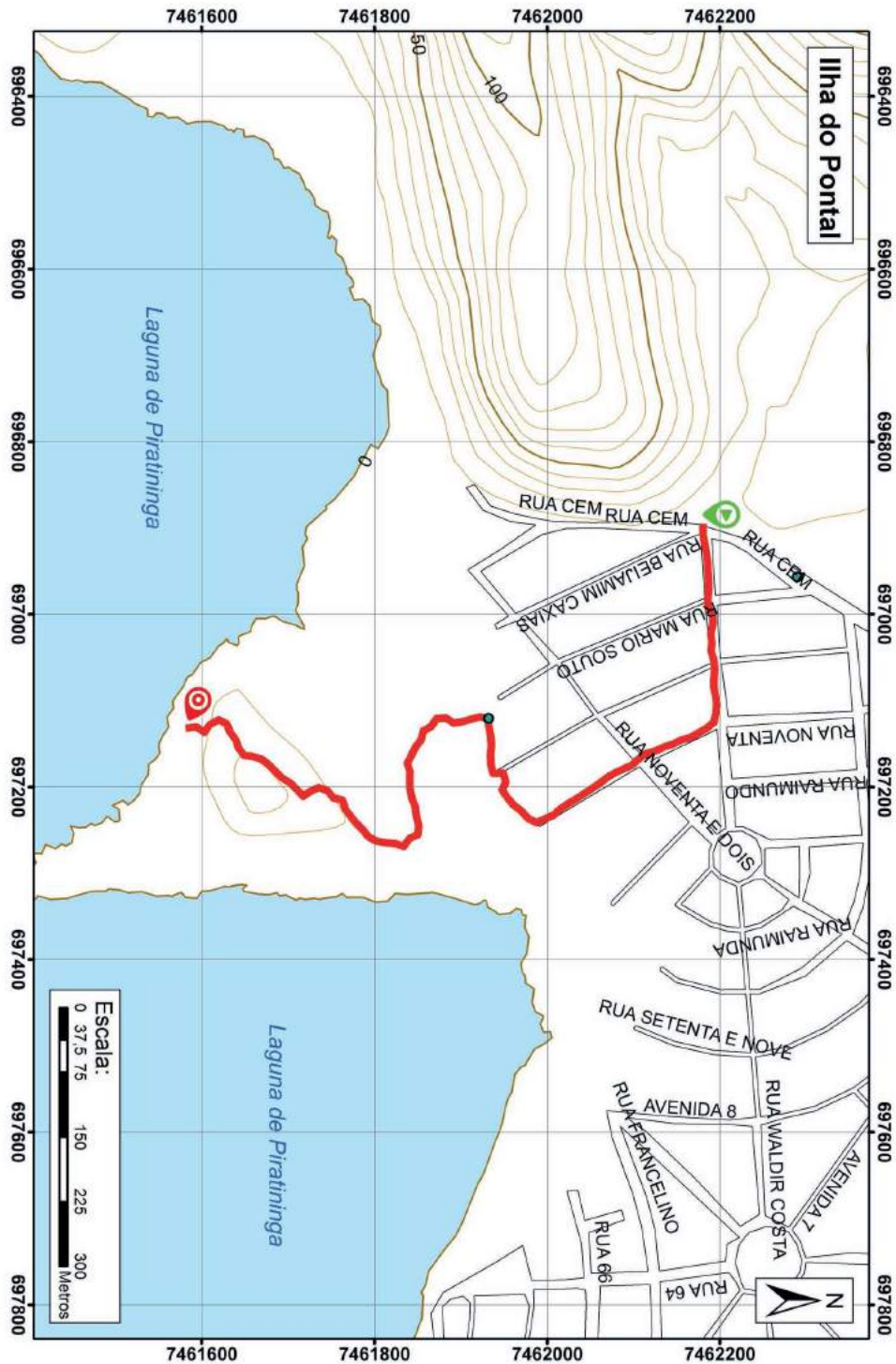
Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
45 min	2.962 m	10 m	120 m	120 m	114 m / -4 m



Principais atrativos

Diferente vista da Lagoa de Piratininga e uma grande quantidade de Mirtáceas, que são árvores de pequeno porte, de tronco avermelhados e retorcidos. Foto: Ilha do Pontal vista do Parque da Cidade.





Descrição geral

A trilha é bem curta e seu percurso total inclui a caminhada pelas ruas, a partir da AABB Piratininga.

Início da trilha

De costa para a AABB Piratininga, vá para a direita, seguindo pela Av Raul de Oliveira Rodrigues, vire à esquerda na Rua Dr. Valdir Costa, siga nela e dobre à direita na Rua Cruzeiro do Sul (Terceira Rua) e vá até ao final dela.



1

O caminho

No final da Rua Cruzeiro do Sul, vire à direita. Pode haver uma cerca no local, mas dá para passar por fora (foto 1). Siga nessa rua, com o canal à sua esquerda. Na altura da Rua Dr. Mário Souto, haverá uma pequena e precária ponte de madeira cruzando o canal (foto 2). **ATENÇÃO NESSE PONTO: VERIFIQUE ANTES A INTEGRIDADE DAS MADEIRAS, ELAS COSTUMAM BALANÇAR QUANDO SE ANDA.**



2

Cruzando a pequena ponte, entrará num caminho bem definido. Ao final, caminhará em meio a vegetação rasteira curvando levemente para a esquerda e depois para a direita, em direção ao outro ponto de vegetação. Nesse ponto não há nenhuma árvore. Depois de entrar novamente numa área com vegetação, continuará seguindo a trilha bem definida até chegar a uma grande laje de pedra. Nesse ponto não há marcações. Suba a laje e siga para a direita, caminhando no limite entre a laje de pedra e a vegetação da parte superior. A entrada da trilha fica à esquerda, quase ao final.



3

Entre nela e seguirá por caminho muito bonito e curioso. Você estará caminhando em um bosque formado por dezenas de arbustos de pequeno porte, com troncos avermelhados e retorcidos (foto 3). Um espetáculo da natureza! Siga em frente, ziguezagueando, pela trilha e ao final, chegará a uma laje de pedra. Nesse ponto, terá a opção de descer e chegar à margem da lagoa.



Descampado no meio da trilha

Curiosidades

A Ilha do Pontal localiza-se na margem noroeste da Laguna de Piratininga e é dotada de grande beleza cênica, sendo constantemente visitada por muitas espécies de aves marinhas. Apesar do nome Ilha, o local está conectado a margem devido ao aumento do assoreamento e da redução da altura da coluna d'água, sendo separada apenas por um canal.



Lage de pedra já no final da trilha

Mirante da Lagoa

Duração

45 min

Distância

3.738 m

Altitude Inicial

10 m

Altitude Máxima

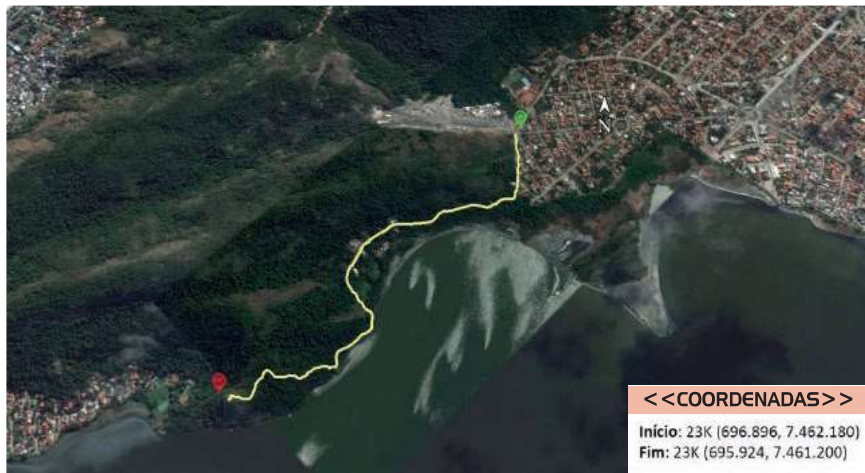
70 m

Altitude Final

59 m

Desnível

114 m / -64 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (696.896, 7.462.180)

Fim: 23K (695.924, 7.461.200)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Média

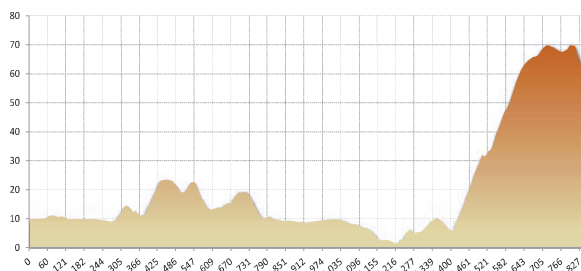


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

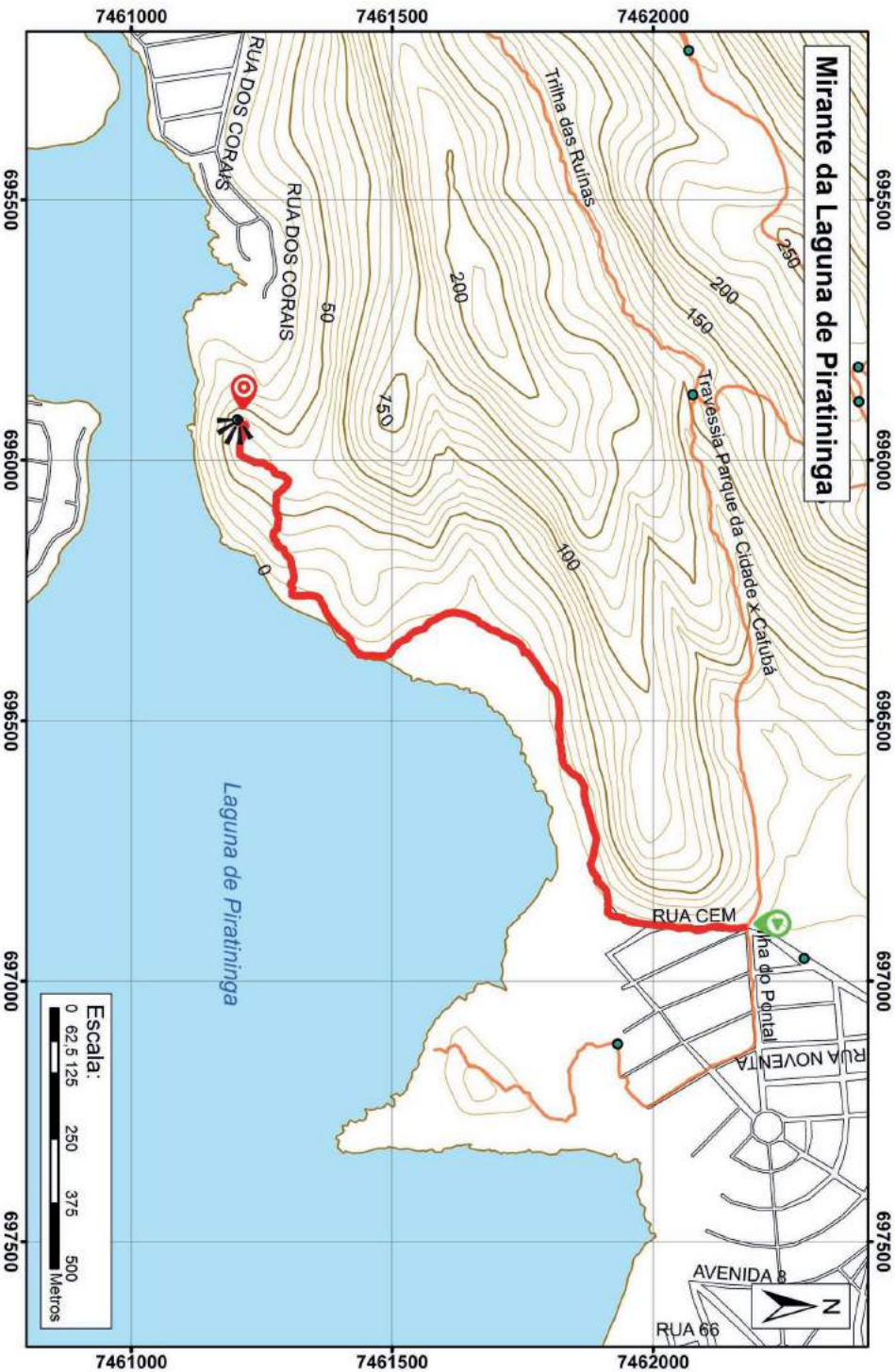
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Excelente visual para a Lagoa de Piratininga e Jardim Imbuí. Foto: Vista do Mirante.





Descrição geral

Rápida e de fácil acesso, segue em uma curta subida até um platô com uma bela vista para a Lagoa de Piratininga, Jardim Imbuí e o contra forte do Morro da Viração. Pode ser um complemento para quem já fez alguma outra trilha na região, ou simplesmente quer um roteiro mais curto. Boa parte da trilha é seguindo por uma rua não pavimentada, na base do contraforte do Morro da Viração. Como a caminhada é muito agradável, vale a pena deixar o carro no ponto de referência que é a AABB Piratininga e seguir andando.

Início da trilha

De costa para a AABB Piratininga, vá para a direita, seguindo pela Av Raul de Oliveira Rodrigues, ao final, siga reto pela rua Estrela até seu final.

O caminho

Partindo da AABB Piratininga, no Cafubá, siga pela Rua Estrela. Uma bela rua cercada por árvores. Note que mais a frente há várias casas e algumas ruas à direita e à esquerda, mas fique na principal. Passará por um costão de pedra. O final da rua tem um largo e a sua esquerda uma laje de pedra, bem a margem da lagoa. Antes um pouco desse largo,

à sua direita (na perspectiva de quem chega), está o início da trilha (foto 1). Pode ser que esteja um pouco fechado, mas olhando com cuidado, fica fácil identificar o caminho.

Entre por aí, e logo vai cruzar uma pequena vala de escoamento de água e seguirá subindo por uma laje de pedra, com muita vegetação. O caminho a partir daí é muito bem definido e não há bifurcações. Mais acima, a trilha curvará levemente para a esquerda e passará por duas grandes raízes no chão (foto 2). Daí em diante, a trilha vai ziguezagueando até a laje de pedra com um mirante fantástico para a Lagoa de Piratininga, Jardim Imbuí e o Contraforte da Viração.



Morro do Morcego

Duração



2 h

Distância



2.614 m

Altitude Inicial



8 m

Altitude Máxima



130 m

Altitude Final



129 m

Desnível



195 m / -73 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (692.468, 7.463.180)

Fim: 23K (692.604, 7.463.670)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



Insolação: Alta

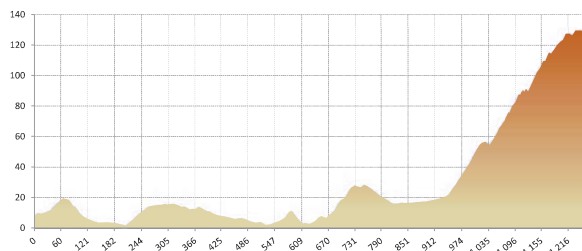


Risco: Moderado

Obstáculos: Com Obstáculos

Piso: Irregular e Uso das Mãos

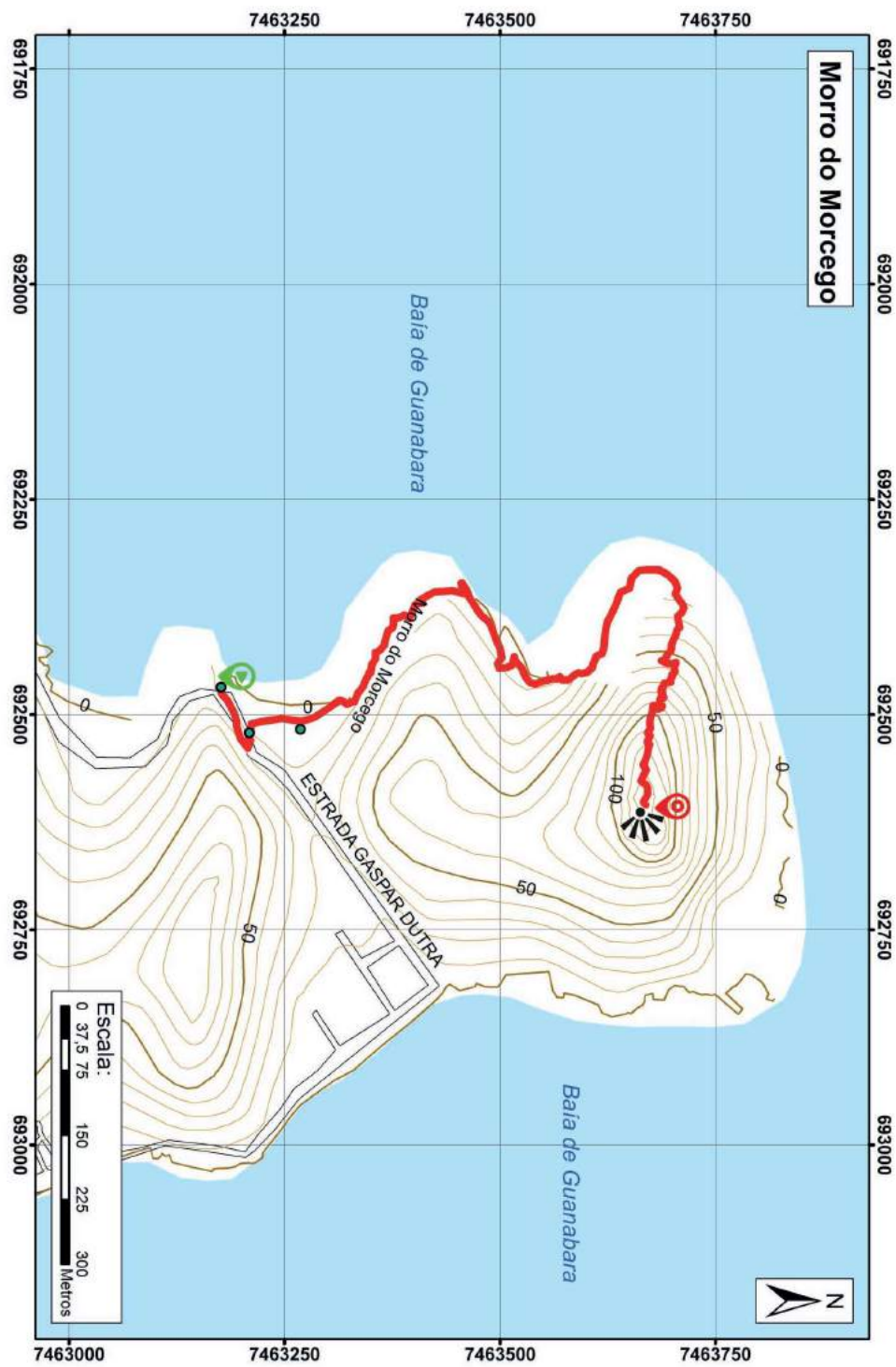
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista para a Fortaleza de Santa Cruz, entrada da Baía de Guanabara, Pão de Açúcar, Aterro do Flamengo, Museu de Arte Contemporânea, Icaraí, São Francisco, Charitas e Jurujuba, numa outra perspectiva. 360° de vista panorâmica. Foto: Morro do Morcego visto da Praia de Charitas.





Descrição geral

A trilha segue pela praia de Adão, contornando o costão rochoso, até chegar ao costão do Morro do Morcego, seguindo subindo por um caminho muito delicado e instável até seu cume. A vista fantástica de diversos pontos da cidade de Niterói e Rio de Janeiro é a recompensa para todo o esforço. Como a trilha é a única fora das referências citadas no PARNIT, para chegar ao ponto inicial da trilha, siga as referências abaixo:

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 33 – Jurujuba e descer no ponto final. Seguir até o final da rua e dobrar à esquerda, em direção à Fortaleza de Santa Cruz. O ponto é a primeira praia à direita.

De carro:

Do centro de Niterói, você tem a opção de seguir por toda a orla, passando pelo Gragoatá, Boa Viagem, Praia das Flexas, Icaraí, Estrada Fróes, São Francisco, Charitas e seguir até Jurujuba. Ao final, vire à esquerda em direção à Fortaleza de Santa Cruz. O ponto é a primeira praia à direita.

Início da trilha

O caminho inicia-se no mirante da praia de Adão, percorrendo a extensão de areia da praia, em direção ao costão rochoso (foto 1).


O caminho

A partir do mirante da praia de Adão, desça até a areia e siga por toda a sua extensão até o seu final. Lá, siga subindo as pedras e vá contornando esse costão. Esse ponto é muito utilizado para a pesca e você poderá encontrar com vários pescadores no local. Tome cuidado, pois a pedra pode estar escorregadia (foto 2). Contornando a laje, você chegará a uma enseada de pedras. Note que em determinadas épocas o local fica tomado por capim. Para continuar, no final dessa pequena enseada de pedras, suba o pequeno costão em direção ao capim e procure uma trilha batida que subirá e contornará o costão.

A partir daí você caminhará em meio a vegetação. Tome cuidado, pois o caminho não é dos melhores. Mais a frente, você sairá da vege-



3



tação e voltará a caminhar no costão, sempre paralelo ao mar. Quando virar o costão e começar a ver o MAC, você começará a subir por um ponto mais aberto. Note que essa área tem bem menos vegetação e avança até a parte superior com árvores maiores (foto3). Daí para cima o caminho é pouco definido. Há apenas um rastro que por vezes se perde entre a vegetação. Note que o caminho será em direção a grandes palmeiras. Isso talvez ajude na orientação.


Subindo você chegará um trepa pedra muito instável. ANTEÇÃO NESSE PONTO. Há muitas pedras soltas e você deve escolher bem onde segurar ou por o pé. Siga subindo em direção a uma grande palmeira. Ao passar por ela, subirá mais alguns metros e estará em um costão, daí, é só seguir subindo até o cume (foto 4).

Curiosidades

O Morro do Morcego destaca-se na paisagem da região, sendo um ponto de referência para a entrada da Enseada de São Francisco, Charitas e Jurujuba. Possui cerca de 138 metros. Foi categorizado como Área de Preservação Permanente pelo Art. 323 da Lei Orgânica de Niterói e, posteriormente, considerado parte da Área de Proteção Ambiental (APA) do Morro do Morcego, Fortaleza de Santa Cruz e dos Fortes Pico e do Rio Branco, criada através do Plano Urbanístico Regional Praias da Baía (Lei 1967/2002).

A APA foi regulamentada pelo Decreto 10.912/2011, estabelecendo alguns parâmetros para a sua proteção, mas prevendo a possibilidade da sua ocupação urbana. O Morro do Morcego também está incluído no Tombamento da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro, tendo sido incluído, posteriormente, na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio de Janeiro. Houve também uma tentativa de proteção do Morro do Morcego em âmbito estadual através do Projeto de Lei 1675/2004. Apesar de todo este acervo de legislação protetora, o Morro do Morcego é uma área privada, possuindo basicamente dois proprietários, um na vertente da Enseada de Jurujuba e outro na vertente voltada para a entrada da Baía de Guanabara. É alvo constante da especulação imobiliária, tendo recebido diversas propostas de projetos de empreendimentos, tanto imobiliários quanto turísticos, sem que os mesmos tivessem sido aprovados. Mas o risco continua.

4



Parque Estadual da Serra da Tiririca

O nome da Serra Tiririca está relacionado com a passagem de tropas de burro que a atravessavam em direção a Região dos Lagos por um caminho cheio de tiriricas. Essas plantas são do gênero *Cyperus* (Cyperaceae), sendo comumente encontradas em áreas desmatadas, como beiras de caminho na região. A Serra da Tiririca foi considerada em 1992 pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como parte integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Das Unidades de Conservação do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Serra da Tiririca, possui em seu histórico a peculiaridade de ser o único criado a partir da mobilização popular através de movimentos comunitários organizados, desde a década de 1980. Em 1987, foi publicado o primeiro trabalho científico que versava sobre a necessidade de conservação da Serra da Tiririca. Contudo o fator decisivo para a criação da área protegida foi a tentativa de loteamento da área do Córrego dos Colibris, pela empresa Ubá Imobiliária em 1989. Após denúncias, a Prefeitura de Niterói, constatando diversas irregularidades no projeto, embargou o projeto do condomínio. Em 1990, o Movimento Cidadania Ecológica elaborou e encaminhou à Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, através do Deputado Estadual Carlos Minc, um documento que expunha motivos para a criação do Parque Estadual da Serra da Tiririca. Dessa forma, o PESET foi criado pela Lei Estadual nº 1901 de 29/11/1991 e encontra-se sob administração do Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

Endereço da sede: Rua Domingues Mônica Barbosa, lote 4, s/nº – Recanto de Itaipuaçu – Maricá – RJ – Tel.: (21) 2638-4411.

Núcleo Itacoatiara: Rua das Rosas, nº 24 – Itacoatiara – 24.348-290 – Niterói – RJ – Tel.: (21) 2709-9176.

E-mail: administrador@parqueserradatiririca.org e falecom@parqueserradatiririca.org. Horário de visitação: terça-feira a domingo, de 8 às 17h, para visitação em trilhas; de 9 às 17h no setor administrativo.



Setor PESET Itaipu

Informações gerais

No Setor PESET – Itaipu, temos a Trilha do Morro das Andorinhas, Morro da Peça e o Circuito Itaipu, que não chega a ser uma trilha propriamente dita, mas que por sua beleza cênica e importância histórico cultural, foi incluída nesse guia. Além dessas, temos também uma trilha na Ilha Mãe. No total, temos cerca de 12 km. Uma das possibilidades, é fazer a Trilha do Morro das Andorinhas na parte da manhã e depois visitar o Circuito da Lagoa e Enseada de Itaipu. Reserve também um tempo para a visita no Museu Arqueológico.

O local é muito procurado por quem pratica Stand Up, Caiaque, Canoa Havaiana. Além da prática do surf no Canal de Itaipu, os escaladores também marcam presença no Morro das Andorinhas. Existe boa estrutura de restaurantes e bares no local, principalmente os que ficam próximos à colônia de pescadores.

Como referência para o local, tomamos a Praia Itaipu e a Igreja de São Sebastião.





Como chegar à Praia de Itaipu e a Igreja de São Sebastião

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha 38, Itaipu, da Viação Pendotiba e descer no ponto final dele, que fica em frente a praia. Para chegar a Igreja, você deve voltar andando na Av. Francisco da Cruz Nunes e subir a primeira rua à direita. A Igreja é referência no local e visível de toda a região.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Em seguida pelo Corpo de Bombeiros e seguirá até o final, chegando à praia de Itaipu.

Curiosidades

Itaipu apresenta registros de ocupação ocorrida há 8 mil anos por comunidades indígenas, fato comprovado através de estudos realizados no Sítio Arqueológico da Duna Grande. Lá foram observados restos de ossos e de utensílios primitivos, dos quais alguns compõem o acervo do museu arqueológico que funciona nas ruínas do “Recolhimento de Santa Teresa, localizado nas proximidades da praia de Itaipu.

Os antigos habitantes tinham a pesca como a uma de suas atividades principais e foram expulsos pelos portugueses ainda no período Colonial. A partir de então, teve início a exploração da terra através da doação de sesmarias, porém, manteve sua tradição pesqueira.

Já na década de 40, teve o desmembramento de três fazendas, dando início aos loteamentos que vieram a formar o bairro de Itaipu. A partir dos anos 70, como toda a região oceânica, Itaipu foi palco de um intenso movimento migratório proveniente de alguns bairros de Niterói, de outros municípios do Estado e da cidade do Rio de Janeiro, estimulado pela construção da Ponte Rio-Niterói.

Itaipu já pertenceu a São Gonçalo, tendo sido reincorporado definitivamente ao município de Niterói somente em 1943.



Morro das Andorinhas

Duração

2 h

Distância

4.827 m

Altitude Inicial

20 m

Altitude Máxima

190 m

Altitude Final

36 m

Desnível

183 m / -168 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



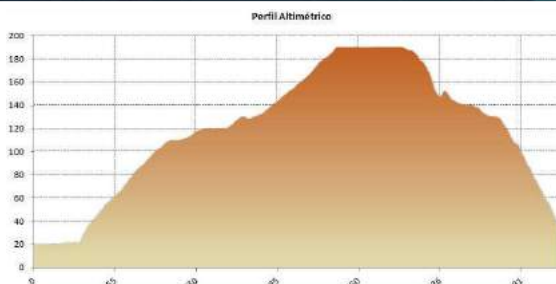
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular



Principais atrativos

Mirante de Itaipu, Mirante de Itacoatiara, Casa de Pedra, Ponta das Andorinhas e diversos mirantes ao longo do caminho. Foto: Vista de Itacoatiara à partir do Mirante.





Descrição geral

O Morro das Andorinhas avança sobre o mar e divide as praias de Itacoatiara e Itaipu. Existem fantásticos mirantes ao longo da trilha, com destaque para o de Itacoatiara e Itaipu. Ela segue bem definida até seu final. Muita gente sobe no final do dia até o Mirante de Itaipu para ver o por do sol, pois é uma caminhada rápida. Além da Ponta das Andorinhas, que se destaca pela vista do alto mar e ilhas de Itaipu, um pulo à enseada da Casa de Pedra é quase obrigatório. A água clara e calma é um convite para um mergulho e também para prática de snorkel. Caso tenha tempo, aproveite para explorar todas as saídas que existem pela trilha, elas nos revelam belíssimas surpresas. **ATENÇÃO: A DISTÂNCIA E O TEMPO ESTIMADO DA TRILHA CONTABILIZA SOMENTE O CAMINHO ATÉ A PONTA DAS ANDORINHAS.**

Início da trilha

Entrando na rua da Amizade, que fica em frente a Igreja de São Sebastião, vire a primeira à esquerda, na altura do número 1.093. Essa é uma entrada pequena, numa íngreme ladeira, com uma precária escadinha de cimento à direita (foto 1).

O caminho

Começando a subir, note que há um muro de ambos os lados do caminho, com uma escada de concreto bem precária à direita. Para referência, nessa subida, existem alguns relógios marcadores de luz e vários canos d'água, que sobem para os moradores das partes mais altas do local. Subindo, passará por algumas casas e logo fará uma curva para a esquerda. Note que você estará em um caminho bem amplo e com alguns fios de energia bem à margem da trilha. Siga subindo e passará por algumas casas, tanto à direita, quanto à esquerda, até que chegará a uma bifurcação, vire à direita e chegará a um pórtico de madeira com a identificação do Parque (foto 2).

Siga subindo e se mantenha no caminho principal. Haverá algumas entradas à esquerda de casas de moradores tradicionais. A permanência de moradores tradicionais é garantida por lei e precisam estar em harmonia com as regras da Unidade de Conservação. Mais a frente o primeiro mirante à esquerda. Uma bela vista para Itacoatiara. Voltando para a trilha, seguirá num caminho bem batido até que chegará a uma bifurcação (foto 3). À direita, segue para o mirante de Itaipu. Nesse ponto muitos encerram a caminhada. A vista para praia e a lagoa de Itaipu, Camboinhas, Piratininga, orla do Rio de Janeiro e suas montanhas é fantástica. Porém, deixe



4

para visitá-lo na volta. Siga à esquerda e em poucos metros estará no Mirante de Itacoatiara. Mais um ponto com uma formidável vista. Uma das clássicas fotos do Parque Estadual da Serra da Tiririca.

Seguindo o caminho, entrará em uma área mais fechada e começará a subir um pouco e seguirá entre leves subidas e descidas até pegar uma descida mais acentuada. Note que haverá algumas saídas tanto para a direita quanto para a esquerda. Elas revelam alguns fantásticos mirantes que valem a pena a visita, mas considere o tempo. Esse roteiro não contempla esses mirantes, no que se refere ao tempo e distância. Depois de uma forte descida, virá uma bifurcação: à direita, segue descendo para a Casa de Pedra; à esquerda segue para a Ponta das Andorinhas (foto 4).

Pegaremos o caminho da esquerda e desceremos por mais alguns minutos até a Ponta das Andorinhas. Note que essa descida é bem mais acentuada que as

demais, porém a vista compensará todo o esforço. Ao final, você chegará bem próximo ao mar e em dias de mar agitado, a força das ondas chega a assustar. A sua direita, você verá as ilhas de Pai e Mãe e se descer mais um pouco, dará para ver a Menina também. Na volta, existem algumas opções como visitar as várias saídas que existem ao longo do caminho. Mas fique atento quanto ao horário. Como são caminhos pouco frequentados, pode levar mais tempo que o programado. Não deixe de dar uma esticada à Casa de Pedra (foto 5) e aproveite para dar um mergulho, caso o mar esteja calmo. Para chegar lá, na volta, pegue a primeira saída à esquerda e siga descendo por uns 300 metros.

Curiosidades

O nome advém de uma gruta, no alto da face voltada para Itaipu, onde as andorinhas fazem seus ninhos, sendo um local de refúgio para essas aves. Em cartas náuticas antigas, como as de 1827 e 1858, o local é chamado de Ponta de Itaipu. No Morro das Andorinhas vivem algumas comunidades tradicionais. Por volta da década de 1870, fixaram residência no Morro o casal Leonel Siqueira daSilva e Agapita Dias de Gusmão, dando início à ocupação tradicional de famílias aparentadas entre si que habitam desde então parte da linha de cumeada. Leonel era português e Agapita uma índia que ele conhecera em suas viagens. A situação de risco social dessas famílias só veio a melhorar depois que eles ganharam visibilidade, tiveram sua tradicionalidade comprovada em estudos antropológicos da Universidade Federal Fluminense (UFF) e fundaram a ACOTMA (Associação da Comunidade Tradicional de Morro das Andorinhas) que integra o Conselho Consultivo do PESET e é mantida dentro da área do parque. As casas, algumas centenárias, podem ser observadas à esquerda da trilha, um pouco antes da linha de cumeada.

5

Circuito da Lagoa e Enseada de Itaipu

Duração



45 min

Distância



2.926 m

Altitude Inicial



6 m

Altitude Máxima



13 m

Altitude Final



6 m

Desnível



49 m / -49 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (700.418, 7.458.760)

Fim: 23K (700.420, 7.458.760)



Tipo: Circuito



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



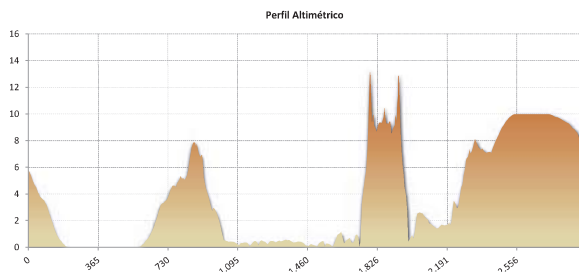
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

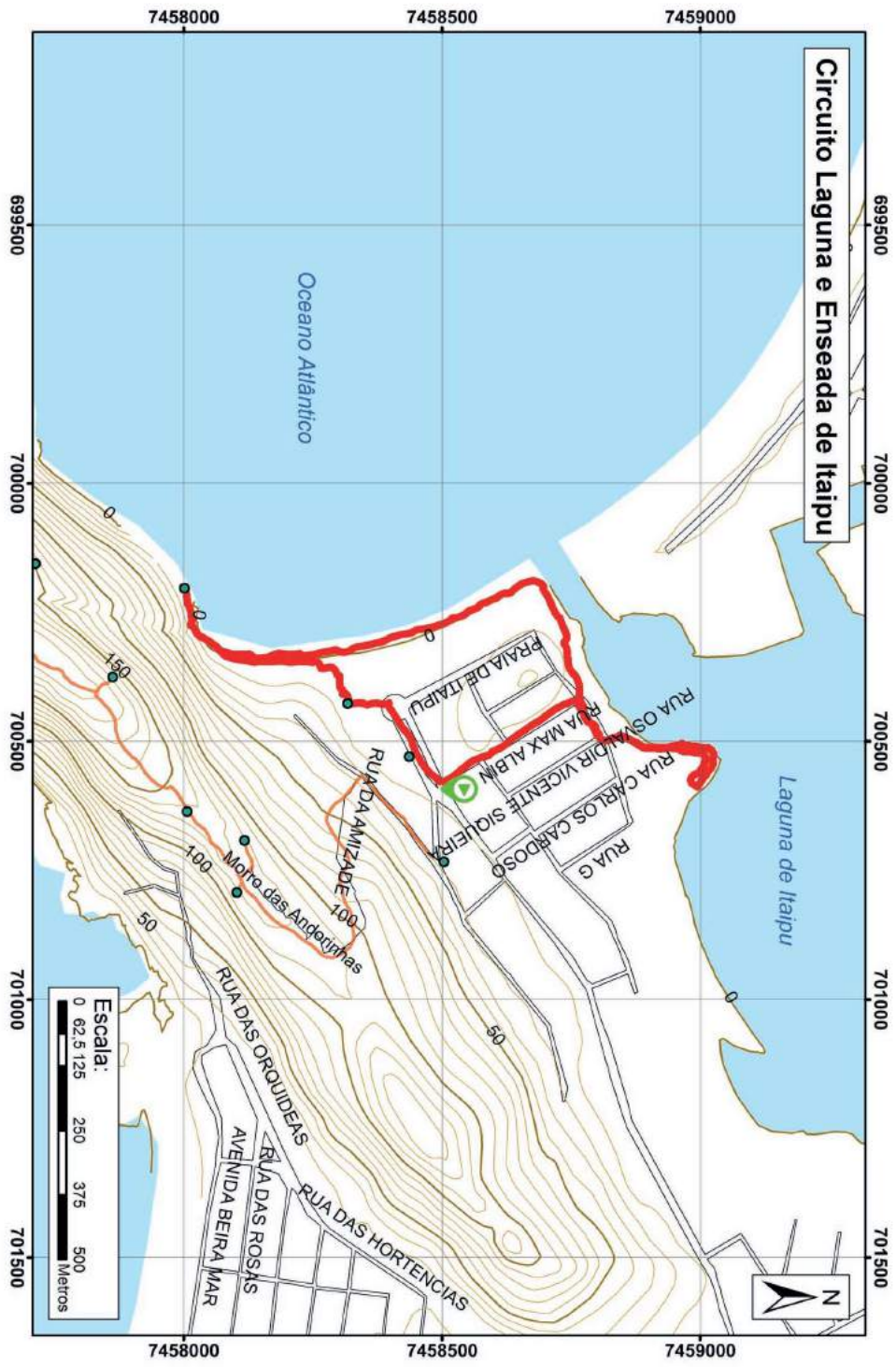
Piso: Regular



Principais atrativos

Visita à Lagoa de Itaipu, Sítio Arqueológico, Praia e Lagoa de Itaipu, Igreja de São Sebastião e Museu Arqueológico de Itaipu.





Circuito Laguna e Enseada de Itaipu

Oceano Atlântico

Lagoa de Itaipu

Escala:
0 62.5 125 250 375 500
Metros



Descrição geral

É um caminho que contorna a Duna Grande de Itaipu, seguindo pela praia de até seu final, onde pode-se passar pela base do Morro da Andorinhas e seguir até uma pequena enseada de pedras. Na volta, seguimos para o Museu de Arqueologia de Itaipu e Igreja de São Sebastião, terminando o circuito que tem com principal atrativo suas características histórico culturais.

Devido a tranquilidade do mar da praia de Itaipu, ocasionada pelo avanço do Morro das Andorinhas e a presença das Ilhas Costeiras que forma uma grande enseada, a praia é muito procurada por banhistas e por embarcações que utilizam o local como porto natural. É também, devido a essa característica, que Itaipu abriga uma das maiores colônias de pescadores de Niterói. Os peixes são comercializados ainda na areia da praia, tendo a pesca artesanal, como um dos principais atrativos do local.

Início da trilha

Inicia-se ao final da Rua Max Albin (foto 1) ao lado de uns bares que ficam à margem da lagoa.

O caminho

Depois do último bar, à direita, siga margeando a lagoa e estará de frente a uma bela paisagem (foto 2). Se a maré estiver muito cheia, pode ser que não consiga andar muito, então a opção é procurar algum caminho alternativo. O local também é muito frequentado por pescadores. Desse ponto dá ver ao fundo a Serra da Tiririca e o Alto Mourão (foto 3). Seguindo, dá para chegar até um ponto onde o manguezal avança (foto 4). Daí, você poderá voltar pelo mesmo caminho feito na ida.





Vista da Serra da Tiririca

Agora você seguirá pela margem do canal, entre ele e a Duna Grande à sua esquerda. Siga até chegar à praia. Já na praia, você verá o costão do Morro das Andorinhas. Siga por ela até chegar ao final da praia e siga pelo costão no caminho dos pescadores. Ao final, você chegará uma bela formação rochosa. O local é indicado para um mergulho e a prática de snorkel em dias de mar claro e calmo.

Na volta, não deixe de visitar o Museu de Arqueologia de Itaipu.

Curiosidades

Para ratificar a característica histórico cultural do local, é próximo a praia que funciona o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI), nas ruínas do antigo Recolhimento de Mulheres de Santa Teresa. A sala de exposição funciona na antiga capela do Recolhimento. Um espaço pequeno, mas com uma museografia adaptada para contar em apenas 30 m² cerca de 8.000 mil anos de história da região. O acervo do MAI reúne objetos dos povos que viveram no litoral fluminense antes do descobrimento do Brasil e tem como destaques seis blocos do Sambaqui de Camboinhas, datado de 6.000 a.c. Os sambaquis são depósitos de conchas, objetos, pedras, esqueletos humanos e outros materiais acumulados ao longo dos anos, que ajudam a contar como esses homens ancestrais viviam da caça, pesca e coleta na Região Oceânica de Niterói.

A base do museu é a coleção Hildo de Mello Ribeiro – composta de doações feitas pelo agente federal de fiscalização de pesca e arqueólogo amador que viveu em Itaipu por cerca de 20 anos com cerca de 980 objetos, como machados, peças de cerâmica, pontas de ossos, polidores e ossadas.

O museu exibe também a canoa centenária de Jequitibá, doada pela Colônia de Pescadores

do local. O museu desenvolve ainda o programa educativo-cultural Caniço & Samburá, voltado para as escolas e a comunidade local, que consiste em um acervo itinerante emprestado às escolas de Niterói e adjacências.

O Recolhimento de Santa Teresa de Itaipu foi fundado em 1764, em Niterói, com o objetivo de abrigar mulheres casadas abandonadas. A instituição servia ainda como forma de castigo para moças solteiras, que se insurgiam contra as determinações dos pais, principalmente por motivo de casamento.

Telefones: (21) 3701-2994/3701-2966

Email: mai@museus.gov.br

Horário de Funcionamento: ter a sex, das 10h às 17h. Sáb, dom e feriado, das 13h às 17h.

Outro fato marcante no local, diz respeito às lagoas, tanto de Itaipu, quanto a de Piratininga. Uma série de intervenções como a construção do canal de Camboatá, interligando as lagoas e a abertura do canal de Itaipu, causaram alterações irreversíveis ao ecossistema da região. Com relação à Lagoa de Piratininga, o problema foi maior, pois o reduzido volume d'água não permitia o rompimento periódico da barra da lagoa e a renovação das águas no seu interior, fator importante para a regulação do ciclo biológico.

A diminuição do volume d'água das lagoas e o conseqüente surgimento de áreas marginais secas, somados aos frequentes aterros irregulares, vem reduzindo a sua extensão a cada dia, possibilitando o parcelamento e a ocupação do seu entorno. Por sua vez, esta ocupação desordenada e irregular sentenciou a fauna e a flora originais do local, sobretudo no que diz respeito às formações vegetais típicas de restinga, praticamente extintas de suas margens.

Ilha Mãe

Duração

30 min

Distância

2.384 m

Altitude Inicial

10 m

Altitude Máxima

19 m

Altitude Final

4 m

Desnível

18 m / -24 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

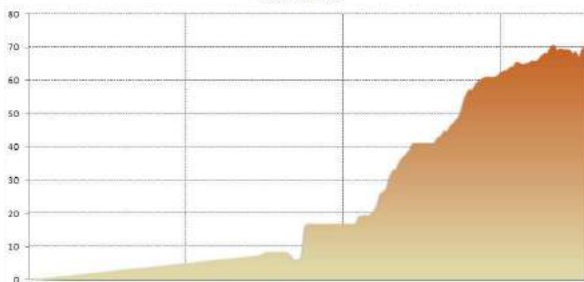


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Ligeiramente Irregular

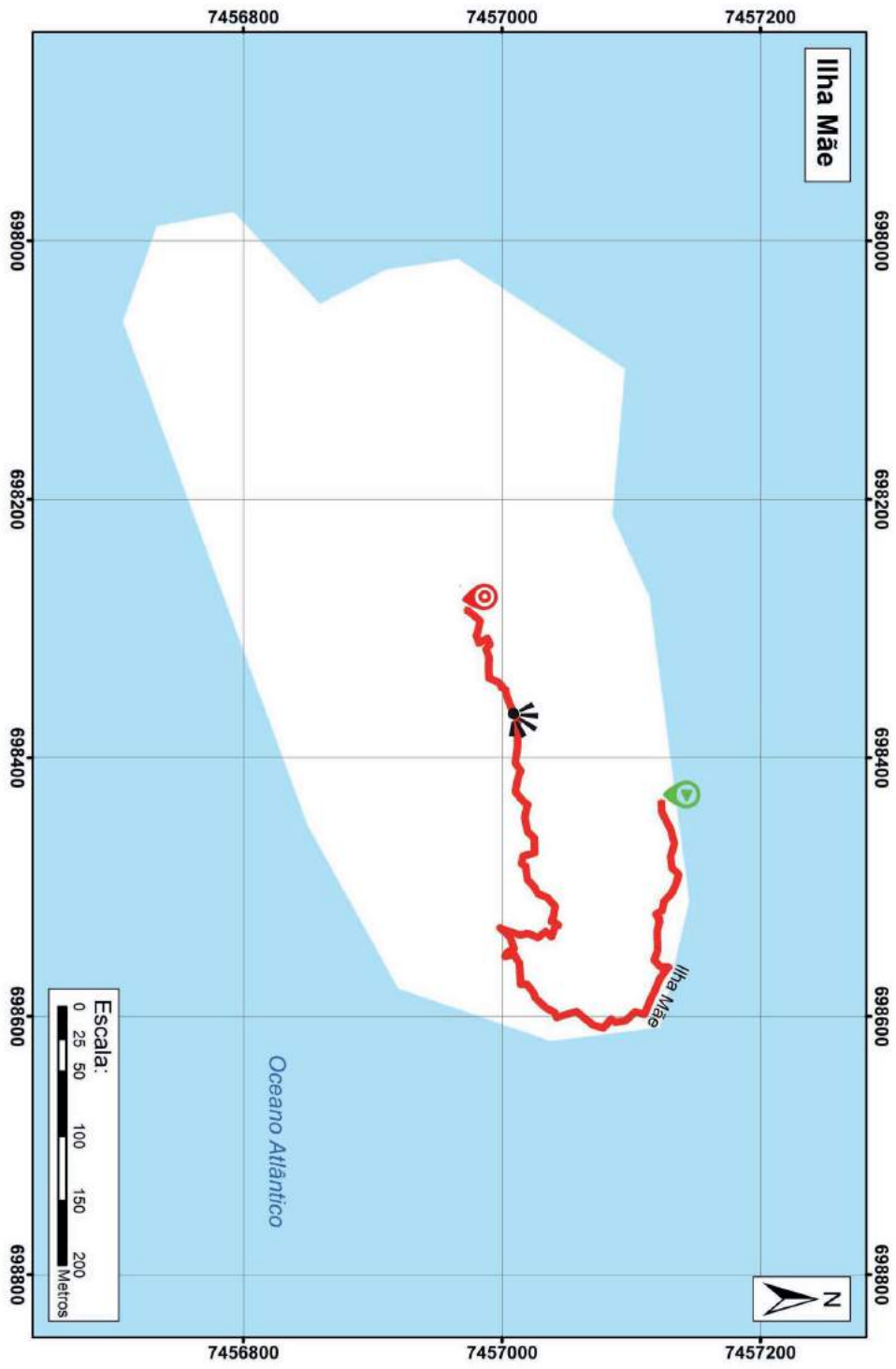
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Banho de mar e prática de snorkel. Bela vista para a orla da Região Oceânica e parte da Serra da Tiririca





Descrição geral

Uma caminhada agradável, onde a principal atração é o mar. Muitos esportistas vão até a ilha remando em seus caiaques ou stand ups. Outros vão de barco mesmo. Há possibilidade de contratar algum pescador para levá-lo a Ilha de barco, porém você deve visitar a colônia de pescadores com antecedência para poder agendar e ver a disponibilidade.

Na ilha, existem algumas opções de caminhada: uma é circular a ilha pelo seu costão, tanto para a direita, quanto para a esquerda. Nesse local, selecionamos o percurso que vai até um mirante, quase no topo da ilha.

O caminho segue para a esquerda do ponto onde se desembarca e contorna o costão até que começa a subir em direção ao cume. Há alguns anos, existia um caminho que ia até o ponto mais alto da ilha, hoje ele está tomado pela vegetação.

Início da trilha

Para chegar a ilha, é necessário percorrer quase 4 km de barco, caiaque ou stand up. Desembarcando na ilha, siga para a esquerda até ver uma entrada entre a vegetação, que dá acesso a um trepa pedra e uma corda fixa para auxiliar a subida (foto 1).



O caminho

Começando pelo trepa pedra (foto 2), siga subindo por uma corda fixa que serve para auxiliar esse trecho mais íngreme. Ao final da corda, a trilha antiga subia reto, agora é necessário seguir para a esquerda em direção ao costão. Esse trecho pode ter muito capim e está entre a vegetação de pequeno porte. Note que você estará caminhando paralelo a água e quase em linha reta. Ao final, você chegará ao costão, no qual deverá continuar andando, até contorná-lo (foto 3).



Quando chegar a uma parte mais íngreme, onde há um fio de telefone utilizado pelos pescadores para acessar o final de um paredão, você deverá subir em direção ao cume da ilha (foto 4). A partir desse ponto, não existe caminho definido, siga subindo pelo trecho com menos vegetação (foto 5), até estar novamente na direção de onde você desembarcou. Mais à frente, existem algumas palmeiras, de onde se tem um fantástico visual (foto 6).



No local, existem muitas bromélias e há possibilidade de circular entre elas e ir ao lado oposto para apreciar um mirante voltado para o oceano.

Curiosidades

A ilha Mãe, assim como a Menina e Pai, foram anexadas ao Parque Estadual da Serra da Tiririca (foto) em 2012, através do Decreto nº 43.913, de 29/10/2012, somando cerca de 48 hectares ao respectivo parque.



Morro da Peça de Itaipú

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 30 min	 1.478 m	 0 m	 67 m	 67 m	 74 m / -24 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (701.209, 7.461.400)

Fim: 23K (700.153, 7.460.960)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



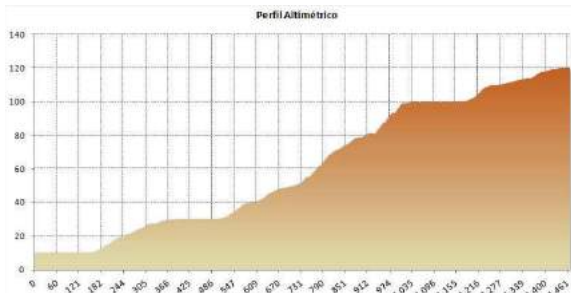
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

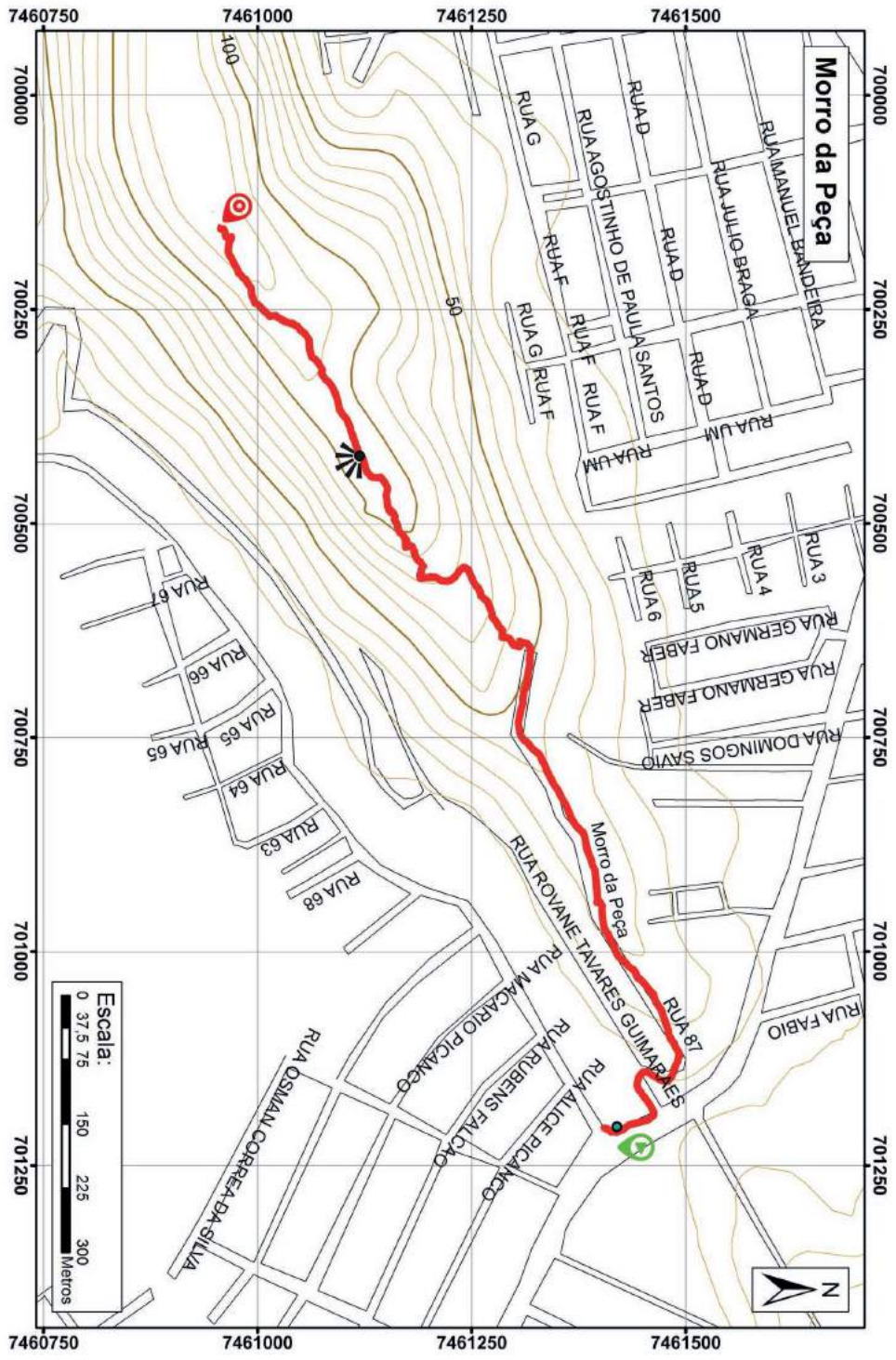
Piso: Regular



Principais atrativos

Bela vista da Lagoa de Itaipu, Morro das Andorinhas, Costão de Itacoatiara, Mourão e Serra da Tiririca e Pedra do Cantagalo. Foto Tirada do Cume do Morro da Peça.





Morro da Peca

Escala:
0 37,5 75
150 225 300
Metros





Descrição geral

Trilha leve, situada no coração da Região Oceânica de Niterói. Do ponto mais alto, cerca de 75 metros, temos uma ampla vista da Região Oceânica e da Laguna de Itaipu.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha 38, Itaipu, da Viação Pendotiba e descer no ponto do Supermercado Diamante, antigo Rincão Gaúcho. A rua de acesso fica antes desse mercado.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. A sua esquerda, verá o Colégio Pensi. A rua de acesso fica quase em frente a esse colégio, antes do Supermercado Diamante, antigo Rincão Gaúcho.

Início da trilha

O início fica no final da Rua Procurador Afrânio Moreira. Para acessá-la, antes de chegar ao Supermercado Diamante, antigo Rincão Gaúcho, entre na Rua Rovane Tavares Guimarães (antiga Rua 85) e vire a primeira à direita (foto 1).

O caminho

Entre na Rua Rovane Tavares Guimarães, e vire a primeira à direita, na rua Procurador Afrânio Moreira. Siga subindo até o final. Entrando no portão (foto 2), que fica ao lado do reservatório de água da empresa “Águas de Niterói”. Siga no caminho bem definido, que no trecho inicial vai paralelo a uma cerca (foto 3). Siga subindo até que chegará a uma área mais aberta. Nesse ponto, siga para a esquerda e continue subindo levemente até chegar a um costão. Siga subindo até ao cume. A vista para a Lagoa de Itaipu é fantástica. Mais ao fundo temos o Morro das Andorinhas e o Costão de Itacoatiara. Desse ponto, podemos ver o quanto alguns loteamentos avançaram sobre a área da lagoa.

A maioria que frequenta o Morro da Peça encerra a caminhada por aqui. Mas há possibilidade de continuar caminhando em um ambiente bem agradável em meio a mata. Continue em frente até entrar na mata novamente. Note que esse início está um

pouco mais fechado. Seguindo o caminho, terá uma saída discreta para a esquerda, que se não estiver muito atento, passa despercebida. Ela chega a um mirante que está totalmente encoberto pela vegetação, tendo pouca visão da Lagoa de Itaipu.

Seguindo na trilha principal, virá uma bifurcação. Saindo para a direita, seguirá descendo por um caminho bem definido até chegar ao Clube Espanhol. Evite esse caminho, a não ser que já tenha combinado com a administração do clube. Seguindo para a esquerda, o caminho segue entre curvas e vai ficando fechado, até perder completamente o rastro entre a vegetação. Só siga adiante se tiver boa experiência em orientação.

Curiosidades

O Morro da Peça (Foto), foi incluído aos limites do Parque Estadual da Serra da Tiririca através do decreto Nº 43.913 de 29 de outubro de 2012.



Setor PESET Itacoatiara

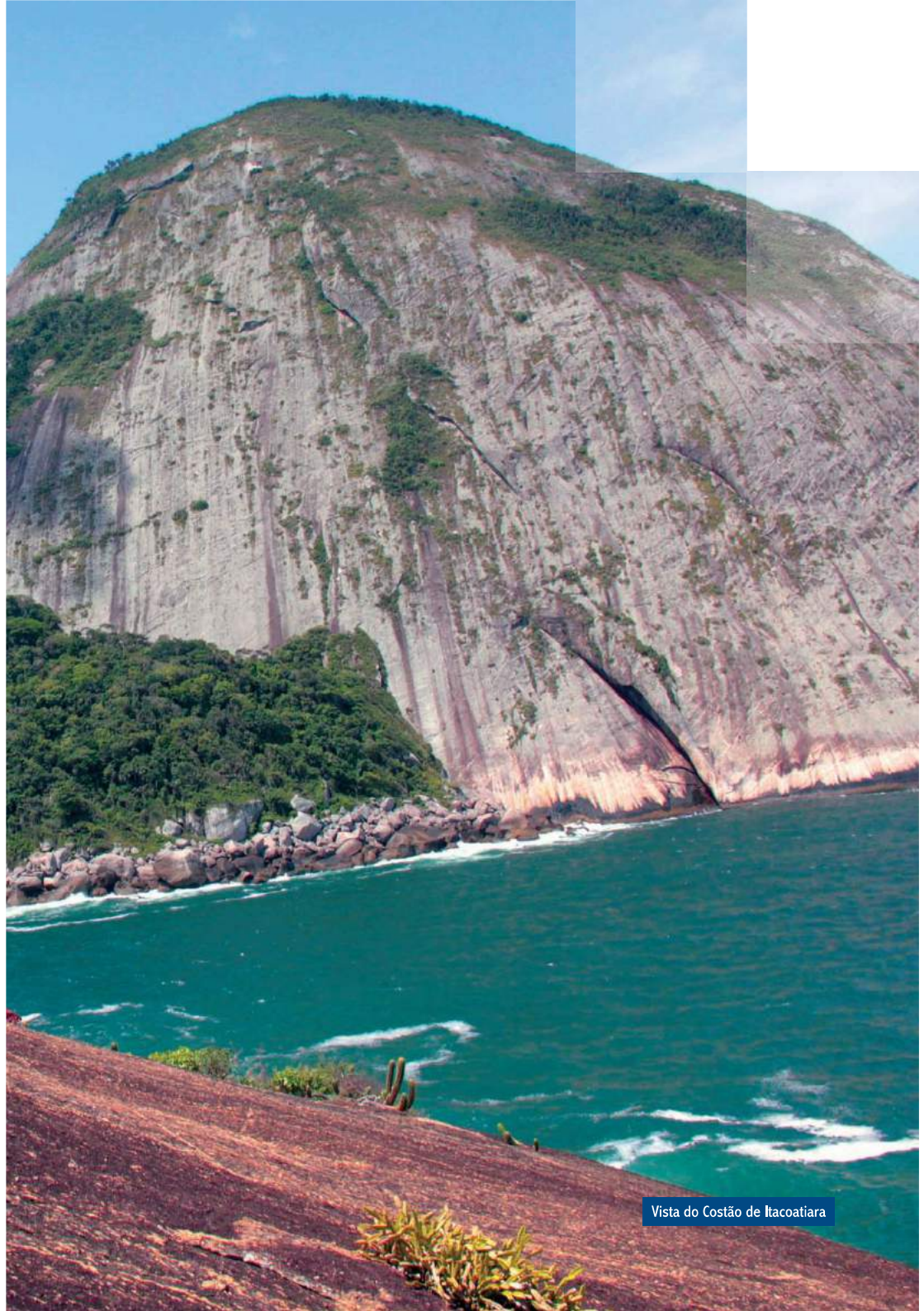
Informações gerais

No setor temos as trilhas mais frequentadas do município. A facilidade de acesso aliada a vista fantástica são os aspectos fundamentais para esse fenômeno. O Costão de Itacoatiara chegou a ter a visita de 1.500 pessoas em um único final de semana de 2015. São 4 roteiros distribuídos em aproximadamente 10 km de trilhas.

Itacoatiara é o berço da escalada na cidade, lá estão concentradas a maioria das vias. As ondas da praia de Itacoatiara são conhecidas internacionalmente, sendo palco de diversos campeonatos de surf e bodyboard. Além desses esportes, o local ainda reúne praticantes de Highline, SpeedFly, Base Jump e muito mais.

Tanto a trilha do Bananal quanto a do Costão que possuem o mesmo início, tem restrição de horário, sendo importante entrar em contato com a administração do parque para maiores informações. Muita gente curte a bela praia de Itacoatiara e sobe o Costão no final do dia e outros optam por subir bem cedo e depois refrescar-se nas águas da bela praia de Itacoatiara.





Vista do Costão de Itacoatiara

Como chegar à Sub Sede do Parque Estadual da Serra da Tiririca

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 38 (Itaipu), da viação Pendotiba. No DPO de Itacoatiara, seguir a rua principal, de nome Matias Sandri e virar à esquerda na Rua das Rosas (última rua antes da praia). Seguir nela até o final. A Sub Sede do Parque estará a sua esquerda. A partir do DPO, são aproximadamente 1 km de distância.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Quando passar pelo Corpo de Bombeiros, fique atento. Virá a entrada para Itaipuaçu e logo em seguida a entrada para Itacoatiara. Vire à esquerda na rótula e entre na Rua Matias Sandri. Passará pelo DPO de Itacoatiara e seguirá até a praia. Vire à esquerda e siga reto. Ao final, fará uma curva à esquerda, entrando na Rua das Papoulas. A entrada do Parque ficará sua direita.

Curiosidades

Ita (pedra) + cuatiara (risco, desenho, inscrições) duas palavras da língua Tupi que juntas significam “pedra escrita”, “pedra riscada” ou “pedra pintada” são a origem deste recanto especial, originalmente habitado pelos índios Tamoios. A sua privilegiada geomorfologia costeira, isto é, a praia, a enseada e os costões rochosos, além de sua vegetação de restinga junto à praia, tornam o local um dos principais pontos turísticos do município. Tem como limites os maciços costeiros da Serra da Tiririca, que fazem divisa com o município de Maricá e, por outro lado, o Morro das Andorinhas, que a separa do bairro de Itaipu.

O Alto Mourão, ponto culminante da Serra da Tiririca e ponto mais elevado da cidade de Niterói com seus 412 metros era conhecido como “Falso Pão de Açúcar” porque embora os navegantes o avistassem primeiro, não era este o rochedo que indicava a entrada da Baía de Guanabara.

O acesso à parte central do bairro se faz por uma única via, a entrada de Itacoatiara, que recebe o nome de Mathias Sandri a partir do posto policial. Mathias Sandri e Francisco Felício foram os proprietários de grande parte da região e os responsáveis pelo loteamento que deu origem ao bairro.

O empresário Mathias Sandri, descendente de austríacos, fazia constantemente viagens de avião para Cabo Frio, para os fins de semana, e ficava sempre encantado quando sobrevoava a região de Itacoatiara, por isto resolveu partir para uma viagem por terra, via Várzea das Moças, para conhecer o local que tanto admirava. Nessa época Itacoatiara ainda fazia parte do município de São Gonçalo. Consta que gostou tanto que comprou boa parte da área, no dia 19 de agosto de 1938, de Dona Etelvina Elisa de Souza. No dia 7 de



outubro de 1938 comprou mais uma área, agora de propriedade de João Neves de Souza e sua esposa, Dona Maria de Lourdes Costa de Souza, passando a ser proprietário de aproximadamente 70% da área. O restante era de propriedade de Francisco Felício.

Toda a área foi loteada, sendo que a maioria dos lotes tinha dimensões de 15 m x 30 m, dando início ao seu povoamento na década de 1940. Para incentivar o veraneio, Mathias e outros moradores de Itacoatiara fundaram na década de 1950 o Pampo Clube, em um terreno à beira-mar.

A energia só chegou ali no ano de 1958, após uma solicitação de Mathias à antiga Cia Brasileira de Energia Elétrica; já o sistema de distribuição de água era caro e difícil de implementar, então os moradores perfuraram poços artesianos em suas residências, pois já tinham energia elétrica para ligar as bombas.

A urbanização do bairro se completou na década de 70, quando o diretor do Jardim Botânico de Niterói se mudou para Itacoatiara. Nesta ocasião, as ruas do bairro foram arborizadas e todas elas receberam nomes de árvores e flores dados por ele. As características naturais de Itacoatiara, além de ser um recanto protegido, atraíram os novos proprietários e as primeiras construções foram “casas de praia”.

Ainda nos limites do bairro, encontramos o estrada Gilberto de Carvalho, conhecida também como Estrada da Serrinha, que se dirige a Itaipuaçu, no vizinho município de Maricá, estabelecido a partir de antigas trilhas. Neste caminho, em sua confluência com a Estrada Francisco da Cruz Nunes, encontra-se uma pequena capela erigida em louvor a Nossa Senhora da Conceição e o Armazém Fiel.

O Armazém Fiel, que fica ao lado da Capela de Nossa Senhora da Conceição, é um dos mais antigos redutos dos sitiantes tradicionais da Serra da Tiririca. O local foi ponto principal de passagem das diversas tropas de burros que cruzavam a cidade de Niterói, antes mesmo da década de 20, vendendo banana, aipim, diversas frutas, legumes e matérias primas da Serra da Tiririca. É uma construção de estilo popular do período colonial, com influências da arquitetura mineira do século XVIII, com estrutura em madeira, é portanto, uma casa centenária. Há registros de que no período colonial este fora usado como meio de acesso para as autoridades da corte de D. João VI (conforme consta da história do Barão de Inoã). Em documentos do Instituto Histórico e Geográfico existem informes de esse caminho foi visitado por D. João VI e que ele teve que seguir a pé no trecho perigoso da serra, pois temia que sua carruagem virasse.

Costão (Morro do Tucum) com Pata do Gato

Duração



2 h

Distância



2.815 m

Altitude Inicial



37 m

Altitude Máxima



200 m

Altitude Final



24 m

Desnível



165 m / -178 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (702.205, 7.458.060)

Fim: 23K (702.492, 7.457.340)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

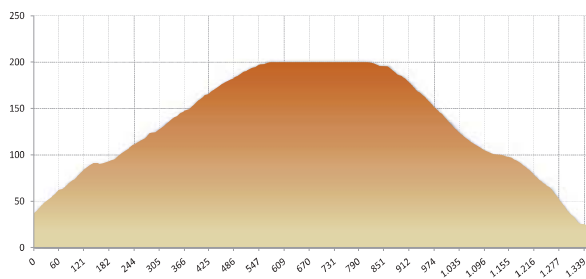


Risco: Pequeno

Obstáculos: Pequenos Obstáculos

Piso: Irregular e Uso das Mãos

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista panorâmica para a praia de Itacoatiara, Morro das Andorinhas, Montanhas do Rio de Janeiro e Praia de Itaipuçu. Foto: Cume do Morro do Tucum.



Costão (Morro do Tucum) com Pata do Gato



Descrição geral

O início da trilha é na densa floresta e seu leito está muito bem definido. Depois, seguirá em um costão de pedra sem abrigo do sol, devendo o caminhante avaliar suas condições técnicas para vencer as diversas passagens que encontrará pelo caminho. A maioria das pessoas encerram a caminhada no cume do Costão, mas esse roteiro o levará até a Pata do Gato, na face sul desta montanha.

Horário de visitação: terça-feira a domingo, de 8 às 17h.

Em dias de chuva, as trilhas do Costão/Bananal costumam ser fechadas pela administração do parque. Entre em contato antes pelo telefone: (21) 2709-9176.

Início da trilha

A trilha inicia-se na sub sede do Parque Estadual da Serra da Tiririca (foto 1), que fica na Rua das Rosas, nº 24, limite com a Rua das Papoulas e ao lado da Clube da AFEA – Associação Fluminense de Engenheiros e Arquitetos.



1

O caminho

Para seguir na trilha, deve-se assinar no livro de visitas que fica logo na entrada do parque. Siga subindo com um muro a sua direita. Note que o caminho é cheio de pedras. Mais acima, chegará ao Núcleo de Montanha do Clube Niteroiense de Montanhismo. Passando por ele, continuará subindo passando por grandes árvores em meio a densa floresta. A subida é forte, porém curta e em poucos minutos estará num largo com alguns bancos. Esse ponto é o qual chamamos de Marco Zero (foto 2). Nele você poderá optar por continuar descendo até ao Bananal ou virar à esquerda em direção ao Costão de Itacoatiara.



2

Como nosso objetivo é o Costão, vire à direita e chegará ao ponto onde muitas pessoas desistem (foto 3). A partir daí, siga se realmente tiver condições de subir. Recentemente, alguns acidentes aconteceram devido ao aumento do número de visitantes inexperientes que se lançam nas trilhas, munidos de pouca informação e preparo. Esse é um local que vem sofrendo com o aumento da visitação. Subindo a rampa de pedra, evite utilizar a vegetação como apoio. Mais acima terá um bloco de pedra, passe pela direita e vire à esquerda em outra passagem delicada. Olhando para trás, já terá uma impressionante vista do Morro do Telégrafo e Alto Mourão.

3



A partir daí, subirá mais um pouco e alguns optam por seguir reto em outra passagem íngreme e delicada, mas vire à direita e caminhe no limite entre a vegetação e a rocha. Não há mais abrigo do sol. Mais acima, verá que o caminho segue subindo levemente para a esquerda. A vista a partir daí torna-se fantástica. Chegando ao cume, já podemos ver toda a praia de Itacoatiara, Morro das Andorinhas e Montanhas do Rio de Janeiro. Do outro lado vemos Itaipuaçu e Barra de Maricá até Ponta Negra.

A maioria termina a caminhada por aqui, mas nosso roteiro continua seguindo pelo cume entre a vegetação e a laje de pedra até o final, onde encontramos um caminho. Seguindo-o, contornamos a vegetação até estarmos no lado oposto ao que chegamos, já não vendo mais a praia de Itacoatiara. Olhando para baixo, verá uma pequena elevação e a continuação do Costão, o local que chamamos de Pata do Gato. A partir daí a caminhada é num costão e não há caminho definido. Fique atento com as condições do tempo, pois se chover, a volta torna-se complicada, aumentando o risco.

Siga descendo até chegar a uma parte plana onde há uma pequena trilha em meio a vegetação rasteira. Note uma parte com árvores maiores a sua esquerda. Seguirá por uma laje e haverá uma saída a sua direita. Siga descendo até chegar bem próximo ao mar. Lá, você verá a Enseada do Bananal por um outro ângulo e estará de frente para a praia de Itaipuaçu. Aproveite para descansar e curtir barulho das ondas!

Curiosidades

O Costão de Itacoatiara, também é conhecido como Morro do Tucum. O Tucum é uma espécie de palmeira, que ainda é encontrada no local. Foi utilizada tanto pelas populações pré-históricas quanto pelos seus sucessores tamoios, seja no consumo da água e polpa de seu fruto seja na utilização das fibras para confecção de redes e cordas, e ainda na obtenção de tinta para o corpo (que era produzida através da queima das folhas).

Alto Mourão Visto da Pata do Gato.



Caminho de Volta da Pata do Gato



Enseada do Bananal

Duração



1 h 30 min

Distância



1.826 m

Altitude Inicial



36 m

Altitude Máxima



144 m

Altitude Final

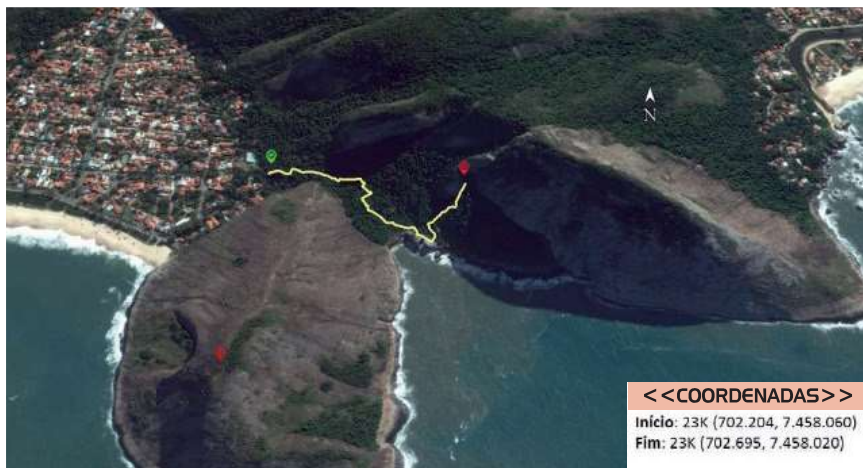


144 m

Desnível



206 m / -98 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (702.204, 7.458.060)

Fim: 23K (702.695, 7.458.020)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

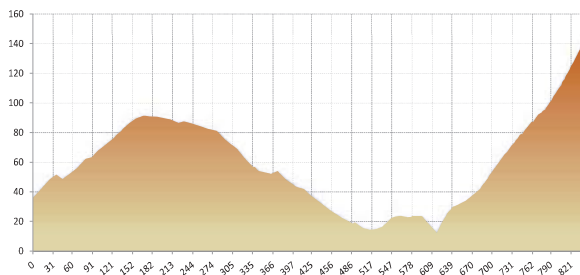


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

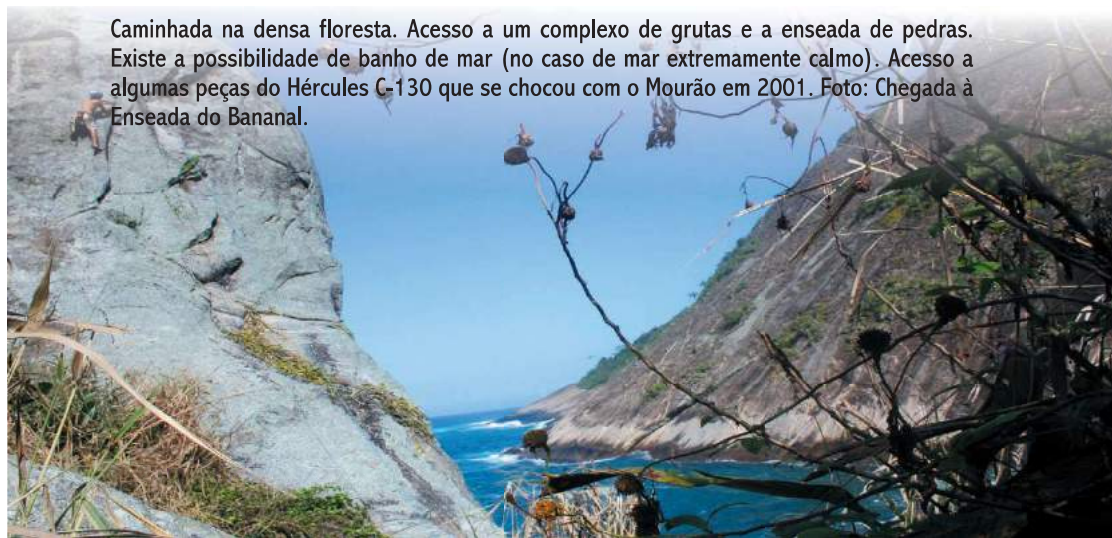
Piso: Regular

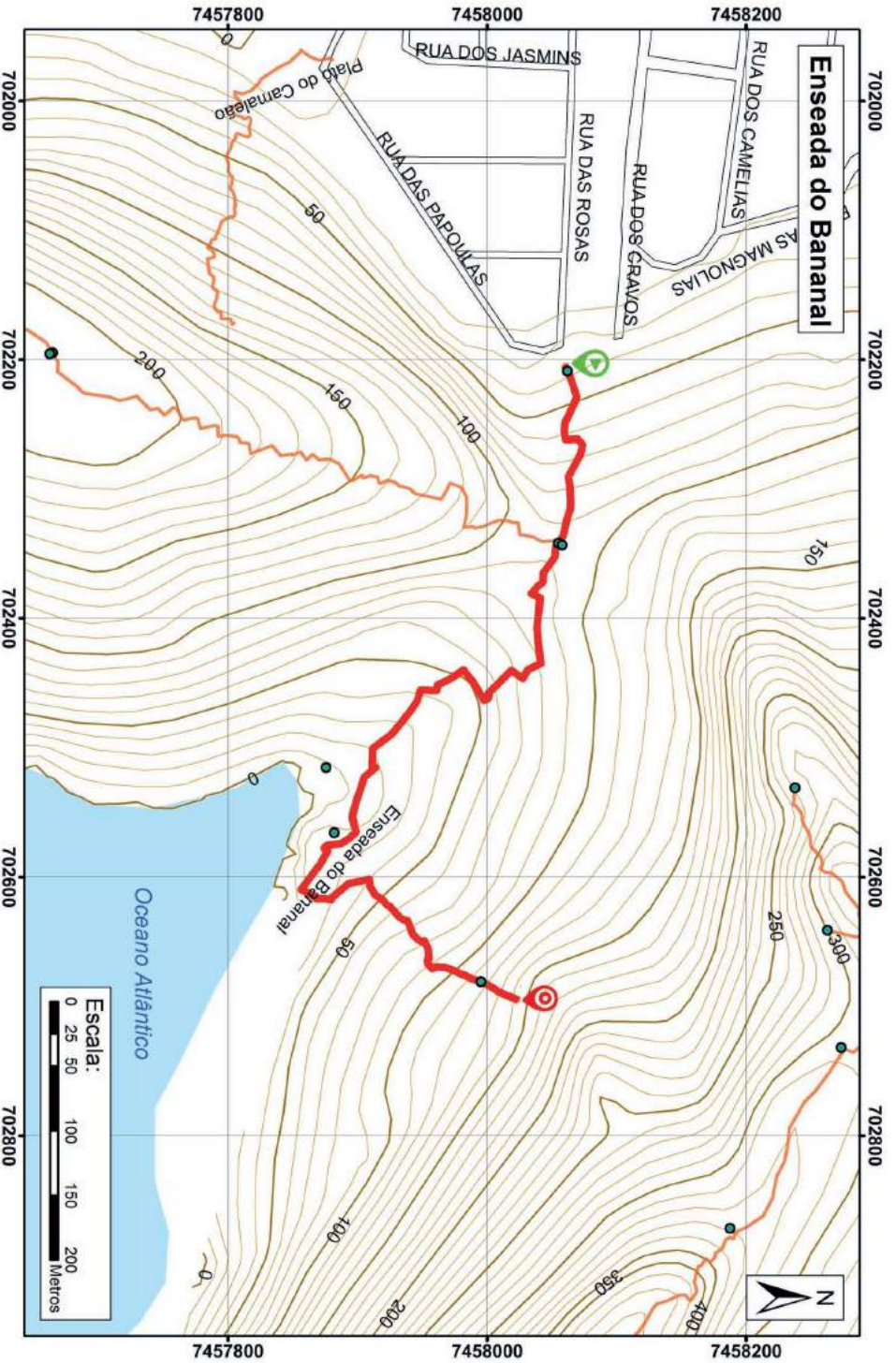
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Caminhada na densa floresta. Acesso a um complexo de grutas e a enseada de pedras. Existe a possibilidade de banho de mar (no caso de mar extremamente calmo). Acesso a algumas peças do Hércules G-130 que se chocou com o Mourão em 2001. Foto: Chegada à Enseada do Bananal.





Descrição geral

A trilha é toda feita na densa floresta e seu leito está muito bem definido. Subirá em seu trecho inicial e depois seguirá descendo até o nível do mar novamente. Muitas pessoas encerram a caminhada lá na enseada, mas há muito a explorar no local. Reserve uma manhã, principalmente se o mar estiver bem calmo. Há possibilidade de um belo mergulho e prática de snorkel no local. A Enseada do Bananal fica entre à Face Leste do Costão de Itacoatiara e Face Sudoeste do Alto Mourão. É muito frequentado por escaladores e praticantes de Rapel, “highliners”, devido a quantidade de grandes blocos de pedra. No local existe o Campo Escola de Escalada Helmut Heske, batizado em homenagem ao grande montanhista niteroiense, apaixonado pela beleza local.

Horário de visitação: terça-feira a domingo, de 8 às 17h.

Em dias de chuva, as trilhas do Costão/Bananal costumam ser fechadas pela administração do parque. Entre em contato antes pelo telefone: (21) 2709-9176.

Início da trilha

A trilha inicia-se na sub sede do Parque Estadual da Serra da Tiririca (foto 1), que fica na Rua das Rosas, nº 24, limite com a Rua das Papoulas e ao lado do Clube da AFEA – Associação Fluminense de Engenheiros e Arquitetos.





5



6



7



8

O caminho

Para seguir na trilha, deve-se assinar no livro de visitas que fica logo na entrada do parque. Segue subindo com um muro a sua direita. Note que o caminho é cheio de pedras. Mais acima, chegará ao Núcleo de Montanha do Clube Niteroiense de Montanhismo. Passando por ele, continuará subindo passando por grandes árvores em meio a densa floresta. A subida é forte, porém curta e em poucos minutos estará num largo com alguns bancos. Esse ponto é o que chamamos de Marco Zero (foto 2). Nele você poderá optar por continuar descendo até ao Bananal ou virar à esquerda em direção ao Costão de Itacoatiara.

Como nosso objetivo é o Bananal, siga descendo por um caminho definido e chegará a uma pedra bem interessante, formando um teto como se fosse uma marquise. Ela, dependendo da posição que se olhe, tem a forma da cabeça de um rinoceronte, tente ver! A descida vai serpenteando até chegar a uma enorme figueira e logo após ela, uma pequena ponte de madeira. Mais adiante, a sua esquerda um complexo de grandes blocos de pedra. Nesse ponto, existe grande sistema de pequenas grutas e passagens estreitas que vale a pena a visita. Mas tome cuidado ao entrar. Marque bem o local de entrada para não se perder. Continuando a descida você chegará a uma placa em uma bifurcação. Pegue a sua esquerda e chegará de frente a um enorme bloco de pedra com uma enseada de pedras a sua direita. Você estará na Enseada do Bananal. Esse bloco é chamado de Bloco Principal (foto 3), e junto com outros, forma o Campo Escola Oskar Helmut Heske, local muito utilizado para escalada, rapel e highline. Olhando a sua direita, você verá face leste do Costão de Itacoatiara e à esquerda, a Agulha Guarishci (foto 4). Olhando para cima, vê-se claramente a cabeça de uma tartaruga. A Agulha Guarischi é um dos pontos mais cobiçados pelos escaladores e seu cume só é alcançado através de escalada. Continuando a caminhada, siga à esquerda do bloco principal, até umas árvores (foto 5). Nesse ponto há algumas possibilidades, dentre elas:

1 – Acessar o cume do Bloco Principal: Suba pela lateral e chegando ao cume do bloco principal, você pode ver uma grande fenda com cerca de 30 metros de altura. Um visual ímpar. Um belo local para um descanso;

2 – Acessar a parte de baixo da fenda e a enseada de pedras: Antes da subida para o Bloco Principal, de costa para ela, olhe diagonalmente à direita e veja uma gruta (foto 6). Entre nela e passe para o outro lado seguindo até a ponto de onde se vê toda a fenda. Você estará na beira do precipício. Vire à esquerda e depois comece a descer um caminho muito delicado e perigoso (foto 7). Você terá que utilizar os braços e pés para conseguir vencer os obstáculos. Mas antes de continuar, pense na volta... Descendo, você verá uma outra gruta a sua direita e outra enseada de pedras a sua esquerda. Entrando nessa gruta, você seguirá por um corredor fechado até estar no fundo da grande fenda. Olhe para cima e verá realmente a altura. No final desse corredor tem a Gruta dos Elfos.

3 – Destroços do Hércules C-130: De costa para o bloco principal, siga subindo um caminho pouco definido e com um grande bloco de pedra à sua direita. Mais a frente, virá uma discreta saída à direita, não entre, continue subindo. Mais acima, virá uma saída à esquerda. Novamente não entre, continue subindo. Note que o caminho fica mais fechado e a trilha fica menos definida. Muito cuidado para não perder o rastro. Note que mais acima, você irá se aproximar da rocha, à sua esquerda, começando um trepa pedra bem delicado. Existem várias partes espalhadas pelo local (foto 8). Siga subindo e estará na base do Alto Mourão. Olhando para cima, verá a “Cabeça da Tartaruga”. Fique atento com o horário, pois com pouca luz, o caminho de volta torna-se mais difícil.

Curiosidades

Da Enseada do Bananal, também se tem uma vista peculiar da Agulha Guarishci, apelidada por muitos como Pedra Tartaruga, devido ao seu formato. Lá de baixo, vemos claramente o casto e a cabeça da Tartaruga. Esse pedra é um marco para o montanhismo niteroiense, sendo a primeira via de escalada conquistada em nossas terras. Sua conquista levou cerca de 5 anos, divididas em 11 investidas, todas elas realizadas pelo Centro Excursionista Carioca – CEC, lideradas por Tadeusz Hollup.

O avião C-130 Hércules da FAB, com nove tripulantes, explodiu no início da tarde de 27/09/2001, depois de colidir com o Alto Mourão (Pedra do Elefante). De acordo com a Aeronáutica, a aeronave realizava um vôo experimental, saindo da base do Campo dos Afonsos, na zona oeste do Rio, às 9h30. O avião estava retornando quando se chocou com a serra, entre o costão do Itacoatiara e a Pedra do Elefante, a cerca de 400 m de altitude, às 12h15. O voo fazia parte do treinamento de pilotos. O C-130 Hércules pertencia ao 2º Esquadrão do 1º Grupo de Transporte de Tropa da Base Aérea dos Afonsos, em Marechal Hermes (zona oeste). De acordo com testemunhas, havia uma neblina intensa no local no momento do acidente. Elas contaram que o estrondo foi tão forte que o chão chegou a tremer no momento da explosão. Parte dos destroços se espalharam pelo local.

Platô do Camaleão

Duração



45 min

Distância



766 m

Altitude Inicial



8 m

Altitude Máxima



137 m

Altitude Final



135 m

Desnível



137 m / -10 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (701.968, 7.457.880)

Fim: 23K (702.172, 7.457.800)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



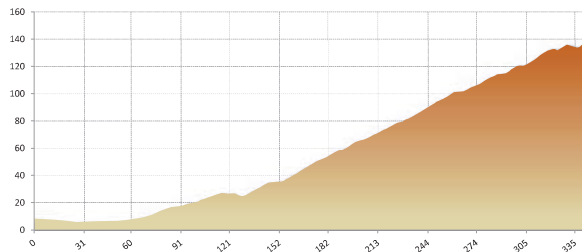
Insolação: Alta



Risco: Alto

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Irregular e Uso das Mãos

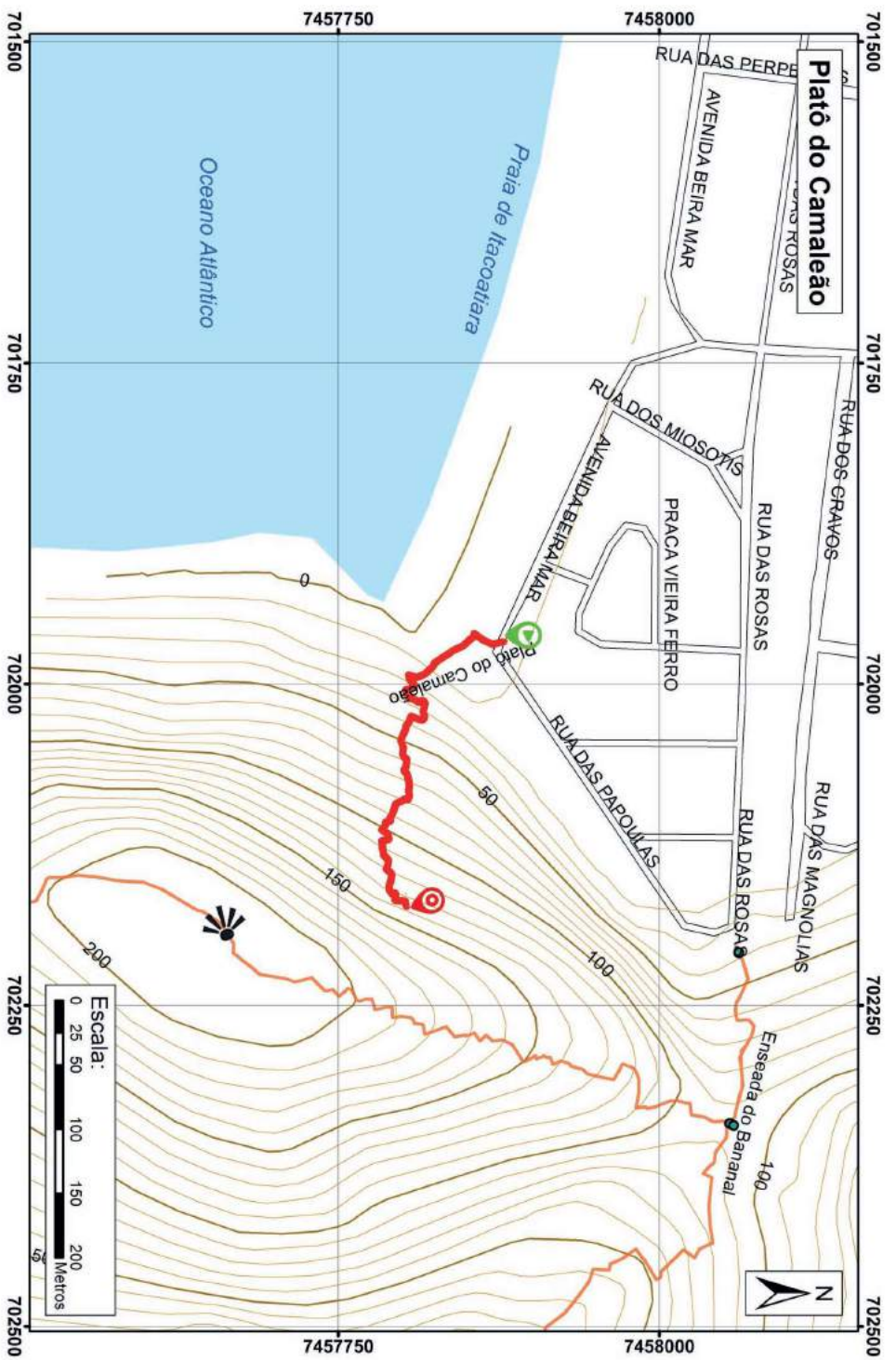
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Acesso a um belo platô com uma bonita vista para a praia de Itacoatiara. O por do sol deste local é fantástico.





Descrição geral

Não há trilha definida e a subida é feita por um costão. Deve-se seguir o caminho menos íngreme para se chegar ao platô. Só suba se realmente tiver condições técnicas. Já aconteceram graves acidentes no local.

Início da trilha

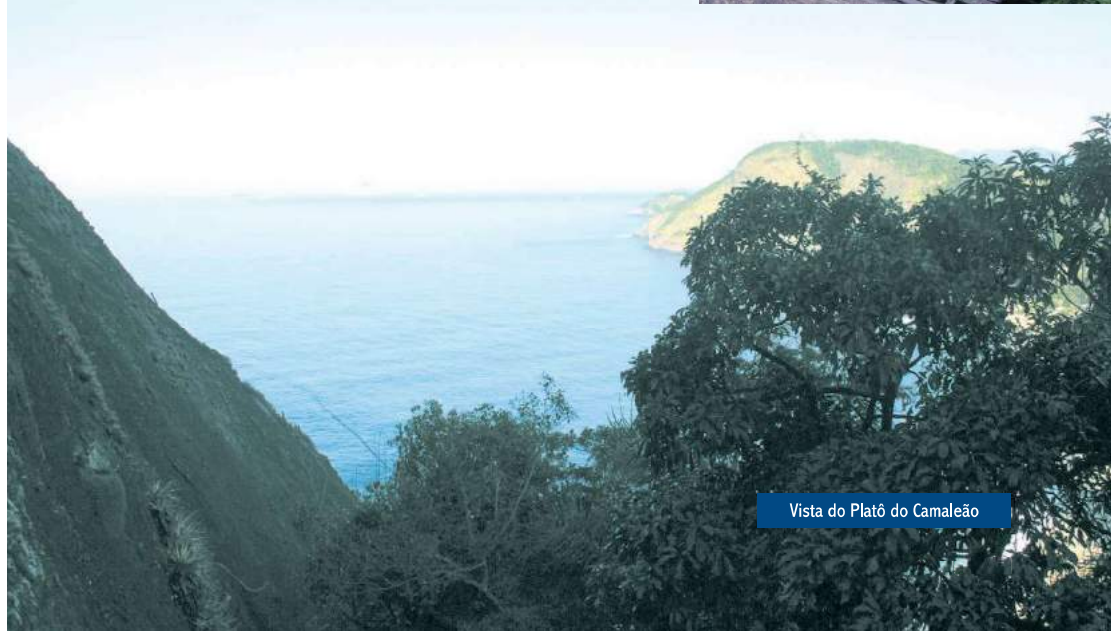
O início fica bem na areia da praia, onde o costão de pedra a encontra.

O caminho

Como o caminho é pelo costão de pedra, não está definido, cabendo ao caminhante escolher a melhor opção. Existem trechos bem íngremes e só suba se tiver experiência nesse tipo de terreno. O acesso é feito pela direita do platô.

Curiosidades

O Platô Camaleão já foi mais frequentado, principalmente na época onde se praticava o Surf de Montanha, que consistia em descer a montanha dando saltos e manobras, semelhantes ao surf mesmo. O esporte foi muito praticado entre as décadas de 80 e 90.



Vista do Platô do Camaleão

Alto Mourão (Pedra do Elefante)

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 2 h	 4.606 m	 161 m	 390 m	 287 m	 328 m / -203 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (702.808, 7.459.220)
Fim: 23K (703.247, 7.457.940)



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



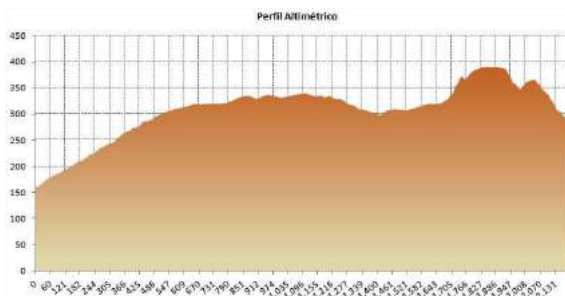
Insolação: Baixa



Risco: Moderado

Obstáculos: Com Obstáculos

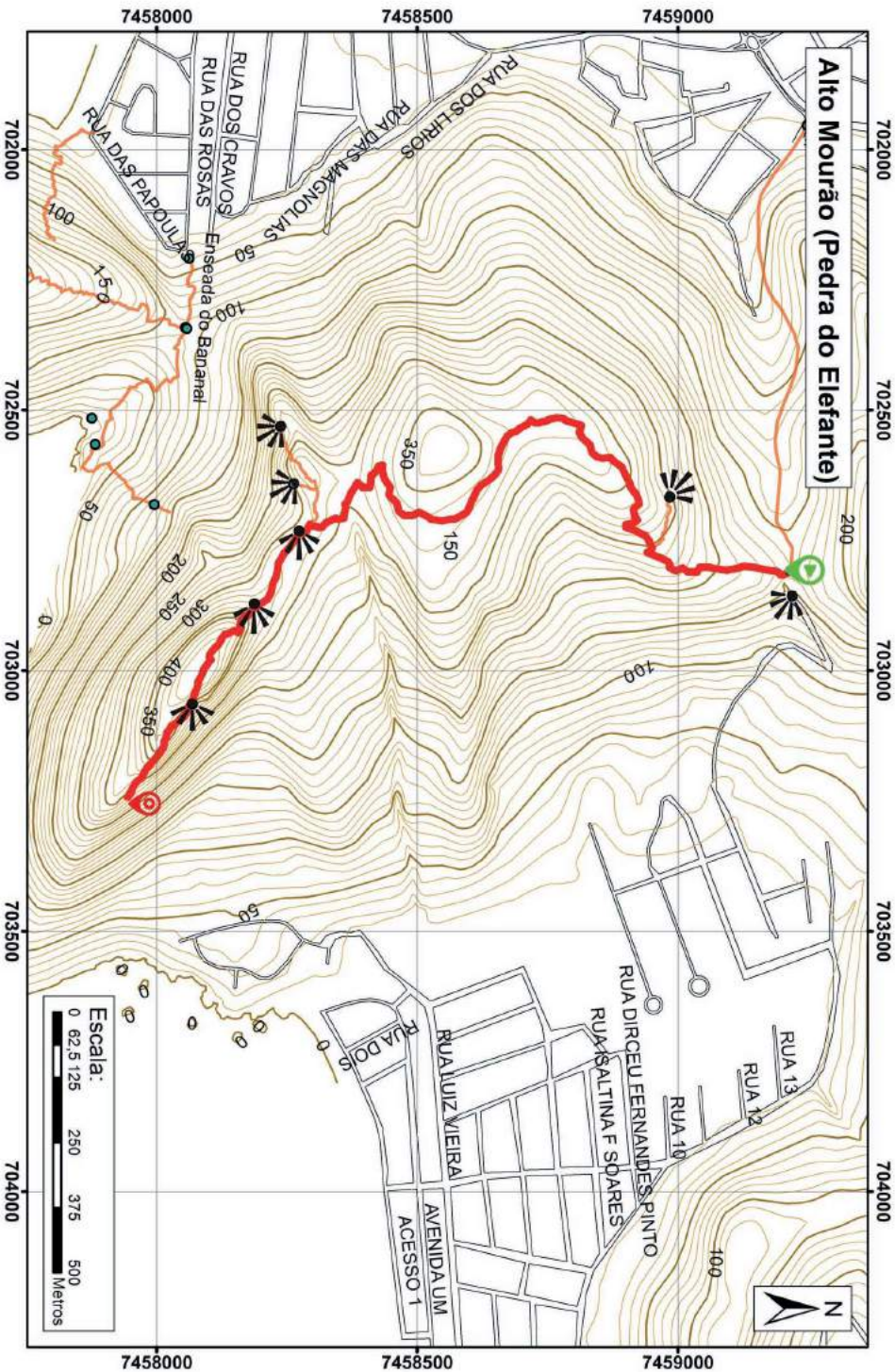
Piso: Irregular e Uso das Mãos



Principais atrativos

Vista panorâmica para a região de Maricá, Niterói e Rio de Janeiro. Belos mirantes ao longo do caminho.





Alto Mourão (Pedra do Elefante)

Escala:
0 62.5 125 250 375 500
Metros



Mirante de Itaipuaçu

Descrição geral

Sem dúvidas uma das melhores trilhas da região. São aproximadamente 2,2 km para alcançar os seus 412 metros de altura. Começa subindo e vai serpenteando por entre a densa floresta. O leito da trilha segue bem definido durante todo o percurso e não há bifurcações relevantes. Passará por alguns belos mirantes como o Mirante do Carmo, o do Telégrafo e o de Itacoatiara, além de ter opção de visitar a Gruta da Solidão. Na parte final, existem alguns trechos de escalada e trepa pedras que é aconselhável o uso de equipamento de segurança para os menos experientes. Essa é a única trilha do setor que não utilizará a sub sede do Parque Estadual da Serra da Tiririca como referência, sendo necessário fazer um outro caminho, seguindo em direção ao Mirante de Itaipuaçu.

Como chegar ao Mirante da Serrinha

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 38 (Itaipu), da viação Pendotiba e descer na entrada da Rua Gilberto Carvalho, mais conhecida como Estrada da Serrinha de Itaipuaçu. Nesse local, há um posto de gasolina. Até o início da trilha, é uma subida forte de aproximadamente 1 km.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à direita e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Quando passar pelo Corpo de Bombeiros, fique atento. Virá a entrada para Itaipuaçu. Entre nela e suba até o Mirante. É uma subida bem íngreme. Existem poucas vagas para estacionamento e o local para manobra é muito precário. Muita gente costuma deixar o carro estacionado perto do posto de gasolina, subindo a pé.

Início da trilha

O início fica alguns metros antes de chegar ao Mirante da Serrinha de Itaipuaçu. No local existe uma placa do Parque indicando o início da trilha (foto 1).

O caminho

Ao lado da placa informativa do parque, está o início da trilha. Segue subindo por uma trilha com leito bem definido, ficando assim por toda a sua extensão. A trilha vai serpenteando por entre a floresta e logo virá uma grande pedra a sua esquerda. Logo acima, numa curva para a esquerda, você verá a sua direita, uma picada que leva em direção a uma laje de pedra. Esse é a saída para o Mirante do Carmo (foto 2). O local foi acessado por Leandro do Carmo na conquista da via de escalada Bruno Silva, no ano de 2013. Para acessar o mirante, deve-se pegar o costão e seguir por uma espécie de corredor entre a vegetação. Note que em alguns pontos, a laje ganha inclinação. Siga em frente até encontrar um grande buraco, em forma de bacia. Nesse ponto dá para apreciar uma bela vista da Praia de Itaipuaçu, Lagoa de Itaipu e a praia de Camboinhas. Lembre-se que o tempo e a distância informados para essa trilha, não contempla a ida aos mirantes. Voltando para trilha do Mourão, siga subindo e virá uma laje de pedra numa clareira, com uma vegetação rasteira (foto 3). Siga pela trilha e passará por um bambuzal a sua esquerda. Nesse ponto, você estará subindo levemente. Seguirá caminhando e virá uma descida leve e mais a frente uma acentuada curva para a esquerda. Note que nesse ponto haverá uma descida mais íngreme. Em dias de chuva, esse trecho fica bastante escorregadio. Observe também, que nessa curva acentuada para a esquerda, tem uma saída discreta à direita que não leva a lugar nenhum. Ela some em meio a floresta.

Seguindo o caminho depois dessa descida, voltará a subir e seguirá até uma curva de 90° à esquerda. Nesse ponto, há uma saída à direita onde podemos acessar o Mirante do Telégrafo e a Gruta da Solidão.





Esse é um caminho pouco frequentado. Siga a sua direita em uma discreta saída nessa acentuada curva. Veja que o caminho é mais fechado que o que você estava. Siga nele e haverá uma saída à esquerda, seguindo para baixo. Note bem ao fundo um grande bloco. Essa é gruta do telégrafo. Esse trecho é pouco definido e o rastro do caminho por vezes está imperceptível. Seguindo na trilha, você subirá mais um pouco e logo chegará a um mirante, bem em cima da gruta do Telégrafo. Uma vista diferente do Alto Mourão. Seguindo na trilha ela chegará a um local onde já foi um mirante, hoje tomado pela vegetação.

Voltando a trilha principal do Alto Mourão, virando na acentuada curva para a esquerda e seguindo o caminho natural, você chegará ao Mirante de Itacoatiara. Uma laje de pedra com uma vista fantástica para a parede do Morro do Telégrafo e seus enormes buracos, bem como o Costão e Praia de Itacoatiara. Uma pausa para fotos é obrigatória. Seguindo na trilha, você caminhará num terreno levemente plano até chegar ao ponto chave da caminhada (foto 4). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Só prossiga se realmente tiver condições técnicas de subir. É uma laje de pedra na qual será necessária a utilização de técnicas de escalada. Muitos sobem tranquilos, mas a altura e a exposição impressionam os menos experientes. Siga subindo esse trepa pedras. Você passará por outros lances bem expostos. Mais acima, você estará em um dorso de pedra, mais ou menos na “nuca do elefante” (foto 5). Virá uma pedra a sua direita. Subindo nela, você estará no ponto culminante do município de Niterói. Nela, existe um pequeno marco de bronze, identificando o ponto.

Nesse ponto, basta olhar em volta e terá uma visão 360°. Vista das praias oceânicas de Niterói, lagoas, Parque da Cidade, rio de Janeiro, Serra dos Órgãos, praia de Itaipauçu, Pedra de Itaocaia, Maricá, Inoã, etc.



Continuando, você chegará a uma outra laje (foto 6), o ponto final para a maioria das pessoas. De frente para a praia de Itaipuaçu e Maricá. Existe a opção de continuar a trilha, seguindo descendo até a um outro mirante voltado para o mar. Uma opção para os dias lotados! Porém tome muito cuidado.

Sem dúvidas, uma das melhores trilhas da região!

Curiosidades

O nome Mourão é dedicado a um dos primeiros donos das terras que circundam o monte, Duarte Martins Mourão. Há registros antigos, como um mapa de 1586, desenhado por João Albernaz, identificando-o como Pão de Martim Mourão. Alguns registros também o identificam como o Falso Pão de Açúcar, devido ao fato de ser a primeira montanha avistada antes do verdadeiro Pão de Açúcar, na entrada da Baía de Guanabara, podendo gerar alguma dúvida entre os antigos navegantes.

O Alto Mourão também é conhecido por Pedra do Elefante, pois a partir da praia de Itaipuaçu, vê-se claramente o formato da cabeça de um elefante. Possui 412 metros, sendo o ponto culminante da cidade de Niterói. Parte da trilha segue próximo a linha que divide os municípios de Niterói e Maricá.

Setor PESET Engenho do Mato

Informações gerais

O setor possui dois mirantes fantásticos: o do Alto Colibri e do Bairro Peixoto. Porém o acesso não é dos mais fáceis. Além delas, temos o histórico Caminho de Darwin, na qual o caminhante poderá refazer parte do caminho feito por Charles Darwin, o pai da Teoria da Evolução das Espécies, além de poder visitar a familiar Trilha do Córrego dos Colibris. São aproximadamente 10 km de trilhas.

Além das caminhadas, a região dos Colibris é muito procurada por escaladores, tanto os iniciantes quanto os mais experientes. Como o local está bem próximo ao centro da Região Oceânica, há diversas opções de restaurantes e lanchonetes.

Com exceção do Caminho de Darwin, temos o final da Rua Engenho do Mato como referência para o início das trilhas deste setor.





Vista do Mirante dos Colibris

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha 38A, Engenho do Mato, da Viação Pendotiba. Assim que passar pelo Bombeiro e entrar na Avenida Irene Lopes Sodré, descer no ponto em frente a Rua Engenho do Mato, a segunda rua. Há uma padaria na esquina e essa rua é a única que com canteiro no meio. Siga até o final dela e verá uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca indicando a entrada.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Contornar a rótula que tem próximo ao Corpo de Bombeiros e entrar na Avenida Irene Lopes Sodré. Seguir nela e dobrar a segunda rua à direita, a Rua Engenho do Mato. Há uma padaria na esquina e essa rua é a única que com canteiro no meio. Siga até o final dela e verá uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca indicando a entrada.

Curiosidades

A história do bairro remota à Fazenda Engenho do Mato. A região caracterizava-se como área rural, produtora de hortifrutigranjeiros e pescado para os núcleos urbanos, principalmente do Rio de Janeiro e Niterói. A fazenda foi adquirida pelo casal Fábio de Azevedo Sodré e Irene Lopes Sodré em 1933, por compra realizada a Francisco de Paula Antunes e sua mulher. O casal Sodré manteve o engenho com a produção de aguardente, negociada por atacado.

A FEM era vizinha da Fazenda Itaocaia, ligadas pela antiga Estrada de Itaocaia, frequentada por tropeiros e viajantes em trânsito entre a Vila Real da Praia Grande (hoje Niterói) e as feitorias de Cabo Frio. A estrada também é conhecida como Vai e Vem e foi por ela que, em 1832, o naturalista Charles Darwin passou em sua viagem até Macaé.

Em 1939, o casal Sodré se separa e a parte norte da fazenda coube ao marido, que a vendeu, sendo logo loteada, dando lugar aos loteamentos Jardim Fluminense e Soter Itaipu. A parte sul ficou com D. Irene Sodré, que manteve as atividades da fazenda e administrava os trabalhadores, alguns já residentes na fazenda antes da aquisição pelo casal Sodré e que produziam aguardente, açúcar, lenha, banana e horti-granjeiros

No início da década de 1940, foi descoberta caulim nas terras da fazenda, iniciando a produção de tijolos refratários. Parte da produção destes tijolos foi destinada à construção da Cia. Siderúrgica Nacional. A olaria movimentou muita gente na região do Engenho do Mato: a circulação de caminhões era intensa. Ainda nessa época, a dívida da fazenda cresceu e D. Irene foi obrigada a lotear e vender parte da fazenda, dando origem aos grandes loteamentos dessa área. D. Irene faleceu em 1947 de câncer no sistema linfático,



Vista do Mirante do Bairro Peixoto

aos 50 anos de idade. Finalizando com sua morte as atividades produtivas enquanto fazenda e iniciando um longo processo de urbanização que persiste com inúmeros conflitos até os dias atuais.

A partir dos anos 50, a região passou a ser ocupada por posseiros que desenvolviam atividades agrícolas e acabaram sofrendo ameaças de expulsão com a venda dessas terras, o que só não ocorreu, em função de uma ação governamental que desapropriou a área visando a instalação do núcleo colonial da Fazenda do Engenho do Mato, Decreto nº 7.577 de 2 de agosto de 1961, sendo a primeira tentativa de reforma agrária do país. Tal ação surgiu a partir da tentativa de evitar um possível êxodo dessa população para o centro urbano e também para garantir a continuidade de uma produção agrícola próxima à cidade de Niterói, além de evitar a derrubada da mata existente, rica em madeira de lei. A área desapropriada alcançava aproximadamente 52 alqueires.

Posteriormente, nos anos 70, surgiram os loteamentos que foram responsáveis pela configuração atual do bairro como: Maravista, Soter, Argeu, Fazendinha, Vale Feliz e Jardim Fluminense.

Córrego dos Colibris

Duração



10 min

Distância



538 m

Altitude Inicial



19 m

Altitude Máxima



46 m

Altitude Final

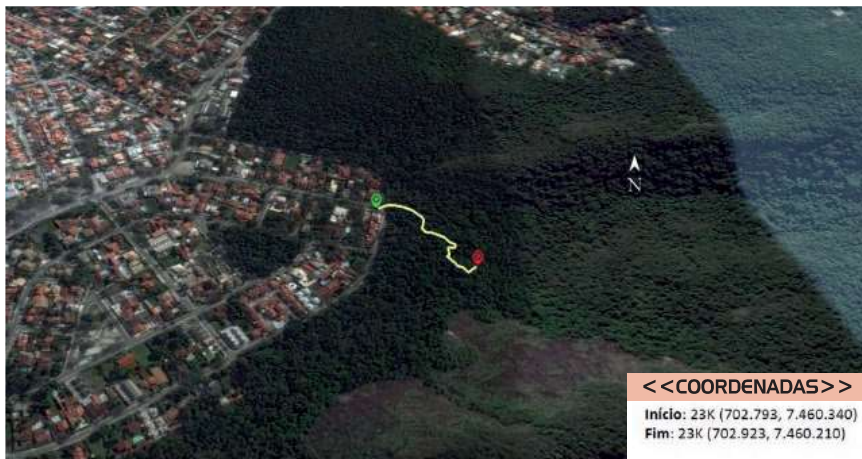


43 m

Desnível



28 m / -4 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (702.793, 7.460.340)

Fim: 23K (702.923, 7.460.210)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

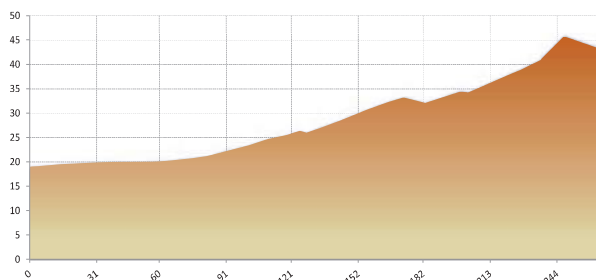


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Uma enorme figueira abraçada a uma pedra. Caminhada em densa floresta.



Córrego dos Colibris



702750

702750

703000

703000

7460250

7460250

Escala:
0 12,5 25 50 75 100
Metros





Início da trilha

Descrição geral

Rápida caminhada e ótima para crianças, pois não há subidas. A presença de grandes árvores é uma atração no local.

Início da trilha

O Início fica no final da Rua Engenho do Mato, quando ela encontra a Rua Scylla Souza Ribeiro.

O caminho

O trecho inicial costuma ter um pouco de entulho e material religioso, deixados por frequentadores do local, mas alguns metros para dentro tudo estará em perfeita sintonia com a natureza. Seguindo o caminho bem definido, virá uma saída à esquerda, não entre, siga reto e você cruzará o córrego seco e seguirá até encontrar uma grande cisterna de cimento, que no passado era um sistema de captação de água. Nesse ponto, vire à direita e siga com a cisterna a sua esquerda. Ao final, dobre à esquerda. Note que há enormes paineiras a sua direita. No leito da trilha, dá para perceber as grandes raízes. Mais adiante, você chegará a uma enorme figueira que está abraçada a uma pedra. Suas raízes se espalham pelo local, sendo um atrativo a parte.



Córrego dos Colibris

Curiosidades

A região do Córrego dos Colibris foi objeto de disputas passadas, onde ambientalistas, sociedade civil e construtoras travaram uma batalha entre a preservação do meio ambiente e a especulação imobiliária. O fato é que o meio ambiente saiu vitorioso, freando o avanço da especulação imobiliária.

O Vale do Córrego dos Colibris é uma região coberta por vegetação secundária em processo de regeneração há mais de 50 anos e inclui o Brejo das Pacas, que é uma área alagada associada à floresta. Algumas intervenções foram feitas e mudaram a paisagem local, mas a natureza vem se recompondo ao longo dos anos.

O Córrego dos Colibris já foi perene e apresentava água cristalina, com uma seção média de 0,50 m, com profundidade de 0,15 m. Na região externa do Parque, o córrego foi canalizado, passando a receber esgotos domésticos, desembocando na Laguna de Itaipu. Além disso, este curso d'água já sofreu muito com agressões passadas, como a retificação do seu leito. Tal ação foi promovida por antigos empreendedores que tentaram parcelar a área, transformando-a em um grande condomínio.

Hoje no local, existem alguns vestígios dessa tentativa de ocupação, como uma vala utilizada para drenagem no antigo leito do córrego, um sistema de captação de águas, com uma enorme cisterna de cimento, além de algumas estruturas de pedras em meio a vegetação, que eram utilizadas, também na captação da água da chuva, evitando assim grandes alagamentos.

Mirante dos Colibris

Duração



1 h

Distância



2.589 m

Altitude Inicial



19 m

Altitude Máxima



284 m

Altitude Final



277 m

Desnível



283 m / -26 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (702.793, 7.460.340)

Fim: 23K (703.691, 7.460.490)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



Insolação: Baixa

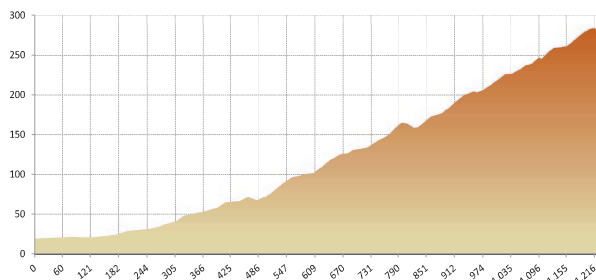


Risco: Pequeno

Obstáculos: Pequenos Obstáculos

Piso: Irregular

Perfil Altimétrico

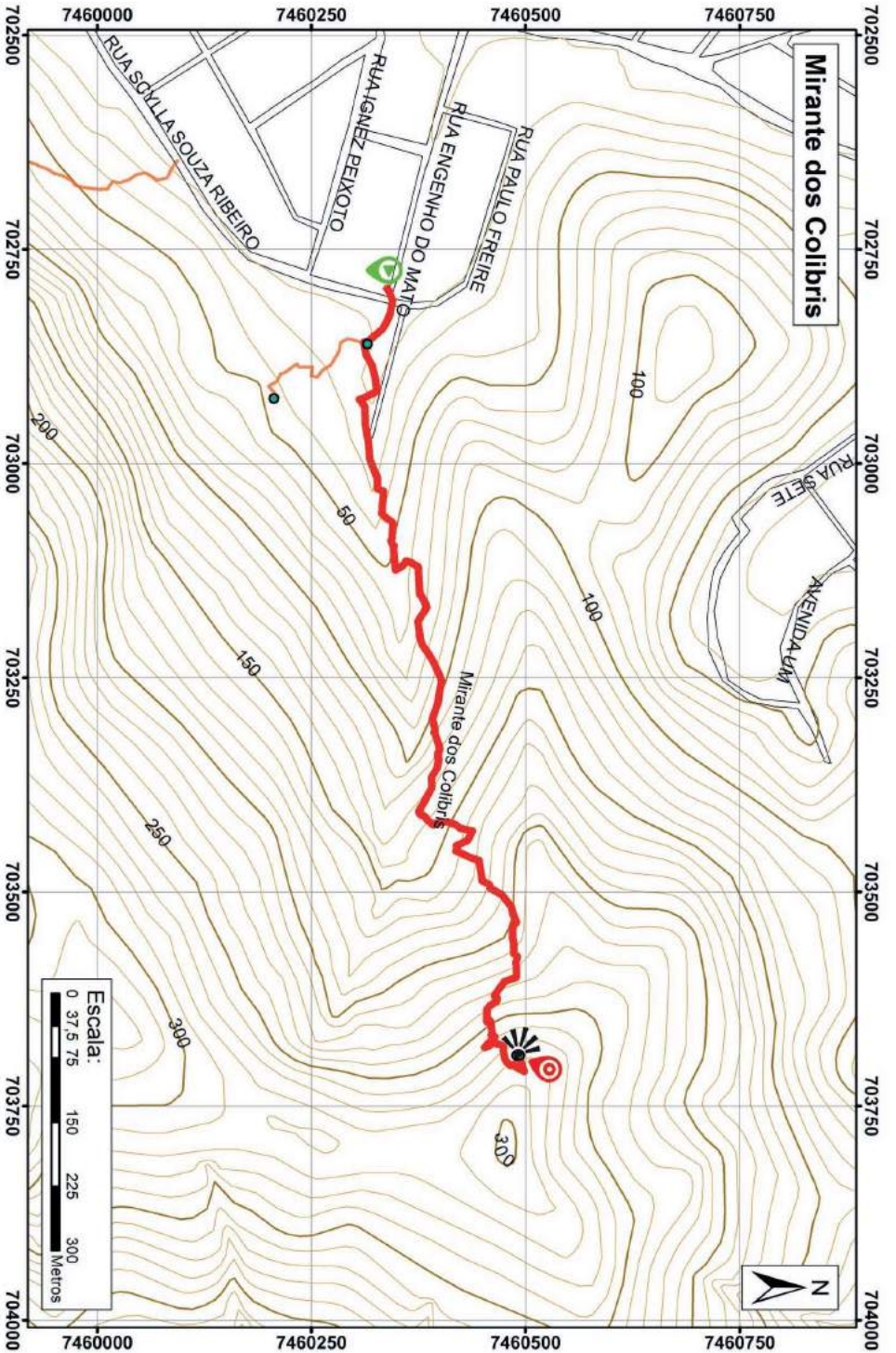


Principais atrativos

Bela vista para a lagoa de Itaipu e caminhada em densa floresta com difícil orientação.

Foto: Mirante dos Colibris.





Mirante dos Colibris

Mirante dos Colibris

Escala:
0 37,5 75 150 225 300
Metros



Descrição geral

A trilha inicia-se pelo mesmo ponto da Trilha do Córrego dos Colibris e segue até a primeira saída à esquerda. Siga subindo por um vale, a margem do córrego, até que se distancie, subindo por um caminho bastante instável e muito pouco definido em alguns trechos. Vá subindo até chegar a uma grande pedra, de onde se tem um fantástico mirante.

Início da trilha

O início fica no final da Rua Engenho do Mato, quando ela encontra a Rua Scylla Souza Ribeiro.

O caminho

O trecho inicial costuma ter um pouco de entulho e material religioso, deixado por frequentadores do local, mas alguns metros para dentro tudo estará em perfeita sintonia com a natureza. Seguindo o caminho bem definido, virá uma saída à esquerda (foto 1). Entre nela, não siga reto. Você caminhará com o leito do córrego à sua esquerda e mais a frente o cruzará por duas vezes. Note que o leito da trilha está bem definido e você começará a subir por um vale, como o leito do córrego agora a sua direita.

Siga subindo pela densa floresta até que a sua direita, um pouco mais em baixo, dará para ver o local onde havia uma pequena piscina natural e uma

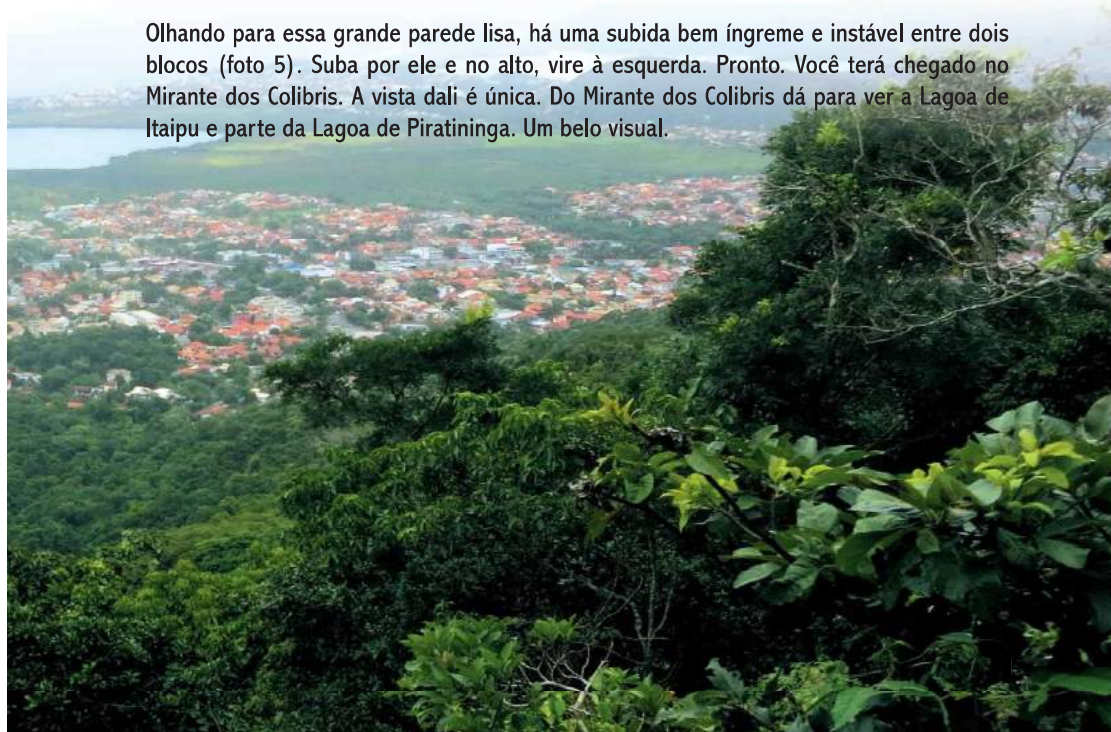


pequena queda d'água. Note que a trilha bem definida termina nesse ponto. **ATENÇÃO NESSE PONTO: SÓ CONTINUE SE TIVER EXPERIÊNCIA EM ORIENTAÇÃO.** A partir daí a trilha bem definida do início, se transforma numa picada, que por vezes o rastro é imperceptível aos olhares menos experientes.

Nesse ponto, vire à esquerda (foto 2), e suba por um terreno íngreme e instável. Note que é um caminho entre duas pedras. A partir daí, você se distanciará do fundo do vale que ficará à sua direita. Siga subindo e note que o rastro da trilha fica menos visível em alguns pontos. Mais acima, virá uma grande rocha a sua esquerda (foto 3). Continue subindo e virão alguns blocos menores espelhados pelo caminho.

Continuando a subida, virá uma grande figueira. Contorne-a pela esquerda e siga subindo. Virá um grande bloco e mais acima, você passará por uma grande pedra (foto 4), em forma de onda, onde você passa como se estivesse surfando num tubo. Mais alguns minutos subindo, você verá enormes blocos. Note que um deles parece um grande costão liso. O rastro da trilha segue adiante pela linha de cumeeada, mas nosso objetivo é um belo mirante no alto desses blocos.

Olhando para essa grande parede lisa, há uma subida bem íngreme e instável entre dois blocos (foto 5). Suba por ele e no alto, vire à esquerda. Pronto. Você terá chegado no Mirante dos Colibris. A vista dali é única. Do Mirante dos Colibris dá para ver a Lagoa de Itaipu e parte da Lagoa de Piratininga. Um belo visual.



Mirante do Bairro Peixoto

Duração

 30 min

Distância

 1.270 m

Altitude Inicial

 19 m


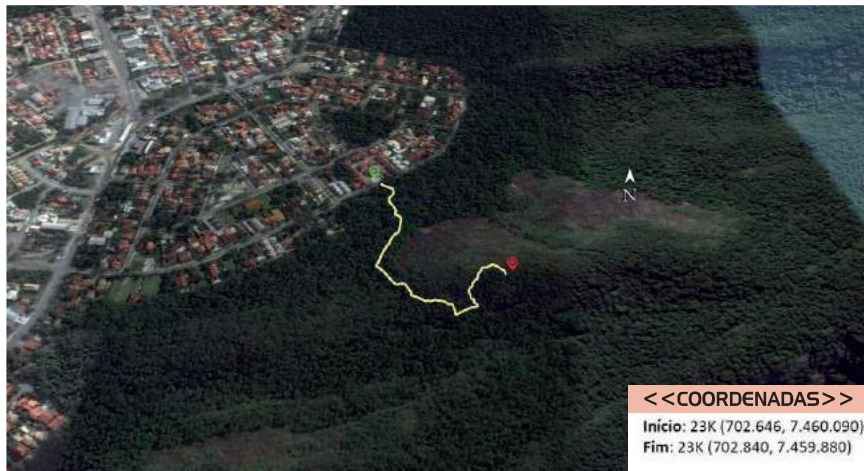
Altitude Máxima

 189 m

Altitude Final

 189 m

Desnível

 178 m / -9 m


Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Moderada



Insolação: Baixa

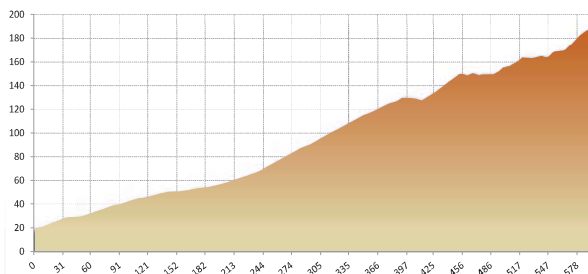


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Ligeiramente Irregular

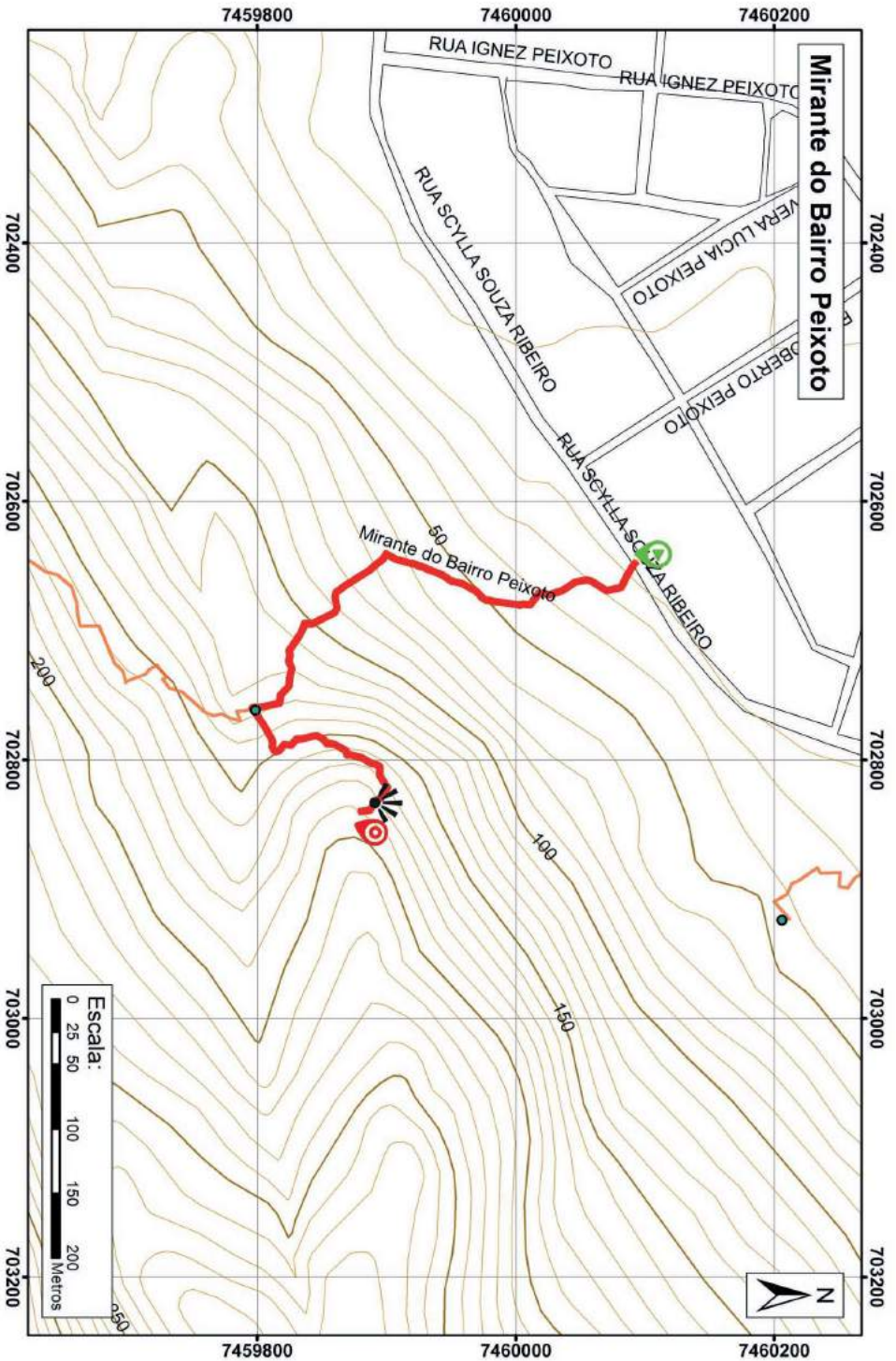
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Bela vista para a lagoa de Itaipu região, com caminhada em densa floresta.





Mirante do Bairro Peixoto

RUA IGNEZ PEIXOTO

RUA SCYLLA SOUZA RIBEIRO

RUA LUCIA PEIXOTO

RUA OBERTO PEIXOTO

Mirante do Bairro Peixoto

Escala:
0 25 50 100 150 200
Metros



Descrição geral

O início da trilha às vezes fica encoberto pela vegetação que cresce na calçada. Mas olhando com atenção, dá para achá-la. Esse trecho segue o mesmo que dá acesso à Falésia do Peixoto e Mau Caminho, que são pontos de escalada esportiva. Apesar da frequência, o caminho às vezes fica bem fechado em alguns trechos.



Início da trilha

A partir da entrada da trilha do Córrego dos Colibris, siga pela Rua Scylla Souza Ribeiro até a altura do número 545, Condomínio Opus Itaipu. O início da trilha fica próximo a um orelhão (foto1).

O caminho

Entrando na trilha, vá se acostumando com um rastro pouco definido em alguns trechos. Ela segue numa diagonal para a sua direita e vai subindo. Note que você passará por alguns grandes blocos de pedra. Mais acima você se aproximará e verá ao fundo um costão de pedra.





3



4

ATENÇÃO NESSE PONTO. Se você se aproximar muito dele, estará no caminho errado. Volte e tente achar o rastro. Ou se preferir, siga sempre paralelo a ele, o mirante fica no alto desse costão. Siga subindo até que você chegará em uma bifurcação. **ATENÇÃO NESSE PONTO!**

Seguindo reto, você começará a descer em direção a um grotão, que é um grande caminho de água de chuva. Se você seguir em direção à esse grotão, você estará indo para a Falésia do Peixoto e Mau Caminho. O nosso objetivo é outro. Nessa bifurcação, siga subindo. É o trecho mais íngreme do percurso (foto 3).

Siga por uma laje de pedra com muitas raízes e vegetação bem instável, que em dias chuvosos, pode tornar o caminho muito

escorregadio. Nesse ponto você verá uma curiosa árvore à sua direita (foto 4).

Note que esse trecho está bem mais definido que o anterior feito até a bifurcação. Mais acima virá o trecho mais perigoso: uma pedra onde existe uma corda fixa em péssimas condições (foto 2). Evite colocar todo o seu peso nela. Ultrapassando esse obstáculo, você passará por algumas grandes palmeiras. Siga subindo e logo estará no mirante. Nesse ponto, você terá uma bela vista para toda a região do entorno da Lagoa de Itaipu, Morro da Peça, Pedra do Cantagalo e Parque da Cidade.

Caminho de Darwin (Estrada do Vai Vem)

Duração



1 h 30 min

Distância



5.653 m

Altitude Inicial



40 m

Altitude Máxima



127 m

Altitude Final

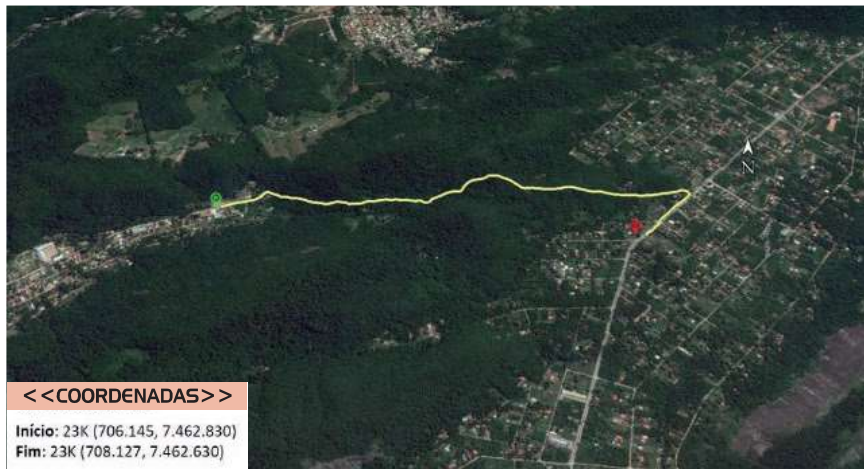


20 m

Desnível



111 m / -131 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

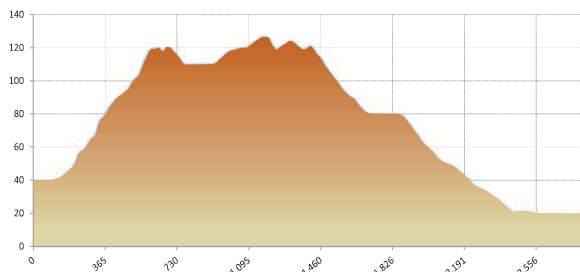


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Plano: Regular

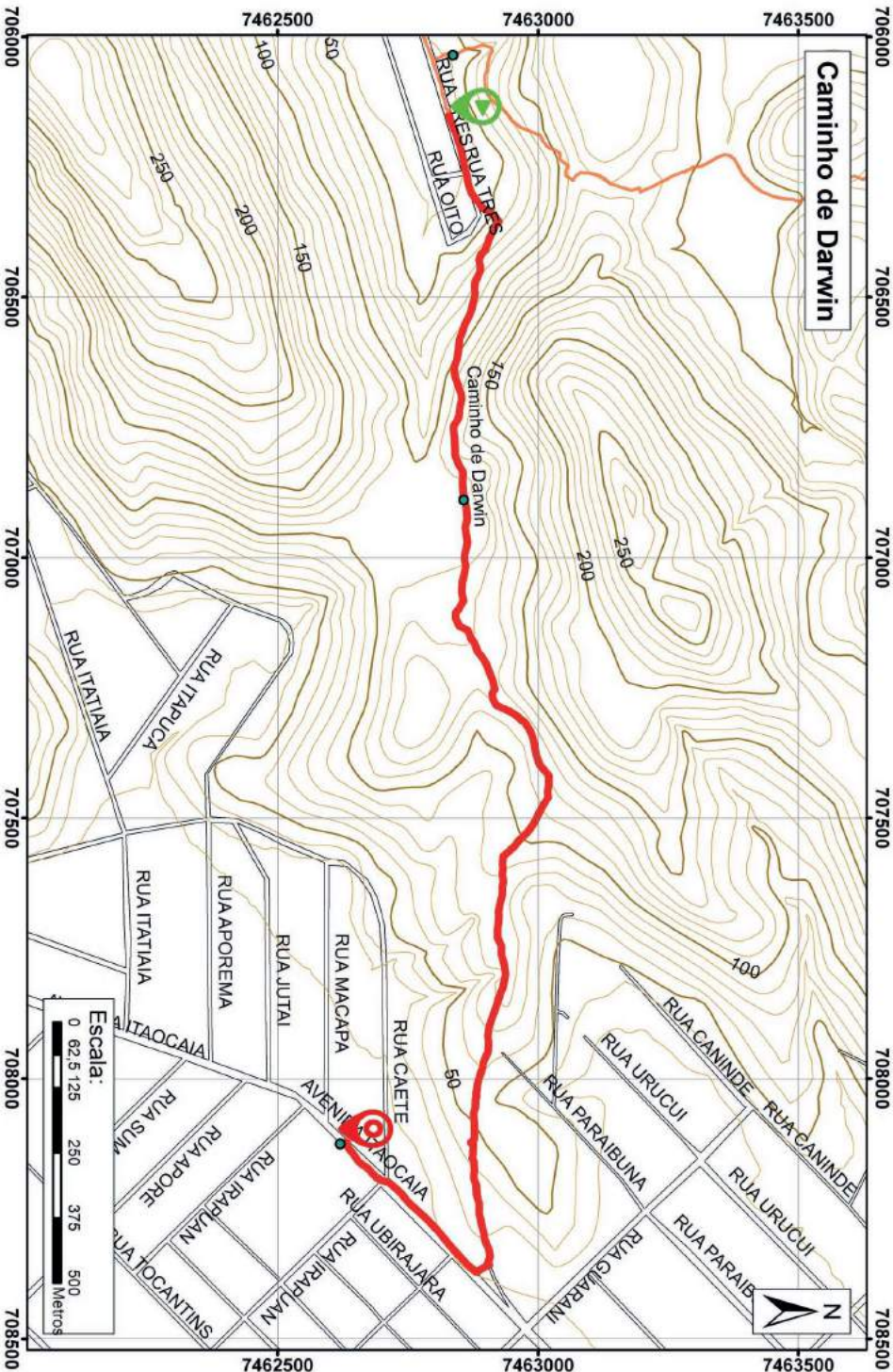
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Caminhada agradável em meio a densa floresta. Foto: Visita à Fazenda Itaocaia.





Descrição geral

A trilha na verdade é um estradinha de terra. Apesar de proibida, ainda é possível observar o trânsito de carros off road e motos. Também conhecida com estrada do Vai Vem, liga o bairro do Engenho do Mato, em Niterói, ao bairro de Itaocaia, em Maricá. Apesar de não ser um trilha propriamente dita, foi incluída neste guia pelo valor histórico cultural. Se for de ônibus, terá que acrescentar mais 4,6 km, percurso de ida e volta, da praça do Engenho do Mato até o final da Rua São Sebastião. De carro, tem a opção de estacionar em frente a um grande sítio, perto de algumas casas e de lá iniciar a caminhada.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha 38A, Engenho do Mato, da Viação Pendotiba. Passando pelo Bombeiro, o ônibus vai entrar na Avenida Irene Lopes Sodré, descer no ponto da Praça Irênio de Mattos Pereira, conhecida também como Praça do Engenho do Mato. Pegar a Rua Angelo Longo, seguir nela e pegar a Rua São Sebastião, seguindo até o fim. São 2,3 km de distância até o início da trilha.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Contornar a rótula que tem próximo ao Corpo de Bombeiros e entrar na Avenida Irene Lopes Sodré. Seguir nela até a Praça Irênio de Mattos Pereira, conhecida também como Praça do Engenho do Mato. Virar à direita, pegando a Rua Angelo Longo, seguir nela e pegar São Sebastião, seguindo até o fim.

Início da trilha

Fica no final da Rua São Sebastião, no bairro do Engenho do Mato.

1 O caminho

Seguindo o final da Rua São Sebastião (foto 1), no seu lado esquerdo haverá um grande sítio e no direito algumas casas. No começo do caminho, há uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca. Esse primeiro trecho é uma subida por um caminho bem agradável. E depois seguirá descendo levemente até chegar à Itaocaia (foto 2), em Maricá. É comum encontrar pessoas pedalando





e correndo pelo caminho. Fique atento, pois mesmo proibido, podemos ver o trânsito de veículos motorizados.

Note que haverá algumas saídas tanto para a esquerda, quanto para a direita, além de algumas casas, mas fique sempre no caminho principal. A estradinha subirá e depois seguirá descendo até Maricá. No caminho, podemos encontrar algumas grandes poças de lama e alguns trechos bem erodidos. Muito cuidado se for fazer de bicicleta.

Quando chegar ao asfalto da Av. Itaocaia, vire à direita e siga até chegar a fazenda Itaocaia, que fica à sua esquerda (Para saber mais sobre a Fazenda Itaocaia, consulte a Trilha da Pedra de Itaocaia, em Maricá).

Curiosidades

Charles Darwin foi um importante naturalista e biólogo. Nasceu no ano de 1809 na Inglaterra, vivendo até 1882. Durante o período de 5 anos, colaborou com diversos estudos e pesquisas realizados em ilhas e na região costeira da Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Foi no ano de 1859 que escreveu um dos seus principais livros: “A Origem das Espécies”. Nesta obra, procura explicar a evolução das espécies vegetais e, principalmente, animais em nosso planeta. Numa outra obra, intitulada “A Descendência do Homem” explica o surgimento da raça humana em nosso planeta. Os dois livros revolucionaram o conhecimento científico a respeito da origem e evolução dos seres vivos no planeta, contrariando as explicações religiosas. As obras geraram profundos debates e controvérsias, principalmente entre os setores mais conservadores da sociedade.

No início do século XIX, a Marinha inglesa financiou uma viagem com objetivo de mapeamento cartográfico da costa da América do Sul, a bordo do navio HMS Beagle e sob comando do capitão Robert FitzRoy. Junto com o restante da tripulação, no dia 27 de dezembro de 1831, Charles Darwin, um jovem de 22 anos, recém-formado em Teologia, mas com forte inclinação pelas Ciências Naturais, deixou a Inglaterra para participar dessa viagem.

Depois de algumas paradas, Darwin chegou à Salvador em 29 de fevereiro de 1832 e foi

lá que teve seu primeiro contato com as florestas e faunas tropicais. Fez pequenas expedições pelo entorno da cidade observando e coletando espécimes da flora, fauna e observando o relevo da região. Deixou Salvador em 18 de março e desceu pela costa brasileira até chegar ao Rio de Janeiro, em 5 de abril.

Neste ponto da viagem Darwin ficou sozinho no Rio, pois o Beagle, navio que o conduziu nessa expedição, teve que retornar à Bahia para refazer algumas medições topográficas. Durante esse período de estadia no Rio de Janeiro, Darwin residiu em Botafogo, e fez pequenas expedições pela Floresta da Tijuca, Jardim Botânico, Penha e Gávea.

Darwin viajou até Macaé, saindo da Praia Grande, em Niterói, subindo a serra da Tiririca, em Niterói, passando por Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Barra de São João, Macaé e retornando por Conceição de Macabu, Rio Bonito e Itaboraí.

Em seu diário, destacou o colorido da paisagem, observou a beleza de uma floresta de acácias, em Itaboraí, e as samambaias de Conceição de Macabu. Os animais que mais o interessaram e fascinaram foram os insetos. Darwin passava os dias coletando, observando e estudando o comportamento desses animais e suas anotações foram importantes para a formulação da Teoria da Evolução e o princípio da seleção natural.

Darwin deixou o Rio de Janeiro em 5 de julho de 1832, rumando para Montevidéu, dando continuidade a expedição. Em agosto de 1936 voltou ao Brasil, fazendo suas últimas paradas em Salvador e Recife, para conferência de cálculos, antes de retornar definitivamente à Europa.

Trecho extraído de seu diário, no dia em que percorreu o Caminho entre Niterói e Maricá:

8 de abril

Às nove horas, juntei-me ao grupo na Praia Grande, vilarejo do lado oposto da enseada. Éramos seis: o sr. Patrick Lennon, um irlandês disciplinado que fez uma grande fortuna quando o Brasil se abriu para os ingleses vendendo espetáculos, termômetros etc. Cerca de oito anos atrás, ele comprou um terreno com floresta em Macaé e ali instalou um agente inglês. A comunicação é tão difícil que, desde aquele período, ele não conseguiu obter qualquer remessa. Após tanto atraso, o sr. Patrick resolveu visitar pessoalmente sua propriedade. Foi fácil acertar que eu lhe faria companhia e esta era com certeza uma excelente oportunidade para ver o país e seus habitantes. O sr. Lennon morou no Rio por 20 anos e, portanto, estava bem qualificado para obter informações, com sua disposição tão astuta e inteligente. Ele estava acompanhado por seu sobrinho, um jovem arguto que estava seguindo os passos do tio e fazendo dinheiro. Em terceiro vinha o Sr. Lawrie, um escocês inteligente e cultivado, homem egoísta e sem princípios cujos negócios se dividiam entre o comércio de escravos e as trapaças. Ele trouxe consigo um amigo, o Sr. Gosling, aprendiz de farmacêutico. O irmão do Sr. Lawrie se casou com uma bela brasileira, filha de um grande proprietário de terras, também em Macaé, e é essa pessoa que o Sr. Lawrie estava indo visitar. Um garoto negro que serviu de guia e eu completamos o grupo. A natureza do Brasil poucas vezes vii um grupo de aventureiros mais extraordinário e quixotesco.

Nosso primeiro estágio foi muito interessante. O dia estava poderosamente quente e tudo



Pedra de Itaocaia ao fundo

estava quieto quando passamos pela mata, com exceção das borboletas grandes e brilhantes que batiam asas com indolência. A vista que tivemos ao cruzar as montanhas por trás de Praia Grande foi muito sublime e pitoresca. As cores eram intensas e o matiz predominante era um azul escuro, com o céu e as águas calmas da baía rivalizando em esplendor. Após passar por uma região cultivada, adentramos uma floresta cuja grandeza não podia ser superada. À medida que os raios de sol penetravam a massa emaranhada, lembrei-me energicamente de duas gravuras francesas feitas a partir dos desenhos de Maurice Ruggendas e Le Compte de Clavac. Elas representam bem o número infinito de cipós e plantas parasitas e o contraste das árvores florescentes com os troncos mortos e podres. Eu não conseguia de maneira alguma parar de admirar essa cena. Chegamos por volta do meio-dia a Itaocaia, pequeno vilarejo situado em uma planície. Em torno das casas centrais, estão as cabanas dos negros, cuja forma e posição regulares me lembraram os desenhos das moradas dos hotentotes do sul da África. Isso talvez evoque para essas pobres pessoas no meio da escravidão a casa de seus pais. Como a lua se levantaria cedo, determinamo-nos a partir naquela noite para nosso pouso na lagoa Maricá.

Como foi ficando escuro, passamos sob uma das montanhas maciças, nuas e escarpadas de granito tão comuns nesta região. Este lugar é famoso no país por ter sido durante um longo período a morada de alguns escravos fugidos que, cultivando uma pequena gleba de terra próxima ao topo, conseguiram tirar dali seu sustento. Por fim, alguns soldados foram enviados e os prenderam todos, com exceção de uma velha que, a ser capturada de novo, preferiu se espatifar em pedaços e jogou-se bem do topo da montanha. Fosse ela uma matrona romana e isso seria chamado de patriotismo nobre; como se trata de uma negra, foi chamado de obstinação brutal!

Continuamos cavalgando por algumas horas. Nas últimas milhas, a estrada se emaranhava e passou por um deserto de pântanos e lagoas. A paisagem sob a luz pálida da lua parecia bem desolada. Alguns vagalumes passaram rapidamente por nós e um maçarico solitário emitiu seu canto queixoso ao levantar voo. O bramido distante e taciturno do mar que combinava com os nossos sentimentos mal quebrou o silêncio da noite. Chegamos afinal à venda e tivemos grande prazer de nos deitar nos colchões de palha.

Setor PESET Darcy Ribeiro

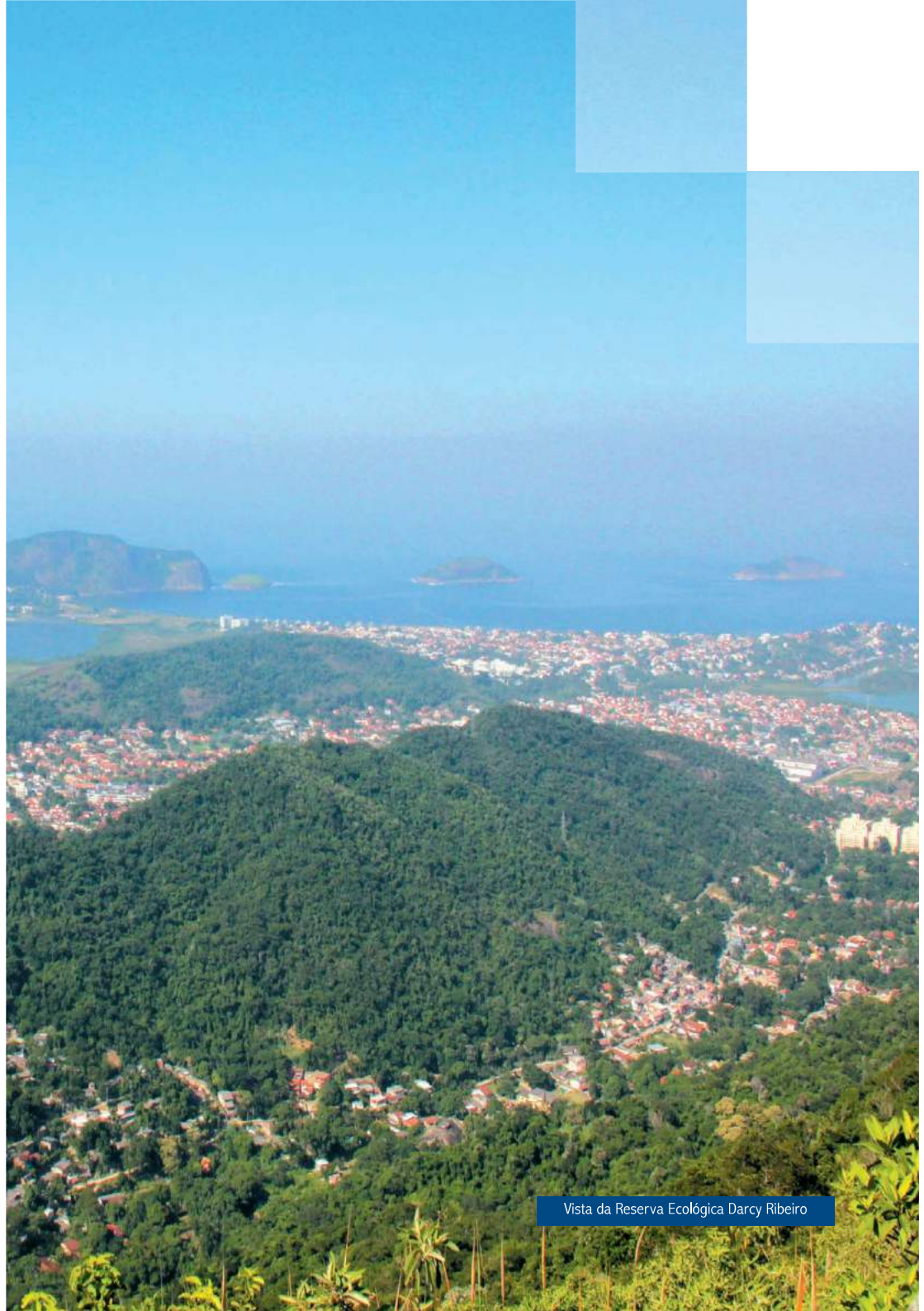
Informações gerais

O setor está dentro da antiga Reserva Ecológica Darcy Ribeiro e foi anexado ao PESET em 2012. É comum encontrar algumas carcaças de carro queimadas, principalmente no trecho da Estrada Frei Orlando próximo ao Jacaré, alguns estando lá há anos.

No ano de 2015, tiveram alguns relatos de traficantes escondidos na trilha já próxima à Pedra do Cantagalo. Em todas as incursões feitas para este guia, não foi encontrado nenhum vestígio de tal presença. Porém é importante tentar buscar informações junto a administração do PESET antes de ir ao local.

Para o setor foram selecionadas 3 trilhas, todas elas dão acesso à Pedra do Cantagalo. O local é cortado por algumas estradas que valem a pena o passeio, não só caminhando, como também de bicicleta. No setor são aproximadamente 26 km de trilhas. Ainda há possibilidade de fazer uma travessia, saindo da Vila Progresso e terminando na Av. Central.





Vista da Reserva Ecológica Darcy Ribeiro

Curiosidades

A Reserva Ecológica Darcy Ribeiro foi criada pela Lei Municipal nº 1.566/97, abrangendo as terras da Serra Grande, Serra do Jacaré, Serra do Cantagalo e Serra do Malheiro, representando aproximadamente 10% da área do município, com 12,4 km² e 55 km de perímetro. Foi criada em sobreposição a outras duas unidades municipais mais antigas, como a Área de Proteção Ambiental (APA) das Lagunas de Piratininga e Itaipu (criada pela Lei Municipal nº 458/83; alterada pelo art. 44 da Lei Municipal de Niterói nº 1.157/92) e o Parque Municipal da Pedra do Cantagalo (criado pela Lei Municipal nº 1.254/93).

Em 2004 foi criado um Grupo de Trabalho (GT) com o objetivo de recategorizar a reserva como Parque Natural Municipal, em atendimento a uma determinação do artigo 55 da Lei nº 9.985/00, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Em maio de 2005 foram apresentados os progressos do levantamento fundiário feito para o futuro parque, ocasião em que nasceu a ideia de desmembrar a reserva em duas unidades de conservação: Parque Natural Darcy Ribeiro e Área de Relevante Interesse Ecológico Darcy Ribeiro (ARIE), tendo em seguida um novo GT sido incumbido da elaboração do projeto de lei de criação das UCs.

Somente em 2008 o projeto de recategorização e de criação da ARIE foi encaminhado à Câmara de Vereadores, tendo sido aprovado em primeira votação, mas na segunda votação ocorreu manifestação contrária. Pelas dificuldades impostas ao processo, em junho de 2009 reuniram-se, no Ministério Público Estadual, representantes da sociedade civil, do PESET e da Secretaria de Estado do Ambiente com o intuito de encaminhar a proposta de criação de uma UC estadual para a área. Em outubro de 2012, em processo que ampliou a área do PESET, 85% da área da reserva foi a ele incorporada.



Pedra do Cantagalo via Jacaré

Duração



3 h

Distância



7.215 m

Altitude Inicial



40 m

Altitude Máxima



390 m

Altitude Final



390 m

Desnível



446 m / -96 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (701.893, 7.463.630)

Fim: 23K (700.584, 7.463.970)



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

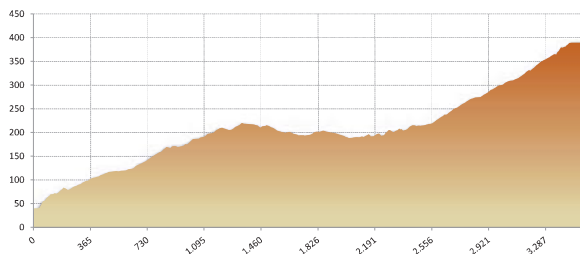


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

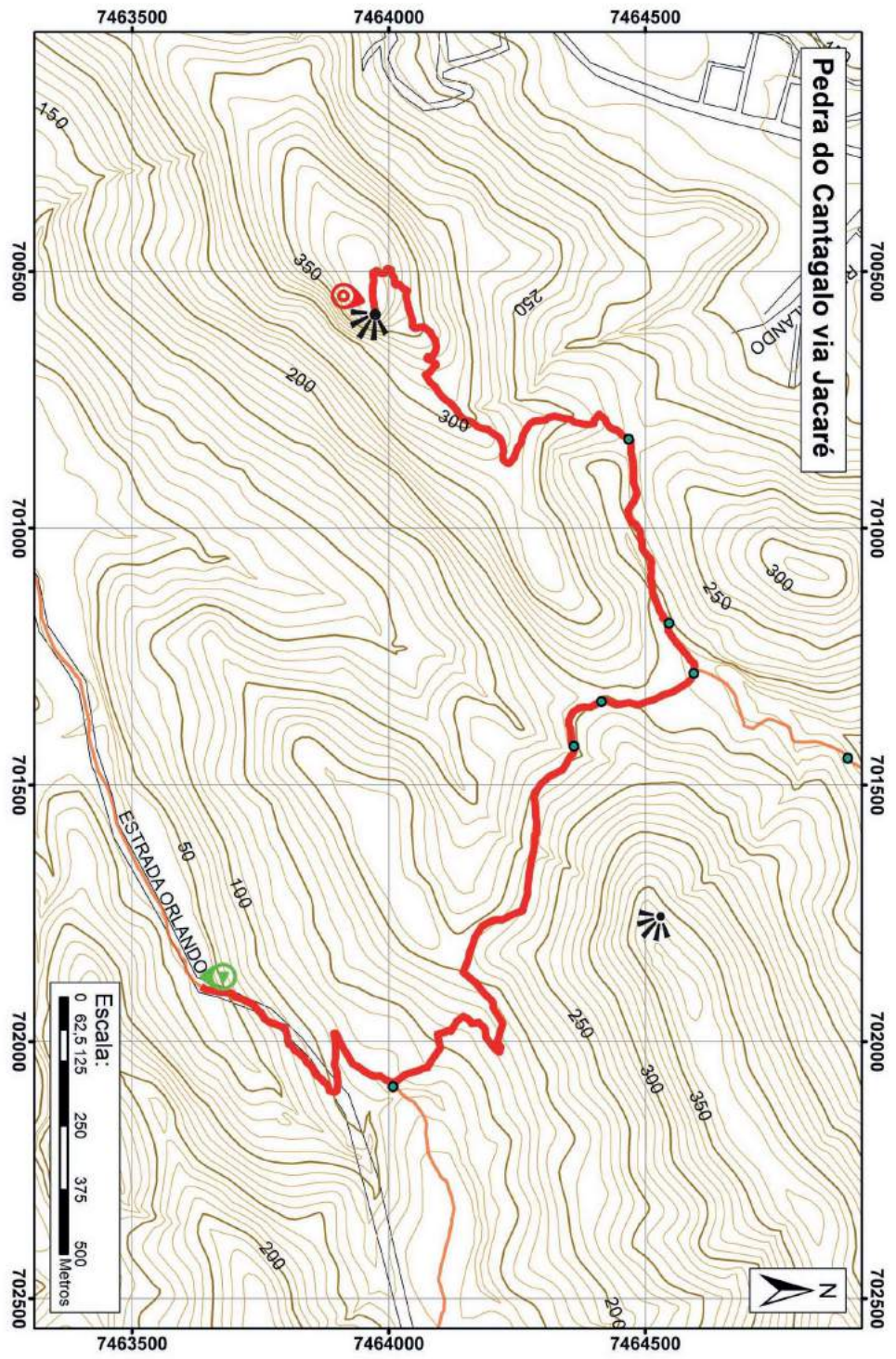
Piso: Regular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista 360° para diversos pontos da cidade de Niterói e Maricá, como Região Oceânica, Serra da Tiririca, Pedra de Inoã, Pedra de Itaocaia, Alto Mourão, lagunas de Itaipu e Piratinga, etc. Caminhada em meio a floresta. Foto: Vista do Cume da Pedra do Cantagalo.



Pedra do Cantagalo via Jacaré

Escala:
0 62,5 125 250 375 500
Metros



Descrição geral

Esse roteiro inicia-se no final do bairro do Jacaré, em um trecho da Estrada Frei Orlando, a mesma que segue até as Vilas Romanas. A trilha passa por um trecho com muita erosão provocada pela circulação de motocicletas. A frequência de motos caiu um pouco, mas ainda é possível se deparar com alguns grupos, fique atento. Existem algumas carcaças de carros queimados durante o percurso.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 38 (Itaipu), da viação Pendotiba e descer no ponto da entrada do Bairro do Jacaré. Dali até o começo da trilha, são aproximadamente 3,6 km.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Após o supermercado Real, fazer o retorno e entrar na Estrada Frei Orlando. São aproximadamente 3,6 km até o início da trilha.

Início da trilha

Fica numa trifurcação, com acesso a alguns sítios e onde se cruza o rio Jacaré. Foto: Pedra do Cantagalo vista do Jacaré.



O caminho

PARTE I:

Siga pela Estrada Frei Orlando, serão aproximadamente 3,6 km. Se você estiver indo de ônibus contabilize essa distância no seu roteiro. No início do percurso, haverá uma trifurcação (foto 1). Pegue a da esquerda, a única que sobe. Siga subindo. Note que ela está em péssimas condições. Você passará por algumas casas. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Cerca de 900 m após a trifurcação inicial, e após um sítio com uma cerca bem longa de bambu (foto 2), há uma saída à esquerda. Note que ela tem uma grande vala no meio, ocasionada principalmente pela passagem de motocicletas (foto 3). A estradinha segue reto, indo em direção ao Condomínio Villas Romanas.



PARTE 2:

Siga subindo por esse trecho bem erodido. Seguirá serpenteando (foto 4), por um longo trecho. Você passará por alguns sítios e chegará a um largo. Siga e verá a sua direita um pequeno açude, com águas bem escuras, perto de um bambuzal. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Logo após esse açude, há uma saída à esquerda. Se você seguir reto, seguirá até a Vila Progresso.



PARTE 3:

Entrando à esquerda, você chegará a um ponto de água, bem em frente a uma casinha (foto 5). Note o córrego na margem direita do caminho. Seguindo em frente, você estará num caminho levemente plano e passará pelo Sítio do Marcelo e começará a subir novamente. Ao final você chegará a





5



6



7

um platô onde há uma junção de vários caminhos e um ponto onde havia uma pista de Mountain Bike (foto 6). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Vire a esquerda e siga em direção a um bambuzal (foto 7) que estará a sua esquerda.

O caminho fica à direita desse bambuzal e segue subindo por uma trilha bem definida. Nesse início, poderá haver algum capim nas bordas da trilha. Siga subindo por um longo trecho, serpenteando entre mata. Mais acima, numa curva para a direita, já é possível ver a Pedra do Cantagalo à sua frente. O caminho seguirá contornando-a pela direita. Você subirá por um costão com bastante vegetação. Nesse ponto já é possível ver o Cemitério Parque da Colina ao fundo. Continue subindo, (foto 8), virando para sua esquerda, até que chegará ao cume.



8

Pedra do Cantagalo via Vila Progresso

Duração



2 h

Distância



8.224 m

Altitude Inicial



50 m

Altitude Máxima



390 m

Altitude Final



390 m

Desnível



438 m / -98 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (701.007, 7.466.420)

Fim: 23K (700.584, 7.463.970)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

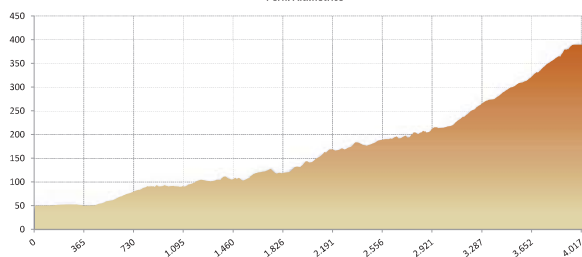


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

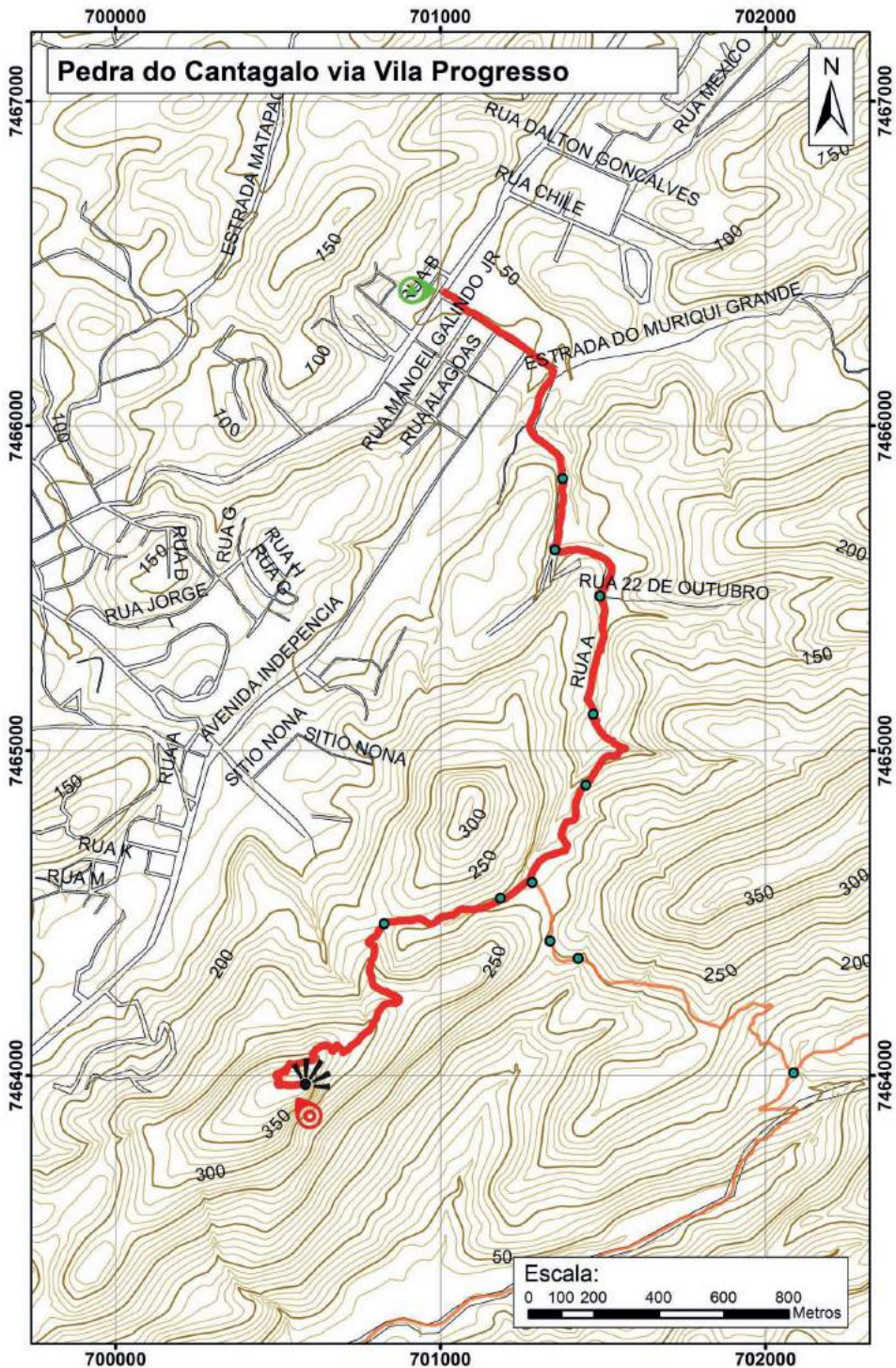
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista 360° para diversos pontos da cidade de Niterói e Maricá, como Região Oceânica, Serra da Tiririca, Pedra de Inoã, Pedra de Itaocaia, Alto Mourão, lagunas de Itaipu e Piratininga, etc. Caminhada em meio a floresta. Foto: Entrada do Sítio Coração de Pedra.





Pedra do Cantagalo via Vila Progresso

Escala:
0 100 200 400 600 800
Metros

Descrição geral

É o caminho mais fácil para quem quer subir a Pedra do Catagalo. Seu trecho inicial passa pela Grota Funda, antiga mina desativada de extração de Feldspato e pelo Sítio Coração da Pedra, local que abrigou o Presidente Getúlio Vargas em incursões na área. O trecho inicial está pavimentado e é uma caminhada urbana, seguindo por entre árvores até chegar a trilha.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 48 (Rio do Ouro), da viação Pendotiba e descer no ponto da Vila Progresso.

De carro:

Seguir até o Largo da Batalha e pegar a Estrada Caetano Monteiro até a Vila Progresso, onde pode-se deixar o carro e seguir a pé pelo belo caminho.

Início da trilha

Iniciamos a trilha na Estrada Caetano Monteiro, na altura do nº 2036, na esquina com a rua Tomás Édison de Andrade Vieira.



1

O caminho

Siga na Rua Tomás Edison de Andrade Vieira, virando na quarta rua a direita, Rua Brígido Tinoco. Siga subindo e virá uma bifurcação, fique a sua esquerda e continue subindo. Mais à frente, você passará pela Grota Funda. Note um grande buraco na margem direita da rua. Seguindo em frente, passará por um condomínio a sua esquerda e virá outra bifurcação. Siga para a esquerda. Note a entrada de alguns sítios e condomínios. Siga sempre no caminho principal. Mais acima, virá uma bifurcação com um poste no meio. Siga para a direita, (foto 1) numa estradinha de chão. Siga subindo e passará pelo Sítio Coração de pedra, que era utilizado por Getúlio Vargas. A estradinha continua serpenteando e passando por mais alguns sítios. Virá uma bifurcação. Siga reto. O Caminho ficará levemente plano. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Haverá uma saída à direita (foto 2). Este ponto é antes de um bambuzal e do açude e é mais discreto que o caminho no qual você estava. **CONTINUE NA PARTE 3 DA TRILHA CANTAGALO VIA JACARÉ.**



2

Pedra do Cantagalo via Trilha das Esmeraldas

Duração



3 h

Distância



11.014 m

Altitude Inicial



55 m

Altitude Máxima



390 m

Altitude Final



390 m

Desnível



551 m / -216 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (703.118, 7.463.390)

Fim: 23K (700.584, 7.463.970)



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

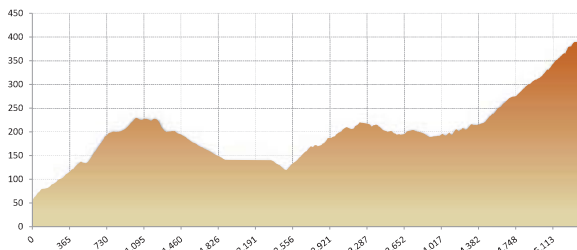


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

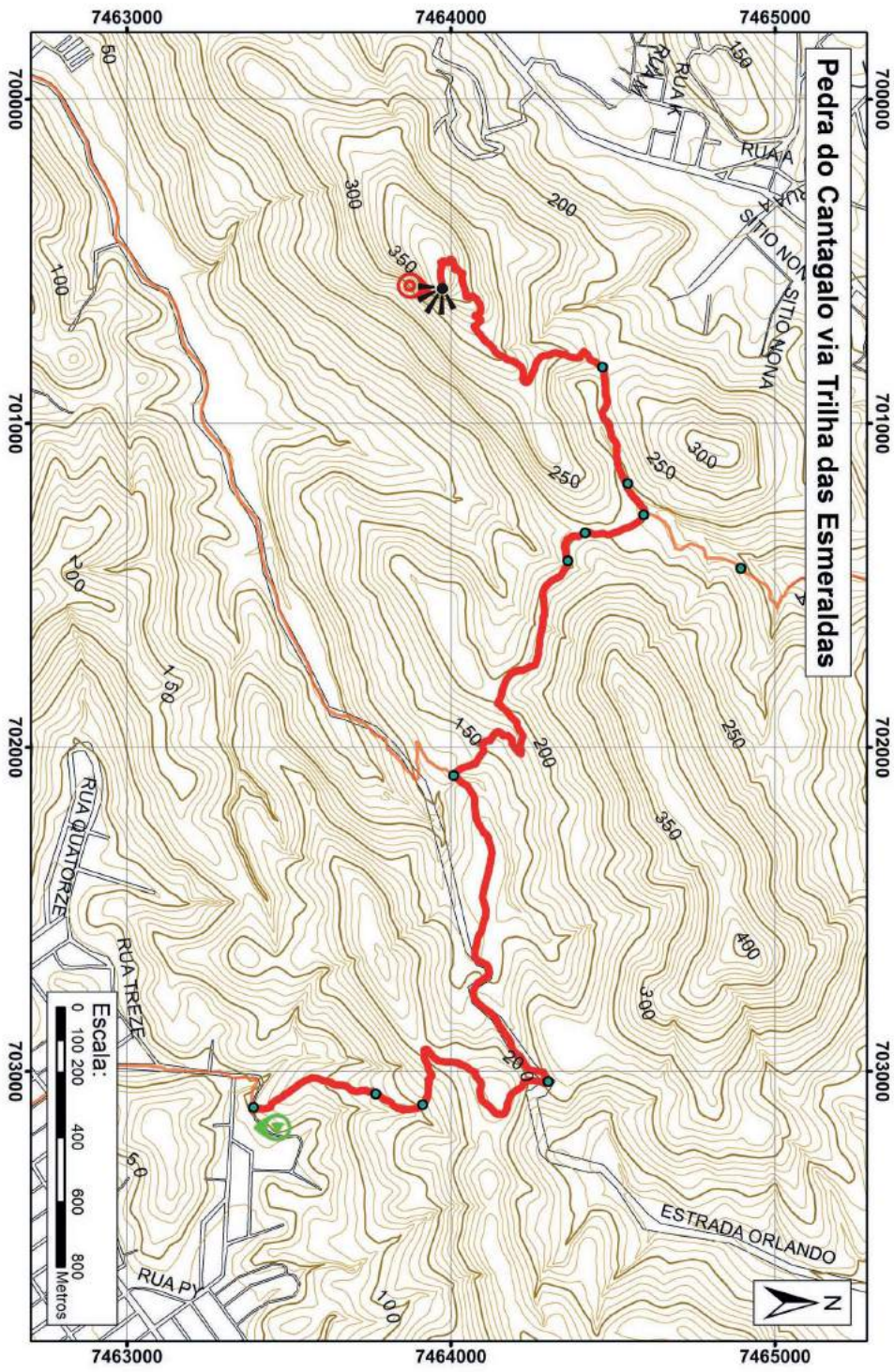
Piso: Ligeiramente Irregular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista 360° para diversos pontos da cidade de Niterói e Maricá, como Região Oceânica, Serra da Tiririca, Pedra de Inoã, Pedra de Itaocaia, Alto Mourão, lagunas de Itaipu e Piratinga, etc. Caminhada em meio a floresta. Foto do Caminho.



Descrição geral

Uma ótima opção para quem está próximo a Av. Central e gostaria de chegar à Pedra do Cantagalo. Comece subindo no primeiro trecho até chegar à Estrada Frei Orlando, depois seguirá em direção ao Jacaré, até entrar numa parte em comum com a Trilha da Pedra do Cantagalo via Jacaré.

Curiosidades

A Pedra do Cantagalo é o segundo ponto mais alto de Niterói. Se situa na Região Oceânica. Sua altitude é de 407 metros (DSG). Pertence a Reserva Ecológica Darcy Ribeiro.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus Linha 46 (Várzea das Moças), da viação Pendotiba e descer no ponto próximo ao Centro de Treinamento em Acesso por Corda Acesso Vertical, que fica na Av. Ewerton Xavier (Av. Central). Entre na rua 22 e siga nela e virando na segunda à direita, Rua 2. Vá até ao final e suba uma escadinha e continue reto. No final entrará na Rua das Ametistas (Rua 45), fazendo uma curva para a direita. Siga nela até encontrar a placa do Parque.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Pegar a Av. Ewerton Xavier (Av. Central) e seguir até passar o Centro de Treinamento em Acesso por Corda Acesso Vertical. Vire a esquerda na Av. José Cortes Júnior, vá até o final e vire à direita na Rua das Ametistas (Rua 45), seguindo até a placa do Parque.

Início da trilha

Fica na Rua das Ametistas (Rua 45). Há uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca informado ser uma área de amortecimento (foto 1).

O caminho

Siga subindo e você passará por um local onde existia uma porteira. Mais acima verá uma casa a sua direita. Continue subindo e chegará a uma área aberta. Note a sua direita uma saída. A sua frente, haverá dois caminhos subindo (foto 2). Escolha um deles e siga, pois os dois se encontrarão mais acima. O caminho mais a esquerda foi aberto recentemente por praticantes de Moto-



cross e é muito íngreme e escorregadio. Após esse trecho, o caminho segue mais marcado e sem bifurcações relevantes até chegar a um largo de paralelepípedo (foto 3). Se seguir descendo à direita, você irá de encontro ao Condomínio Villas Romanas. Para esse roteiro, siga para sua esquerda, em direção a entrada de um sítio que possui uma cabeça de índio acima das colunas do portão (foto 4).

A partir desse ponto, você estará na Estrada Frei Orlando. Seguirá por ela em sobe e desce (foto 5). Mais à frente você passará por duas entradas à esquerda com uma placa indicando Sítio Catacari. Após essas placas, você descerá forte até estar no caminho levemente plano. Passará por uma porteira branca à sua direita (foto 6). **ATENÇÃO NESSE PONTO!**





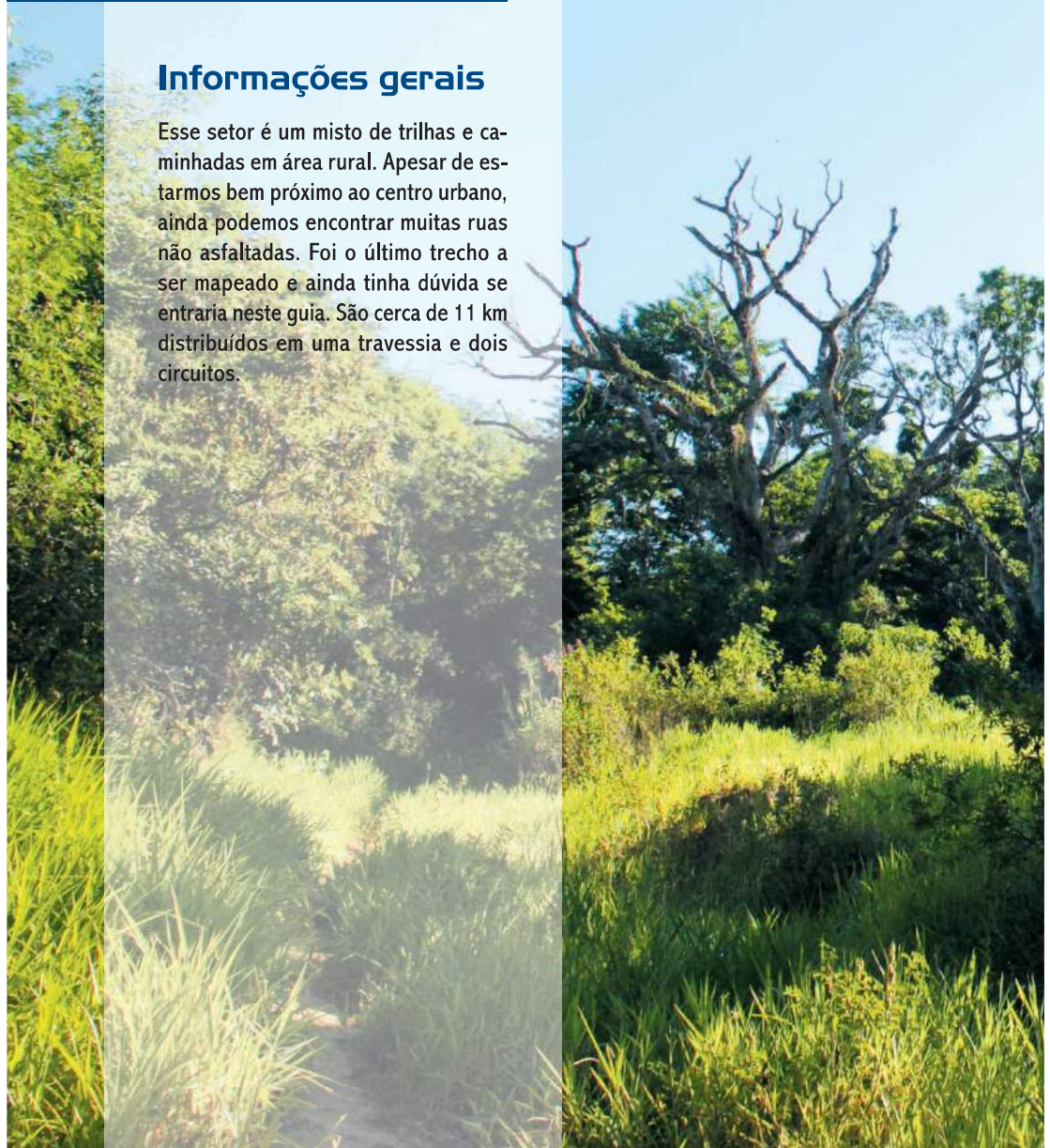
Após ela, você terá uma saída à direita. Note as cercas de bambu em volta. Entrando nela, você estará num caminho em comum com a trilha que sai do Jacaré. CONTINUE NA PARTE 2 DA TRILHA CANTAGALO VIA JACARÉ.



Setor PESET Várzea das Moças

Informações gerais

Esse setor é um misto de trilhas e caminhadas em área rural. Apesar de estarmos bem próximo ao centro urbano, ainda podemos encontrar muitas ruas não asfaltadas. Foi o último trecho a ser mapeado e ainda tinha dúvida se entraria neste guia. São cerca de 11 km distribuídos em uma travessia e dois circuitos.





Trilha de Itaocaya Valley

Como chegar a Várzea das Moças

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha 38 A, Engenho do Mato, da Viação Pendotiba. Assim que passar pelo Bombeiro e entrar na Avenida Irene Lopes Sodré, descer no ponto em frente a Rua Engenho do Mato, a segunda rua. Há uma padaria na esquina e essa rua é a única que com canteiro no meio. Siga até o final dela e verá uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca indicando a entrada.

De carro:

Seguir caminho para a Região Oceânica de Niterói. No DPO do Cafubá, virar à esquerda e continuar na Av. Francisco da Cruz Nunes em direção a Itaipu. Passará o shopping Itaipu Multi Center. Contornar a rótula que tem próximo ao Corpo de Bombeiros e entrar na Avenida Irene Lopes Sodré. Seguir nela e dobrar a segunda rua à direita, a Rua Engenho do Mato. Há uma padaria na esquina e essa rua é a única que com canteiro no meio. Siga até o final dela e verá uma placa do Parque Estadual da Serra da Tiririca indicando a entrada.

Curiosidades

O nome do bairro tem sua origem numa grande fazenda existente no local cujo proprietário era pai de seis moças.

A principal atividade na região, no século XIX, era o comércio de café, sendo que a maior parte comercializada era proveniente de outras regiões. O grão chegava in natura, era seco e ensacado no local e daí enviado aos centros urbanos, sendo distribuído pela estação ferroviária do Rio do Ouro. Este ramal da Leopoldina estendia-se até o norte do estado, tendo suas atividades encerradas na década de 1960.

Como em todo o estado, a derrocada do café no século XX esvaziou as atividades da fazenda, tendo a mesma transformando-se na Cerâmica Rio do Ouro, que foi, durante muitos anos, a principal geradora do progresso na região. Hoje em dia, suas atividades estão bastante reduzidas. A sede da fazenda encontra-se no lado de São Gonçalo, onde fica o parque fabril da cerâmica, estando sua loja de vendas do lado de Niterói.

Surgiu com a construção das casas dos operários de uma fábrica de manilhas e telhas, do tipo Marselhesa, instalada na Fazenda Ipiíba de Malheiros. Com as posteriores alterações nos limites de Niterói e São Gonçalo, o bairro passou a fazer parte de ambas as cidades.

Travessia Várzea das Moças x Itaocaia Valley

Duração



1 h 30 min

Distância



3.251 m

Altitude Inicial



80 m

Altitude Máxima



174 m

Altitude Final



46 m

Desnível



143 m / -177 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (706.553, 7.464.960)

Fim: 23K (708.389, 7.463.800)



Tipo: Travessia



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



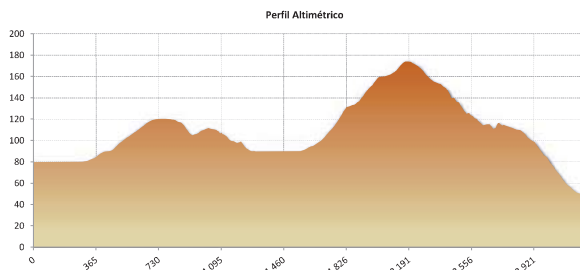
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

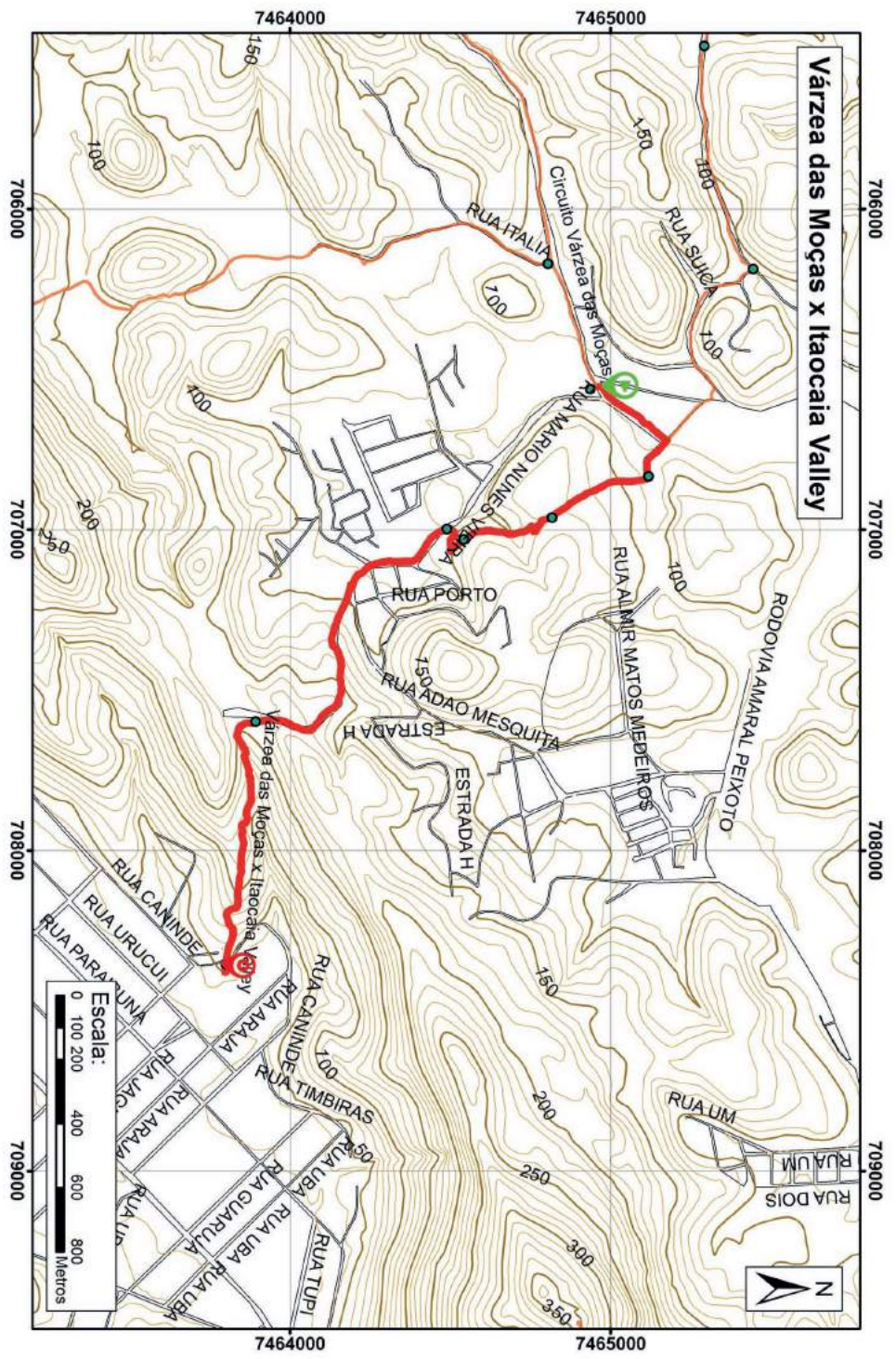


Principais atrativos

Caminhada em meio a mata, mesclada com trechos em área urbana.

Entrada da segunda parte da trilha

Várzea das Moças x Itaocaia Valley



Descrição geral

A trilha tem seu início a partir do DPO de Várzea das Moças e segue num trecho de aproximadamente 450 metros em área urbana, onde entra-se no local conhecido como Monte das Orações. Ao final, voltamos a caminhar em área urbana, até entrarmos novamente por caminho na densa floresta. Ao final da trilha, chega-se em Itaocaia Valley e temos algumas opções, como seguir e entrar no Caminho Darrwin, indo em direção ao Engenho do Mato e até mesmo entrar na Travessia Várzea das Moças x Engenho do Mato, criando um grande circuito!

Início da trilha

Saindo do DPO de Várzea das Moças, siga em direção ao CIEP e vire a direita na Estrada Velha de Maricá. Siga por ela até você ver um grande muro a sua direita, um pouco mais no alto. O início fica antes desse muro, em frente a umas casas (foto 1). Do DPO até o início da trilha são aproximadamente 450 metros.

O caminho

O início pode estar um pouco fechado, mas é fácil de identificar. Note que ele está bem marcado e que há alguns obstáculos utilizados em circuitos de Mountain Bike (foto 2). Seguindo o caminho, virão duas saídas, uma para esquerda e outra para a direita, siga reto e chegará a uma outra bifurcação. Nesse ponto, você já estará bem próximo a estrada e poderá seguir por qualquer um dos caminhos. Assim que chegar à Estrada Mariano Nunes Vieira, vire à esquerda e siga nela até um largo. Continue subindo e verá um caminho bem na borda de uma curva para a esquerda siga nele. Ele segue subindo, serpenteando até começar a descer novamente. Chegará no local onde há duas casas. Logo após a primeira casa, terá um caminho que continua descendo (foto 3) e é o que levará até o bairro Itaocaia Valley, do município de Maricá. Dali você pode optar por voltar pelo Caminho de Darwin.



Circuito de Várzea das Moças

Duração



2 h

Distância



4.692 m

Altitude Inicial



80 m

Altitude Máxima



121 m

Altitude Final



80 m

Desnível



123 m / -123 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (706.551, 7.464.960)

Fim: 23K (706.551, 7.464.960)



Tipo: Circuito



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



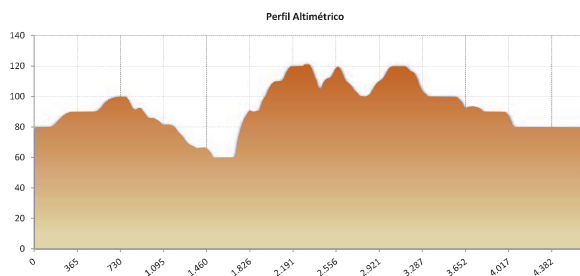
Insolação: Baixa



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

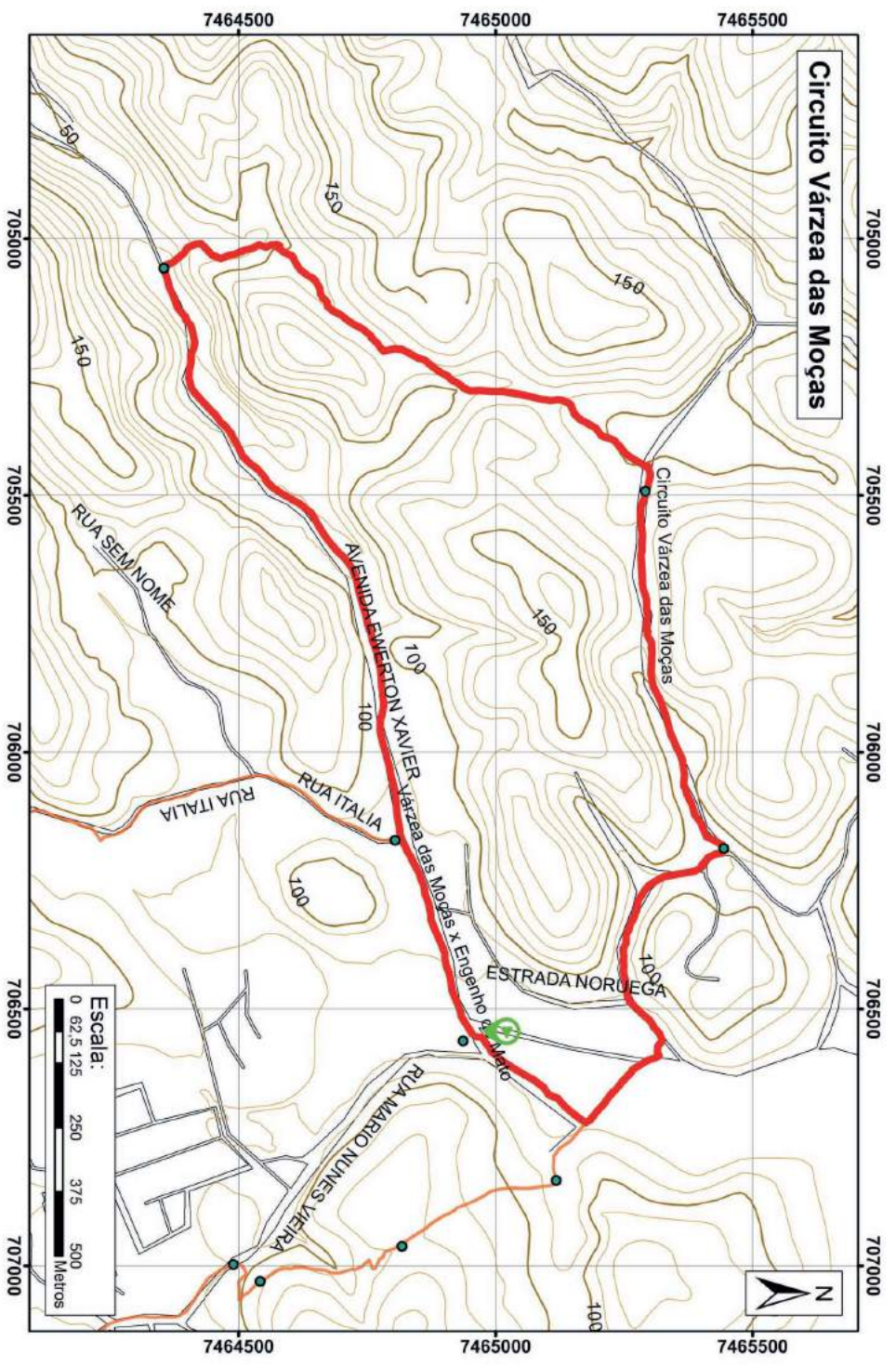
Piso: Regular



Principais atrativos

Caminhada em meio a mata, mesclada com trechos urbanos. Foto do Caminho após o Segundo Portão.





Circuito Várzea das Moças

Escala:
0 62.5 125 250 375 500
Metros



Descrição geral

Esse roteiro poderia ser mais curto, mas como tomamos o DPO de Várzea das Moças como referência, optamos por acrescentar 1,7 km de caminhada urbana na Av. Central até o início propriamente dito. A trilha segue por um belo caminho entre grandes árvores e paralelo a um córrego que acaba sumindo logo após dois poços. Segue até chegar novamente a uma estrada de chão, de onde acessamos a Estrada Velha de Maricá, até retornar ao ponto de partida. Pode ser feita de bicicleta.

Início da trilha

Saindo do DPO de Várzea das Moças, siga pela AV. Central (Estrada Everton da Costa Xavier) sentido Itaipu. Siga nela por aproximadamente 1,7 km, até a altura do nº 5.075, o início fica num portão de madeira (foto 1).



O caminho

Passando pelo portão, siga subindo numa estradinha pavimentada até chegar a um outro portão (foto 2), com uma cabine à esquerda. Pegue uma saída à direita. Siga subindo por um caminho bem agradável e em meio a grandes árvores (foto 3). Note um córrego à sua esquerda bem ao fundo de um grão. Mais acima você estará bem no nível desse córrego. Note também as grandes árvores pelo caminho. Depois de dois poços no leito do





córrego, ele seca. Continue subindo até chegar a um trecho mais aberto. Mais acima virá uma confluência à esquerda (foto 4), com uma casa bem ao final dessa rua.

A partir desse ponto, você seguirá caminhando numa rua de chão. Note um grande muro à sua esquerda, ele seguirá até o final, onde chegará na rua Jean Valenteau Mouliac (foto 5). Deste ponto até o DPO, são aproximadamente 2 km de caminhada. Nesse ponto, vire à direita até entrar à direita na rua Argemiro Azevedo, onde seguirá até chegar à Estrada Velha de Maricá novamente, onde há um posto de gasolina. Dali é só virar à direita e seguir até o DPO.

Travessia Várzea das Moças x Engenho do Mato

Duração



1 h

Distância



2.896 m

Altitude Inicial



80 m

Altitude Máxima



122 m

Altitude Final

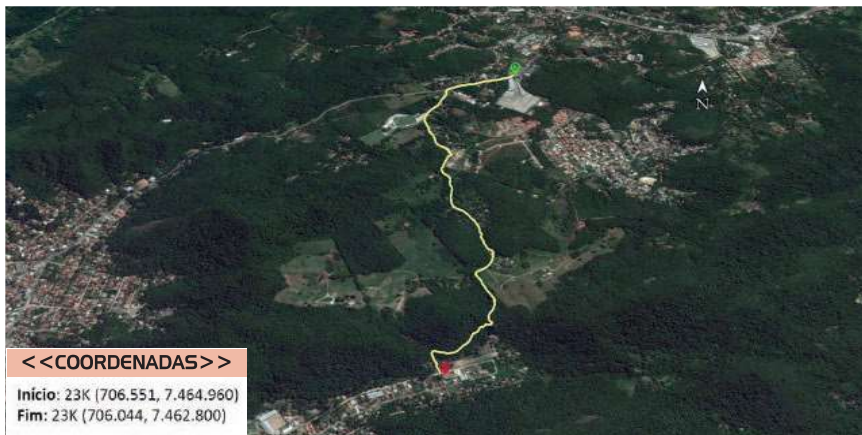


40 m

Desnível



76 m / -116 m



Tipo: Travessia



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



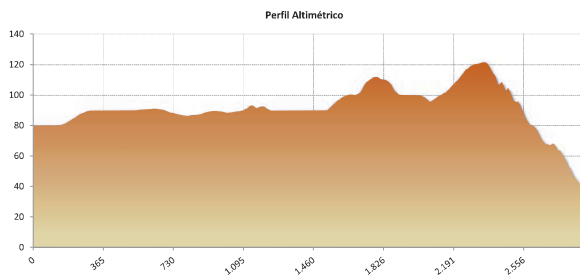
Insolação: Média



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

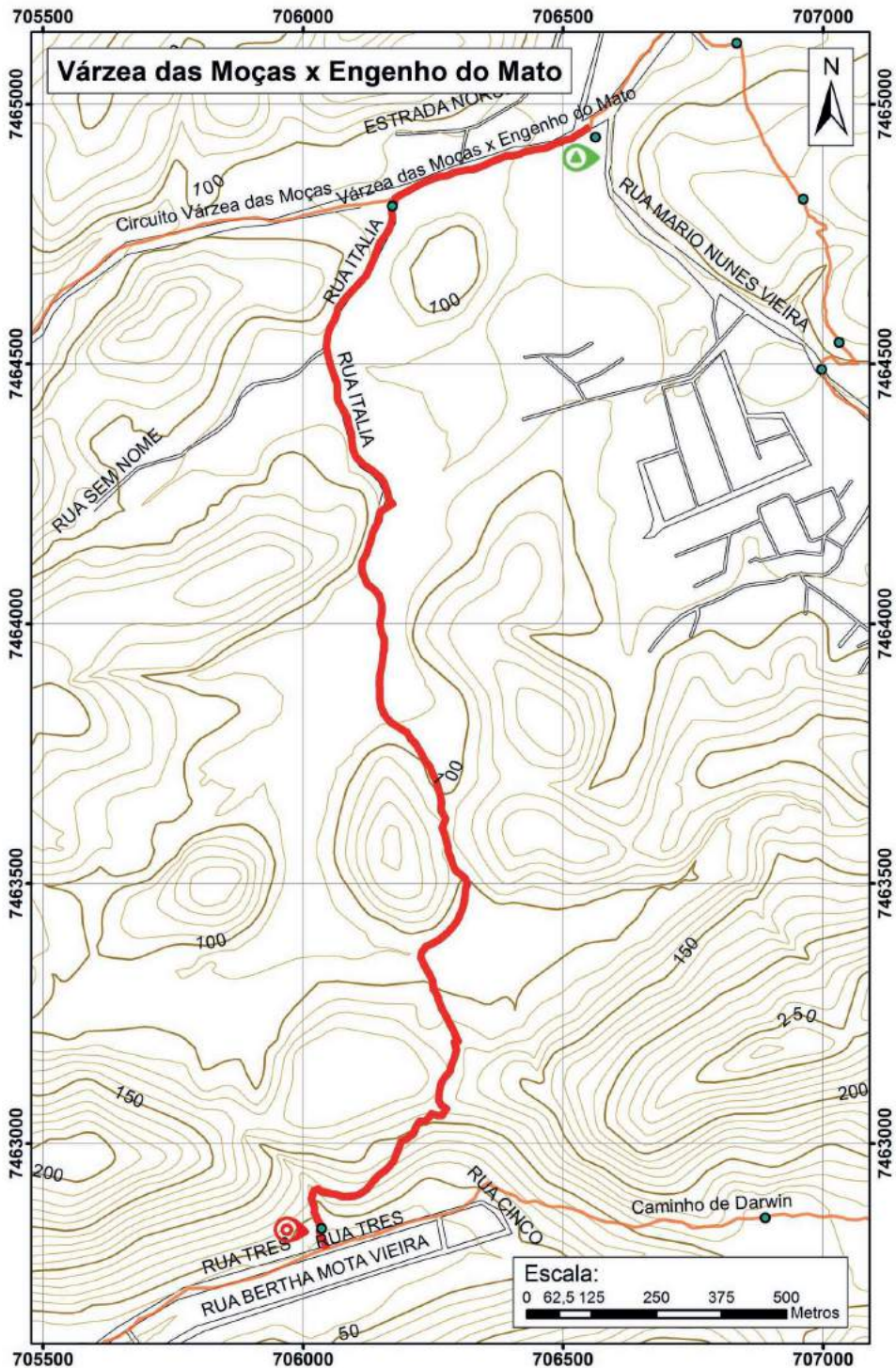
Piso: Ligeiramente Irregular



Principais atrativos

Caminhada em meio a mata, mesclada com trechos urbanos. Foto: Trecho da Travessia.







Descrição geral

Pode ser utilizado como ponto de ligação entre vários roteiros da região de Várzea das Moças e Engenho do Mato. Partindo do DPO de Várzea das Moças, seguirá por 400 m na Av. Central, até entrar na Rua Itália, onde seguirá por 1,6 km até o ponto inicial da trilha. Pode ser feita de bicicleta.

Início da trilha

Saindo do DPO de Várzea das Moças, siga pela AV. Central (Estrada Everton da Costa Xavier) sentido Itaipu, por aproximadamente 400 m até a Rua Itália, entre nela e siga por mais 1,6 km. A entrada fica após a Fazenda Santa Tereza (foto 1).





O caminho

Após a Fazenda Santa Tereza, pegue a primeira saída à esquerda e siga paralelo à cerca em uma estradinha de chão (foto 2), que vai piorando as condições até se tornar intransitável para veículos.

Esse trecho sobe até cruzar a vertente, estando do lado do Engenho do Mato, onde começa a descer até chegar à Rua São Sebastião, próximo ao início do Caminho Darwin (foto 3).

Ao final, basta virar à direita e seguir por aproximadamente 2,1 km até chegar à pracinha do Engenho do Mato.

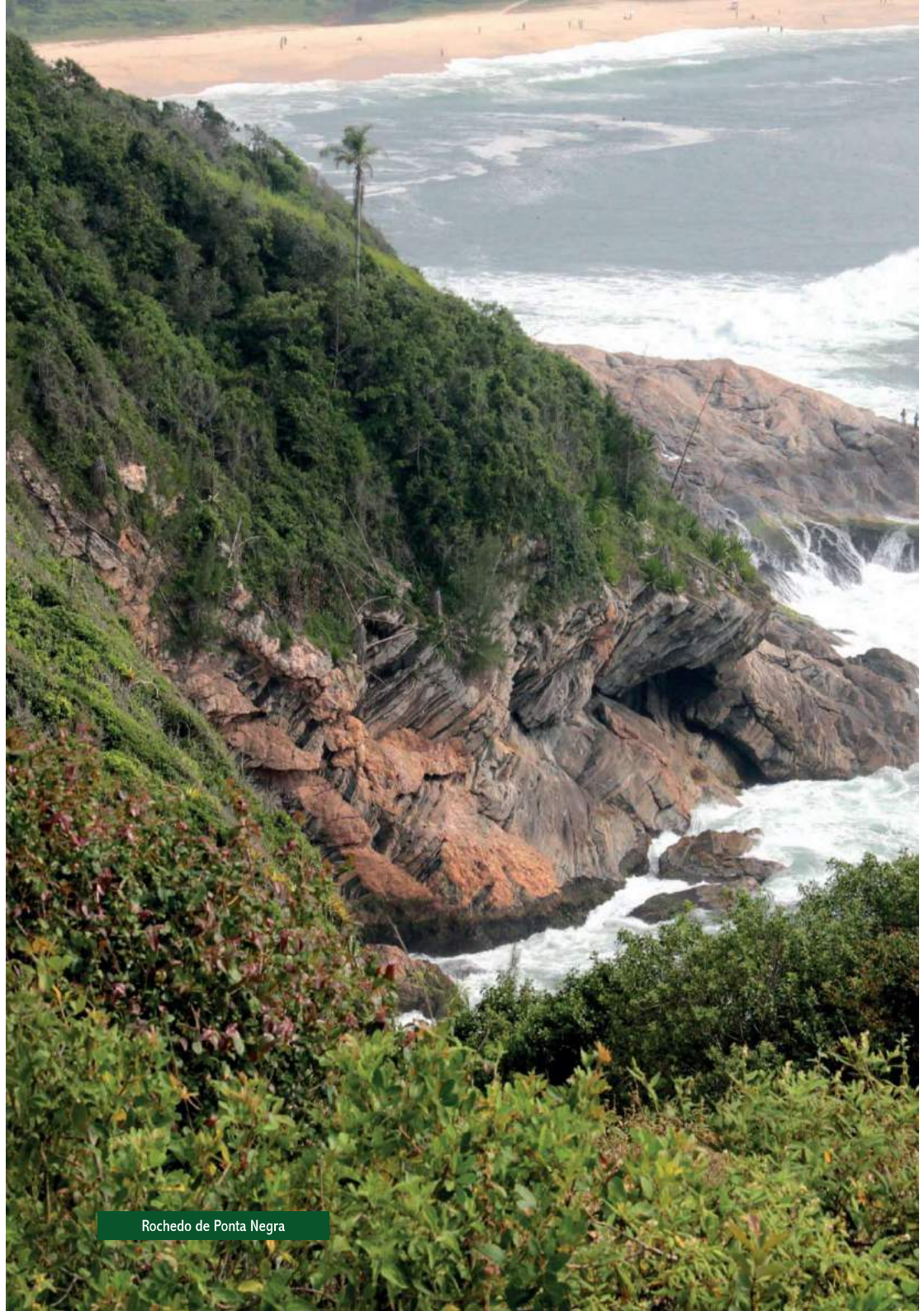
MARICÁ

Para melhor distribuição das informações, o município de Maricá foi dividido em 7 setores. Neles, foram selecionados 26 roteiros, distribuídos em 191 km de trilhas. Tal divisão foi baseada na região de onde essas trilhas iniciam, levando em consideração o percurso mais utilizado ou que seja mais fácil de se iniciá-lo. Alguns roteiros também foram classificados como trilhas, ao invés de travessias, pela facilidade de se retornar pelo mesmo caminho.

Setor	Qte	Distância (m)
Calaboca	4	31.797
Centro	3	15.760
Espraiado	6	76.382
Inoã	3	6.699
Itaipuaçu	4	29.110
Ponta Negra	1	6.236
Silvado	3	25.227



Praia de Itaipuaçu - Maricá



Rochedo de Ponta Negra

Um pouco da história

Estima-se que os primeiros habitantes da região que hoje compreende Maricá, tenham sido grupos que viviam próximo as lagoas, mangues e do mar, utilizando-se basicamente da pesca, coleta de moluscos e vegetais, embora praticassem a caça como atividade secundária. Em Maricá, a presença de tais grupos é registrada por sítios arqueológicos nas áreas de Cordeirinho e Jaconé, caracterizados pela presença de ossos de peixe, lascas de quartzo, lâminas de machado, conchas, ossos de mamíferos, etc. Há também evidências de que grupos aldeões também viveram na região. Foram encontrados resquícios de cerâmica Tupi-guarani em alguns locais.

Mas o que realmente desencadeou o seu povoamento e deu forma a sua divisão territorial, foi à doação de sesmarias, concedidas na faixa litorânea, compreendida entre Itaipuaçu e as margens da lagoa. Com a divisão do Brasil em capitanias, cada administração cedeu terras aos sesmeiros, com a finalidade de desbravar e desenvolver os locais.

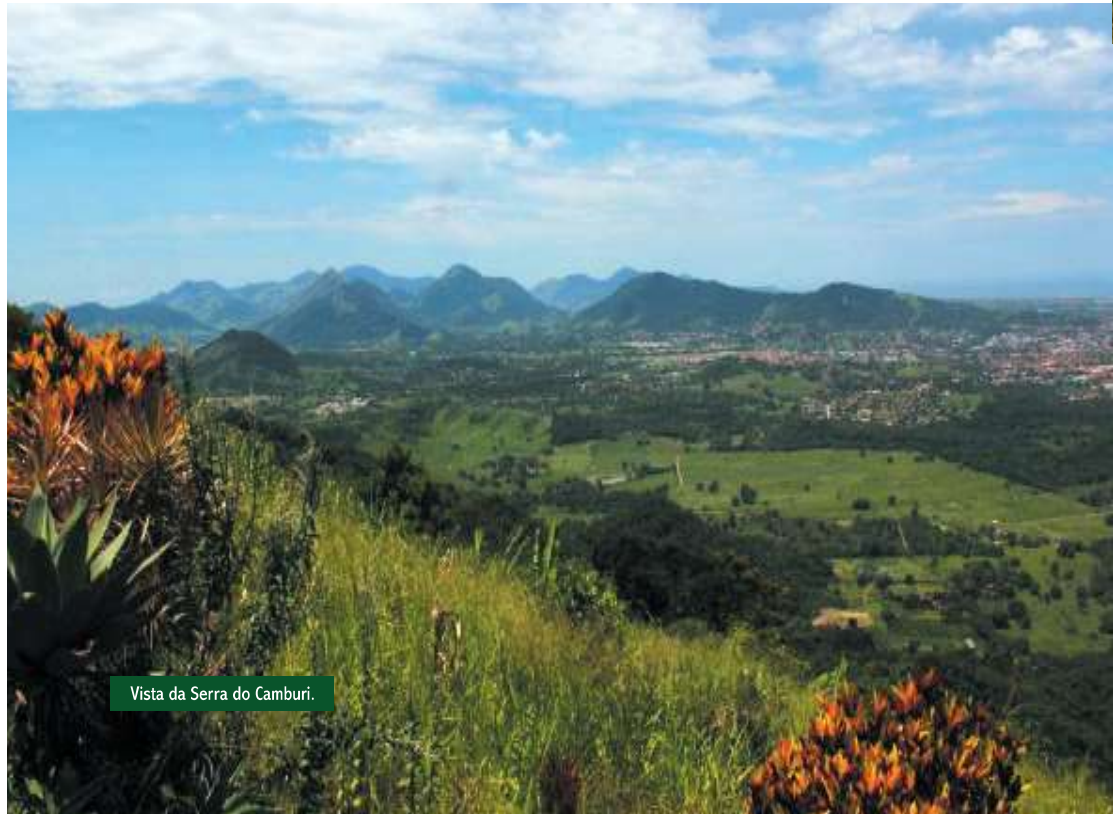
Em 1584, José de Anchieta partiu de Cabuçu, com o padre Leitão e numeroso grupo de índios, com destino à lagoa de Maricá, onde efetuou a célebre “pesca milagrosa”. Ali encontrou sinais da colonização, pois já estavam sendo



exploradas várias sesmarias. Onde hoje se localizam o povoado de São José de Imbassaí e a fazenda São Bento, fundada em 1635 pelos padres beneditinos, surgiram os primeiros núcleos de povoação em Maricá. Às primitivas populações desses dois núcleos deve-se a construção da primeira capela em terras maricaenses, destinada ao culto de Nossa Senhora do Amparo. Com a propagação da malária, os habitantes da região aos poucos se deslocaram para a outra margem da lagoa, formando assim a Vila de Santa Maria de Maricá.

Maricá é rodeada por maciços costeiros. As principais serras são: Tiririca, Calaboca, Mato Grosso, Lagarto, Silvado, Chuva, Espreado. O município apresenta um grande complexo lagunar que contempla as lagoas de Maricá, Barra de Maricá, do Padre, Guaripina e Jaconé, além dos canais de Ponta Negra e de Itaipuaçu que ligam as lagoas ao mar. Também é conhecida por suas belas praias oceânicas, dentre as quais destacam-se a de Jaconé, Ponta Negra, Barra de Maricá, do Francês e Itaipuaçu. A topografia peculiar cria um ambiente propício à prática de esportes como vôo livre, trekking e mountain bike, dentre outros.

O Parque Estadual da Serra da Tiririca divide os municípios de Niterói e Maricá, sendo um trecho valioso de mata atlântica. Outra unidade de conservação importante é a Área de Proteção Ambiental - APA Estadual de Maricá. Uma área tipicamente de restinga, localizada na costa do município; é formada pela antiga fazenda São Bento da Lagoa, a Ponta do Fundão e



Vista da Serra do Camburi.



Vista do Mirante do Alto Espreado

a Ilha Cardoso, abrigando a Comunidade Pesqueira tradicional de Zacarias, presente na área desde o século XVIII, sítios arqueológicos e o complexo ecossistema de restinga. Este último é formado, entre outros componentes, por tabuleiros costeiros, um duplo cordão arenoso coberto por dunas, brejos, vegetações e fauna de restinga. A sua construção promoveu a constituição do sistema lagunar Maricá-Guarapina pelo fechamento da antiga enseada. Possui, ainda, uma grande área urbana de ocupação rarefeita e formada por dezenas de bairros e condomínios. A maior parte dos domicílios é de uso permanente, sobretudo no centro da cidade e nas localidades mais antigas. Nas áreas do litoral e nas margens das lagoas as residências são majoritariamente utilizadas para o turismo do tipo veraneio.

Maricá é um município que apresenta um dos maiores complexos lagunares do Estado denominado Maricá-Guarapina, com rios, lagoas, riachos e brejos. O sistema lagunar é formado pelas lagoas Brava, de Maricá, da Barra, do Padre e Guarapina. A lagoa de Jaconé fica isolada, à leste na divisa com Saquarema. O território municipal corresponde à bacia hidrográfica do grande sistema lagunar, um fato bastante raro. Desta forma, praticamente todos os rios nascem e deságuam dentro do município. Seu principal rio é o Itapeba/Mombuca que não passa dos 20 metros de largura, mas abastece o Centro da cidade e alguns bairros. Maricá também tem canais artificiais que ligam o complexo lagunar ao mar como os canais de Ponta Negra e Itaipuaçu. A abertura destes canais nos anos 50 terminou com o regime natural de abertura de barra que acontecia entre Barra e Guaratiba.

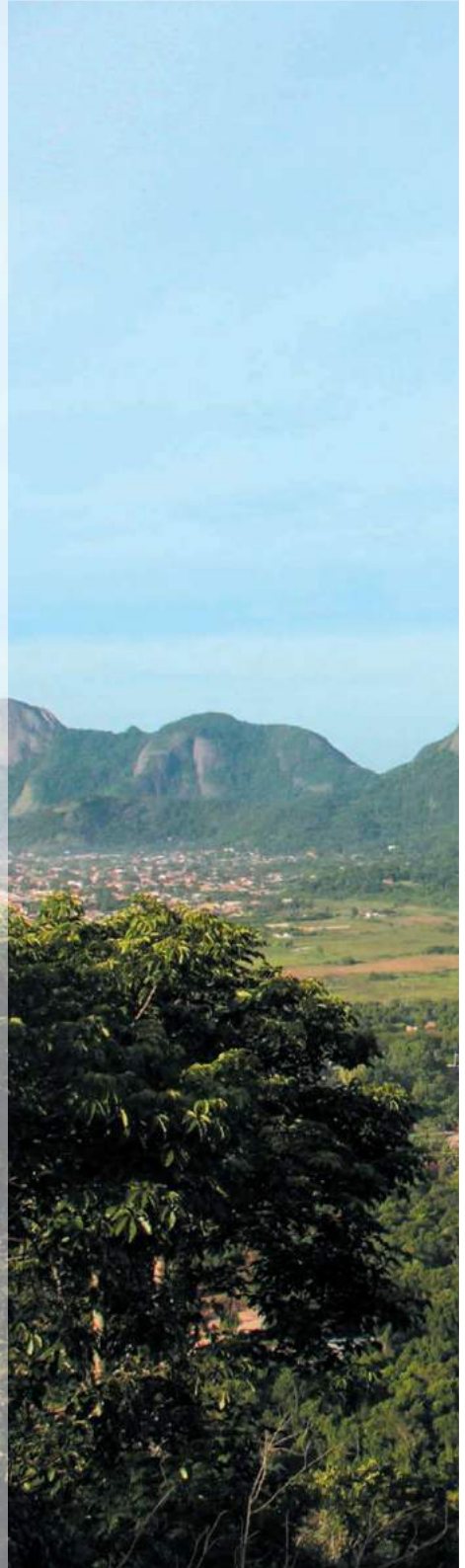
Setor ITAIPUAÇU

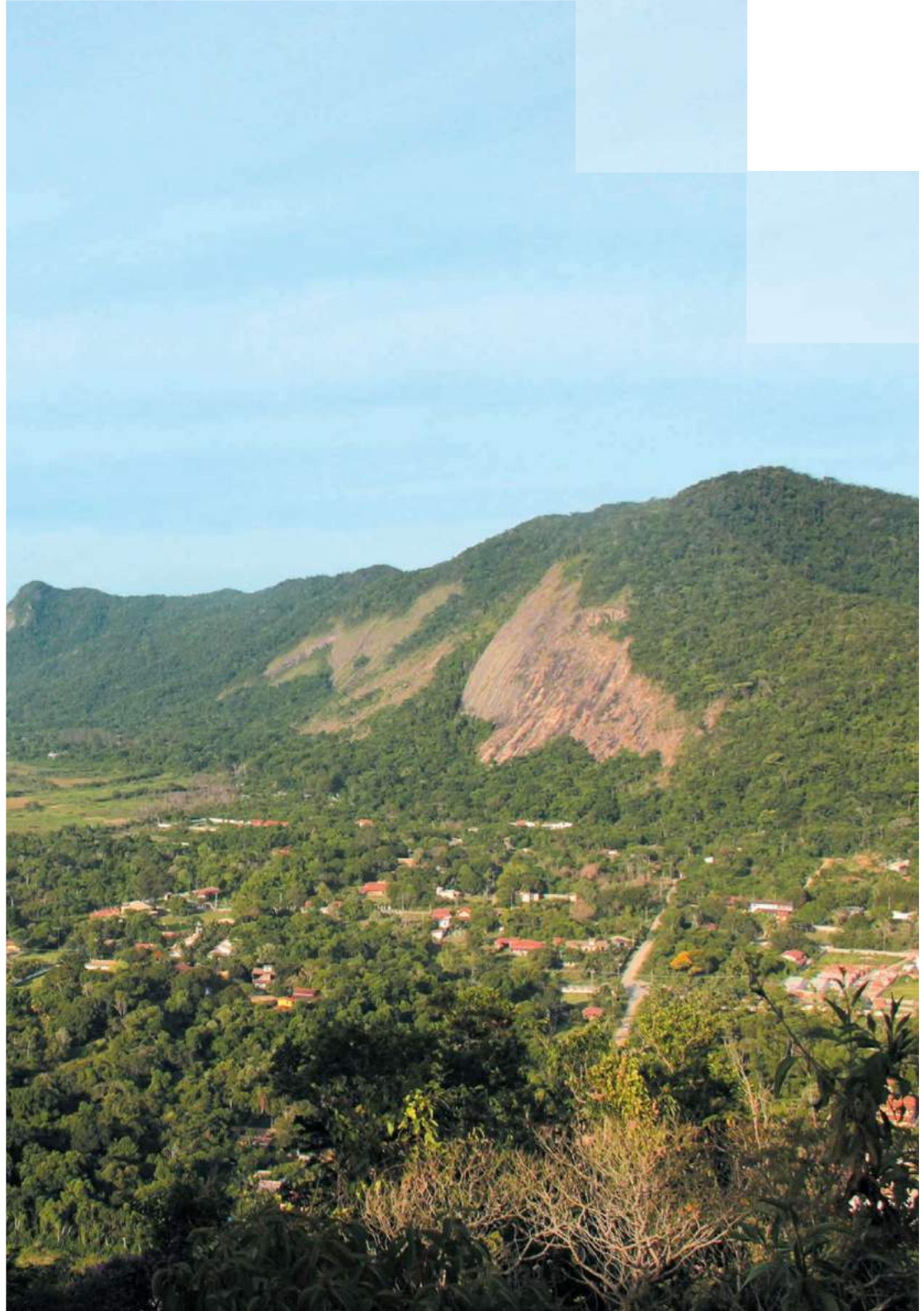
Informações gerais

Para o setor, foram selecionados 4 roteiros: Pedra de Itaocaia, Morro da Peça, Circuito da APA da Restinga de Maricá e Ilhas Maricás. Os roteiros totalizam 29 km. Como as trilhas se iniciam em pontos distintos, a informação de como chegar foi colocada em cada descrição da trilha.

Histórico

Itaipuaçu se escrevia Itaipu-Açu e é um termo tupi que significa “grande pedra na qual a água faz barulho”, através da junção de “itá” = pedra + “y” = água + “pu”=barulho + “guasu” = grande. O local já pertenceu à sesmaria de Duarte Martins Moirão. Parte da sesmaria foi adquirida pelos monges da ordem dos beneditinos, sendo incorporada a grande fazenda São Bento, que ia dos limites da Serra da Tiririca, até Ponta Negra, na faixa litorânea entre a lagoa e o mar. Itaipuaçu é um bairro-distrito de Maricá e é limite, pela Serra da Tiririca, com o município de Niterói. Sua praia, oceânica, possui uma extensão de aproximadamente 15 km e largura entre 20 e 30 metros, com águas transparentes e esverdeadas. A faixa litorânea segue sem interrupção desde o Alto Mourão (Pedra do Elefante) até Ponta Negra. Nem sempre é possível o banho de mar, pois a arrebentação é muito próxima da faixa de areia, formando valas, sendo um perigo para os banhistas. O local também é muito frequentado por pescadores. Em Itaipuaçu nasceu o loteamento Jardim Atlântico, destacando-se por ter sido o segundo maior da América Latina, perdendo apenas para o Jardim Catarina, no município do São Gonçalo.





Pedra de Itaocaia

Duração



2 h

Distância



2.686 m

Altitude Inicial



17 m

Altitude Máxima



370 m

Altitude Final

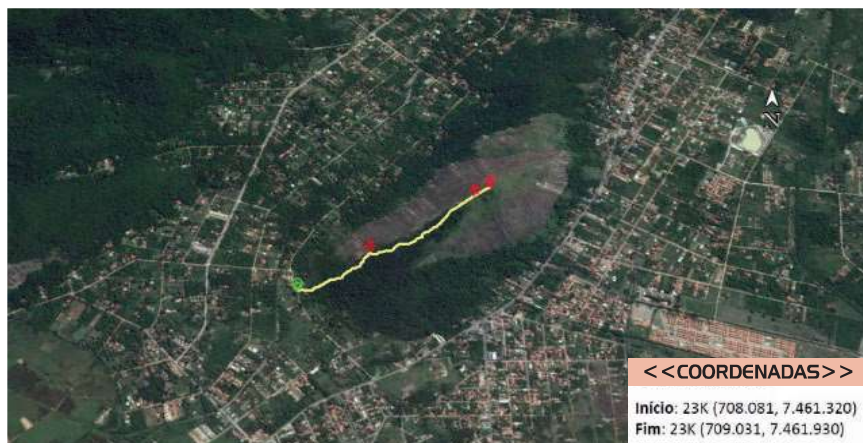


370 m

Desnível



357 m / -4 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (708.081, 7.461.320)

Fim: 23K (709.031, 7.461.930)



Tipo:

Trilha



Esforço:

Leve Superior



Orientação:

Fácil



Insolação:

Baixa



Risco:

Pequeno

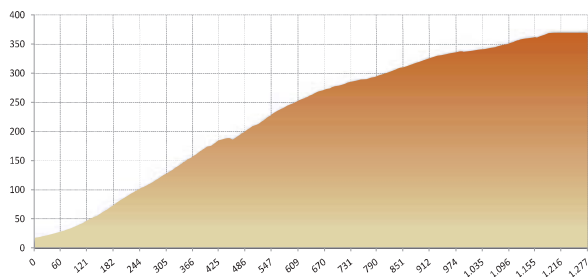


Obstáculos: Poucos e Simples



Piso: Ligeiramente Irregular

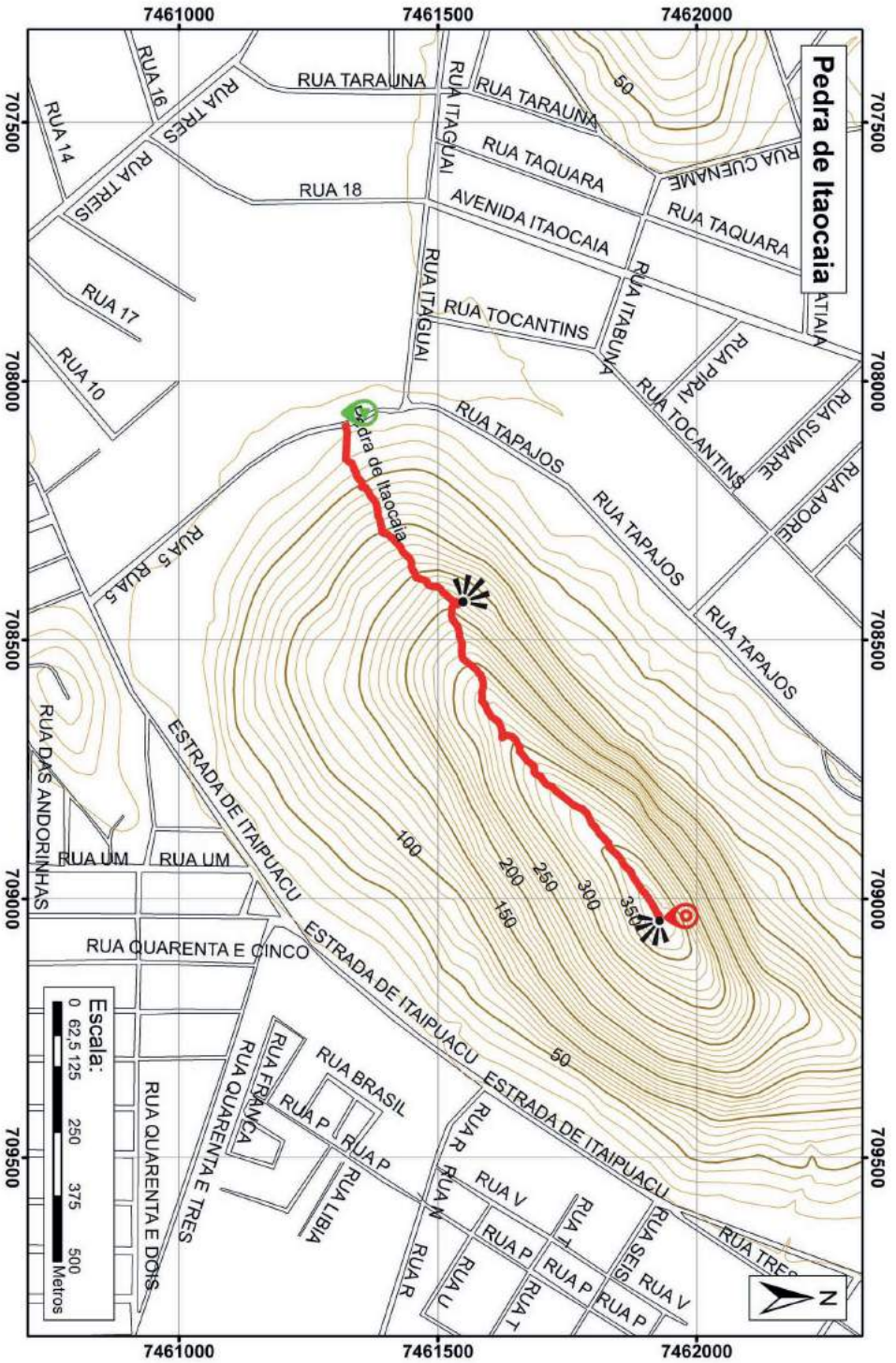
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Bela vista com visão panorâmica de 360°, de onde podemos avistar a Serra da Tiririca, Calaboca, Inoã, Restinga de Maricá, praia de Itaipuaçu e o Alto Mourão.





Pedra de Itaocaia

Escala:
 0 62.5 125 250 375 500
 Metros



Descrição geral

Localizada no distrito de Itaipuaçu, no município de Maricá, a Pedra de Itaocaia se destaca na paisagem local, tanto para quem está na praia de Itaipuaçu ou Alto Mourão, quanto para quem passa pela RJ 106, na altura de Inoã. Possui aproximadamente 389 metros de altura e de cada ponto que a vemos, possui um formato. Sua trilha é bem definida e não há bifurcações. Já houve relato de abelhas próximo ao cume, fique atento.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha Niterói x Itaipuaçu, da empresa Nossa Senhora do Amparo e descer na esquina da Rua 5, próximo ao Posto Golfinho. Vire à direita na Rua 5, rua onde fica o Rancho Panisset, seguindo por 600 m até a altura do Lote 330, Quadra 16.

De carro:

Existem várias maneiras de se chegar ao Início da Trilha, separamos duas:

Via Serrinha de Itaipuaçu – Suba e desça a Estrada Gilberto de Carvalho (Serrinha de Itaipuaçu) e siga até chegar à Praça do Barroco, referência na região. A partir daí, será aproximadamente 1,9km. Vire à esquerda na Rua 5, rua onde fica o Rancho Panisset, seguindo por 600 m até a altura do Lote 330, Quadra 16.

Via Inoã – Na RJ 106, vire na primeira entrada de Itaipuaçu, logo que começar a descida antes de chegar ao centro de Inoã, Dali, siga na Av. Gilberto Carvalho e depois siga na Rua Carlos Mariguella (antiga Rua 1), por aproximadamente 6,4 km. Vire à direita na Rua 5, rua onde fica o Rancho Panisset, seguindo por 600 m até a altura do Lote 330, Quadra 16.

Início da trilha

A trilha começa ao lado lote 330, quadra 16, da rua 5 (foto 1). Seguir uma servidão, com o muro a sua direita, vai chegar a um portão de garagem. A sua esquerda, terá uma laje de pedra. O início é por essa laje.

O caminho

Subindo a laje de pedra (foto 2), você seguirá por um caminho muito bem definido. O trecho inicial é todo entre a floresta e bem abrigado do sol. Note que em alguns trechos é possível ver a laje de pedra bem abaixo da fina e frágil camada de solo. Mais acima terá uma saída para a esquerda e você chegará ao primeiro mirante. Dali você verá toda



a planície da Fazenda Itaocaia, além da Serra da Tiririca e o Alto Mourão ao fundo.

Continuando a subida, você irá serpenteando até chegar a uma área onde caminhará por um local levemente plano. Ao final, chegará a um ponto com bastante capim (foto 3). Às vezes, fica bem fechado, atrapalhando um pouco. Você estará bem próximo ao cume. Daí até ao cume, não tem mais abrigo do sol. Mais alguns metros e já dá para ver a vista panorâmica de toda a região: Serra da Tiririca, Inoã, Gaia, Pedra de Inoã, Itaipuaçu, Alto Mourão, etc.

Um cume fantástico, com uma vista de tirar o fôlego. Ali você ainda pode dar uma explorada no local, optando por seguir descendo o lado oposto até um mirante que fica bem abaixo, mas o capim pode atrapalhar um pouco. Na face voltada para a Fazenda Itaocaia, tem um grande mirante que vale a pena uma pausa para o descanso.

Curiosidades

“Itaocaia” provem do vocábulo tupi “tocai”, que deu origem ao substantivo tocaia e que significa observatório, mirante. Fazer tocaia, ou melhor, tocaiar, é observar, ficar à espreita sem ser visto, normalmente para praticar um ataque surpresa. A palavra Itaocaia provém de itá (pedra) + okaia (pequena casa rústica onde o indígena esperava o inimigo, tocaia), segundo o Dicionário Tupi Antigo, de Eduardo Almeida Navarro (Global, 2013). Foi justamente perto da pedra, durante muito tempo, o local escolhido para ataques surpresas às tropas de Guaxindiba, quando passavam pela região, e a qualquer outro viajante, porque por ali, durante a fase colonial, era passagem obrigatória para as caravanas que seguiam até Cabo Frio. Charles Darwin, grande naturalista inglês, autor da revolucionária teoria da evolução das espécies, relatou sua passagem pelo local na sua célebre viagem ao Rio de Janeiro, na qual está transcrita no trecho abaixo:

“Como foi ficando escuro, passamos sob uma das montanhas maciças, nuas e escarpadas de granito tão comuns nesta região. Este lugar é famoso no país por ter sido durante um longo período a morada de alguns escravos fugidos que, cultivando uma pequena gleba de terra próxima ao topo, conseguiram tirar dali seu sustento. Por fim, alguns soldados foram enviados e os prenderam todos, com exceção de uma velha que, a ser capturada de novo, preferiu se espatifar em pedaços e jogou-se bem do topo da montanha. Fosse ela uma matrona romana e isso seria chamado de patriotismo nobre; como se trata de uma negra, foi chamado de obstinação brutal!



Morro da Peça de Itaipuaçu

Duração



40 min

Distância



1.447 m

Altitude Inicial



10 m

Altitude Máxima



60 m

Altitude Final



60 m

Desnível



60 m / -10 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (705.258, 7.458.800)

Fim: 23K (705.027, 7.458.930)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

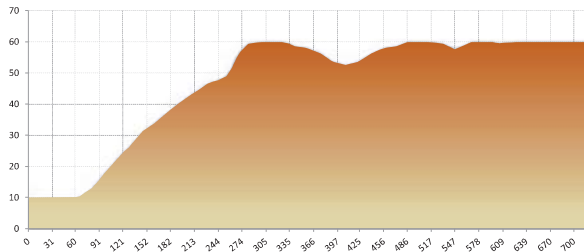


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

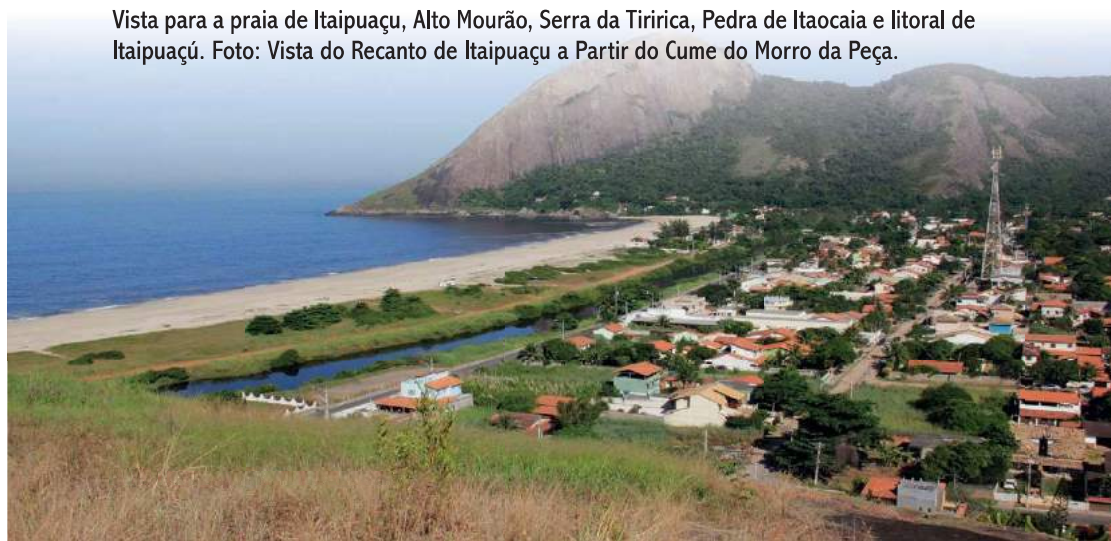
Piso: Regular

Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista para a praia de Itaipuaçu, Alto Mourão, Serra da Tiririca, Pedra de Itaocaia e litoral de Itaipuaçu. Foto: Vista do Recanto de Itaipuaçu a Partir do Cume do Morro da Peça.



7458500

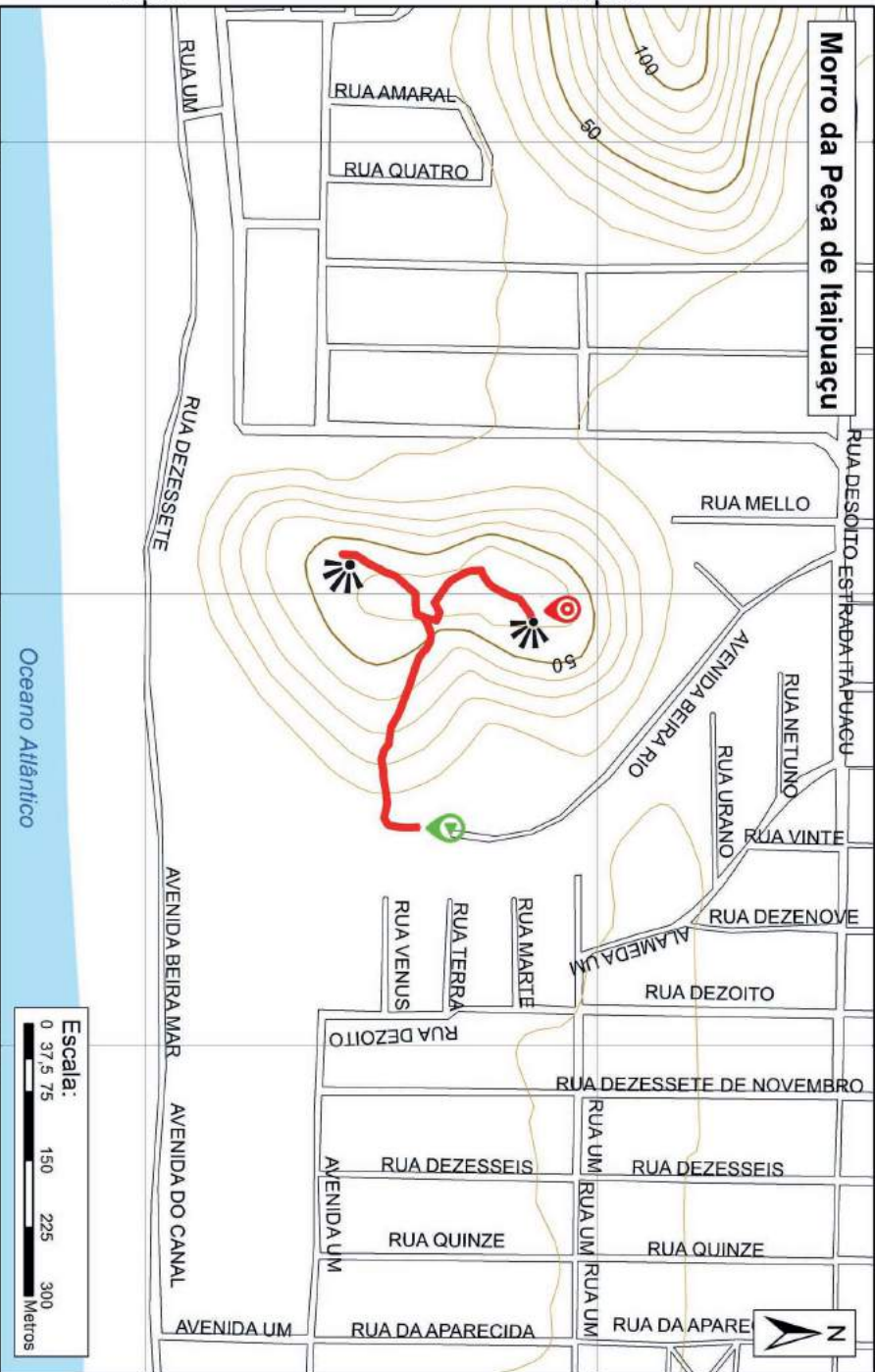
7459000

704500

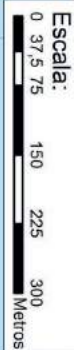
705000

705500

Morro da Peça de Itaipuacu



Oceano Atlantico



7458500

7459000

704500

705000

705500

Descrição geral

Trilha muito curta, mas que tem um belo visual de Itaipuaçu, Alto Mourão (Pedra do Elefante) e toda a Serra da Tiririca. Segue subindo por um costão de pedra e que pode apresentar muito capim nesse trecho inicial. São na verdade dois cumes, sendo o maior deles o ponto onde tem as antenas repetidoras de sinal.

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus linha Niterói x Itaipuaçu, da empresa Nossa Senhora do Amparo e descer na ponte que fica antes do Recanto.

De Carro:

Existem várias maneiras de se chegar ao Início da Trilha, separamos duas:

Via Serrinha de Itaipuaçu – Suba e desça a Estrada Gilberto de Carvalho (Serrinha de Itaipuaçu) e fique na av. principal até chegar a ponte;

Via Inoã – Na RJ 106, vire na primeira entrada de Itaipuaçu, logo que começar a descida antes de chegar ao centro de Inoã, Dali, siga na Av. Gilberto Carvalho e depois siga na Rua Carlos Mariguella (antiga Rua 1), até chegar a ponte.

Início da trilha

Fica no final da Rua Beira Rio (foto 1), rua antes da Ponte do Recanto.

O caminho

No final da rua siga em frente em um trecho que pode ter algum lixo. Ande alguns metros e logo verá o caminho que sobe para a direita (foto 2). Logo você estará subindo por um costão. Nesse ponto, não há vegetação, assim como todo o percurso. No primeiro e menor cume, você já tem uma bela vista do litoral de Itaipuaçu (foto 3), mas há a possibilidade de ir ao mais alto, onde ficam as antenas.

Assim que chegar ao primeiro cume, haverá uma pequena mata à sua direita, siga por ela em um caminho um pouco fechado, até que





2



3

começará a subir novamente. Siga por um caminho não definido até o cume. Geralmente a presença de capim é grande. Lá você terá um bela vista da região.

Curiosidades

No processo de formação das nossas barreiras costeiras, numa escala de tempo geológico, a variação do nível do mar provoca a migração da linha de costa através dos movimentos de regressão (mar recua) e transgressão (mar avança), a sucessão destes movimentos cria uma sucessão de cordões arenosos, às vezes, corpos lagunares são formados entre esses cordões. Ao contrário da informação que circula pela população local, o Canal da Costa não é artificial, ele é um corpo lagunar, formado entre cordões arenosos (antigas linhas de costa), que sofreu ação antrópica, obras de retificação e mudança de parte do traçado. Durante a década de 1950 o extinto Departamento Nacional de Obras de Saneamento – DNOS executou uma obra de retificação deste corpo d'água em um contexto de saneamento das planícies costeiras.

Sobre a existência documental do corpo lagunar anterior ao DNOS, o documento cartográfico, mais antigo encontrado, data de 1797 e encontra-se no Mosteiro de São Bento. Este documento mostra a existência e formato do antigo corpo lagunar muito antes da execução das obras do DNOS. Ainda hoje, podemos encontrar parte do antigo corpo lagunar dentro da Restinga de Maricá na APA de Maricá.

Circuito da APA da Restinga

Duração



4 h

Distância



18.344 m

Altitude Inicial



1 m

Altitude Máxima



10 m

Altitude Final



1 m

Desnível



49 m / -49 m



Tipo: Circuito



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

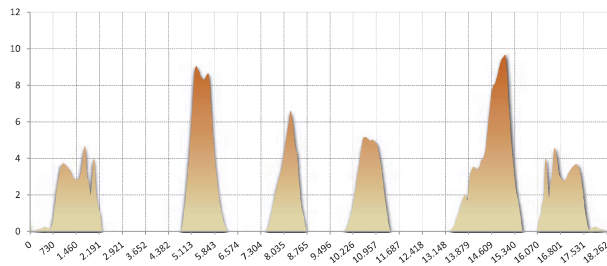


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

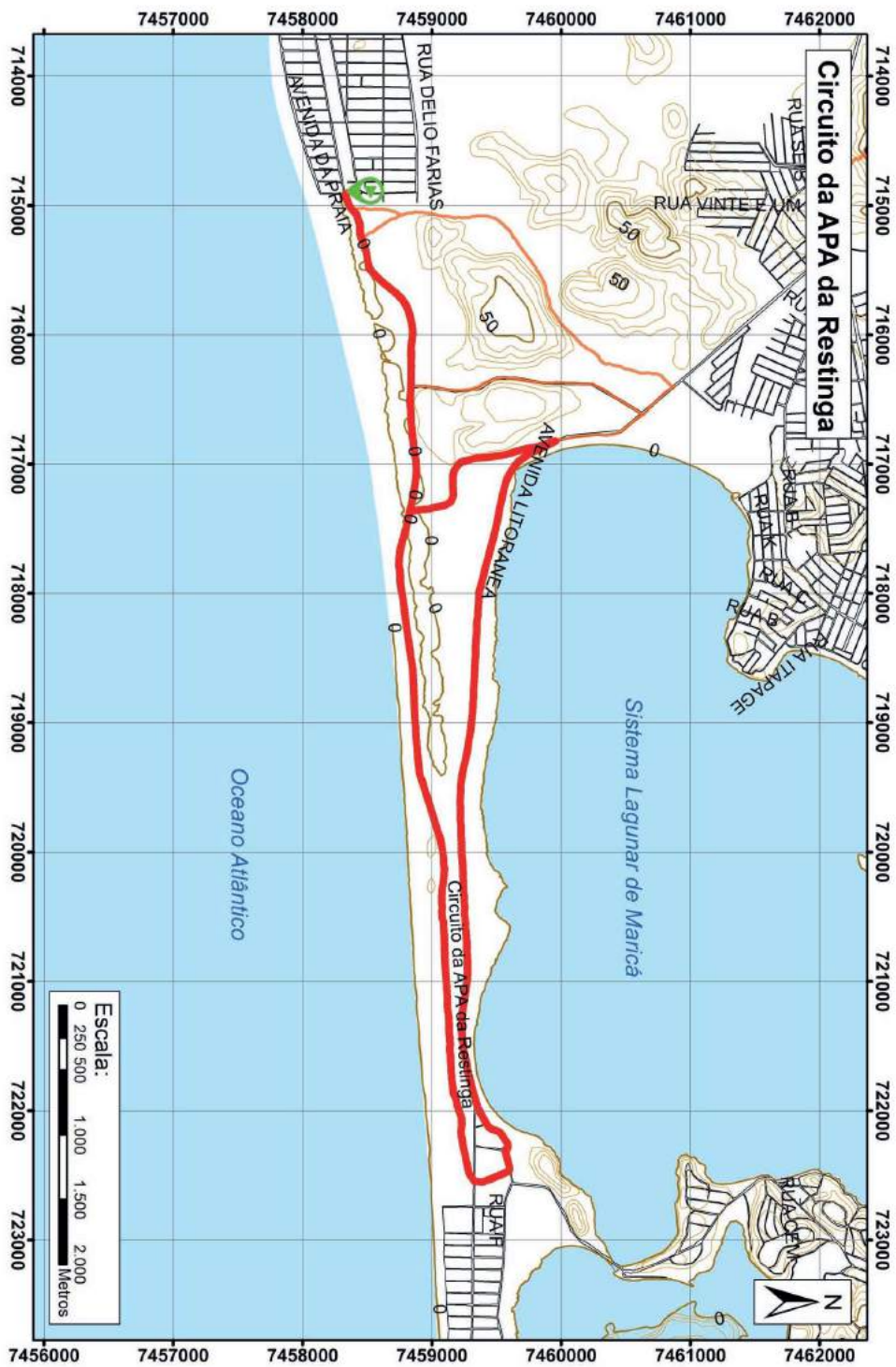
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Passeio em meio à vegetação de restinga, entre mar e lagoa. Foto: Vista da Lagoa de Maricá.





Descrição geral

Indicada para ser percorrida de bicicleta. Segue a estrada mais próxima da praia na ida e na volta, mais próxima da lagoa. Existem várias saídas e caminhos que interligam tanto a lagoa quanto o mar. Uma bela paisagem.

Como chegar

De ônibus:

Não existe ônibus direto até o ponto de início, porém você pode pegar a linha 37, Inoã x Barroco e descer próximo ao local e ir caminhando até a praia. De lá deverá seguir até o início do caminho.

De carro:

Chegar até a Praia de Itaipuaçu, e seguir pela Av. Beira Mar até o final. Lá existem alguns bares, onde pode-se deixar o carro estacionado e seguir para o passeio.

Início da trilha

Final da Praia de Itaipuaçu (foto 1), onde há uma curva 90° para à esquerda.

O caminho

No final da praia de Itaipuaçu, siga a rua numa curva 90° à esquerda e siga numa leve descida, virando à direita e seguindo na estrada de terra. Note que haverá algumas saídas, tanto para a esquerda, quanto para a direita, permaneça no caminho principal. Mais a frente, após passar por uma construção, a estrada seguirá para perto da praia e voltará a se afastar novamente.





Área da restinga

A partir daí, você pode pegar qualquer saída para a esquerda até chegar a outra estrada de terra, que segue paralela a essa, porém mais próxima à lagoa. Seguirá nela até a ponte sobre um canal e poderá retornar, entrando a primeira à direita e seguir até a estrada no trecho inicial, virando novamente à direita, até o início do circuito.

Note que pelo mapa, existem várias possibilidades de percurso para o local. Explore todos!

Curiosidades

Devido ao surgimento de grandes intervenções que começaram a ocorrer na região, como o rebaixamento do nível das lagoas, loteamentos marginais registrados sobre área pública e áreas de preservação ambiental, ocorrendo até dentro do próprio espelho d'água, houve grande mobilização e organização de diversas entidades de preservação do meio ambiente, tais entidades lutaram para a preservação que culminou com a criação da APA da Restinga, em 1984, através do decreto Estadual nº 7.230, demarcando amplamente todo o complexo lagunar.

A Área de Proteção Ambiental de Maricá é um conjunto de ambientes que se inter-relacionam e contêm componentes únicos, formando uma paisagem de imensa beleza. Está situada no litoral entre o mar e o sistema lagunar. Está inteiramente dentro do município de Maricá. Na faixa litorânea, destacam-se as areias de várias granulações, estando sob forte pressão da indústria extrativista. Há cerca de 7.000 anos houve uma estabilização do nível do mar e até uma pequena transgressão, que formou os cordões arenosos, gerando o sistema de lagoas. Mas foi há cerca de 3.000 anos que a aparência atual tomou forma. Esses sistemas tornaram-se frágeis e com o rebaixamento viraram grandes brejos. Vastas áreas de areia ficaram expostas à ação do vento, originando as dunas. O clima ficou mais úmido e as dunas e restingas adquiriram vegetação, tomando pouco a pouco a feição atual.

Esse sistema lagunar era composto por várias lagoas que se interligavam, porém algumas obras de engenharia alteraram permanentemente a forma e o sistema local. O sistema passou então a ser denominado como se fosse formado apenas por quatro lagoas interligadas: Maricá, Barra, Padre e Guarapina. Esse sistema é abastecido pelos numerosos rios das serras de Inoã, Macacos, Cassorotiba, Caxito, Silvado, Caju e Iaconé. Esses rios desembocam nas lagoas por meio de brejos. Esses brejos são locais riquíssimos em nutrientes que alimentam as cadeias alimentares das lagoas, funcionando como verdadeiros filtros.

No passado, o volume de água das chuvas tinha um papel importantíssimo na abertura da barra, na Lagoa da Barra. A lagoa de Maricá, quando cheia, possuía cerca de 46,2 km² e ficava 1,2 m acima do nível do mar. A abertura da barra se dava naturalmente, as vezes ajudada pelos pescadores. Durante esse período de abertura, entravam na lagoa os peixes que ali desovavam, camarões e uma infinidade de larvas que cresciam até se transformarem em animais adultos. O sistema de Maricá produzia então, cerca de 3.400 toneladas de pescado por ano.

Depois da abertura permanente do canal de Ponta Negra em 1951, a circulação das águas nas lagoas de Maricá passou do sistema de enchentes para ao sistema de marés. Os brejos perderam cerca de 6 km² de área natural, além de redução no tamanho das lagoas, gerando brusca redução na quantidade de pescado. Hoje no local onde a barra “abria” foi construída uma ponte, que talvez tenha selado, permanentemente, o destino das lagoas. A área que vai de Itaipuaçu até Barra de Maricá permanece preservada, resistindo a forte especulação imobiliária como o projeto de construção de um gigantesco resort na área, o que poderia por fim a esse imenso paraíso, um dos últimos ecossistemas de restinga ainda preservados da região.

No passado, grandes cientistas percorreram a restinga de Maricá, coletando material e registrando fatos que foram deixados como prova da exuberância da fauna e flora da região, como o Príncipe Maximilian Alexander Philipp vonWied-Neuwied, Charles Darwin, Agustin François, César Provensal de Saint-Hilarie, entre outros.

Ilhas Maricás

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 30 min	 1700 m	 0 m	 50 m	 50 m	 50 m / -10 m



	Tipo:	Trilha
	Esforço:	Leve
	Orientação:	Fácil
	Insolação:	Alta
	Risco:	Pequeno
Obstáculos:		Poucos e Simples
Piso:		Ligeiramente Irregular



Principais atrativos

Passeio de barco, trilha do farol, circuito da ilha principal, comunidade de pescadores.
Foto: Ilhas Maricás ao Fundo.





Descrição geral

Pode ser considerada uma das mais belas e exótica trilhas deste guia. No litoral do município de Maricá, estas ilhas guardam a melhor vista para as serras de Maricá e Niterói.

Como chegar

De barco:

A forma mais comum de acesso é contratando o transporte feito pelos pescadores na Ponta do francês, na altura da rua 70 do loteamento Jardim Atlântico, no bairro de Itaipuaçu, no município de Maricá.

Início da trilha

Pequena praia da enseada principal (foto 1), única em que é possível atracar com barco de pequeno porte, pois quase todo o litoral é rochoso e com ondas fortes.

O caminho

A partir da praia da enseada, a trilha é bem marcada e começa pelo lado direito da praia passando por uma vegetação de porte arbóreo arbustivo. A trilha possui a primeira bifurcação: o caminho da esquerda leva para a comunidade de pescadores, o caminho da direita leva para as trilhas do farol e do circuito da ilha principal. Na primeira bifurcação, segue-se pelo caminho da direita até avistar o mar no outro lado da ilha, esta é a segunda bifurcação, o caminho da direita leva para a trilha do farol e o caminho da esquerda leva para um circuito que dá a volta na ilha até a praia da enseada. Recomendamos fazer primeiro a trilha do farol e na volta, quando retornar à segunda bifurcação, continuar para o circuito da ilha principal. Este circuito requer muita atenção e preparo dos participantes, devido ao fato de que vários lances de Boulder nos costões rochosos da ilha.

1

2

Curiosidades

As rochas das Ilhas de Maricá são semelhantes às rochas do Farol de Ponta Negra e praia da Sacristia, suas formas e cores de diversos dobramentos, tem origem no metamorfismo regional causado pelo último choque e afastamento das placas tectônicas da América e África à, respectivamente, 120 e 80 milhões de anos atrás (foto 2).

Setor do CALABOCA

Informações gerais

Neste setor, são cerca de 32 km distribuídos em quatro roteiros. Todos eles agrupados ao redor da Serra do Calaboca, tendo seu início ou seu fim nos pontos de referência, com exceção do Morro do Catumbi, que inicia-se a estrada que dá acesso ao bairro de Itaipuaçu. Por ser curta e com fácil acesso, as Grutas do Spar é um dos locais mais visitados atualmente, não é raro encontrarmos dezenas de pessoas percorrendo os caminhos de acesso. A região também é muito procurada por ciclistas e por praticantes de motocross. Com frequência passamos por um ciclista ou ouvimos o barulho das motos em algum ponto.

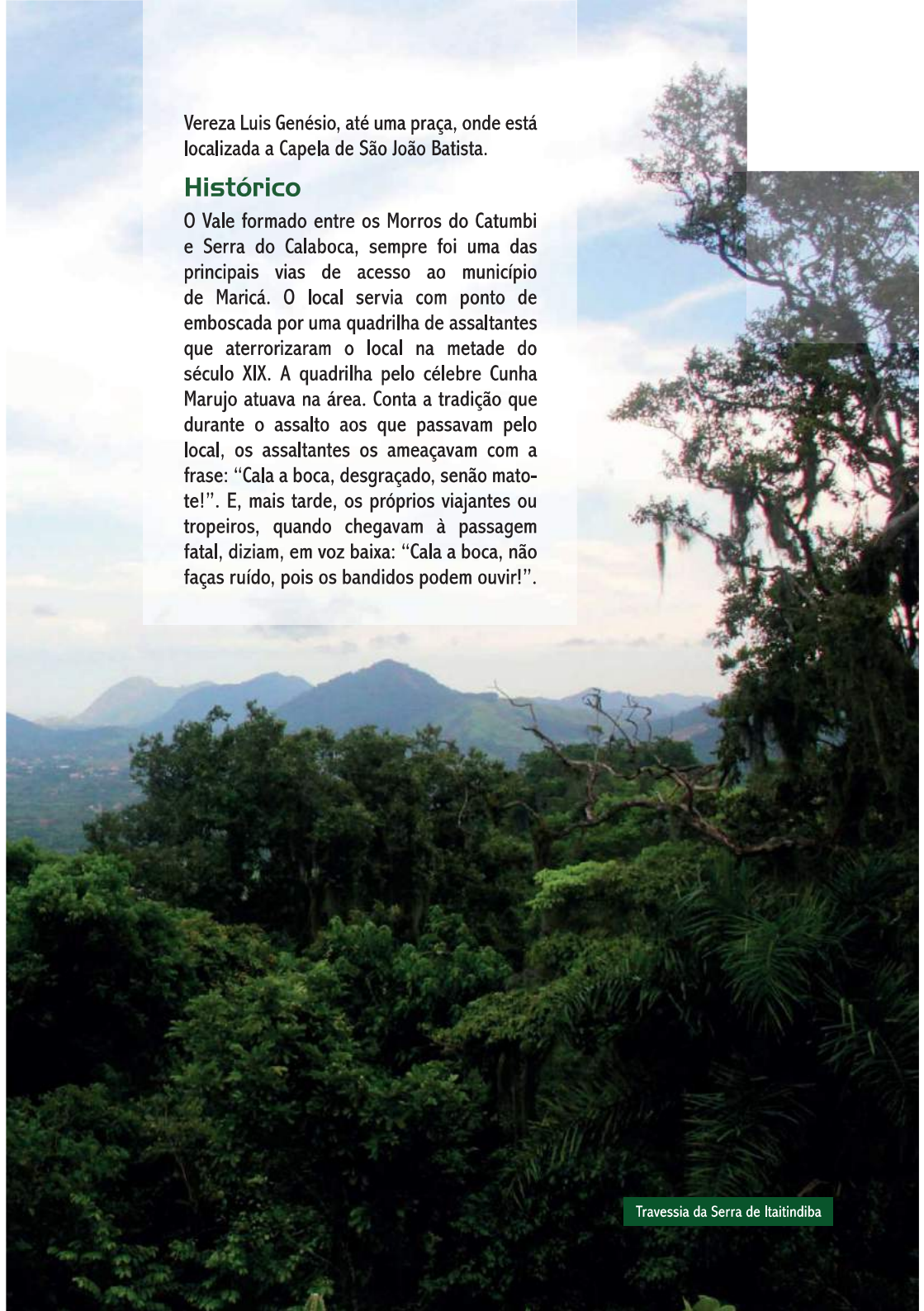
Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer no ponto da RJ 106, antes que a pista sentido Maricá fique mais alta que pista sentido Niterói. O ponto de ônibus fica em frente a um local onde vende plantas, bem antes de chegar a primeira entrada de Itaipuaçu. Atravesse a pista e siga descendo, entrando na primeira à esquerda, seguindo até a praça onde está localizada a Capela de São João Batista.

De carro:

Indo pela RJ 106, direção Maricá, assim que terminar a descida antes de Inoã, fazer o retorno que fica quase em frente a primeira entrada para Itaipuaçu, Siga na estrada e começará a subir. Quando começar a fazer uma grande curva, virá uma saída à direita. Siga na Av. Orestes



Vereza Luis Genésio, até uma praça, onde está localizada a Capela de São João Batista.

Histórico

O Vale formado entre os Morros do Catumbi e Serra do Calaboca, sempre foi uma das principais vias de acesso ao município de Maricá. O local servia com ponto de emboscada por uma quadrilha de assaltantes que aterrorizaram o local na metade do século XIX. A quadrilha pelo célebre Cunha Marujo atuava na área. Conta a tradição que durante o assalto aos que passavam pelo local, os assaltantes os ameaçavam com a frase: “Cala a boca, desgraçado, senão mate!” E, mais tarde, os próprios viajantes ou tropeiros, quando chegavam à passagem fatal, diziam, em voz baixa: “Cala a boca, não faças ruído, pois os bandidos podem ouvir!”.

Grutas do Spar

Duração



45 min

Distância



2.705 m

Altitude Inicial



43 m

Altitude Máxima



227 m

Altitude Final



227 m

Desnível



202 m / -18 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

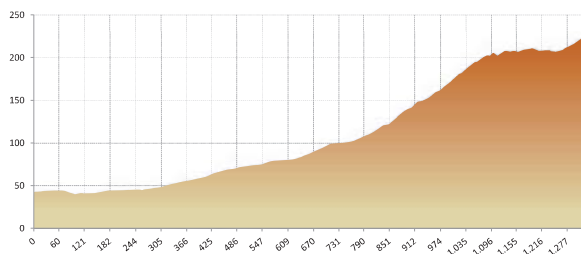


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

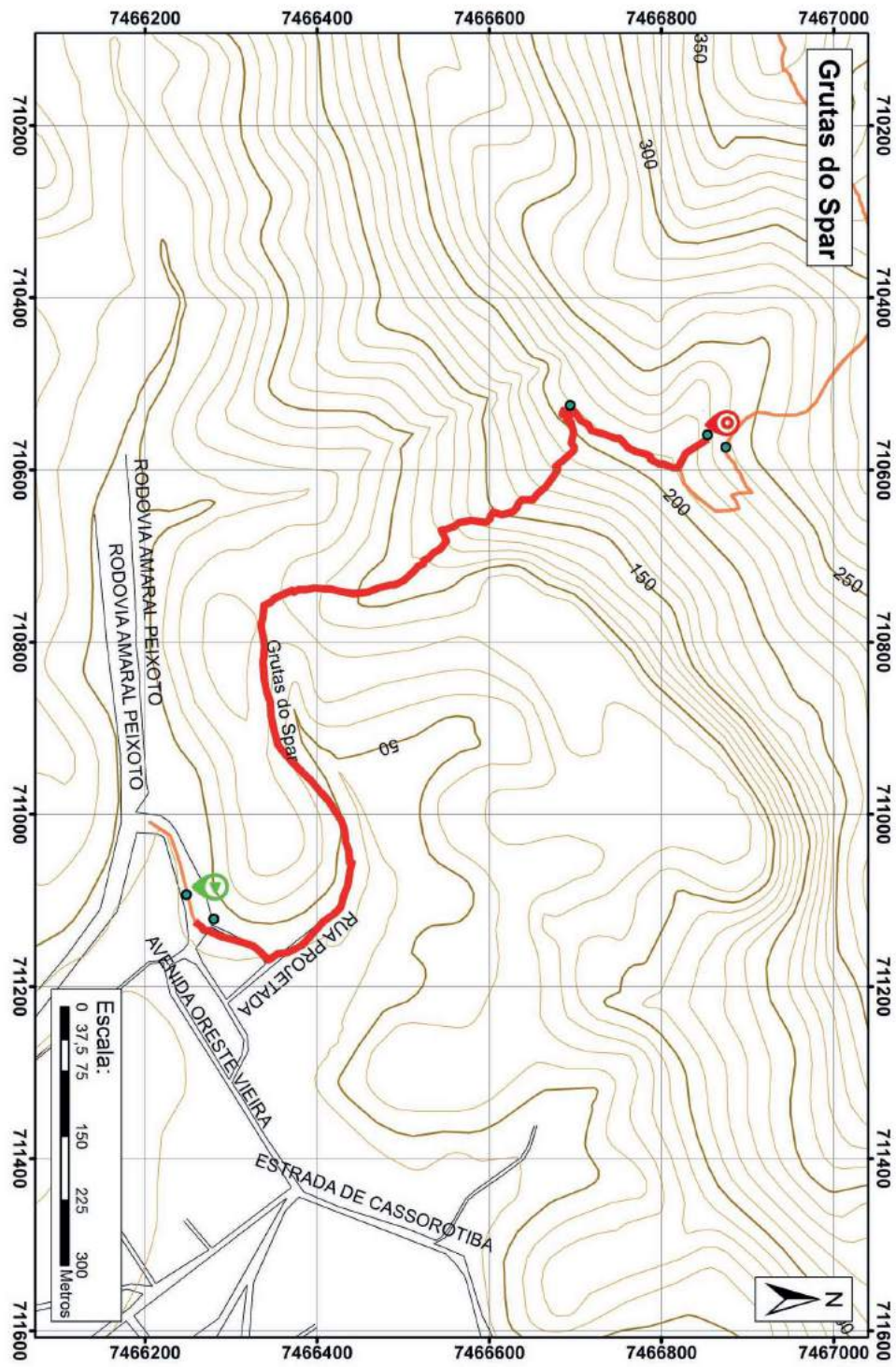
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Grandes grutas e diversos túneis que interligam os salões, formando interessantes passagens. Foto de um dos grandes salões.





Grutas do Spar

7466200 7466400 7466600 7466800 7467000

710200 710400 710600 710800 711000 711200 711400 711600

RODOVIA AMARAL PEIXOTO
RODOVIA AMARAL PEIXOTO

AVENIDA ORESTE VIEIRA

ESTRADA DE CASSOROTIBA

Grutas do Spar

Escala:
0 37.5 75 150 225 300
Metros



Descrição geral

Existem dois salões com água natural. Há também, grandes salões, chegando a cerca de 40 metros em alguns pontos. A trilha segue um caminho de acesso à algumas casas e passa por uma antiga estrada de acesso às minas. Existe um ponto onde se chega na borda de um ponto ativo da Mineração Spar. Evite fazer essa trilha, durante a semana, devido às explosões próximas ao local.

Início da trilha

O Início fica na rua que segue ao lado da Capela de São João Batista, na praça (foto 1).

O caminho

Seguindo pela rua que fica em frente a Igreja, virará à esquerda mais a frente. Siga nessa rua. Você passará por algumas casas. A rua vai estreitando até se transformar num caminho. Nesse trecho há muito capim. Siga subindo e virá uma curva para a direita. Mais acima, passará por um grande pé de jamelão, à margem esquerda da trilha e logo após virá uma área mais aberta. Siga subindo até que chegará ao caminho (foto 2) utilizado pela pedreira ainda em atividade. Suba e verá uma saída a sua esquerda. Entre nela e verá um caminho subindo para a direita.



Com mais alguns minutos de subida você estará caminhando na densa floresta. Note que o caminho é bem definido. Siga subindo até que virá uma curva bastante acentuada para a direita. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Há uma saída à esquerda que dá acesso a um túnel que faz ligação com outras galerias (foto 3). É hora de acender as lanternas. Ao final do túnel, você terá acesso a outras galerias.



Outra opção é seguir a trilha fazendo a grande curva e seguir subindo. Nesse caso, você terá algumas saídas à esquerda que levam a entrada das galerias (fotos 4, 5 e 6).

Curiosidades

As Grutas do Spar não são naturais, na verdade é uma mina desativada de onde se extraíam as pedras malacacheta, que foi muito utilizada em resistência de ferros de passar roupa e feldspato, que é utilizado na fabricação de vidros, porcelanas e etc. A mina foi fechada devido à desvalorização do feldspato, o que tornou sua exploração economicamente inviável, ainda na década de 80.

Travessia da Serra do Calaboca

Duração



2 h

Distância



6.926 m

Altitude Inicial



38 m

Altitude Máxima



398 m

Altitude Final



90 m

Desnível



523 m / -471 m



Tipo: Travessia



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



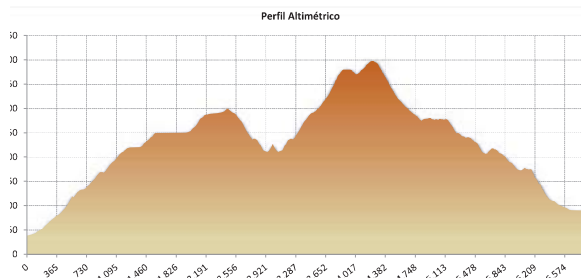
Insolação: Média



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Ligeiramente Irregular

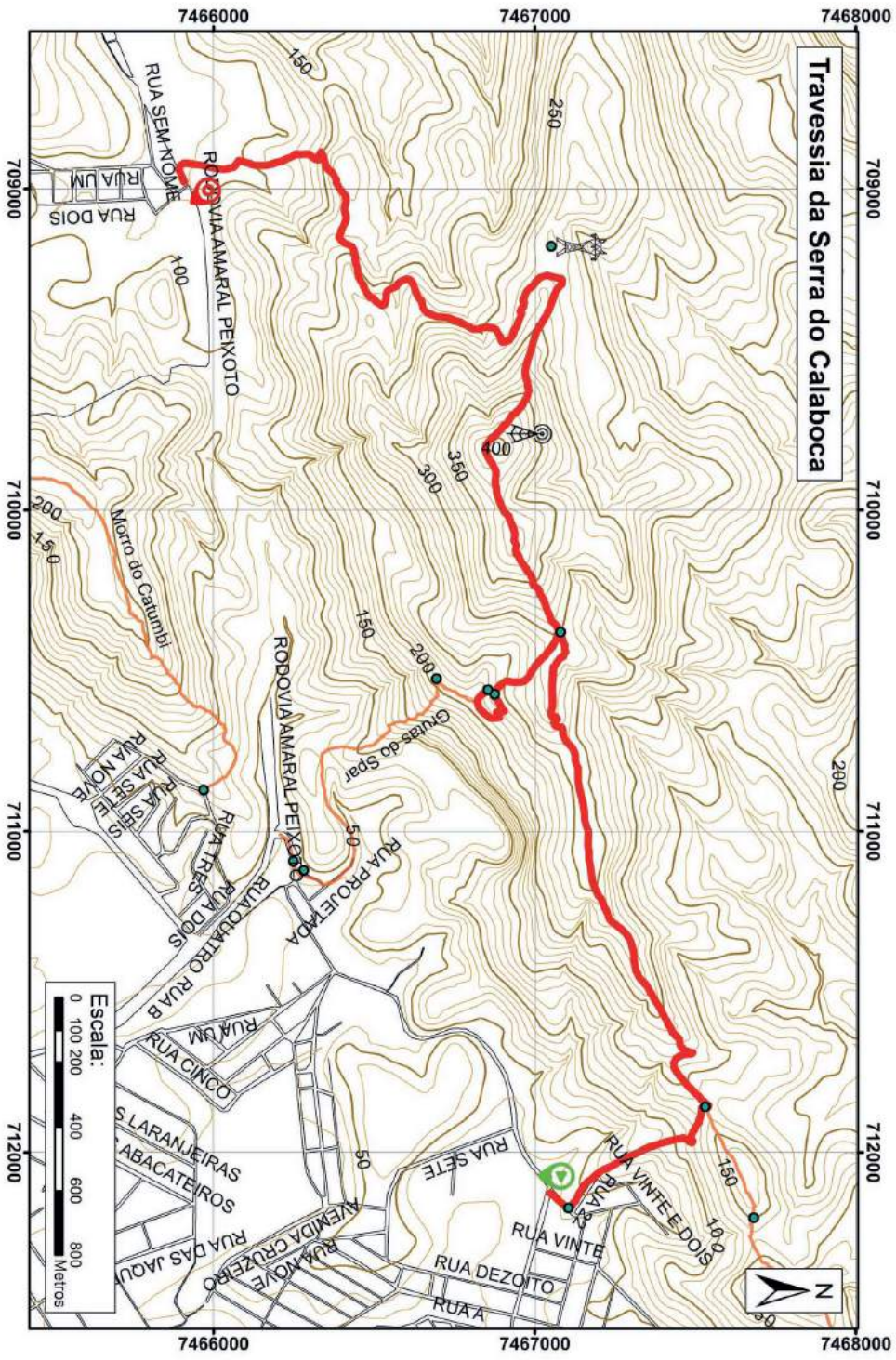


Principais atrativos

Vista para parte de Maricá, Serra de Itaitindiba, Pedra de Inoã e parte de São Gonçalo. Acesso também às Grutas do Spar. Foto: Vista Próximo ao Cume da Serra do Calaboca.



Travessia da Serra do Calaboca



Descrição geral

A trilha segue um belo caminho pela linha de cumeada da Serra do Calaboca, sendo um grande trecho, o limite entre os municípios de São Gonçalo e Maricá. Mais acima, existe a possibilidade de visitar as Grutas do Spar por um outro acesso, descrito aqui nesse roteiro. No ponto mais alto dessa travessia, podemos visitar a Rampa de Voo de Ipiiba. O seu final, fica ao lado do Centro de Distribuição da Cervejaria Itaipava, na RJ 106.

Início da trilha

O início fica a 1,5 km da Praça do Spar, seguindo pela Av. Av. Orestes Vereza Luís Genésio, até um pouco a frente do Condomínio Vale das Esmeraldas.

1

O caminho

Deixando o carro em frente ao Condomínio Vale das Esmeraldas, você deve seguir na Av. Orestes Vereza Luís Genésio, até ela virar uma estrada de chão e começar a subir levemente. Siga por ela até chegar à Rua 22, a primeira saída à esquerda. Note que tem um muro de esquina (foto 1). Suba e você verá uma casa à sua direita, com uma rua. Continue subindo até chegar a uma porteira. Nesse ponto a rua segue descendo e há um caminho (foto 2) para a sua esquerda. Entre nele.

2

Siga subindo num caminho bem definido, na qual já foi uma estradinha, hoje está mal conservada e com muito capim em sua borda, deixando alguns trechos bem fechados. Virá uma curva acentuada para a direita e uma bifurcação: Pegue à esquerda, sempre subindo. Note que você estará caminhando na linha de cumeada da Serra. Mais acima virá uma porteira. Continue em frente.

3

Virão alguns trechos de descida, mas no geral, você sempre ganhará altitude. Chegará a uma outra porteira. Depois virá uma bifurcação, onde poderá pegar qualquer um dos dois caminhos: o da direita é mais óbvio e o da esquerda segue num trecho um pouco mais fechado. Seguindo, você chegará novamente à outra porteira. Note que nesse ponto há uma saída à sua esquerda que dá acesso às Grutas



do Spar (foto 3). Para visitar a Gruta do Spar, você percorrerá aproximadamente 1,5 km (ida e volta), devendo descer por essa trilha, que é um caminho um pouco mais fechado e na primeira bifurcação, deverá seguir à sua direita.

De volta à trilha principal, logo após a porteira, haverá uma trifurcação. Fique à sua esquerda e subirá por um trecho mais íngreme e com o leito da trilha bem erodido. Esse é o trecho mais íngreme de todo o percurso. A inclinação diminuirá e seguirá subindo levemente até passar por uma confluência. Nesse ponto já poderá ver os grandes eucaliptos e você estará bem próximo ao cume. Seguirá em frente e virá uma bifurcação (foto 4). O caminho da esquerda é mais curto, porém pode estar com muito capim em volta. O da direita, mais aberto e óbvio, contornará a antena, mas chegará ao mesmo ponto abaixo.

Pegando o da esquerda, com mais alguns metros já poderá ver uma pequena antena com alguns aparelhos. Esse é o ponto culminante do trajeto (foto 5). A partir desse ponto, seguiremos descendo até o nosso destino. Procure o melhor caminho e note que você estará caminhando entre grandes eucaliptos. Há muito capim em volta. Mais abaixo, você passará por uma confluência a sua direita. Siga reto. Note que nesse ponto já é possível ver uma grande torre de transmissão bem ao fundo (foto 6), Você seguirá na sua direção. Passará por outra confluência à direita e mais a frente, terá uma saída à esquerda (foto 7). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Ela fica antes da torre de transmissão.

Entre nela e virá uma porteira. Siga e começará a descer levemente. Você estará entrando no trecho final do percurso. Você caminhará mais dentro da floresta do que no trecho anterior. Seguirá com algumas subidas e descidas por aproximadamente 2 km até o ponto final do percurso, que fica ao lado de um galpão da Cervejaria Itaipava, à margem da RJ 106.



Travessia da Serra de Itaitindiba

Duração



7 h

Distância



17.700 m

Altitude Inicial



40 m

Altitude Máxima



500 m

Altitude Final



39 m

Desnível



928 m / -929 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (715.312, 7.467.750)

Fim: 23K (712.119, 7.467.040)



Tipo: Travessia



Esforço: Moderada Superior



Orientação: Difícil



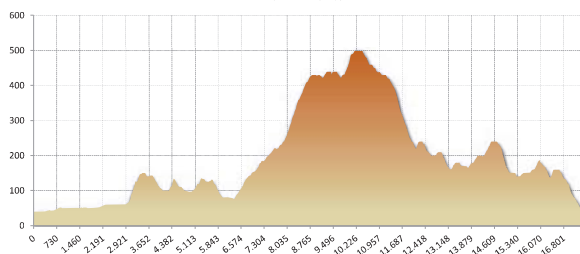
Insolação: Média



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Ligeiramente Irregular

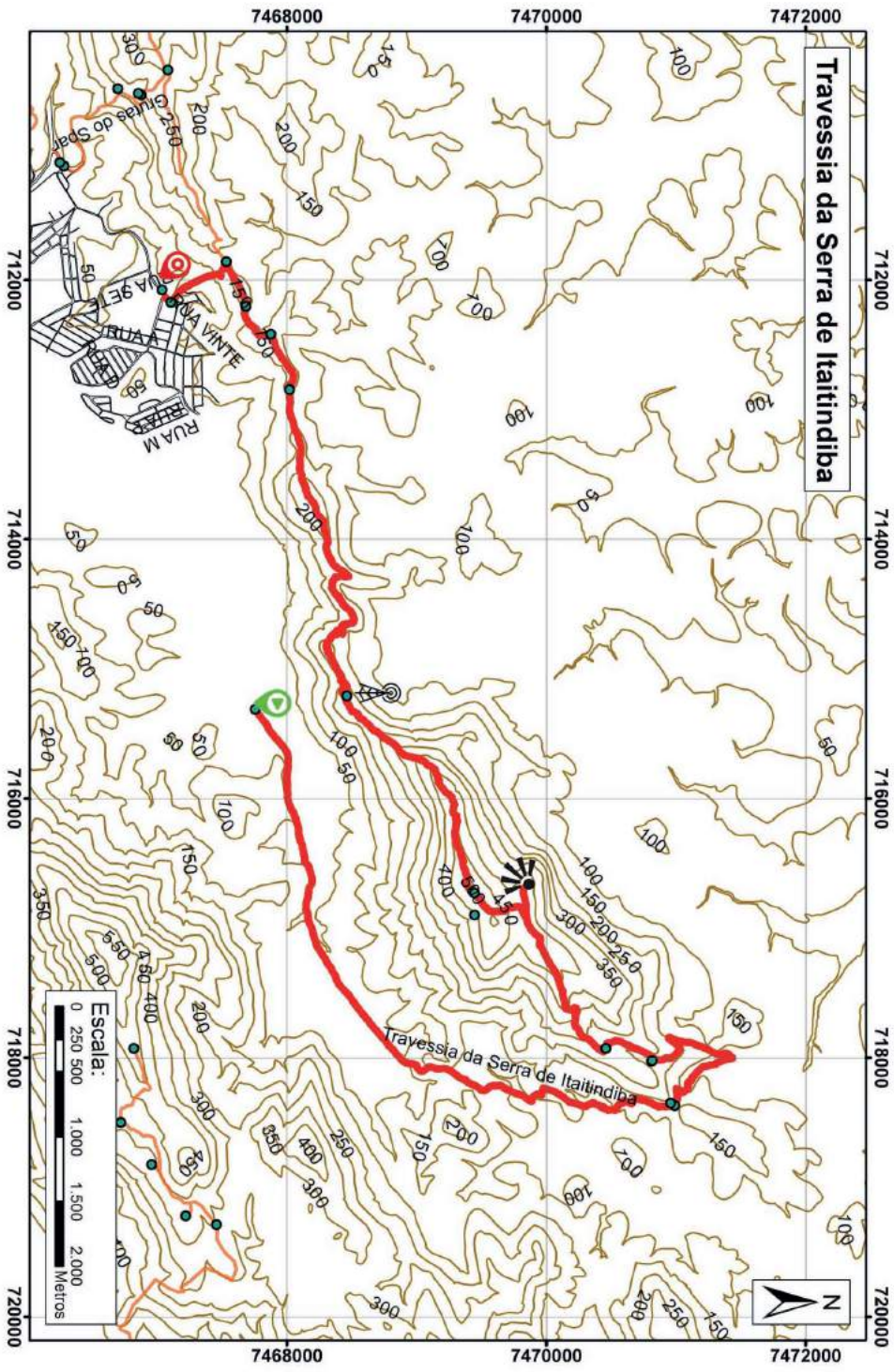
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista para a região de Itaboraí, São Gonçalo e Maricá. Uma das maiores travessias da região. Foto durante a travessia.





Travessia da Serra de Itaitindiba

Escala:
0 250 500 1.000 1.500 2.000
Metros



Descrição geral

Uma longa e desgastante travessia, mas com uma vista fantástica. Passa por três municípios: Maricá, Itaboraí e São Gonçalo. São aproximadamente 18 km, divididos em trechos de estrada e caminhos, muitos deles sem rastro definido. Esteja fisicamente preparado, pois dependendo de onde esteja, não há possibilidade de abortar a caminhada.

Como chegar

De ônibus:

A partir da Praça do Spar, em frente à Igreja de São Sebastião, pegar ônibus Linha Inoã x Cassorotiba, que sai do centro de Inoã e descer no ponto final dele, na Estrada de Cassorotiba. Fique atento, pois da última vez, devido as condições da estrada, o ponto final foi em frente a Fazenda Cassorotiba, Estrada de Cassorotiba, nº 5000. O horário do ônibus é 8:00h e é o único no horário da manhã.

De carro:

Na Praça do Spar, em frente à Igreja de São Sebastião, siga pela Av. Orestes Vereza Luis Genésio, até a altura do Condomínio Vale das Esmeraldas. É nesse ponto onde você terminará a travessia. Você deverá pegar o ônibus linha Inoã x Cassorotiba. Ele sai de Inoã às 08:00 h. É o único na parte da manhã.

Início da trilha

No ponto final do ônibus linha Inoã x Cassorotiba, que pode variar, dependendo das condições da estrada. Como referência, tomamos a entrada da Fazenda Cassorotiba (foto 1).

1

O caminho

Seguindo pela estrada, passará por diversos sítios e fazenda e sempre com a Serra de Itaitindiba à sua esquerda. O caminho é bem agradável. Bem mais a frente passará pela entrada para a Serra do Camburi a sua direita. Nesse ponto, siga subindo para a esquerda. A estrada vai serpenteando até começar a descer, nesse ponto você já estará em Itaboraí. Siga descendo e verá uma casa à esquerda, bem próxima a estrada. Passando por ela, a estrada vai ficando levemente plana e passará pela segunda entrada para a Estrada do Camburi.

ATENÇÃO NESSE PONTO! Olhando para sua esquerda, você verá uma sela entre os dois morros, com uma pedra no lado esquerdo (foto 2). Note também uma grande árvore. Siga em direção a esse colo, escolhendo o melhor caminho. No colo, você chegará a uma cerca (foto 3). Note o grande bloco de pedra bem ao seu lado. Passando a cerca, siga descendo em direção a uma casa bem ao fundo do vale. Seja cortês com os moradores, afinal de contas você está em uma propriedade privada e habitada.

Siga pela estradinha e mais a frente virá a entrada de uma fazenda, a sua esquerda. Passe pela porteira e comece a subir (foto 4). Mais acima você passará pelas ruínas dessa fazenda e seguirá subindo. Quando você se aproximar de uma mata a sua esquerda, note o barulho das águas de um córrego. O único ponto de água. Siga subindo por essa precária estradinha até chegar a uma construção abandonada. Continue subindo e mais acima virá uma grande árvore na borda direita do caminho. Mais acima, passará por um grande ponto de água parada.

Mais a frente virá uma bifurcação. Seguindo para a direita, você chegará a um mirante voltado para São Gonçalo e Itaboraí (foto 5). Note que nesse ponto, dá para ver o caminho subindo paralelo a cerca (foto 6). Ficando à esquerda nessa bifurcação, seguirá descendo





6

levemente e note que haverá uma saída à esquerda que sobe paralelo a uma cerca. É uma subida forte. Siga por ela. Mais acima há um caminho que irá se afastando da cerca. Se preferir subir reto, você chegará ao ponto da divisa entre os municípios de Itaboraí, Maricá e São Gonçalo, ponto conhecido como o Gaia.



7

Mas nosso objetivo é descendo a linha de cumeada. Se optar por não ir ao cume, siga pelo caminho que vai se afastando da cerca e chegará a um caminho bem definido e que segue descendo por um longo trecho. Note que há algumas fitas e plásticos amarrados pelo caminho. A partir desse ponto você estará caminhando na densa floresta e não terá referência visual durante um longo trecho. Em alguns pontos o caminho pode ficar fechado devido a queda de árvores e galhos, fique atento.



8

Note que você chegará a uma antena repetidora de sinal no alto de uma pedra. Nesse ponto dá para observar o caminho que ainda falta. A partir desse ponto, o caminho fica bem fechado e não há muita referência a não ser a cerca e os diversos cumes na linha de cumeada. Pegue a cerca como referência e siga, ora com ela a sua esquerda, ora, à direita. Sempre procurando o caminho mais aberto. Note que há muito capim (foto 7) nesse trecho, o que dificulta bastante a progressão.



9

Mais a frente passará por uma outra antena repetidora de sinal. Em alguns trechos você precisará se afastar um pouco da cerca, mas voltará a caminhar com ela a sua esquerda. Note que sempre estará na linha de cumeada da serra. Mais a frente você já poderá ver a Pedra de Inoã e conseguirá ver um pedaço do Condomínio Vale das Esmeraldas (foto 8), ponto final da travessia. Olhando para a esquerda, verá um vale, passe para o outro lado da cerca e siga em direção a uma outra cerca no outro lado.

Nessa cerca, procure o melhor ponto e passe para o outro lado e siga o caminho que está



definido. Note que há um trecho com bastante capim, mas já estará nos metros finais. No final, estará no início da subida da Travessia da Serra do Calaboca, daí, é só seguir para a esquerda e descer até a entrada do Condomínio Vale das Esmeraldas.

Curiosidades

Também conhecido como Guyá ou Goyá, é a denominação dada ao início da Serra de Itaitindiba e que forma o angulo limítrofe entre os municípios de Maricá, São Gonçalo e Itaboraí. É um vocábulo tupi e sua tradução, significa “indivíduo igual, gente da mesma raça”, certamente com referência ao grupo de indígenas habitou aquela região. Em tupi-guarani, Itaitindiba significa lugar de muitas pedras brancas.

O Gaia fazia parte do caminho utilizado pelos índios que vinham de Guaxindiba e Cabuçu, muito utilizado desde o século XVI. De seu cume, descia ao Vale de Cassorotiba e seguia à região central de Maricá e suas lagoas. Foi por esse célebre caminho que José de Anchieta passou em direção à Lagoa de Maricá, onde realizou o que ficou conhecido posteriormente como a “pesca miraculosa”, um dos supostos milagres que não precisaram ser comprovados pela Igreja Católica na canonização do beato, por decreto do Vaticano. Segundo registros, José de Anchieta indicava aos índios pescadores que o acompanhavam, os lugares da lagoa onde conseguiriam os tipos de peixes descritos pelo padre. Além de acertar os tipos de peixes, a quantidade era tanta que as redes precisavam ser erguidas para que não se rompessem.

Morro do Catumbi

Duração



2 h

Distância



4.465 m

Altitude Inicial



77 m

Altitude Máxima



349 m

Altitude Final



349 m

Desnível



308 m / -35 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Moderada



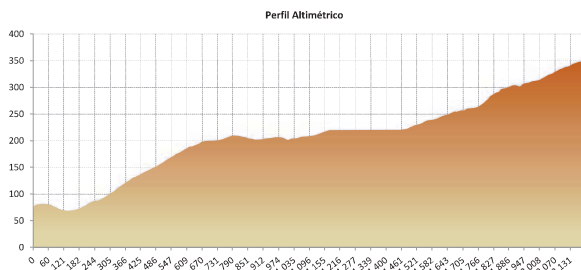
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

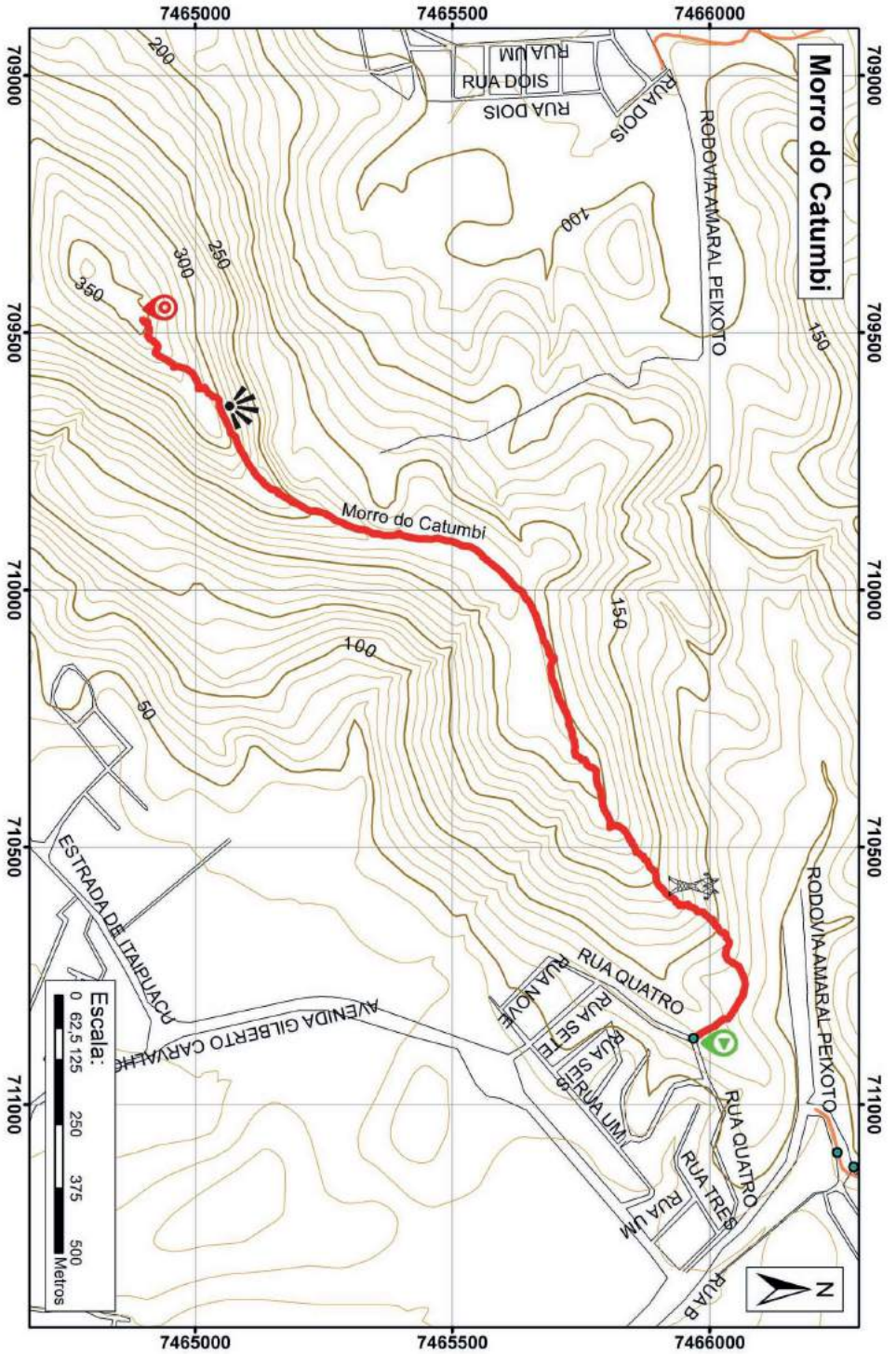
Piso: Regular



Principais atrativos

Visita ao túnel da antiga estrada de ferro de Maricá, vista para parte de Maricá e Serra do Calaboca. Foto: Túnel na entrada da trilha.





Descrição geral

É a única trilha do setor que não tem a Praça do Spar, em frente a Igreja de São Sebastião, como referência do início. Começa pelo antigo túnel da estrada de Ferro de Maricá. Após ele, suba à esquerda por um caminho tomado pelo capim, seguindo em direção a uma torre. Nela deve seguir descendo para a direita até um caminho que segue paralelo a uma cerca em direção à linha de cumeeada de uma pedreira desativada.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer no ponto em frente a primeira entrada de Itaipuaçu. Siga nela até a rotatória e entre à direita, na Rua das Rosas, subindo até o final, onde tem um grande reservatório de água. Siga paralelo a grade, ao lado esquerdo e chegará à Rua 4. Vire à direita e siga até encontrar a entrada do caminho à esquerda, onde há uma velha porteira.

De carro:

Indo pela RJ 106, direção Maricá, seguir na primeira entrada para Itaipuaçu, a Estrada Gilberto de Carvalho. Siga nela até a rotatória e entre à direita na Rua das Rosas, vire a primeira à esquerda e depois à direita. Siga subindo e depois que passar o reservatório de água, há uma pequena entrada com uma velha porteira.



1

Início da trilha

Logo atrás do Reservatório da Águas de Niterói. Existe uma porteira e ao fundo, a entrada do túnel (foto 1).

O caminho

Passando pelo túnel da antiga estrada de ferro, siga o caminho que pode estar muito fechado pela vegetação. Note que haverá um grotão à sua esquerda. O início da subida é uma saída à esquerda, quando esse grotão acaba. **ATENÇÃO NESSE PONTO.** A saída não é tão óbvia assim e essa subida é feita em meio ao capim que pode estar muito alto, caso o período seja chuvoso.

Subindo, procure o caminho onde o mato esteja mais baixo. Como referência, você deve subir em direção ao primeiro cume, onde tem uma torre de transmissão de energia elétrica (foto 2). Você passará por algumas pedras pelo caminho, algumas escondidas entre o capim. Siga



2

subindo até chegar próximo a essa torre. À sua direita, você verá uma cerca e um caminho mais aberto na parte de baixo. Desça, atravesse a cerca e siga paralelo, com ela à sua esquerda.

Note que o caminho já estará sem capim e seguirá assim durante um bom tempo (foto 3). Ao final, virá uma cerca indicando o fim da linha. Ultrapasse-a. A partir daí você seguirá por um caminho que parece ser uma estradinha abandonada, provavelmente utilizada na pedreira desativada que encontraremos mais à frente (foto 4). Siga por ela e mais acima, encontrará uma cerca. Passe por ela e siga subindo. Note a pedreira a sua frente. O caminho é por toda a linha de cumeada.

Siga subindo e abaixo você verá a estrutura desse empreendimento. Há gente cuidando do local. Não desça. Acima você verá uma estrutura de ferro, parecendo um reservatório (foto 5). Siga pela linha de cumeada até chegar a uma laje. Note a presença de urubus e os seus ninhos em meio a alguns amontoados de pedra (foto 6). Se quiser já pode encerrar a caminhada por aqui.

Mas se desejar continuar, você deverá seguir até o final dessa laje e seguir por um discreto caminho. Não vale muito a pena. O caminho tem muitas fezes de urubu, que deixam o local com um cheiro não muito agradável. Siga por ele e note que em alguns pontos ele está bastante fechado. Siga subindo e você seguirá para a direita até chegar a uma laje de pedra. A partir daí, ela seguirá por mais alguns metros até o cume.

Curiosidades

Foi entre 1872 e 1874 que as primeiras tratativas para construção da ferrovia foram tomadas. O aumento da demanda de alimentos da capital fez com que o governo tomasse iniciativas que melhorassem o transporte que era feito por precários caminhos que ligavam Maricá à Niterói e São Gonçalo. Porém, alguns problemas não levaram o projeto a frente e foi preciso esperar mais alguns anos até que tudo fosse posto em prática.



Cansados de esperar, alguns grandes empreendedores, como o Barão de Inoã, Cezário Alvin e Padre Henriques, fundaram com recursos próprios a Companhia Estrada de Ferro Maricá, dando início à construção da ferrovia em 12 de julho de 1887, a partir de São Gonçalo, visto que a concessão do trecho entre Niterói e Alcântara, pertencia a outra empresa, a Companhia Cantagalo.

O primeiro trecho foi inaugurado em 25 de novembro de 1888, ligava Alcântara a Rio do Ouro, passando pelas estações de Sacramento e Santa Izabel. No ano seguinte, foi a vez do trecho Rio do Outro Itapeba, a 3 km da Vila de Maricá, quando esta foi elevada a categoria de cidade. O trecho entre Itapeba e Maricá foi inaugurado apenas em 1894, enquanto que o percurso deste ponto até Manoel Ribeiro, com cerca de 10 quilômetros foi inaugurado em 1901. O trecho até Iguaba Grande, foi terminado em 1911, quando a linha e a concessão de sua extensão foi dada a Compagnie Generale de Chemins de Fer des États Unis du Brésil, com sede em Paris.



Na década de 1930, o trem seguia o seguinte percurso: Barreto, em Niterói; Neves, Sete Pontes, Rocha, Mutondo, Raul Veiga, Barracão, Sacramento, Santa Izabel, Salvatori, Rio do Ouro, Santa Eulália, em São Gonçalo; Calaboca, Inoã, São José, Buriche, Itapeba, Camburi, Maricá, Bom Jardim, Ignácio, Manoel Ribeiro, Joaquim Mariano, Nilo Peçanha, em Maricá; Km 73, São Tiago, Caçadores, Sampaio Correia, Morro dos Pregos,



Nazareth, Km 97, Bacaxá, Km 103, Ipitangas, em Saquarema; Ponte dos Leites, Araruama, Km 126, Iguaba Grande, em Araruama – sendo que as localidades grifadas possuíam estações, enquanto as outras eram apenas paradas. O trem partia de Neves às 7h00min horas e chegava em Iguaba Grande às 11h30min.

Em 1933, a Estrada de Ferro foi incorporada ao patrimônio da União. Logo após seus trilhos, foram estendidos até Cabo Frio, com um ramal da Central do Brasil ampliado até o porto de Arraial do Cabo. A partir dessa data até a abertura das estradas de rodagem, na década de 1940, o caminho do trem viria a ser o principal elo de ligação de Maricá com outros municípios e, com a extensão da estrada de ferro até Cabo Frio, passou a ser também o caminho do sal, por onde escoava o sal da região produtora até o mercado consumidor.

Em 30 de agosto de 1943, o Patrimônio da EFM é incorporado ao da Estrada de Ferro Central do Brasil. De 1950 a 1957, esta foi administrada pela Estrada de Ferro Leopoldina, passando em 1957 a RFFSA, sendo definitivamente desativada em 1964. Os trilhos e dormentes que sobreviveram aos roubos, ocorridos logo após a desativação da linha, foram totalmente retirados de seu leito em 1971, vários trechos do traçado da EFM estão hoje incorporados a propriedades particulares e estradas.

Até pouco tempo, era possível seguir o traçado da EFM pelo lado oposto, numa saída na Rua 4, cruzando uma ponte, as calhas, os marcos, as várias contenções, as ruínas e até uma caixa-d'água, que possivelmente abastecia a estação. Mais à frente chegava-se às ruínas da Estação do Calaboca. A histórica ruína da Estação do Calaboca ficava em área particular e foi intencionalmente destruída em 2014. Era possível até avistar onde se localizava o prédio da estação no final da Rua das Flores, no larguinho que é usado como estacionamento. No larguinho, encostado à cerca, observe o grande terreno ao lado repleto de mangueiras. A estação ficava nesse terreno à 170 m, sentido sudoeste, e no meio das árvores.



Setor de INOÃ

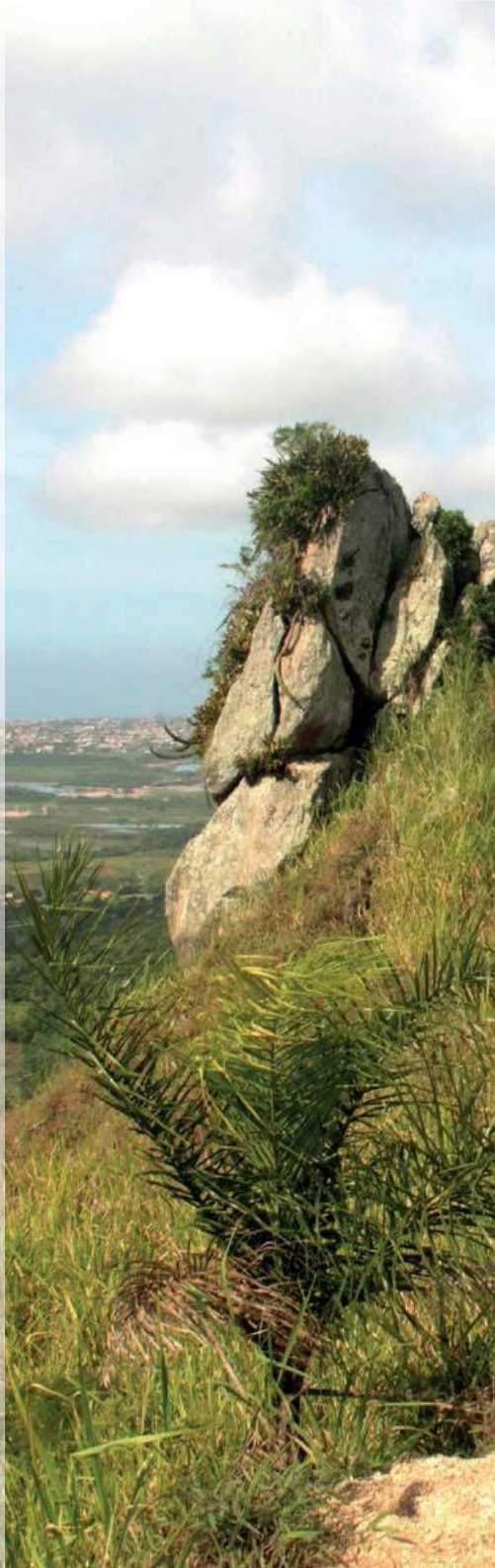
Informações gerais

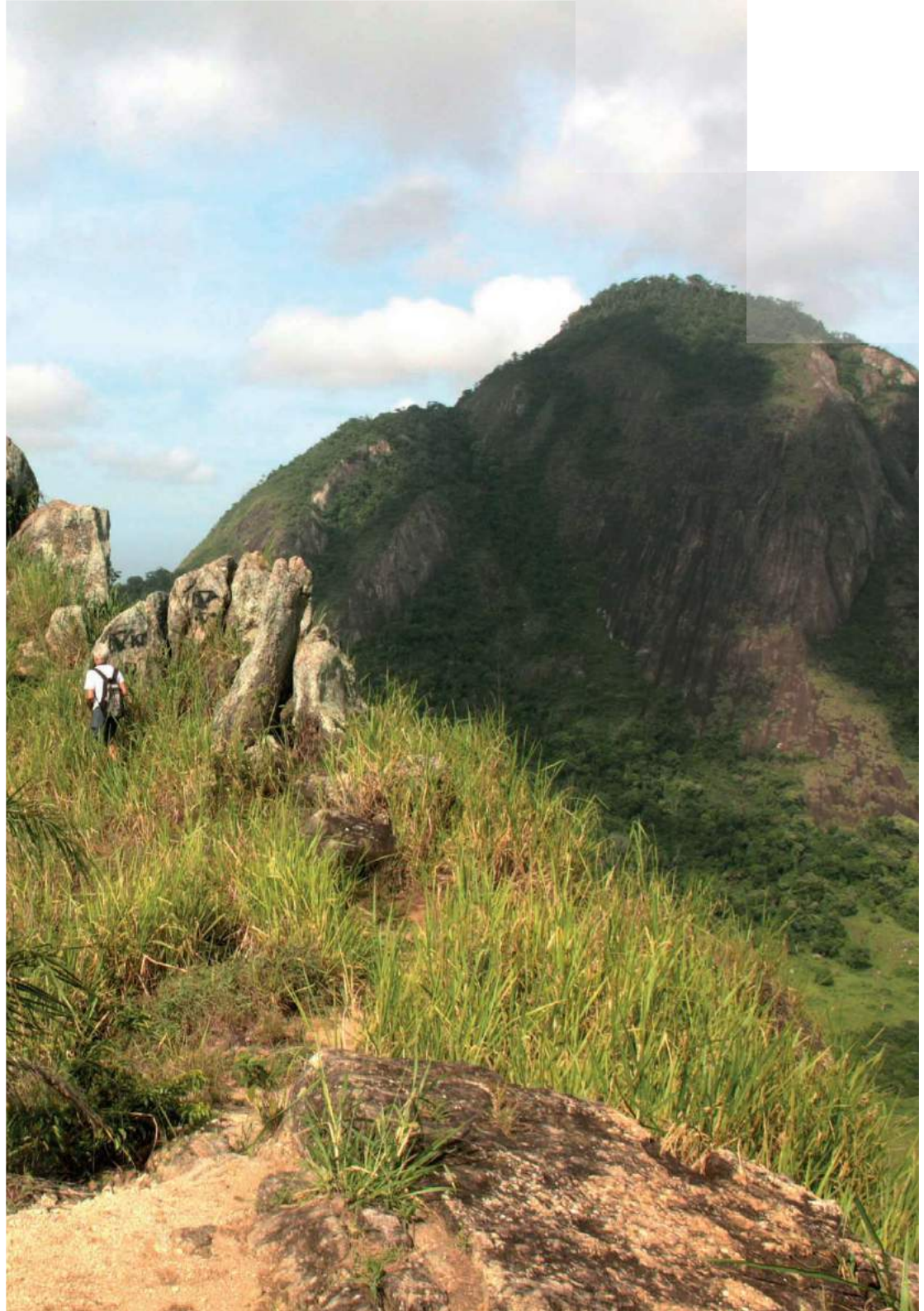
Para este setor, foram selecionados dois grandes roteiros: Pedra de Inoã e Pedra do Macaco. Ambas são destaque para quem cruza a RJ 106, mas por razões distintas. A Pedra de Inoã repousa imponente à frente da Serra do Macaco e seu acesso ainda é muito complicado não possuindo uma trilha bem definida, tendo ainda um trecho mais técnico de escalinhada. Já a Pedra do Macaco, possui uma peculiar formação rochosa para quem olha de baixo ou lá de cima. Seu acesso é bem tranquilo, por um caminho bem definido, apesar de possuir um pequeno trecho com corda fixa. Além desses dois roteiros, temos também um bem curto, porém com um belo visual. Trata-se do Mirante de São José.

Por iniciarem em caminhos distintos, a informação de como chegar, foi colocada na descrição de cada trilha.

Histórico

José Antônio Soares Ribeiro, o Barão de Inoã foi um grande benemérito e incentivador do progresso em Maricá. Recebeu diversos títulos de nobreza. Recebeu em sua fazenda por várias vezes a Família Imperial. Em 1887, o Barão de Inoã liderou reuniões que resultaram na construção da ferrovia da Estrada de Ferro de Maricá, inaugurada em 1894.





Pedra de Inoã

Duração



4 h

Distância



4.449 m

Altitude Inicial



11 m

Altitude Máxima



500 m

Altitude Final



459 m

Desnível



552 m / -104 m



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Difícil

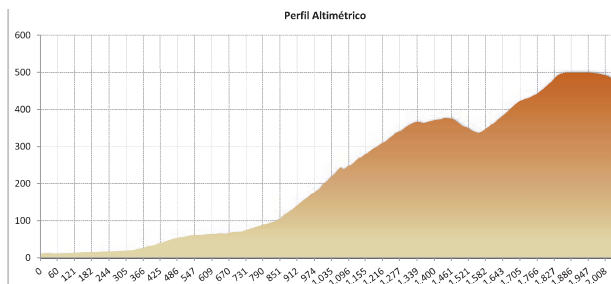


Insolação: Baixa



Risco: Moderado

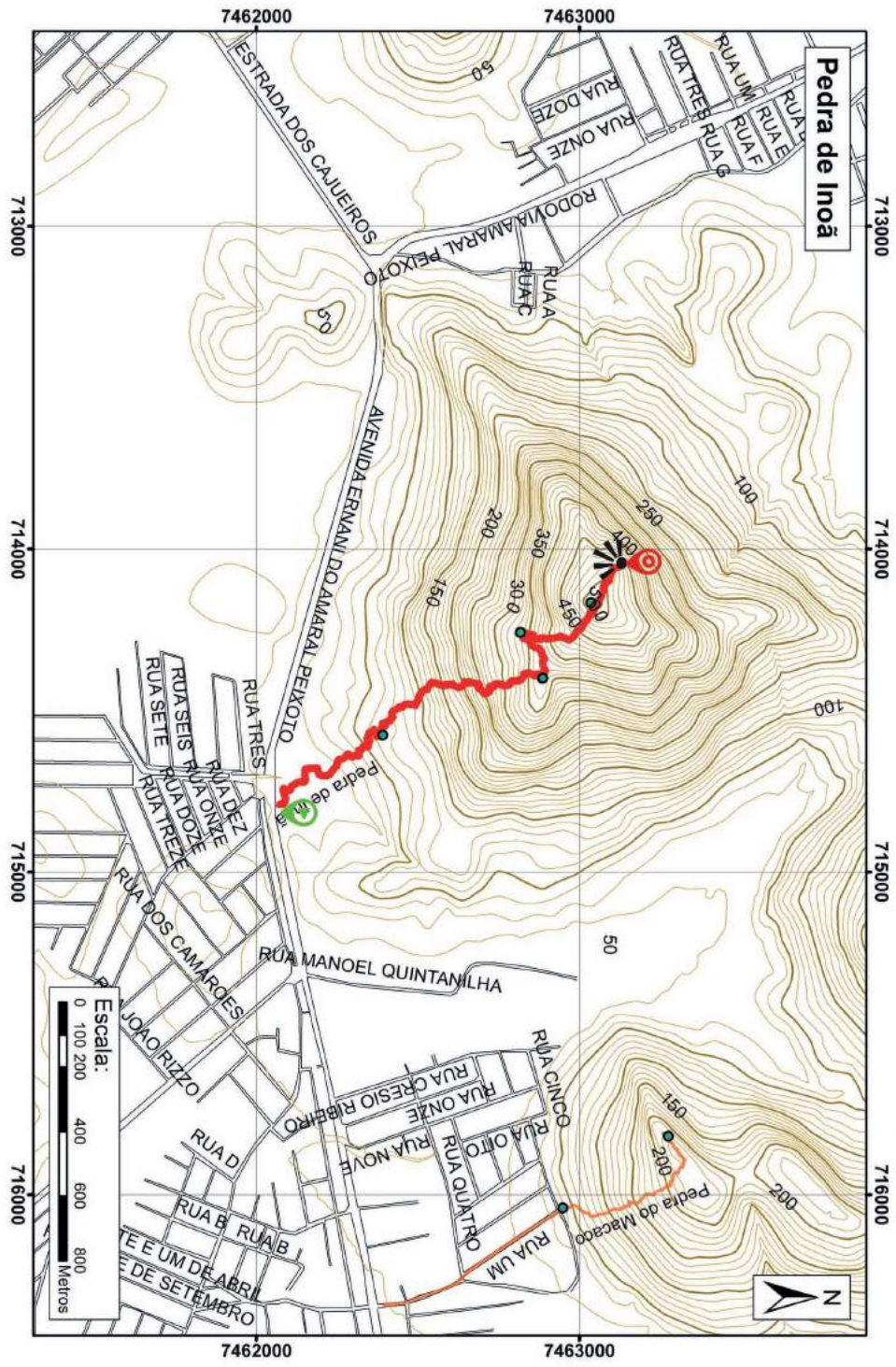
Obstáculos: Com Obstáculos
 Piso: Irregular e Uso das Mãos



Principais atrativos

Vista para diversos pontos da cidade. Caminhada na densa floresta. Foto: Vista no Mirante da Pedra de Inoã.





Descrição geral

Sem dúvida é das trilhas mais difíceis deste guia. O caminho não é definido e em alguns pontos será necessário prestar bastante atenção em algumas marcas pintadas nas árvores, ainda mais que elas foram colocadas numa posição que facilita a visão para quem está descendo, não para quem sobe. No seu primeiro trecho, vá em frente até um platô. Em seguida descerá um pouco, margeando um costão até encontrar uma canaleta, que é a única passagem até o cume. A partir daí, seguirá por um trecho íngreme e instável até o cume.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer no ponto em frente ao primeiro retorno após a Estrada dos Cajueiros, em Inoã.

De carro:

Indo pela RJ 106, direção Maricá, depois que passar Inoã, virá a passarela de São José de Imbassaí, siga por aproximadamente 1,7 km até o retorno. Volte e entre na Rua da Cachoeira, que fica antes da passarela, seguindo nela até chegar a uma trifurcação, fique na do meio, entrando na Rua 1. Siga até o final, numa grande curva à esquerda.

Início da trilha

Fica numa porteira, à beira da estrada (foto 1), na altura do retorno próximo a estrada dos Cajueiros.

O caminho

A trilha é muito pouco definida, então fique muito atento a alguns pontos de referência. Entre pela porteira e note um caminho definido. Vire à esquerda e siga por ele, você estará caminhando paralelo a estrada, com ela a sua esquerda. Há muito capim no local e em épocas de chuva, pode haver muita lama também. Siga por ele e você se aproximará de dois grandes eucaliptos, faltando uns 50 metros para chegar nele (foto 2), você começará a virar para a direita, se afastando da estrada, até que estará perpendicular a ela e indo em direção a Pedra de Inoã.

Nesse ponto, você não conseguirá ver, mas haverá uma cerca a sua direita, na qual você chegará bem perto mais adiante. Com mais alguns metros, chegará a um enorme pé de jamelão (foto 3), com algumas pedras em baixo dele. **ATENÇÃO NESSE PONTO.** Passe o pé de jamelão e vire à direita, até chegar a cerca. Ultrapasse a cerca e já estará caminhando em meio à floresta, estando, finalmente, fora do capim. A partir desse ponto, já é possível ver algumas marcações pintadas nas árvores, na cor laranja e, em sua maioria, vermelhas. Porém, maioria dessas marcações, você só conseguirá ver de longe, se estiver descendo, talvez por terem sido feitas na volta...

Ultrapassando a cerca, cerca você chegará a uma área aberta entre as árvores (foto 4). Nesse ponto, você seguirá um pouco para a esquerda e seguirá em frente até chegar a um grande bloco de pedra, com uma árvore abraçada em uma de sua extremidade. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Siga com o bloco paralelo a sua esquerda por toda sua extensão





e entre à esquerda em um corredor, formado por outro bloco à direita. Vire à direita e siga subindo. Mais a frente, você começará a subir por um caminho bem íngreme e pouco definido. Note que as marcações nas árvores são mais constantes.

O objetivo desse primeiro trecho é chegar a um grande platô. No platô siga para a esquerda e já poderá ver a rocha. Siga descendo para a esquerda, mas sempre paralelo a rocha e bem próximo a ela. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Em poucos metros e caminhando em um terreno com bastante folhas no chão, você chegará a uma calha (foto 5), que é o único ponto de subida e segundo ponto chave da trilha. Siga pela calha e tome muito cuidado ao segurar nas raízes que existem ali, evite colocar peso nelas, pois podem se soltar. A partir daí, o caminho é bem óbvio, porém bem íngreme. Já no cume,

você seguirá para esquerda e verá uma grande árvore com enormes cipós pendurados. Seguindo descendo, dá para chegar a um fantástico mirante voltado para Inoã, não perca essa oportunidade!!!! Na volta, preste bastante atenção na marcação das árvores, é fácil perder o rastro da trilha

Curiosidades

A lei nº 2369, de 16 de maio de 2011 criou o Monumento Natural Municipal da Pedra de Inoã. A lei teve o objetivo de preservar a beleza cênica e ecológica do local, proteger ecossistemas com grande potencial para oferecer oportunidades de visitação aprendizagem, interpretação, educação, pesquisa, recreação, inspiração, relaxamento e atividades espirituais ambientalmente compatíveis, além de estimular o turismo e a geração de emprego e renda.

A ideia é trabalhar junto com o Estado do Rio de Janeiro para a criação do corredor ecológico com o Parque Estadual da Serra da Tiririca e a Área de Proteção Ambiental - APA de Maricá, bem como para uma gestão em mosaico, incluindo-se o Monumento Natural Municipal da Pedra de Itaocaia, a Área de Relevante Interesse Ecológico da Cachoeira do Espriado, entre outras que vierem a ser criadas.

Pedra do Macaco

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 45 min	 1.407 m	 36 m	 230 m	 216 m	 200 m / -19 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil

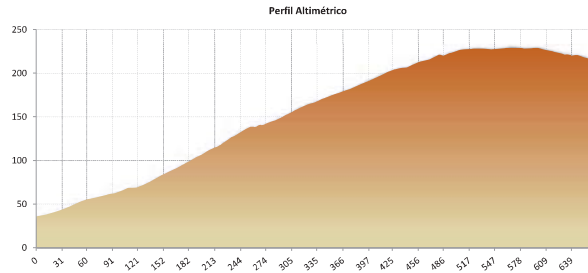


Insolação: Média



Risco: Moderado

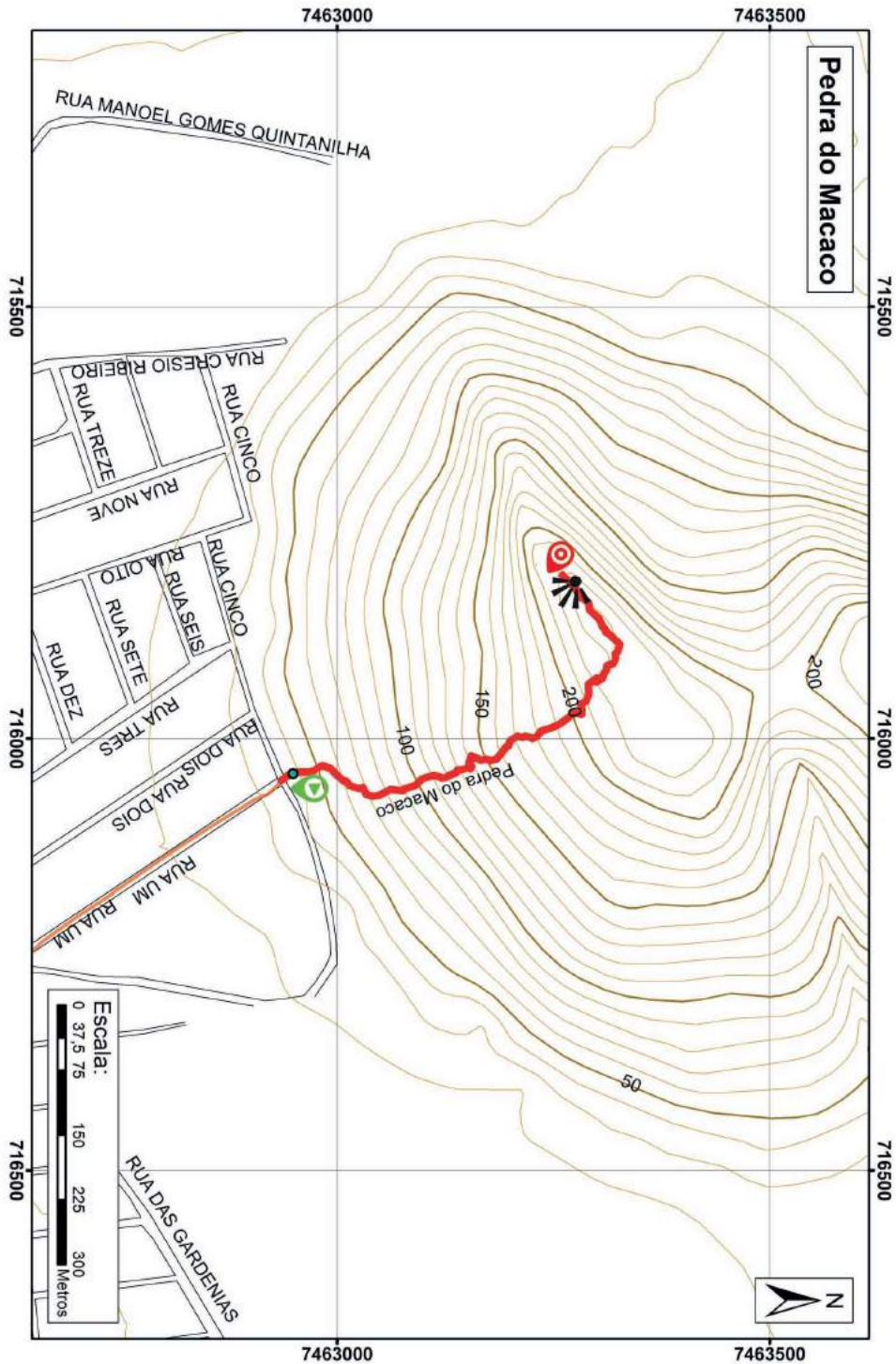
Obstáculos: Pequenos Obstáculos
Piso: Ligeiramente Irregular

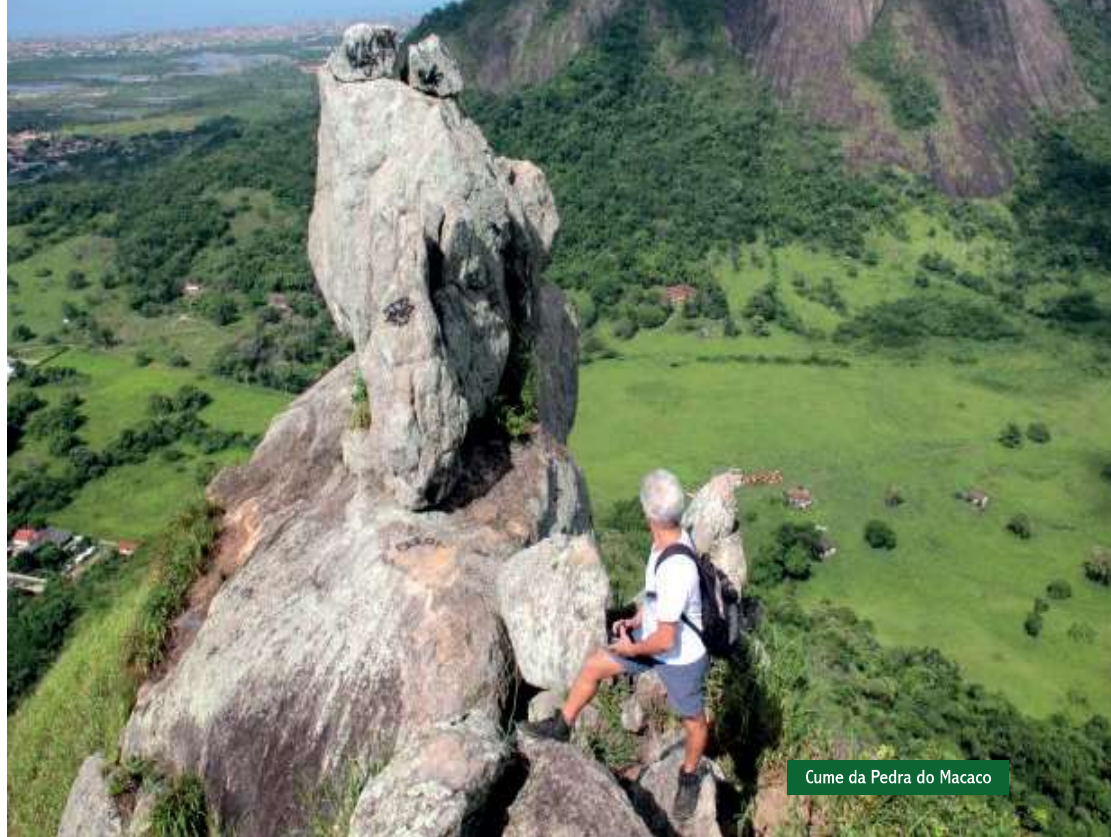


Principais atrativos

Bela vista para a Pedra de Inoã e litoral de Maricá. Foto: Pedra do Macaco Vista da RJ 106.







Cume da Pedra do Macaco

Descrição geral

A trilha é curta, mas muito agradável. Em seu início, possui algumas bifurcações, mas o caminho principal é bem visível. No trecho final, há muito capim, o que atrapalha um pouco, mas o visual que temos, compensa qualquer esforço.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer na passarela de São José de Imbassaí. Atravessá-la e entrar na Rua da Cachoeira. Seguir nela e chegará a uma trifurcação, fique na do meio, entrando na Rua 1. Siga até o final, numa grande curva à esquerda.

De carro:

Indo pela RJ 106, direção Maricá, depois que passar Inoã, virá a passarela de São José de Imbassaí, siga por aproximadamente 1,7 km até o retorno. Volte e entre na Rua da Cachoeira, que fica antes da passarela, seguindo nela até chegar a uma trifurcação, fique na do meio, entrando na Rua 1. Siga até o final, numa grande curva à esquerda.

Início da trilha

Fica no final da Rua 1, numa grande curva, ao lado de uma casa. Existe um poste em frente a entrada da trilha, servindo como referência (foto 1).

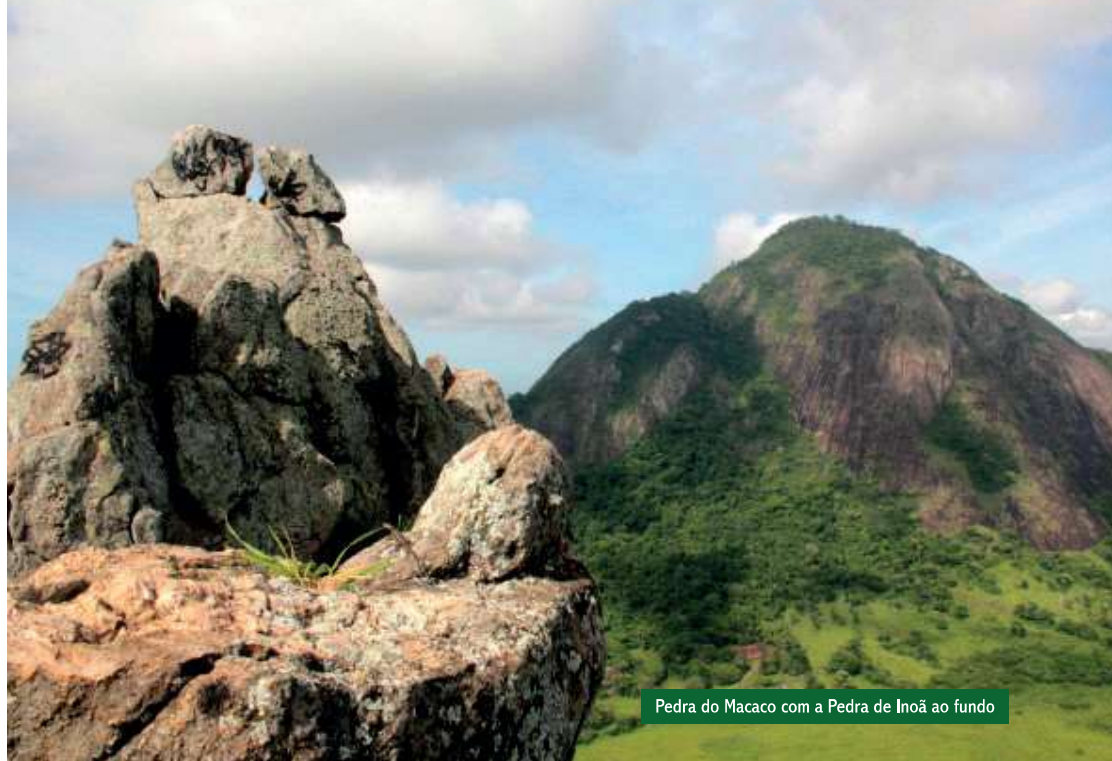
O caminho

Tomando o poste como referência, siga num caminho que fica paralelo a uma cerca. Logo no início existe duas saídas à esquerda, mas siga sempre em frente no caminho principal. Seguirá subindo entre curvas em meio a vegetação até pegar uma subida mais forte. Note que o leito da trilha possui muitas raízes (foto 2). Após esse trecho, virá uma sequência de lajes de pedra, que em dias de chuva costumam estar bastante escorregadias.

Mais acima, outro trecho com raízes no leito da trilha. Em seguida, o primeiro obstáculo: um trepa pedra. Nesse ponto será necessário o auxílio das mãos para ajudar na subida. Logo acima, o segundo trecho, com um lance de corda (foto 3). **ATENÇÃO NESSE PONTO.** Verifique sempre a integridade da corda e evite utilizar a vegetação lateral para subir.

Passando esse trecho, seguirá subindo (foto 4) e bem mais acima, você verá um grande figueira a sua esquerda. Continue subindo até que você sairá da mata e entrará num local mais aberto. A partir desse ponto, o capim atrapalha bastante, mas o leito da trilha está bem definido. Olhando para o cume, você verá algumas pedras, na qual deverá contorná-las. Mais à frente, outra sequência de pedras até que você verá a curiosa formação rochosa (foto 5). A vista desse ponto é fantástica. Podemos ver a Pedra de Inoã logo a frente e parte do litoral maricaense, bem como toda restinga.





Pedra do Macaco com a Pedra de Inoã ao fundo

Curiosidades

A Pedra do Macaco foi conquistada em 14 de setembro de 1952, pelos membros do Centro Excursionista Brasileiro Célio Rodrigues, Fernando Portella e Maria Alice J. Ribeiro. Não foi feito pelo caminho normal que utilizamos atualmente, mas cabe relatar alguns trechos retirados do livro de relatos do Departamento Técnico do Centro Excursionista Brasileiro:

“(…) Às 9h10min, saltamos do ônibus, a 8 km de distância de Maricá. E ali, bem a nossa frente, estava o Morro dos Macacos, “convidando-nos” para a sua conquista. Maria Alice e Fernando Portella ficaram radiantes ao ver o espetáculo maravilhoso dos dois Picos, ou sejam, dois “castelinhos”, que tanto sobressaem no seio da verde floresta, com seus picos como se fossem penetrar no céu azul.

(…) De início, atravessamos pinguelas, riachos e um trecho de terreno alagadiço e pantanoso, onde fomos obrigados por vezes a enterrar as botas na lama escura. Em seguida, penetramos na mata, onde os espinhos e cipós nos obrigaram a usar o facão. Pouco depois, encontramos uma picada, a qual nos levou a uma grande fazenda situada na base da Montanha. Apresentamos-nos ao administrador da fazenda, com o qual estivemos conversando por alguns minutos, explicando o nosso objetivo. Disse-nos o referido fazendeiro, que não havia qualquer caminho para o Morro dos Macacos, que a mata era muito fechada e que a pedra era muito difícil de ser galgada. Adiantou-nos ainda o fazendeiro, que até o presente momento ninguém havia chegado até ao cume, pois ele mora naquela região há 20 anos.

(...) Após examinarmos cuidadosamente o local, resolvemos “atacar” a montanha pela “crista” de um pequeno vale. A mata estava completamente fechada e tivemos que usar o facão. O terreno muito úmido, pedregoso e escorregadioço, obrigou-nos a uma série de precauções a fim de evitar o menor acidente. Após 30 minutos de trabalhos, atingimos um grande platô que media aproximadamente 50 metros de comprimento. Do alto deste platô, erguiam os paredões íngremes e altos dos dois picos. Estudamos a situação e resolvemos retornar à base, ao nosso ponto inicial, a fim de explorarmos um outro ponto.

(...) Subimos uma lombada cuidadosamente, cujo terreno oferecia enorme perigo. Pois qualquer descuido nosso, a morte nos aguardava no fundo do abismo, dos dois lados. O terreno muito acidentado tem muitas pedras soltas.

(...) Enfim, às 12h40min atingimos o cume do Pico Maior. Estávamos orgulhosos diante daquele espetáculo maravilhoso. Gritamos para Maria Alice e ela nos respondeu prontamente. Lá em baixo estava a fazenda. Gritamos e acenamos com os nossos lenços. Lá estava o nosso amigo fazendeiro, com sua numerosa família a responder as nossas aclamações. Foram momentos de grande emoção.

(...) Após fazermos um ligeiro relato da excursão num pedaço de papel com nossas assinaturas, iniciamos a descida para a base do Pico Menor.

(...) As mesmas dificuldades aí foram encontradas, que com toda técnica fomos vencendo o nosso objetivo. Iniciei a escalada do Pico Menor que, aliás, apresentava maiores dificuldades do que o Maior. Assim, eu e Fernando Portella, auxiliando-nos mutuamente, conseguimos atingir o cume do Pico Menor. Aí, a sensação foi a mesma. O eco era muito forte, e o pessoal lá embaixo na fazenda ouvia-nos perfeitamente.”



Monte São José

Duração



20 min

Distância



843 m

Altitude Inicial



27 m

Altitude Máxima



80 m

Altitude Final



80 m

Desnível



54 m / -1 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (718.075, 7.463.030)

Fim: 23K (718.119, 7.463.210)



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



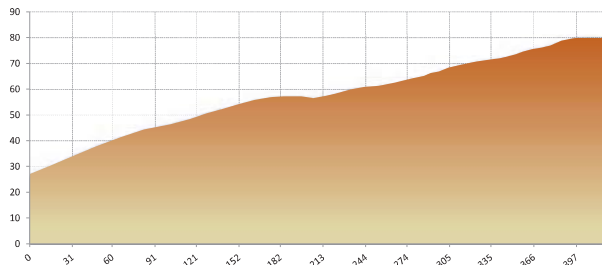
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Ligeiramente Irregular

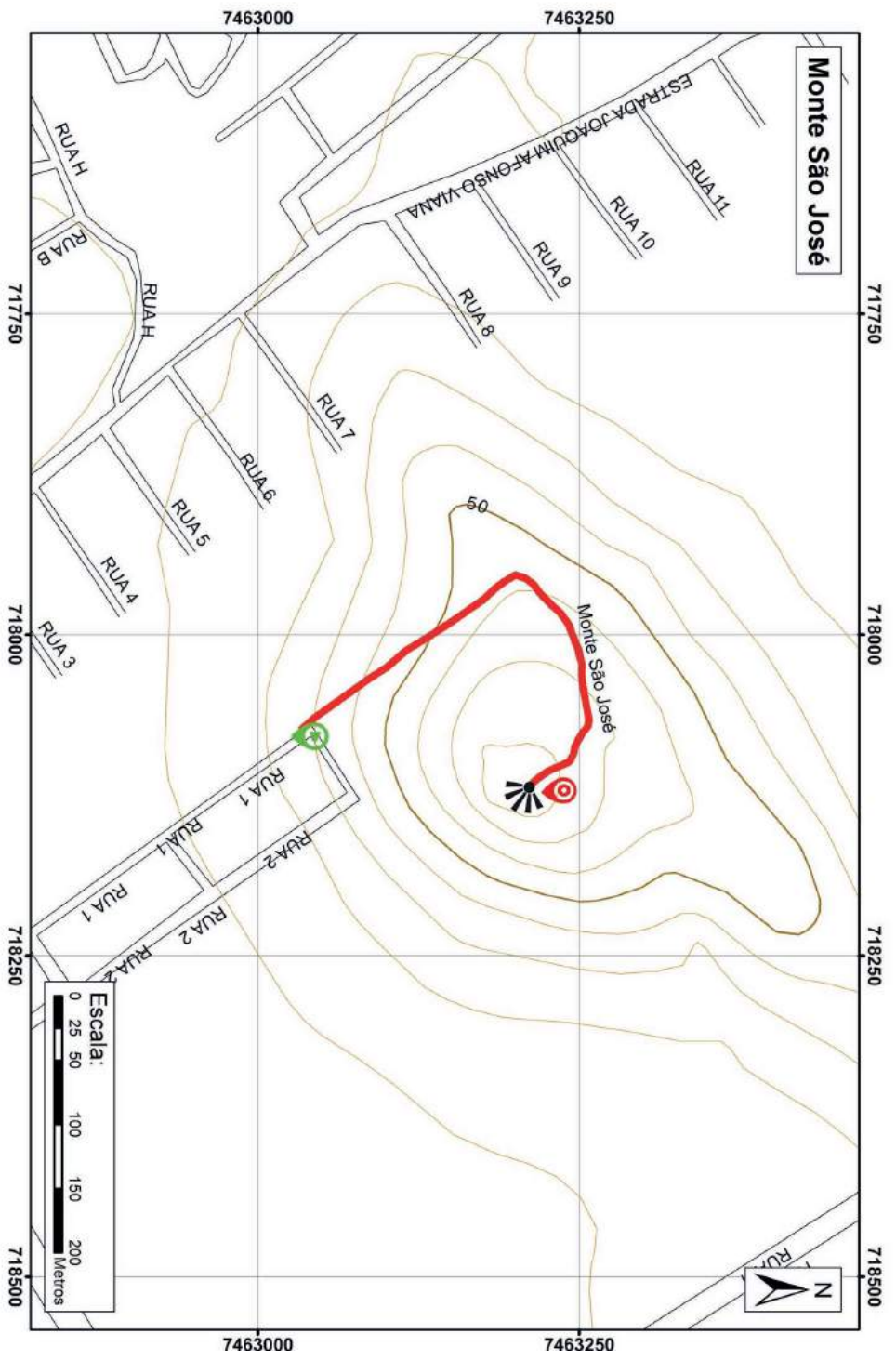
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

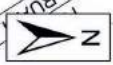
Vista para os principais pontos da cidade de Maricá. Foto: Vista a partir Monte São José.





Monte São José

Escala:
0 25 50 100 150 200
Metros



Descrição geral

Pode ser considerada uma das trilhas mais fáceis deste guia. A maior parte do caminho é uma estrada de terra, uma curva de 90° à direita e facilmente se chega ao cume.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer no ponto em frente ao retorno do Km 22,5, no bairro de São José do Imbassaí.

De carro:

Indo pela RJ 106, direção Maricá, fazer o retorno do Km 25 e sair da RJ 106 na altura do posto Shell.

Início da trilha

Fica na RJ-106, via principal do loteamento Las Palmas Inn (foto 1).

O caminho

O monte de São José, que é facilmente avistado da RJ 106, é o primeiro morro que pode ser visto do lado direito da rua principal do loteamento Las Palmas Inn, siga por esta rua principal até visualizar a trilha de acesso ao cume (foto 2), no seu lado direito, esta trilha é retilínea e faz 90° com a rua principal.

Curiosidades

Este morro é conhecido na região como “O monte” (foto 3), por ser usado por evangélicos para oração. De acordo com a lei de Uso e Ocupação do solo do município de Maricá o cume está em um Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS) por estar acima da cota 50.

Embora tenha baixa altitude, este cume permite ângulo de 360° de visão, bem como, permite contato visual com os principais pontos de Maricá, uma vez no cume, de frente para as Serras de Maricá, nós podemos rotacionar no sentido horário e observar a serra do Camburi e sua rampa de parapente, a Pedra do Silvado, Serra do Caju, Centro de Maricá, Pico da Lagoinha, ponte do boqueirão, Sistema Lagunar de Maricá, Comunidade de Pescadores de Zacarias, Restinga de Maricá, bairro de São José do Imbassaí, Alto Mourão (Pedra do Elefante), Pedra de Inoã, Pedra do Macaco e Serra do Macaco retornando ao ponto inicial de observação.



Setor CENTRO

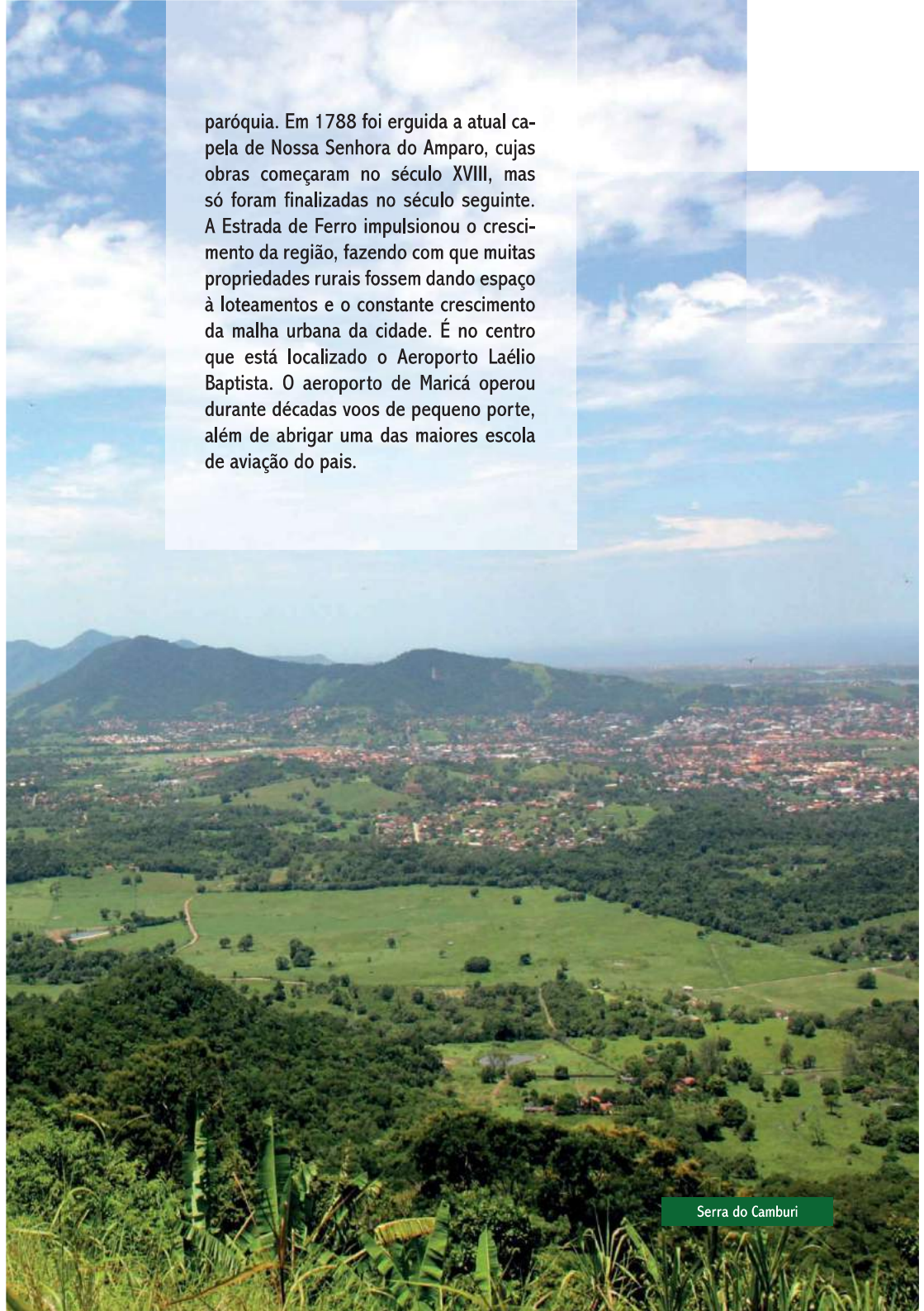
Informações gerais

É um setor de características distintas, com duas trilhas curtas e um roteiro bellissimo que segue até a Rampa de Voo Livre de Maricá, na Serra do Camburi. Para chegar ao início das trilhas, é preciso fazer caminhos distintos: ou estamos em meio ao centro da cidade, no caso do Morro do Caju, passando por prédios e ruas movimentadas; ou estamos em meio a uma bucólica paisagem, numa região com grandes sítios e bonita floresta, onde o som dos pássaros se misturam ao som do vento em meio à grandes árvores. São aproximadamente 16 km de trilhas para esse setor, distribuídos em um misto de trilhas e estradas não pavimentadas. Como algumas trilhas estão dentro ou próximo ao centro da cidade, existe estrutura de mercado, restaurantes e lanchonetes.

Histórico

O Centro de Maricá é a região com comércio e serviços mais movimentados e diversificados do município de Maricá. Também se localiza nele a sede da prefeitura do município. A primeira capela de Nossa Senhora do Amparo foi construída na segunda metade do século XVII. Em 1755, com a criação da Freguesia de Santa Maria de Maricá, a capela Nossa Senhora do Amparo separou-se da Freguesia de Santo Antônio de Sá e recebeu o título de





paróquia. Em 1788 foi erguida a atual capela de Nossa Senhora do Amparo, cujas obras começaram no século XVIII, mas só foram finalizadas no século seguinte. A Estrada de Ferro impulsionou o crescimento da região, fazendo com que muitas propriedades rurais fossem dando espaço à loteamentos e o constante crescimento da malha urbana da cidade. É no centro que está localizado o Aeroporto Laélcio Baptista. O aeroporto de Maricá operou durante décadas voos de pequeno porte, além de abrigar uma das maiores escola de aviação do país.

Serra do Caju

Duração



1 h 30 min

Distância



3.573 m

Altitude Inicial



45 m

Altitude Máxima



210 m

Altitude Final

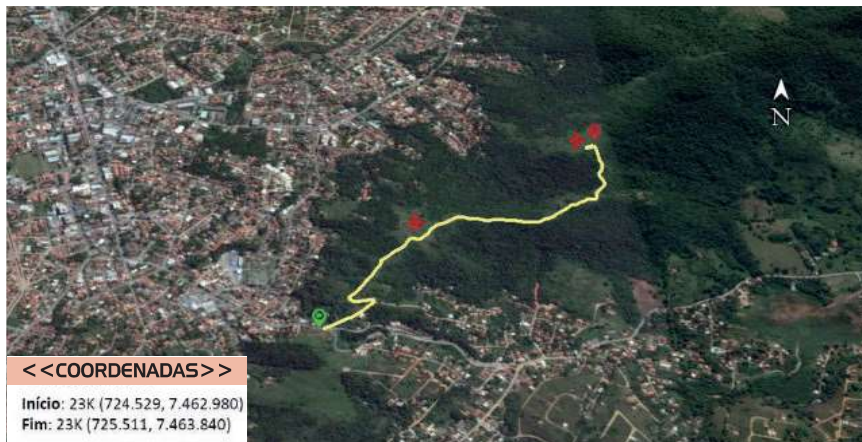


210 m

Desnível



170 m / -5 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve Superior



Orientação: Fácil



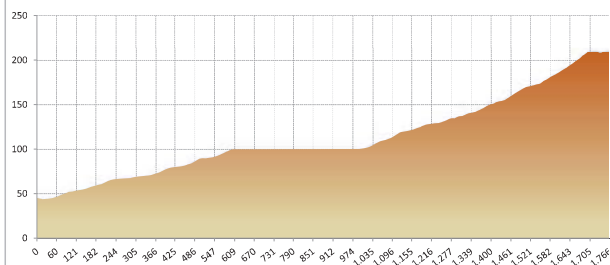
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Regular

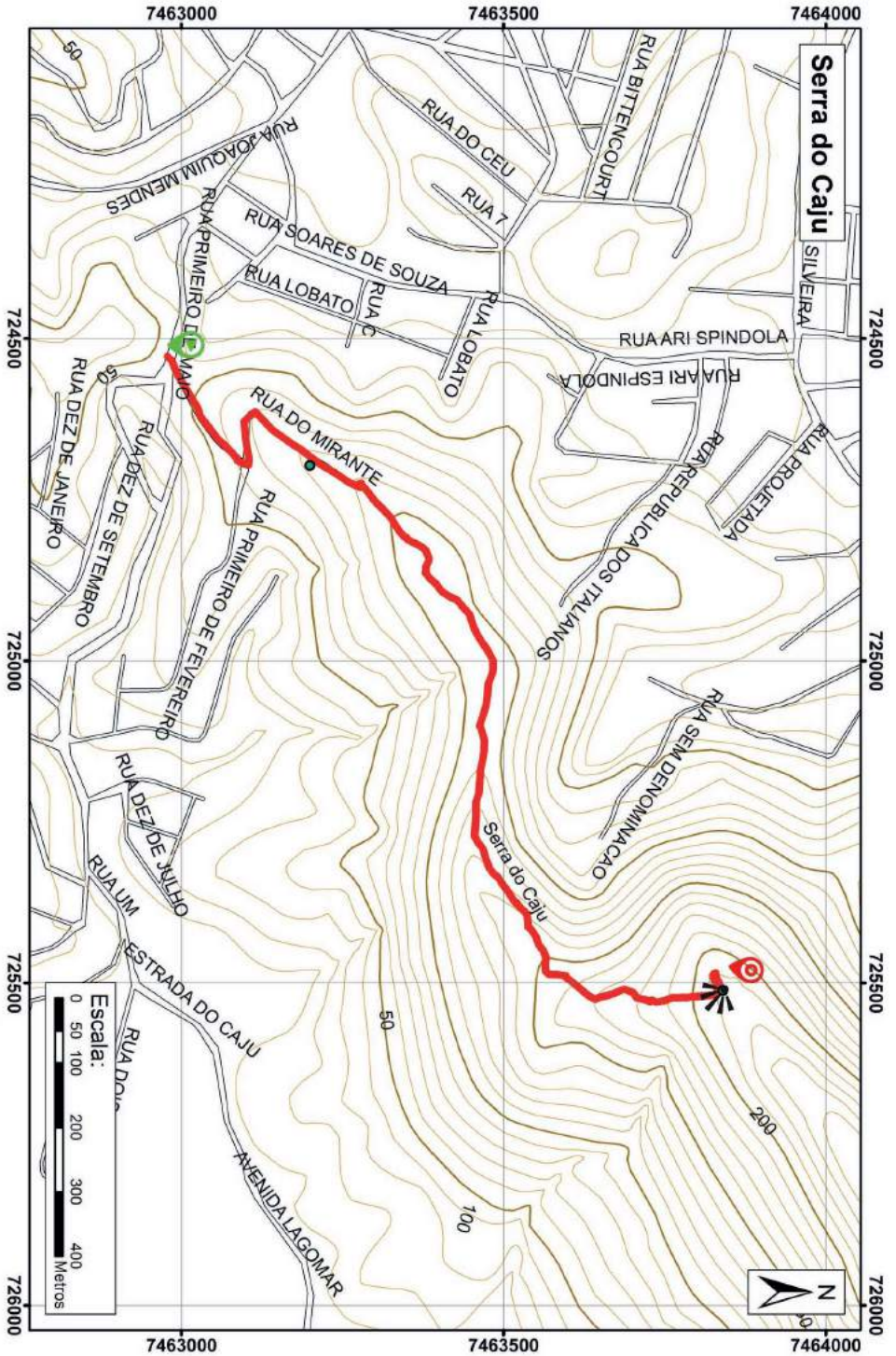
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Bela vista para o Centro de Maricá, parte do Sistema lagunar, Serra do Camburi e montanhas da região, além da Serra da Tiririca e litoral da cidade. Foto: Vista a partir da Serra do Caju.





Descrição geral

Trilha bem tranquila, com caminho bem definido. Uma ótima pedida para quem quer uma caminhada rápida na parte da manhã ou para ver o por do sol. A vista de seu mirante é fantástica!

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer na Rodoviária de Maricá. Serão aproximadamente 1,8 km até o início da trilha. Saindo da Rodoviária siga à direita, sentido centro, na Av. Roberto Silveira, vire à esquerda na Rua Ribeiro de Almeida, depois à esquerda na Rua Domício da Gama e a esquerda novamente na Rua Clímaco Pereira. Siga reto até começar a subir na Rua Primeiro de Maio.

De carro:

Siga na RJ 106 e vire a direita na primeira entrada para Maricá, logo após o Pórtico de entrada da Cidade. Da RJ 106 até o ponto de partida, são aproximadamente 2,6 km. Siga Av. Ver. Francisco Sabino Costa siga reto nela até seguir para a esquerda, pegando a Rua Clímaco Pereira. Depois siga reto até pegar a Av. Primeiro de Maio, onde seguirá subindo até uma trifurcação. Nesse ponto, deve-se pegar a esquerda, entrando na Rua Primeiro de Fevereiro. O caminho é uma estrada de chão e pode estar em péssimas condições, pode deixar o carro nesse ponto e seguir a pé.

Início da trilha

A trilha propriamente dita começa após as antenas de TV, mas colocamos o ponto de partida mais embaixo, pois as condições da rua, nem sempre são boas.

O caminho

A partir da trifurcação no alto da Av. Primeiro de Maio, siga na esquerda e vá subindo, virando novamente à esquerda. Mais acima, passará por algumas antenas de TV uma construção à sua direita. Um pouco mais a frente, virá um largo, que algumas pessoas deixam o carro. Siga subindo e atravessará uma porteira. A trilha avança subindo por um trecho



3



4

bem definido até entrar numa área aberta. Note que a vista nesse ponto já é fantástica.

Seguindo o caminho bem marcado, entrará novamente numa área de mata até alcançar outro descampado. A vista nesse ponto é perfeita.

Curiosidades

Caju é um bairro de Maricá e seu nome faz referência a grande quantidade de cajueiros que existiam na região. Nos arredores do local, existiu uma fazenda que pertenceu a Gabriel Henrique de Farias. No final da estrada do Caju, existe a Capela de Santo Antônio, que foi construída em local doado por Gabriel Henrique, por volta de 1940. Todos os anos é realizada uma festa em homenagem ao seu padroeiro.



Mirante do Morro do Caju

Morro do Buriche

Duração



20 min

Distância



1.081 m

Altitude Inicial



24 m

Altitude Máxima



60 m

Altitude Final



60 m

Desnível



36 m / 0 m



Tipo: Trilha



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



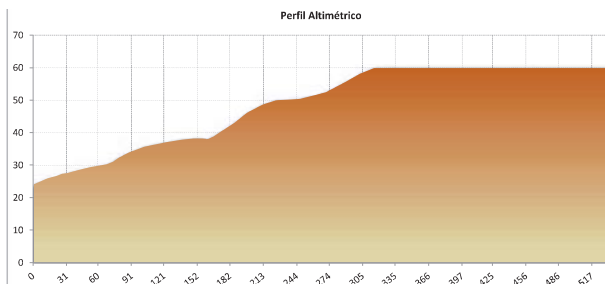
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

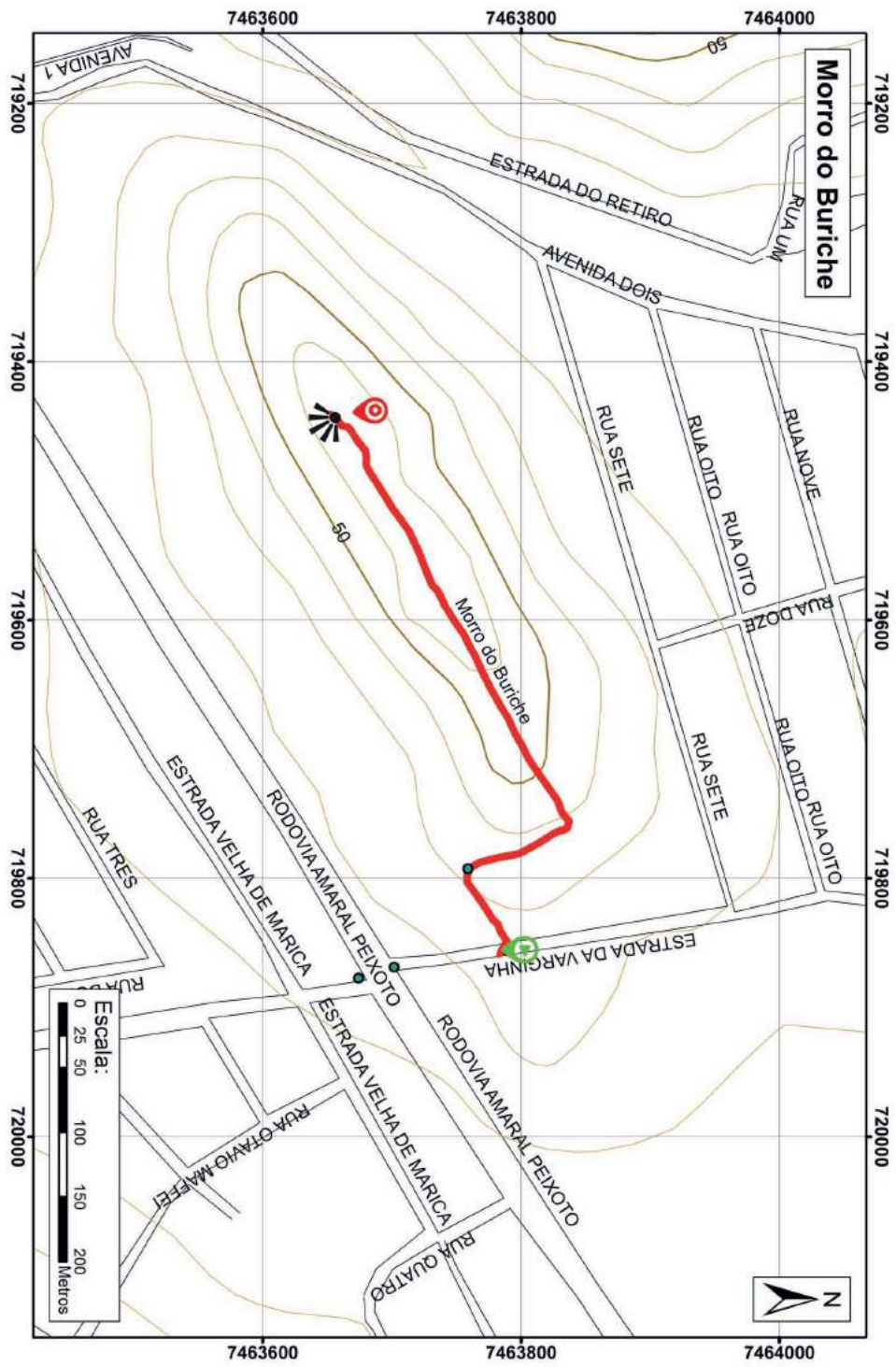
Piso: Regular



Principais atrativos

Vista para a Serra do Camburi, parte do sistema lagunar e litoral da cidade. Foto: Vista Panorâmica no cume do Morro do Buriche.





Descrição geral

A trilha é muito curta e é feita por uma rua em péssimas condições. Segue entre um loteamento de terrenos. Apesar de rápida, vale a pena a vista para algumas fotos.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer na entrada de Ponta Grossa, na RJ 106.

De carro:

Siga na RJ 106 e assim que passar a entrada de Ponta Grossa, terá um retorno, cerca 1,2 km após. Retornando, entre numa pequena rua, chamada de Estrada do Vargonha, que fica do lado oposto à entrada de Ponta Grossa. Há também um ponto de ônibus na esquina dessa rua. Siga subindo na primeira rua à esquerda, você pode estacionar o carro.

Início da trilha

Fica do lado oposto a entrada de Ponta Grossa, numa pequena rua que sobe ao lado do Ponto de ônibus, na RJ 106, sentido Niterói.

**1**

O caminho

Na Estrada do Vargonha, vire a primeira à esquerda (foto 1). Note que há um muro na esquina dessa rua. Siga subindo levemente e vire à direita na primeira rua. Siga subindo. Note que é uma rua bem precária de um loteamento antigo que ainda não foi habitado. Mais a frente, você dobrará novamente à esquerda. Daí é só seguir subindo até o final. A vista é bem bonita para Ponta Grossa e Serra do Camburi.

Curiosidades

O nome Buriche advém do fato de ter sido local onde residiu Bento Buriche Coutinho, velho negociante ali radicado. Ele assassinou a tiros de revólver, o namorado de sua filha, Fernando José do Nascimento. No local dessa tragédia foi erguida uma cruz de madeira. Buriche foi absolvido pelo tribunal popular, porém, faleceu pouco tempo depois.



Serra do Camburi

Duração



Distância



Altitude Inicial



Altitude Máxima



Altitude Final



Desnível



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (720.766, 7.464.340)
Fim: 23K (719219, 7.467.220)



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



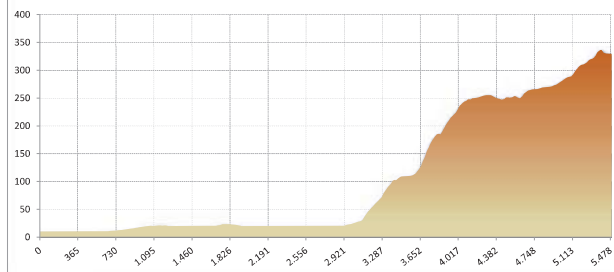
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Regular

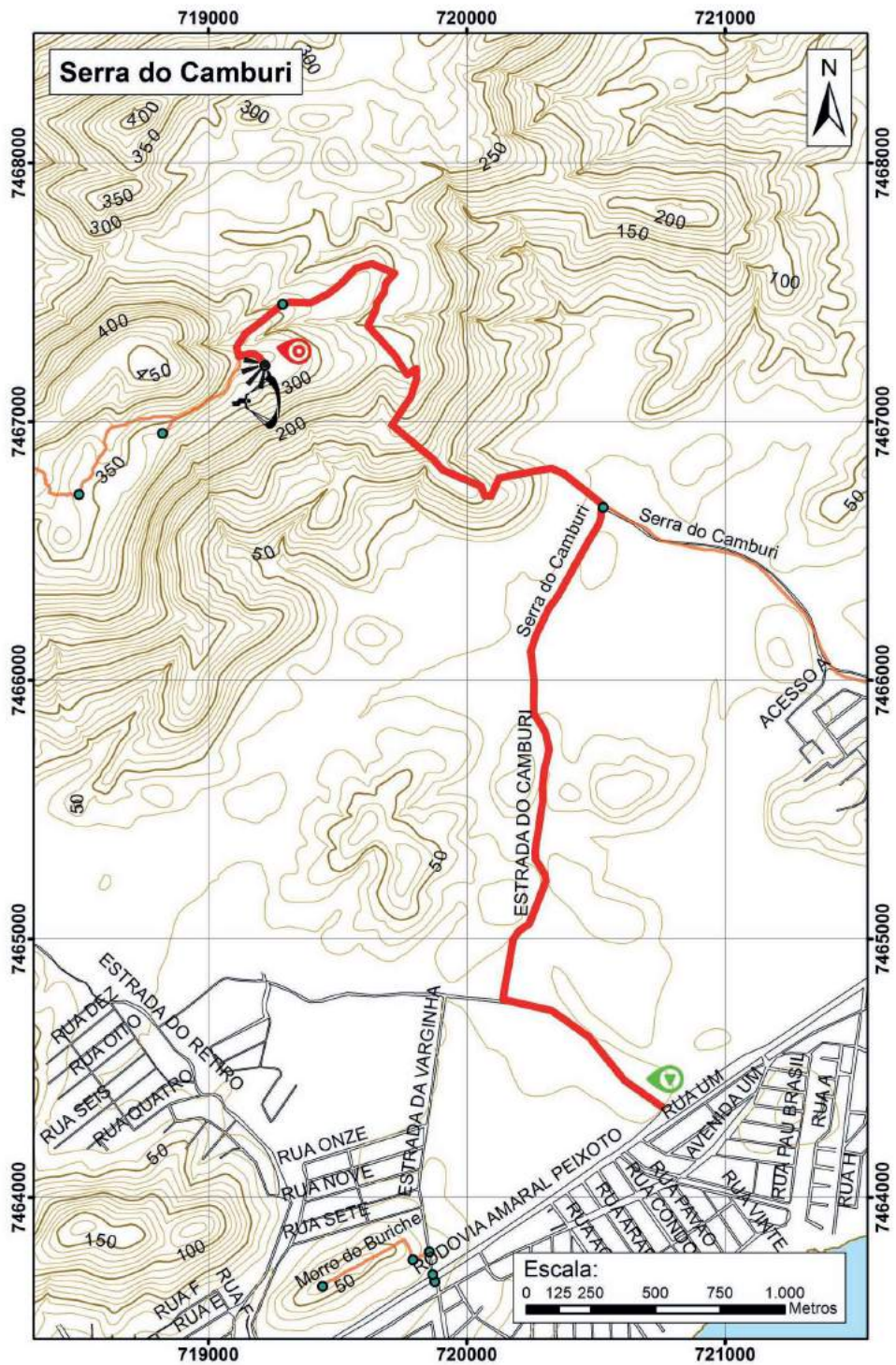
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Bela vista para toda a região de Maricá.





Descrição geral

Na verdade não chega a ser uma trilha. É uma estrada que segue rasgando a serra até a rampa de Voo Livre de Maricá. A vista lá de cima é fantástica. Existe a possibilidade de seguir até o Sítio do Sr. Marssal e conhecer um pouco suas grandes histórias.

Como todo o caminho é feito por uma estrada, as informações são poucas e não há bifurcações relevantes. Se estiver preparado, poderá fazê-la de bicicleta, mas atente para forte subida.

Como chegar

De ônibus:

No Terminal Rodoviário do Centro de Niterói, ao lado da estação das barcas, pegar o ônibus Niterói x Maricá e descer no Retorno do Retiro (25).

De carro:

Siga na RJ 106 e vá até o Retorno do Retiro (25). Carros 4x4 vão até a rampa, mas nesse percurso faremos a pé. Há uma praça nesse retorno, onde poderá deixar o carro. Se preferir, pode ir de carro até o começo da subida, que também é uma opção. Nesse caso, siga na Estrada da Cova da Onça, até chegar à Fundação ASSEFAZ, nela vire à direita até o final, onde deve-se virar à esquerda. Note que nesse ponto há placas indicando a Rampa de Voo Livre. Mais a frente, há um bar, onde pode-se deixar o carro.

Início da trilha

De ônibus, o caminho segue pelo início da Estrada da Cova da Onça, junto a RJ 106. Se for de carro, pode-se começar no início da Estrada de Camburi.

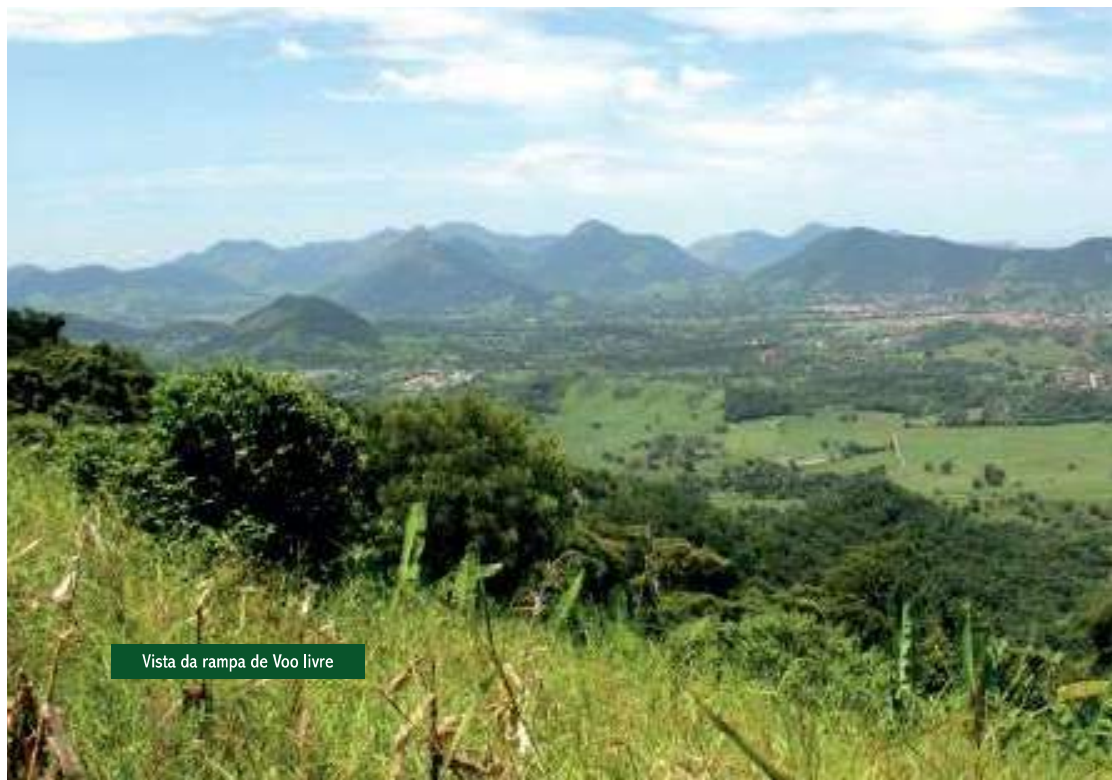
O caminho

A partir da RJ 106, siga pela Estrada da Cova da Onça até chegar à Fundação ASSEFAZ. Nela, vire à direita e siga até o final, onde deve-se virar à esquerda. Note que nesse ponto há placas indicando o sentido da Rampa de Voo Livre. Mais à frente, você verá um bar à sua esquerda. Siga pela estrada e perceba que ela começará a subir bem forte. Há algumas curvas bem íngremes e alguns pontos bem erodidos.

Vai subir por um longo trecho até que virá uma descida. Siga e virá uma bifurcação. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Siga para a esquerda e voltará a subir novamente. Mais acima, terá uma porteira a esquerda e um descampado bem ao fundo, abaixo de uma casa. Esse é o ponto. Você chegou à Rampa de Voo Livre de Maricá.

Curiosidades

Camburi é uma parte da serra de Cassorotiba, onde se encontra o planalto que faz farte da antiga propriedade dos Monteiros. O nome Camburi é de origem indígena, com duas versões: “terra onde há leite, mel e água” ou “mato flexível”. É lá na Serra de Camburi que está localizada uma das rampas de voo livre de Maricá, a mais famosa. No local, encontra-se as ruínas de uma majestosa construção de muros em pedra bruta empilhadas, sem rejuntamento, desafiando o tempo com mais de 300 metros de extensão. Não se tem muitas informações sobre essa enorme construção. Mas os marcos históricos não param por aí.



Vista da rampa de Voo livre

Mais acima, perto do ponto onde ficavam as antenas, existe um grande bloco de pedra, medindo 2 m x 0,5 m x 0,15 m, jogado à beira da trilha, traz esculpida a coroa portuguesa e abaixo os dizeres: “VILA DE S. JOZE DEEL REI”. Há registros que existem mais dois marcos, um no Caxito Grande e outro em Cassorotiba.

Com o estabelecimento português no Rio de Janeiro e a dominação dos grupos indígenas, vários aldeamentos foram estabelecidos, entre eles: São Lourenço dos Índios (Niterói); São Barnabé (Itaboraí) e São Pedro dos Índios (São Pedro da Aldeia). A Aldeia de São Barnabé, se tornou emblemática devido a atenção especial dada pelo então Vice-rei, o Marquês de Lavradio. Em 1772 assistiu a uma revolta dos índios contra as péssimas condições de vida, contra o trabalho forçado e pela desapropriação de suas terras. Tentando frear esses problemas, nesse mesmo ano o Vice-Rei transformou-a em vila, batizando-a de “Vila Nova de São José D’El Rei”. Além disso, ela foi a primeira a ter sido provida de um diretor encarregado de reger a povoação.



Durante o processo de transformação em vila, o Marquês determinou que fosse realizada a medição das terras do aldeamento com o objetivo de preservá-las. Apesar de ter iniciado o processo e ter repartido algumas das terras em benefício dos indígenas, tal medição foi interrompida pouco depois, deixando em aberto a referida questão. O problema da distribuição das terras e disputa com os índios não foram resolvidos e em 1833 a Vila Nova de São José D’El Rei foi extinta e parte incorporada ao município de Itaboraí e parte, Maricá. Provavelmente esses marcos foram colocados para demarcar a nova vila. Porém não se sabe a quantidade e nem os pontos exatos onde foram instalados.

Setor SILVADO

Informações gerais

A região possui diversos sítios e fazendas e muitos caminhos cortam e ligam essas diversas propriedades. Caminhando pela região do Silvado, nem parece que estamos a poucos quilômetros do centro urbano. Como referência no local, temos o Bar do Sr. Célio, no ponto final do ônibus Maricá x Silvado. São três roteiros propostos para esse setor: Pedra do Silvado, Circuito do Silvado e Travessia Silvado x Espraiado; distribuídos em 25 km. Existe muito mais a explorar pelo local, ficando aqui a dica.

Como chegar

De ônibus:

Na rodoviária de Maricá, pegar o ônibus linha Maricá x Silvado, viação Costa Les-te. Fique atento ao horário, tanto de ida quanto ao de volta, pois existem poucos. Horários: 05:10, 08:00, 15:30 e 19:30.

De carro:

A partir do Pórtico da entrada de Maricá, na RJ 106, serão aproximadamente 12 km até o local. Seguir na RJ 106 por aproximadamente 1,9 km e depois pegar a RJ 114 (Estrada de Ubatiba), sentido Itaboraí. Note que esse é o ponto onde termina a duplicação da RJ 106. A partir daí, serão 5,8 km até a entrada do Silvado. Vire à direita e siga por aproximadamente 3,4 km até o Bar do Sr. Célio.



Histórico

A região é cercada por diversas fazendas. Fica no vale entre as Serras da Chuva e Barro do Ouro, abrangendo dois bairros: Silvado e Lagarto. Algumas antigas fazendas se destacaram no passado como a Fazenda Lagarto, que acabou se dividindo em diversas propriedades de menor porte como a Coqueiro e Caboclo. Existem poucas informações sobre o local.

Pedra do Silvado ao fundo

Pedra do Silvado

Duração	Distância	Altitude Inicial	Altitude Máxima	Altitude Final	Desnível
 2 h 30 min	 4.358 m	 59 m	 610 m	 610 m	 558 m / -7 m

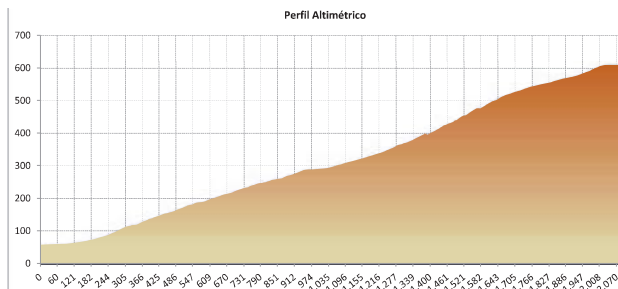


<<COORDENADAS>>

Início: 23K (731.377, 7.469.210)
Fim: 23K (730.136, 7.468.420)

	Tipo:	Trilha
	Esforço:	Moderada
	Orientação:	Fácil
	Insolação:	Alta
	Risco:	Pequeno

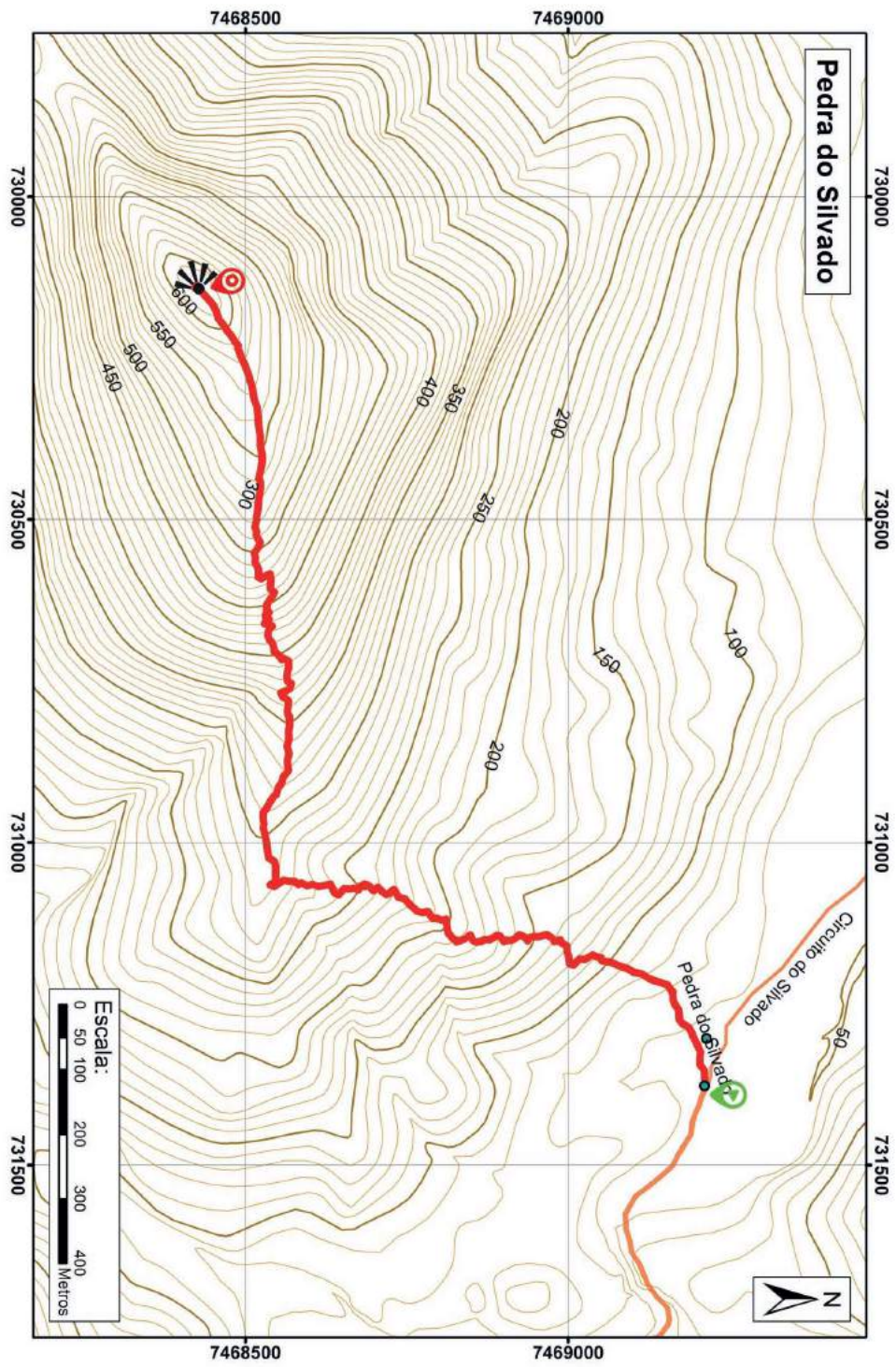
Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Ligeiramente Irregular



Principais atrativos

Visão 360° de seu cume. Dá para ver Maricá, Pedra de Inoã, Serra da Tiririca, montanhas da cidade do Rio de Janeiro, a Serra do Barro do Ouro e Serra da Chuva. Um visual fantástico.





Pedra do Silvado

Pedra do Silvado

Circuito do Silvado

Escala:
0 50 100 200 300 400
Metros



Descrição geral

A trilha segue numa subida forte e pouco abrigada do sol. O leito da trilha está pouco definido em alguns pequenos trechos, mas torna-se óbvio, o que facilita a orientação. A Pedra do Silvado, com seus 623 metros, é vista de vários pontos de Maricá, sendo referência.

Início da trilha

O início da trilha é no Bar do Sr. Célio, ponto final do ônibus Marica X Silvado.

O caminho

Cruze um campo de futebol ao lado do bar do Sr. Célio (foto 1), e siga em direção a algumas casas. Evite barulho, pois você passará pelo quintal dos moradores. Comece a subir paralelamente a uma cerca, com ela a sua direita. Virá uma grande árvore caída. Note que o lado esquerdo da cerca é pasto e o lado direito, é coberto por uma vegetação de médio





porte. Quase não há sombra nesse caminho, principalmente na parte da manhã. Siga subindo, sempre observando a cerca à sua direita. Mais acima, você estará caminhando num pasto (foto 2). Note que não há caminho definido no solo. Verá uma grande árvore bem ao alto. Pode pegá-la como referência. Siga subindo até um platô (foto 3). Um ótimo ponto para a primeira parada.

Vire à direita e entrará numa área com vegetação de médio porte (foto 4). Note que estará caminhando na linha de cumeada. Seguirá subindo levemente até cruzar uma cerca. Depois dela, você voltará a caminhar em uma área sem abrigo do sol. A partir daí a subida fica bem forte. O leito da trilha segue pequeno, porém bem definido. Note que verá um falso cume (foto 5). Chegando nele, perceberá que ainda existe mais um trecho a ser percorrido. Mais alguns metros e estará no cume da Pedra do Silvado (foto 6).

Circuito do Silvado

Duração



4 h

Distância



10.317 m

Altitude Inicial



58 m

Altitude Máxima



330 m

Altitude Final

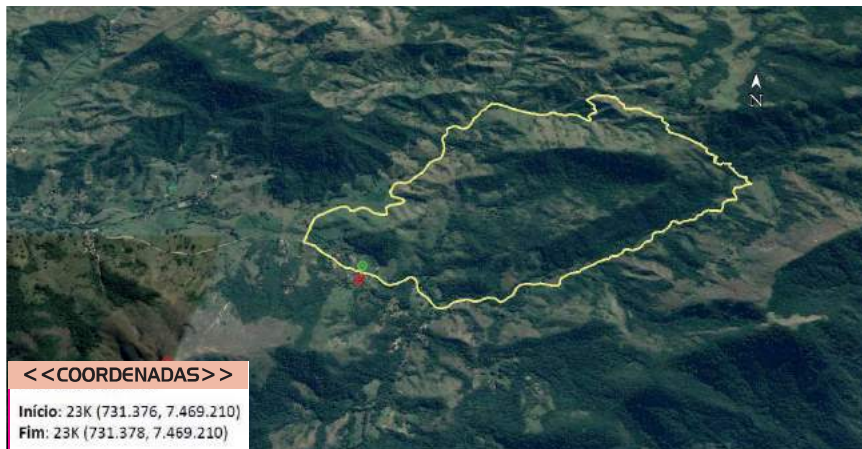


58 m

Desnível



423 m / -423 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (731.376, 7.469.210)

Fim: 23K (731.378, 7.469.210)



Tipo: Circuito



Esforço: Moderada



Orientação: Moderada



Insolação: Alta

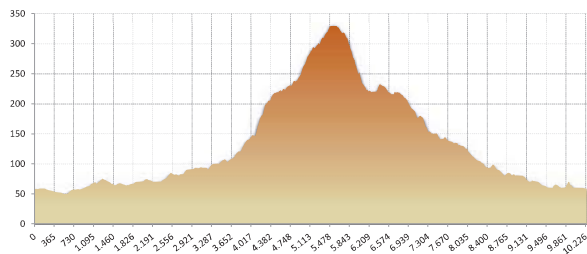


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

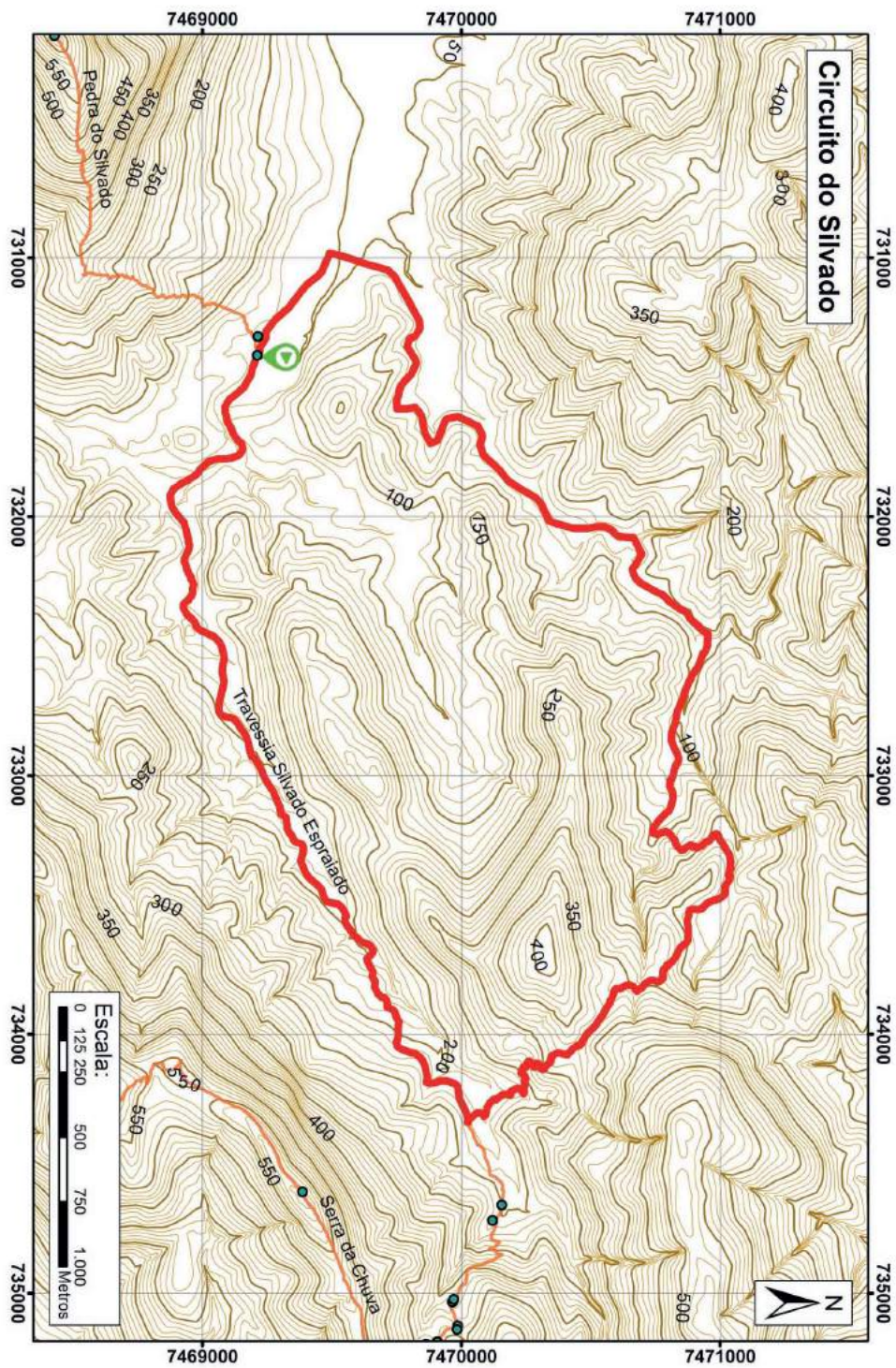
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Caminhada com belo visual, cruza-se o rio em diversos pontos, com possibilidade de banho. Passa-se por diversos sítios e fazendas da região. Foto tirada durante o circuito.





Descrição geral

A trilha em seu trecho inicial segue por uma estradinha de terra, que serve de acesso a alguns sítios da região. Depois, segue por alguns caminhos utilizados entre as plantações e pasto, até chegar novamente numa estradinha de terra. Cruzamos o córrego diversas vezes e uma parada para um banho é obrigatória nos dias de sol.

Início da trilha

O início da trilha é no Bar do Sr. Célio, ponto final do ônibus Marica X Silvado (foto 1).

O caminho

No Bar do Sr. Célio, volte na estrada do Silvado e vire a primeira à direita. São, aproximadamente, 4 km de estrada de chão até onde começa a trilha propriamente dita. Mas esse trecho não dá para fazer todo de carro, então vale a pena deixar o carro lá no ponto de referência.



Entrando na estrada de chão, seguir por ela. O caminho é bem agradável e bonito. Note que você passará por algumas casas e chegará a um largo, logo após cruzar o córrego. A partir daí a estrada fica bem ruim. Seguindo em frente você chegará a uma porteira de cor roxa (foto 2). Olhando de longe parece o fim da linha, mas a estrada, continua numa acentuada curva para a esquerda, porém as condições pioram ainda mais. A estrada dá lugar a um caminho que segue subindo mais forte que os trechos anteriores.

Mais acima passará por uma casinha de taipa e subindo mais um pouco, você verá um grão com o córrego passando bem abaixo. Note a sua esquerda, na outra margem, algumas



casinhas. Mais à frente, o córrego estará no mesmo nível do caminho e haverá uma casa na margem direita da trilha (foto 3). Seguindo reto, virá uma cerca. Ultrapasse-a e siga em frente. Virá uma bifurcação (foto 4). Pegue o caminho da direita.

ATENÇÃO NESSE PONTO! Virá uma outra bifurcação, com uma árvore no meio, pegue agora a da esquerda. Não siga em frente, apesar de ser o caminho mais óbvio. Note que um pouco mais acima, você caminhará paralelo a uma cerca, com ela a sua esquerda e bem ao fundo do vale, dá para ver uma casa. Siga subindo e você passará por algumas pedras e Agaves no caminho. Seguirá subindo até chegar a uma cerca, vire à esquerda e siga até o final, onde encontrará novamente outra cerca (foto 5).

ATENÇÃO NESSE PONTO! Não suba. Pegue a saída à direita e siga em frente. Você caminhará com um pouco mais de vegetação em volta. Fique sempre no caminho principal e mais definido. Note que você estará chegando ao final da subida. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Virá uma bifurcação, com uma árvore no meio (foto 6), siga para a direita e mais a frente já começará a ver uma vertente da Serra da Chuva. A partir desse ponto é só descida. O caminho irá serpenteando em meio a mata, passando por alguns trechos bem erodidos, até que o caminho volta a ficar plano.

Siga em frente e começará a ouvir o barulho da água. A sua esquerda verá um grande bambuzal e mais à frente um córrego. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Cruze o córrego (foto 7) e mais alguns metros à frente, você chegará à continuação da estrada do Silvado, o mesmo utilizado na Travessia Silvado x Espriado. Vire à direita e siga descendo (foto 8). Você passará por alguns sítios e num trecho considerável, estará caminhando sempre com o córrego a sua direita. Mais a frente cruzará o córrego algumas vezes, até chegar novamente no Bar do Sr. Célio.

Travessia Silvado x Espreado

Duração



4 h

Distância



10.552 m

Altitude Inicial



58 m

Altitude Máxima



506 m

Altitude Final



30 m

Desnível



578 m / -607 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (731.379, 7.469.220)

Fim: 23K (735.538, 7.467.420)



Tipo: Travessia



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

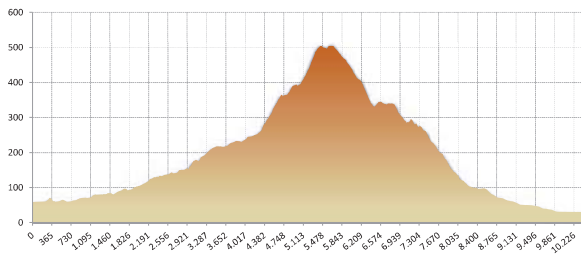


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

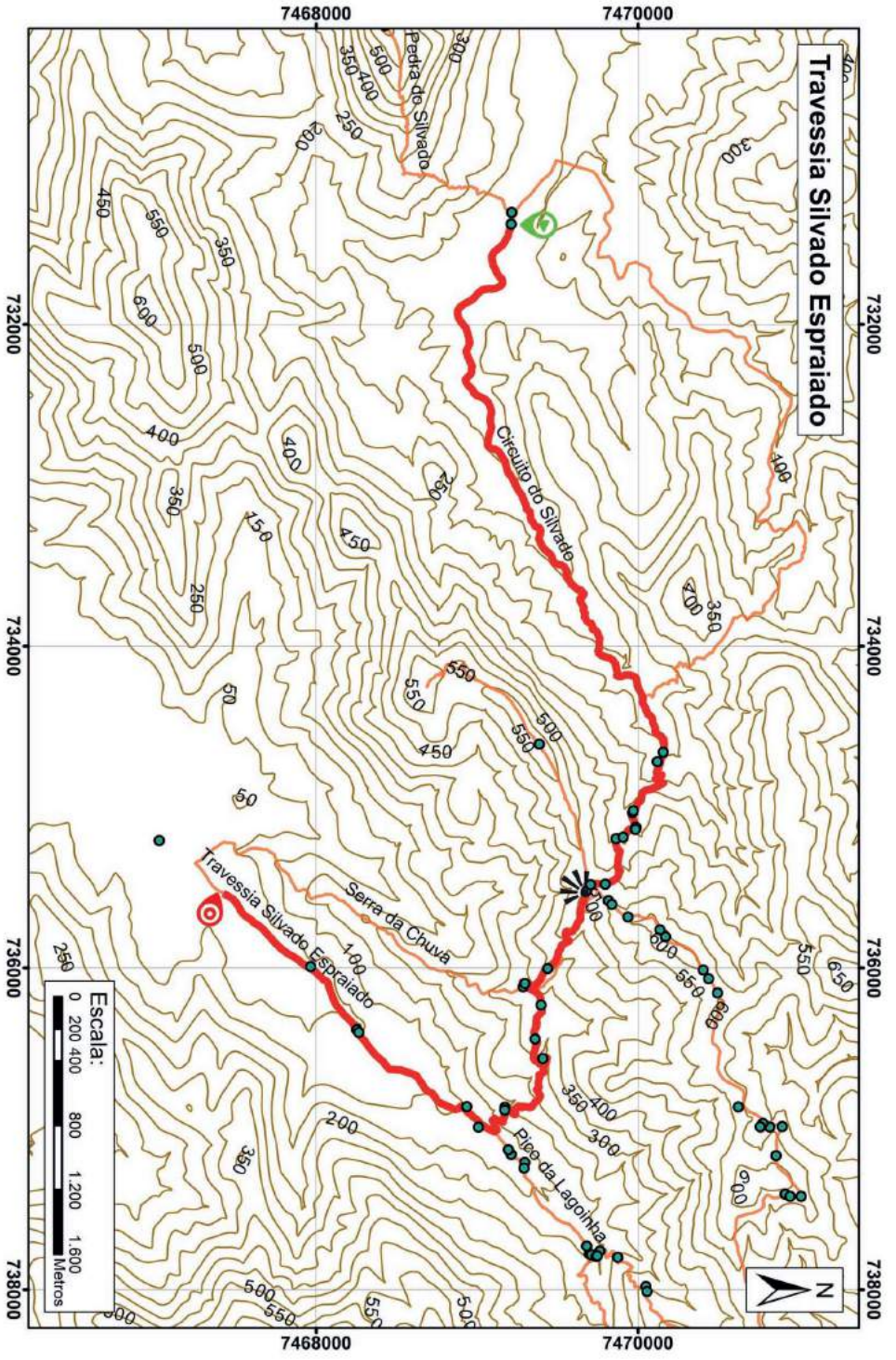
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Bela caminhada pelo vale do Silvado, vários córregos da região, vista da Serra da Chuva e Cachoeira do Silvado. Foto: Subida no Vale do Silvado.





Traversia Silvado Espiraiado

Escala:
0 200 400 800 1.200 1.600
Metros



Descrição geral

A trilha se inicia pela estrada do Silvado, cruzará o córrego por diversas vezes durante o trajeto, seguindo até que a estrada se transforma num caminho onde não há mais possibilidade na passagem de carro. Passará pela Cachoeira do Silvado e seguirá até a linha de cumeada da Serra da Chuva onde poderá escolher por qual caminho deseja descer. Para este roteiro, tomamos o caminho que sai na Cachoeira da Represa do Espraiado.

Início da trilha

O início da trilha é no Bar do Sr. Célio, ponto final do ônibus Marica x Silvado

O caminho

Na bifurcação que fica após o Bar do Sr. Célio (foto 1), pegar a entrada da esquerda (as duas se juntam mais à frente). Cruzará o riacho três vezes (foto 2). Virá uma bifurcação, fique a sua esquerda. Mais à frente, virá umas casas antigas à sua esquerda, Cruzará pela quarta vez o riacho. Virá uma bifurcação, siga reto. Passará por um bambuzal. Cruzará o



Continuação da estradinha



3



4



5

quinto riacho e mais à frente, à sua esquerda, terá grandes galpões antigos (foto 3). Note que você estará paralelo ao rio, com ele a sua esquerda. Note, também, que você estará ganhando elevação lentamente.

Passará por um bambuzal. Em seguida virá uma cerca e outro bambuzal. Siga subindo. Note o barulho do rio a sua esquerda. Com +/- 3,2 km de caminhada, a estrada se transforma em uma trilha. Virá uma bifurcação, siga reto e começará a subir um pouco mais forte. Olhando para trás, verá a Pedra do Silvado. Virá mais uma cerca com porteira e os escombros de uma casa por onde você deverá passar. Terá umas bananeiras à sua esquerda e



logo após, passará pela entrada de um sítio a sua esquerda (foto 4). Seguindo, virá mais uma cerca, onde tem duas casinhas à sua direita. Passará por mais uma cerca e terá uma pequena descida. Cruzará novamente um riacho.

ATENÇÃO: Você estará bem próximo da entrada da cachoeira do Silvado. Virá uma subida e +/- no km 4,68 tem uma discreta saída à direita. Siga por ela e em poucos metros estará na pequena cachoeira do Silvado. A partir desse ponto, começam algumas subidas mais fortes. Note que o caminho está bem erodido em alguns pontos, devido à prática de motocross. Passará por algumas bananeiras e grandes jaqueiras. Cruzará mais algumas cerca e iniciará uma subida bem forte e logo virá uma cerca. Atravesse-a e siga subindo. Existem alguns caminhos paralelos feitos por motos. Esse ponto é bem exposto ao sol e a forte subida cobra seu preço. No final, terá uma curva para a direita até chegar uma cerca.



ATENÇÃO NESSE PONTO! Aqui há três possibilidades. Uma é virar à esquerda e seguir subindo em direção ao cume da Serra Chuva, o que torna o caminho mais longo. A segunda opção é seguir descendo por um braço da Serra da Chuva. A terceira opção que foi usada nesse roteiro, consiste num belo caminho até chegar à cachoeira da Represa do Espraiado.

Assim que cruzar a cerca, vire à direita e desça poucos metros paralelo a cerca, até uma área mais plana. Ali vire à esquerda e siga num caminho levemente plano. Ao final, você chegará a um ponto mais aberto e o caminho seguirá descendo. Em alguns pontos o caminho estará bem erodido. Continue nele. A sua esquerda e bem ao fundo, você verá um casa com algumas grandes mangueiras (foto 5). Siga descendo e estará numa área de pasto com um caminho bem definido. Seguir paralelo a uma cerca e já poderá ver os escombros de uma casa bem a sua direita (foto 6). Siga até ela.

Na casa, vire à esquerda, ultrapasse uma cerca e vire novamente à esquerda na estrada. Subirá levemente até cruzar uma cerca. Mais à frente você verá uma bifurcação e um casinha mais a frente (foto 7). Vá em direção a ela. Note que terá uma saída à direita, com uma cerca. Entre nela e siga descendo. Virá uma bifurcação. Peque para a direita (foto 8) e siga descendo. O caminho é bem bonito, você estará o tempo todo entre a densa floresta. Você cruzará um córrego (foto 9). Aproveite para se refrescar. Cruzando o córrego, você subirá um pouco e depois seguirá descendo até o seu destino.

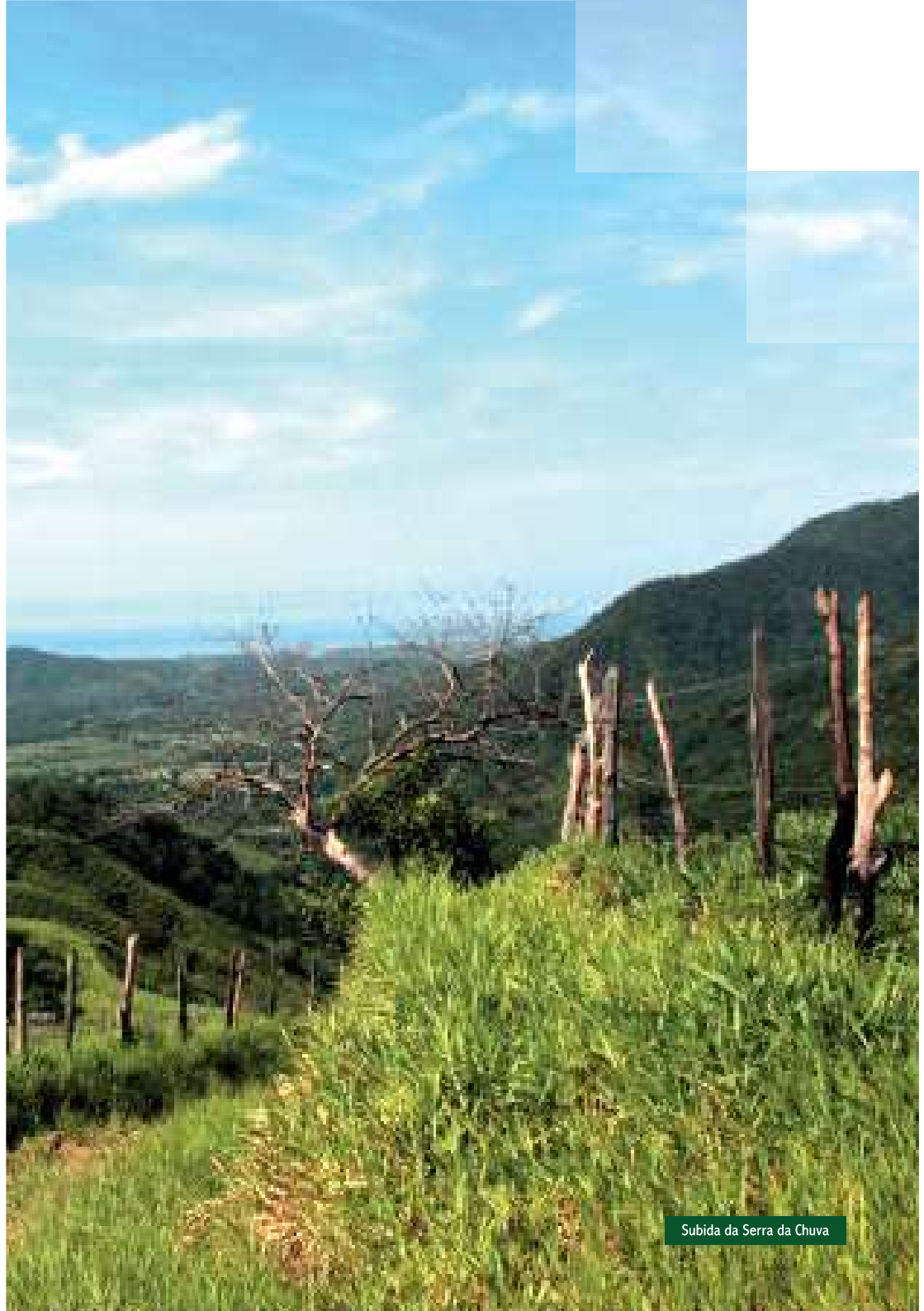
Passará ainda por umas ruínas (foto 10), onde aparece apenas a base de pedra entre a vegetação. Note que nesse ponto você verá uma vegetação rasteira, típica de jardins, um sinal de que já estará bem próximo ao destino. Mais abaixo, passará por duas casinhas. Evite barulho e seja cortês com os moradores. Siga descendo até que chegará à Estrada do Espraiado, daí, é só virar à direita, passando a Cachoeira da Represa do Espraiado, seguindo até o ponto de ônibus.

Setor ESPRAIADO

Informações gerais

Na região do Espraiado está concentrada a maior quantidade de trilhas do município. São trilhas dos mais variados níveis. É claro que não esgotamos todas as possibilidades e os roteiros apresentados são apenas uma orientação para quem quer conhecer o local. Inclusive, alguns dos roteiros aqui apresentados podem ser combinados com outros, fazer apenas determinados trechos, etc. São cachoeiras, antigas casas, ruínas e muitos enigmas a serem desvendados, tudo isso em 6 roteiros, com aproximadamente 76 km de trilhas.





Subida da Serra da Chuva

Como chegar à Cachoeira da Represa do Espraiado

De ônibus:

Na Rodoviária de Maricá, deve-se pegar o ônibus linha Maricá x Espraiado, da viação Costa Leste. Fique atento ao horário, tanto de ida quanto ao de volta, pois existem poucos horários. Descendo no ponto final, já no Espraiado, deve-se caminhar por cerca de 2,5 km até chegar a Cachoeira da Represa do Espraiado.


De carro:

A partir do Pórtico da entrada de Maricá, na RJ106, serão 16 km no total. Seguir na estrada por aproximadamente 9,8km. Nesse ponto, você verá a estrada do Espraiado a sua esquerda. Entrando nela, serão mais 6,2 km. Entre nela e siga numa longa reta. Virá o condomínio Privelege Golf Residencial. Logo após, haverá uma bifurcação, fique a sua esquerda. Cruzará duas pontes e mais à frente passará com o carro por dentro do córrego duas vezes. Esse é o local da Cachoeira da Represa do Espraiado.

Histórico

O Vale do Espraiado é uma área rural, localizado a noroeste do município, com fazendas, sítios, chácaras, criações de búfalos e cavalos de raça. O nome Espraiado advém da época das grandes chuvas que alagavam a região, espraiando as águas do rio Caranguejo e os riachos que o formam. Aliás, o rio Caranguejo, faz referência aos crustáceos encontrados em suas margens. Existem poucas informações sobre as antigas propriedades do Espraiado. Porém em muitas trilhas da região encontramos casas de taipa tão antigas quanto aos caminhos que percorremos.

Histórias de antigos moradores aguçam a nossa imaginação e nos fazem caminhar a procura de vestígios que possam comprová-las. Dentre elas, destacamos o açude no verdadeiro Pico da Lagoinha (Circuito do Pico da Lagoinha). Segundo informações ele foi construído na época dos escravos. No local há mesmo um açude. Estava com pouquíssima água, porém seu interior tem muito sedimento, sendo impossível precisar a sua profundidade. Outra história interessante no local é da existência de uma pista de pouso que fora usada durante a 2ª Guerra Mundial. Ela supostamente ficaria na trilha da Rampa de Voo Livre de Sampaio Correia. E não é que existe uma área plana que lembra uma pista de pouso! Se

A photograph showing a panoramic view of a valley from an elevated position. The foreground is filled with dense green vegetation, including trees and shrubs. In the middle ground, there are rolling hills and valleys covered in similar greenery. The background shows a vast, hazy landscape under a clear blue sky, with distant hills and what appears to be a body of water or a wide valley floor. The overall scene is bright and scenic.

Vista do Alto Espraiado



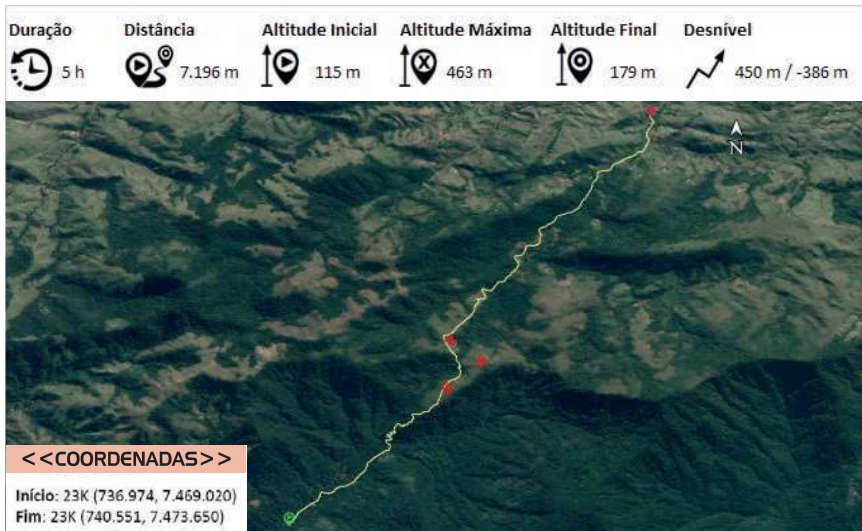
Mirante com vista para Tomascar

ela teria tamanho suficiente para um pousar um avião, mesmo que de pequeno porte, aí já é outra história... cabe a você conferir!

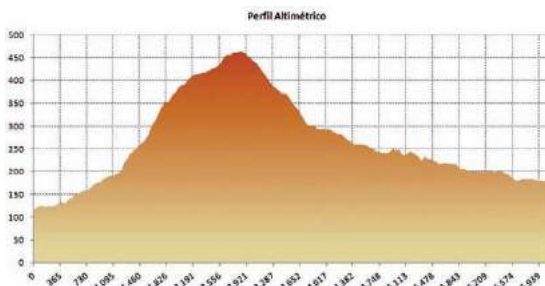
Uma personagem da localidade merece destaque. Trata-se de Madeleine Colaço. Madeleine nasceu em Tanger, Marrocos, no ano de 1907. De pai francês e mãe americana, estudou na França e Inglaterra, frequentando grandes escolas de artesanato. Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, deixaram Portugal e vieram para o Brasil, em 1940. Adquiriram uma fazenda no local e logo montou seu atelier. Como não havia serviço para os moradores locais, ela empregou as mulheres, ensinando-as o Ponto Brasileiro, ponto criado por ela, dando início à confecção das tapeçarias mundialmente famosas. Seus trabalhos estão expostos nas Embaixadas da França, Nova Deli, Paquistão, Argentina e Egito.

A Lei Nº 2.122, de 23 de junho de 2005, transformou parte da área do Espriado como Área de Relevante Interesse Ecológico. A ARIE tem cerca 919,92 ha e reconhecida como ARIE do Espriado. Mesmo sendo uma ARIE, não vimos interferência do poder público. A presença de praticantes de motocross e a prática desordenada desse esporte em quase todas as trilhas da região vem causando grande degradação. Em certos trechos fica difícil até caminhar de tão grande que são as “valas” formadas pela ação das motos.

Espraiado x Tomascar



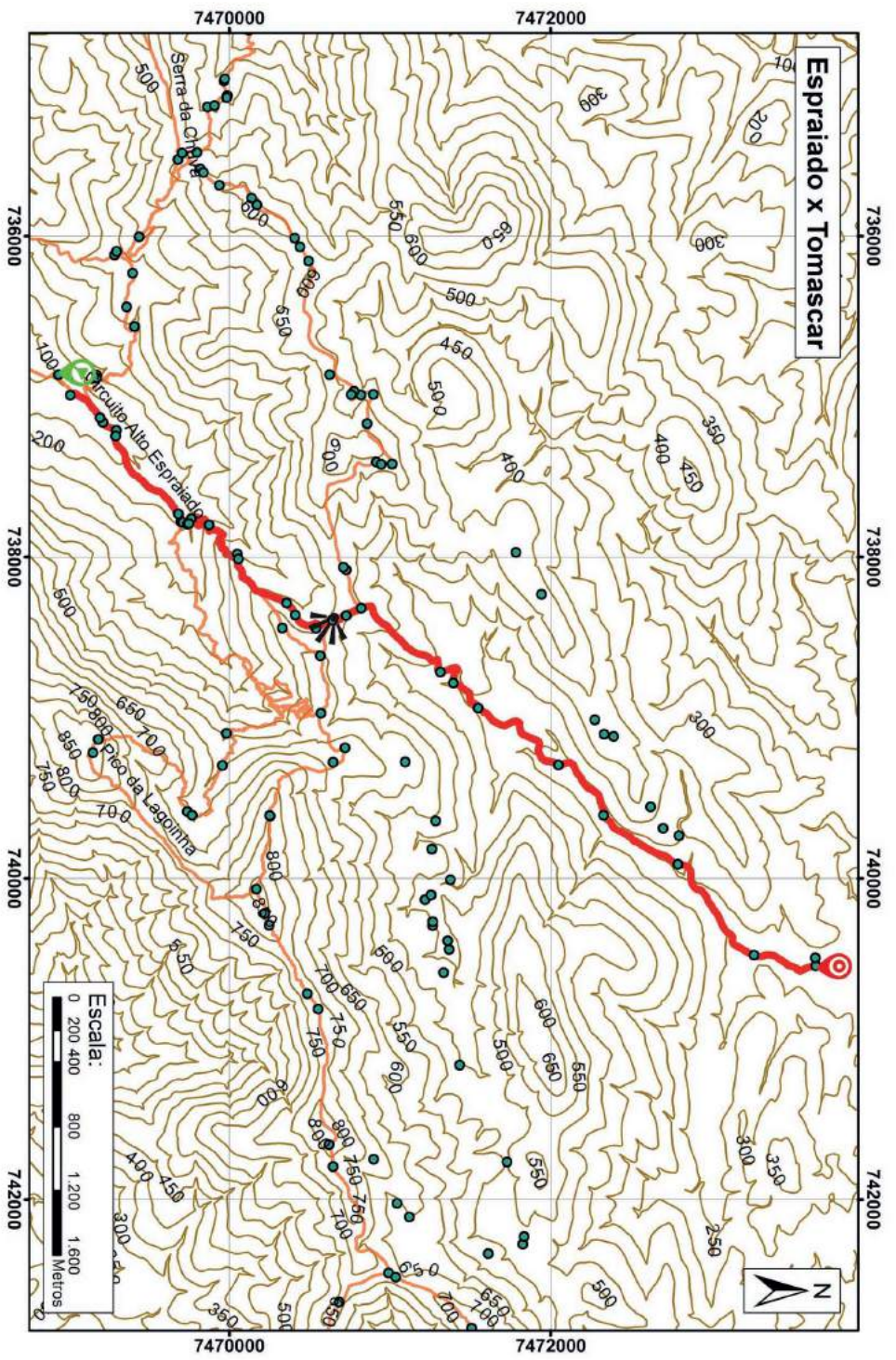
	Tipo:	Travessia
	Esforço:	Moderada
	Orientação:	Fácil
	Insolação:	Alta
	Risco:	Pequeno
Obstáculos:		Poucos e Simples
Piso:		Regular



Principais atrativos

Bela vista do Vale do Espraiado, Serra da Chuva, Barra de Maricá e Tomascar. Cachoeiras, rios e córregos durante quase todo o percurso. Um caminho bem agradável. Foto: Pausa para descanso no caminho para Tomascar.





Descrição geral

Trilha clássica da região. Vai da Cachoeira da Represa do Espraiado e terminamos na Cachoeira de Tomascar. A trilha sobe em direção ao Alto Espraiado e depois segue em direção a Tomascar num caminho bem agradável e bonito, porém muito exposto ao sol. Cruza-se o rio algumas vezes. É possível também uma parada em alguns pontos para banho durante o percurso, pois caminha-se paralelo ao rio em seu terceiro trecho. Já em Tomascar, há um restaurante com excelente comida a um preço bem em conta. O clássico desse roteiro é fazer ida e volta, mas existe a possibilidade de pegar um ônibus em Tomascar, com destino à Rio Bonito ou Tanguá e em seguida, para Niterói.

Início da trilha

O início é comum a diversas trilhas da região e fica na Cachoeira da Represa do Espraiado.

O caminho

PARTE I

A partir da Cachoeira da Represa do Espraiado (foto 1), suba a estradinha e logo virá uma curva acentuada à direita, cruzando o rio nesse ponto. Seguindo na estradinha aparecerão algumas casas. Virá uma saída à esquerda (foto 2), de onde se vê o rio e uma casa à esquerda. Cruze o rio e vire à esquerda em direção a essa casa (foto 3). A trilha começa em frente a casa. Comece subindo por um caminho bastante erodido pela ação das motos.

Você passará por vários pontos nesse estado. O caminho vai serpenteando, sempre subindo. Virá uma laje de pedra e logo em seguida uma porteira. Entrará numa área com vários caminhos que se unem mais em cima. Note que haverá uma saída à esquerda (foto 4), não entre. Continue subindo. Passará por grandes árvores e quando sair da mata verá uma bifurcação: (foto 5) o caminho da esquerda segue para o Tomascar e o da direita, para o Alto Espraiado, Pico da Lagoinha e Rampa de Voo Livre de Sampaio Correa.





PARTE 2

Seguindo para a esquerda, entrará em um pasto com o leito da trilha bem definido. A partir desse ponto, subirá e voltará a caminhar entre a vegetação. A trilha continua bem definida. Siga sempre na trilha principal. Mais à frente, passará por uma área com árvores maiores, e bem aberto entre elas (local de saída para o Mirante do Alto Espraiado). Siga em frente, não vire à direita. Mais à frente, chegará a um mirante, que são umas pedras à margem direita da trilha. Um bom ponto para descanso.



PARTE 3

A partir daí será somente descida. Virá uma saída à esquerda, continue descendo. Chegará a um ponto bem erodido, com alguns sulcos feitos por motos e potencializados pela erosão. O objetivo é chegar ao fundo do vale. Todos os caminhos se unem mais abaixo. Seguindo descendo, entrará novamente na mata e cruzará um córrego.

Outro bom ponto para se refrescar. Esse trecho é bem agradável. Note o barulho das águas, você estará o tempo todo seguindo paralelo ao rio, ora pela esquerda, ora pela direita. Virá uma confluência. **ATENÇÃO NESSE PONTO SE FOR RETORNAR!** Siga em frente, terá uma saída à esquerda. Continue reto. Seguirá pela estrada e passará por algumas casas. Cruzará o córrego algumas vezes durante o trajeto até chegar ao Vilarejo de Tomascar.



Cachoeira de Tomascar

Pico da Lagoinha

Duração



Distância



12.388 m

Altitude Inicial



115 m

Altitude Máxima



870 m

Altitude Final

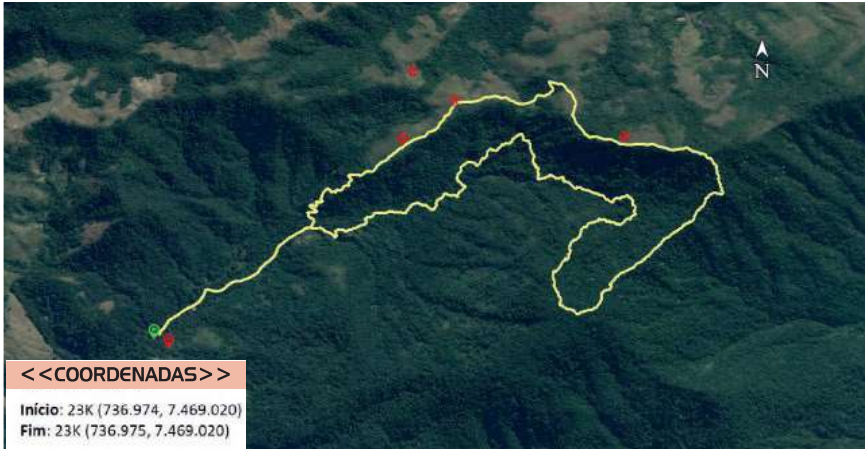


115 m

Desnível



1120 m / -1120 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (736.974, 7.469.020)

Fim: 23K (736.975, 7.469.020)



Tipo: Circuito



Esforço: Moderada Super



Orientação: Moderada

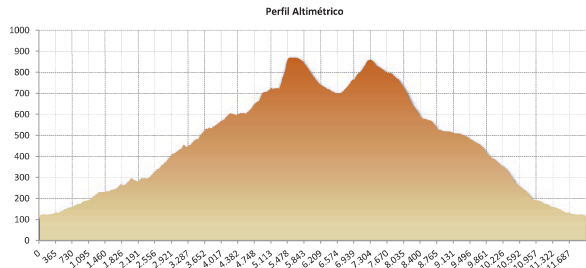


Insolação: Média



Risco: Pequeno

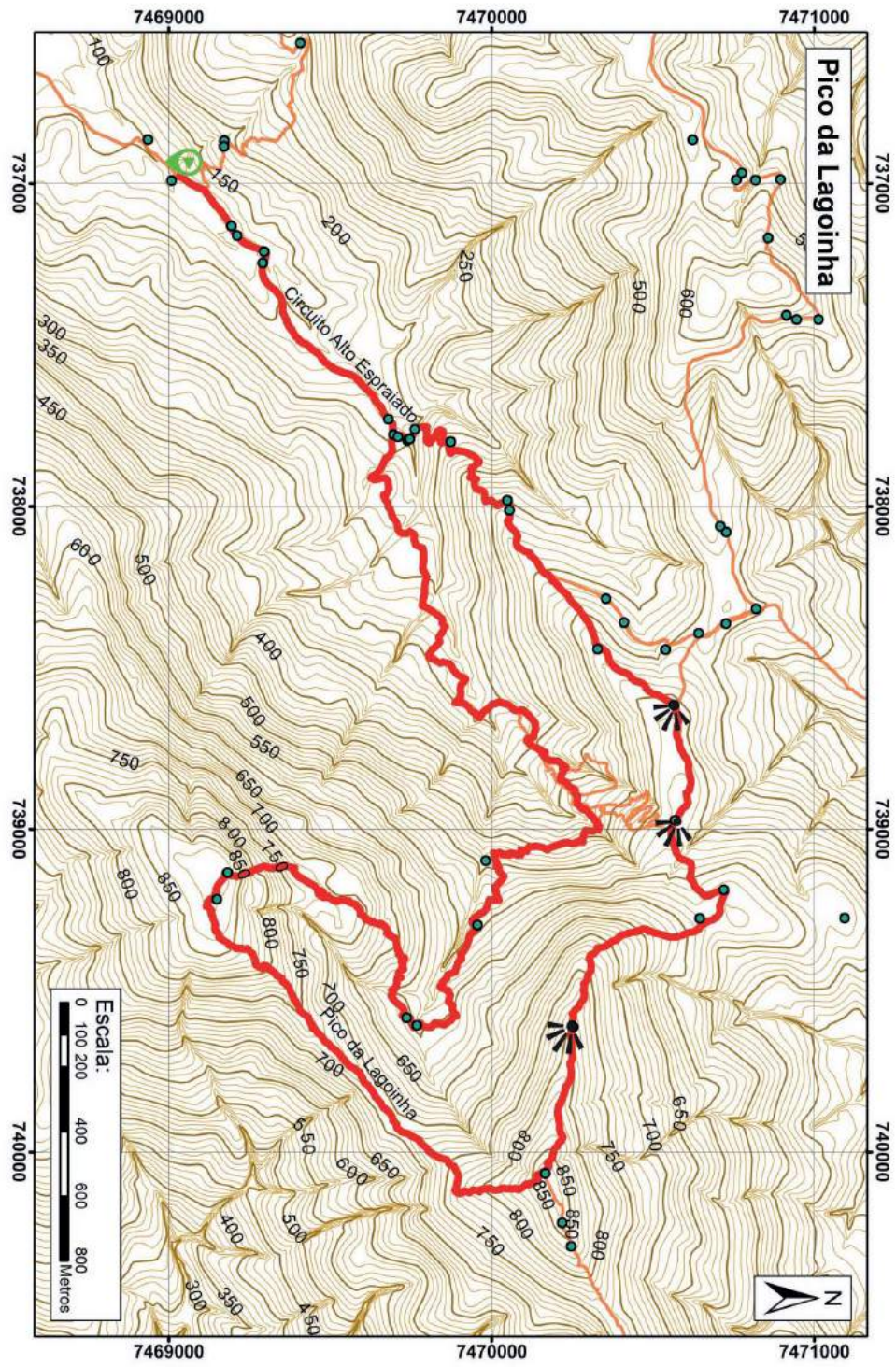
Obstáculos: Poucos e Simples
Piso: Ligeiramente Irregular



Principais atrativos

Ponto culminante da região. Bela vista do vale do Espriado, parte de Maricá, montanhas da Cidade de Rio de Janeiro, Serra dos Órgãos, Friburgo, Cachoeiras de Macacu, etc. Há também cachoeiras e nascentes, já na parte final do percurso.





Descrição geral

O começo é parte em comum com diversas trilhas da região, em específico a Espraiado x Rampa de Voo de Sampaio Correia. Um pouco antes de chegar ao cume do Pico da Divisa, tem uma saída à direita. Siga por uma mata exuberante com grandes árvores. Passa-se também por duas belas cachoeiras e algumas nascentes.

Início da trilha

O início é comum a diversas trilhas da região e fica um pouco acima da Cachoeira da Represa do Espraiado.

O caminho

PARTE I

Utilize a Primeira parte da Trilha Espraiado x Tomazcar x Espraiado

PARTE 2

Na bifurcação (foto 1), pegue a saída da direita e siga subindo quase numa linha reta. Olhando de baixo verá um falso cume (foto 2). Quando chegar nele, ainda haverá mais



um caminho a percorrer. Siga subindo até um mirante onde dá para ver todo o vale do Espraiado e Barra de Maricá. No outro lado, o caminho para Tomascar. De costa para o Espraiado, verá o leito da trilha bem definido a sua frente, pegue para a direita e siga subindo levemente. A trilha está muito bem definida e é o limite entre os municípios de Maricá e Tanguá. Mais à frente, entrará num trecho bem arborizado. Irá subir levemente.



ATENÇÃO: Mais à frente, terá uma saída à direita (foto 3). Ela está menos definida que a trilha principal que segue reto. Entre nela e seguirá serpenteando por entre árvores até sair completamente da mata e caminhar em um local aberto. Mais à frente, terá uma subida forte. Esse caminho está bem definido, devido ao uso intenso do Motocross. É uma subida forte e em um trecho exposto ao sol (foto 4). Seguirá assim até entrar novamente na mata. A subida vai perdendo inclinação até começar a caminhar num ponto mais aberto. Virá uma pedra a sua esquerda, um ótimo ponto para uma parada e é uma boa referência do caminho. A sua frente dá para ver os cumes por onde vai passar e bem ao fundo, um gramado no alto de um morro, lá é rampa de Voo Livre de Sampaio Correia.

Note que você estará numa linha de cumeada. A sua esquerda a vegetação é baixa e a sua direita, são grandes árvores. Daí para frente seguirá sempre subindo e descendo. O cami-



nho está bem definido. Entrará novamente na densa mata. Note que começará a subir novamente em mata fechada. **ATENÇÃO NESSE PONTO:** virá uma saída discreta a sua direita (foto 5), um pouco antes de chegar ao cume do Pico da Divisa.

PARTE 3

Entre nele e desça. Note que o caminho agora é mais fechado que o anterior. Seguirá descendo forte em direção a sela

entre os dois picos, caminhando nessa linha de cumeada. Note que você estará com o lado mais íngreme a sua esquerda. Esse trecho é um dos mais belos da região. A caminhada é feita por a mata fechada e a presença de árvores de grande porte é uma atração a parte. Mais a frente chegará à sela entre o Pico da Divisa e o Pico da Lagoinha, iniciando a subida. Fique atento, existem abelhas em um tronco seco, após uma árvore caída.



A partir daí começará a subir. O caminho está bem definido e a subida continua à esquerda da linha de cumeeada. Mais acima chegará a um falso cume, onde começará uma leve descida. Você estará próximo ao açude. Ele fica a sua direita em meio a vegetação. Note que ele tem pouca água visível (foto 6). Seu meio é composto por muitos sedimentos. Em alguns pontos o pé funda em meio as folhas secas. Voltando ao caminho, siga subindo e chegará a uma bifurcação. O caminho da esquerda segue descendo até a estrada do Espraiado e encontra-se bem fechado. O da direita é o que vamos pegar (fotos 7, 8).



Essa parte está menos marcada que o caminho feito até aqui. Algumas árvores caídas dificultam e requerem mais atenção quanto a orientação. Seguindo descendo, você pegará essa picada bem mais abaixo cruzará alguns córregos (foto 9) que formam o Rio Caranguejo. Note que pelo caminho algumas árvores estão marcadas com pequenos cortes de facão, servindo como orientação e referência (foto 10). **FIQUE ATENTO!** Depois de cruzar vários córregos, o barulho de água aumenta, sinal de você está perto da primeira cachoeira. Ela fica a sua esquerda. Seguindo descendo, você passará por um trecho bem íngreme e delicado, até que chegará a uma bifurcação em meio a uma área com grande quantidade de bananeiras.

ATENÇÃO NESSE PONTO! Vire à esquerda, passará por uma mangueira a sua direita e chegará a uma casa de taipa (foto 11). O local é habitado por um antigo morador. Seja educado e evite barulho. Passando por ela, virar à esquerda e seguir descendo. Seguirá por entre curvas num caminho bem agradável. Virá uma saída à direita, siga reto descendo.

Mais abaixo, uma bifurcação. À esquerda dá acesso a mais uma linda cachoeira. Note que há uma casa abandonada bem escondida entre a vegetação. Siga descendo até





chegar ver uma grande mangueira a sua esquerda e uma casa a sua direita. A partir daí, você entrará numa estradinha e seguirá nela até o ponto de partida.

Curiosidades

O Pico da Lagoinha é o ponto culminante do município e região dos lagos, com 889 metros. Tem esse nome por causa de um açude perto do cume. Segundo os moradores do local, foi construído pelos escravos. Existem alguns sites que indicam o Pico da Divisa como sendo o Lagoinha. Mas esse açude a poucos metros do seu cume, não deixa dúvidas. Inclusive a carta topográfica do IBGE também não está correta.

Espraiado x Rampa de Sampaio Correia

Duração



6 h

Distância



8.856 m

Altitude Inicial



116 m

Altitude Máxima



860 m

Altitude Final



736 m

Desnível



976 m / -357 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (736.976, 7.469.030)

Fim: 23K (743.004, 7.471.640)



Tipo: Travessia



Esforço: Moderada Super



Orientação: Moderada



Insolação: Média

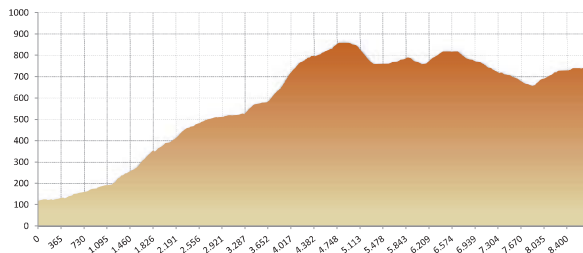


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Ligeiramente Irregular

Perfil Altimétrico

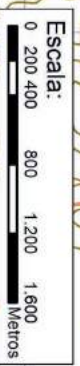
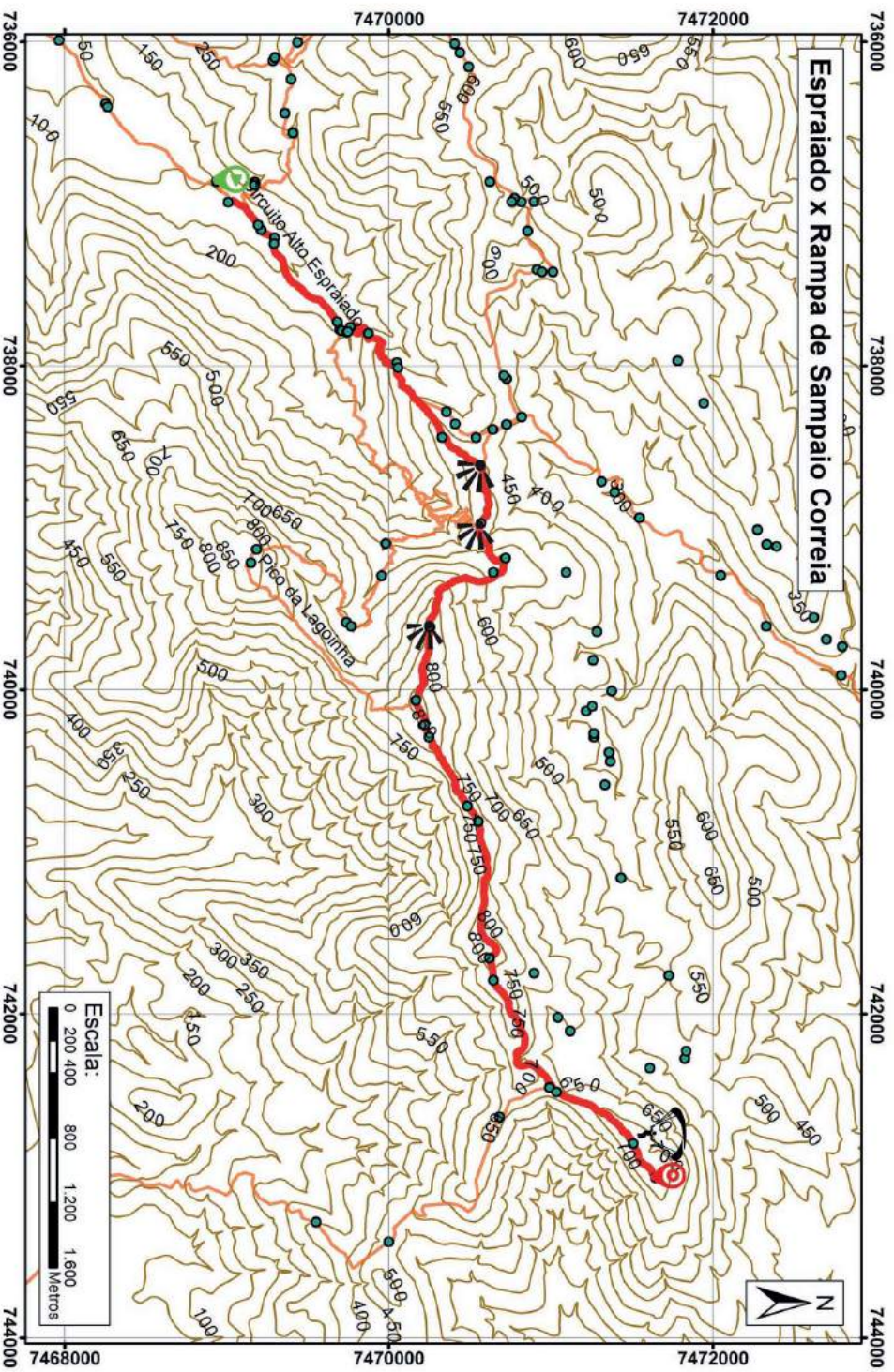


Principais atrativos

Bela vista do Vale do Espraiado, Serra da Chuva, Barra de Maricá e Tomascar. Caminho bem agradável, passando pelos Picos da Divisa e seguindo pela linha de cumeadas da Serra Redonda. Alguns belos mirantes. Foto: Chegando à Sampaio Correia.



Espraiado x Rampa de Sampaio Correia



Descrição geral

A trilha segue um belo caminho pela linha de cumeada da Serra Redonda, passando pelo cume do Pico da Divisa. Existe a possibilidade de transformar essa trilha na Travessia Espraiado x Sampaio Correia, nesse caso, antes de subir até a rampa, deve-se virar à direita na estrada e descer cerca de 6 km até a RJ 106.

Início da trilha

O início é comum a diversas trilhas da região e fica na Cachoeira da Represa do Espraiado.

O caminho

1ª PARTE

Utilize a PARTE 1 da Trilha Espraiado x Tomazcar x Espraiado.

2ª PARTE

Utilize a PARTE 2 do Circuito do Pico da Lagoinha.

3ª PARTE

Seguindo em frente, vem o Pico da Divisa, que muitos confundem com o Pico da Lagoinha. Até as cartas topográficas do IBGE assim o classificam. Esse primeiro cume, faz limites com o município de Maricá, Tanguá e Saquarema. Seguindo, descerá e novamente haverá uma subida, passando pelo cume que limita os municípios de Tanguá, Rio Bonito e Saquarema. A partir daí, virão descidas e subidas, sempre com um caminho bem definido e na linha de cumeada.



Bem mais à frente, virá uma cerca e uma saída à esquerda, mas não a pegue. Cruze a cerca e siga descendo sempre no caminho principal. Você sairá da linha de cumeeada, ficando ao seu lado esquerdo e chegará a uma área mais aberta, fazendo uma grande curva para a direita. Note que já dá para ver a estrada de terra da Rampa de Voo Livre de Sampaio Correia bem ao fundo (foto1). Siga descendo em direção a um enorme Jequitibá.



bá. Contorne-o e siga em frente. Virá uma bifurcação que chega ao mesmo local, mas fique à esquerda, pois evitará uma subida. Contornando esse morro, você logo verá uma porteira e a estrada. Daí é só seguir subindo até o cume. (foto 2) Essa estrada à esquerda, leva a Tomascar. Seguindo à direita, em aproximadamente 6 km, você estará na RJ106.



Vista da rampa de voo

Curiosidades

Antigos moradores do local, afirmam que existiu uma pista de pouso no alto da Serra Redonda, que foi utilizado durante a Segunda Guerra. Verídica ou não a informação, existe no local um trecho plano com características que permitem tirar essa conclusão. O fato é que muitas histórias fazem parte do folclore local, mas que o local é parecido, isso não pode-se negar! Cabe a você conferir!!!!

Circuito Alto Espraiado

Duração

 3 h

Distância

 6.900 m

Altitude Inicial

 115 m


Altitude Máxima

 520 m

Altitude Final

 115 m

Desnível

 495 m / -495 m


<<COORDENADAS>>

Início: 23K (736.975, 7.469.020)

Fim: 23K (736.975, 7.469.020)



Tipo: Circuito



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Baixa

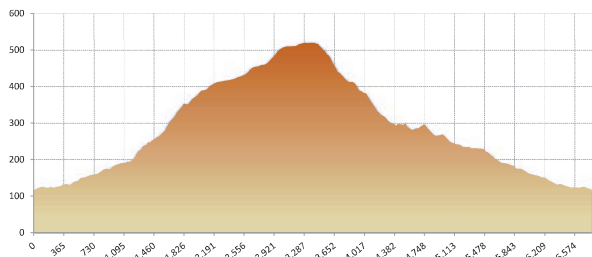


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

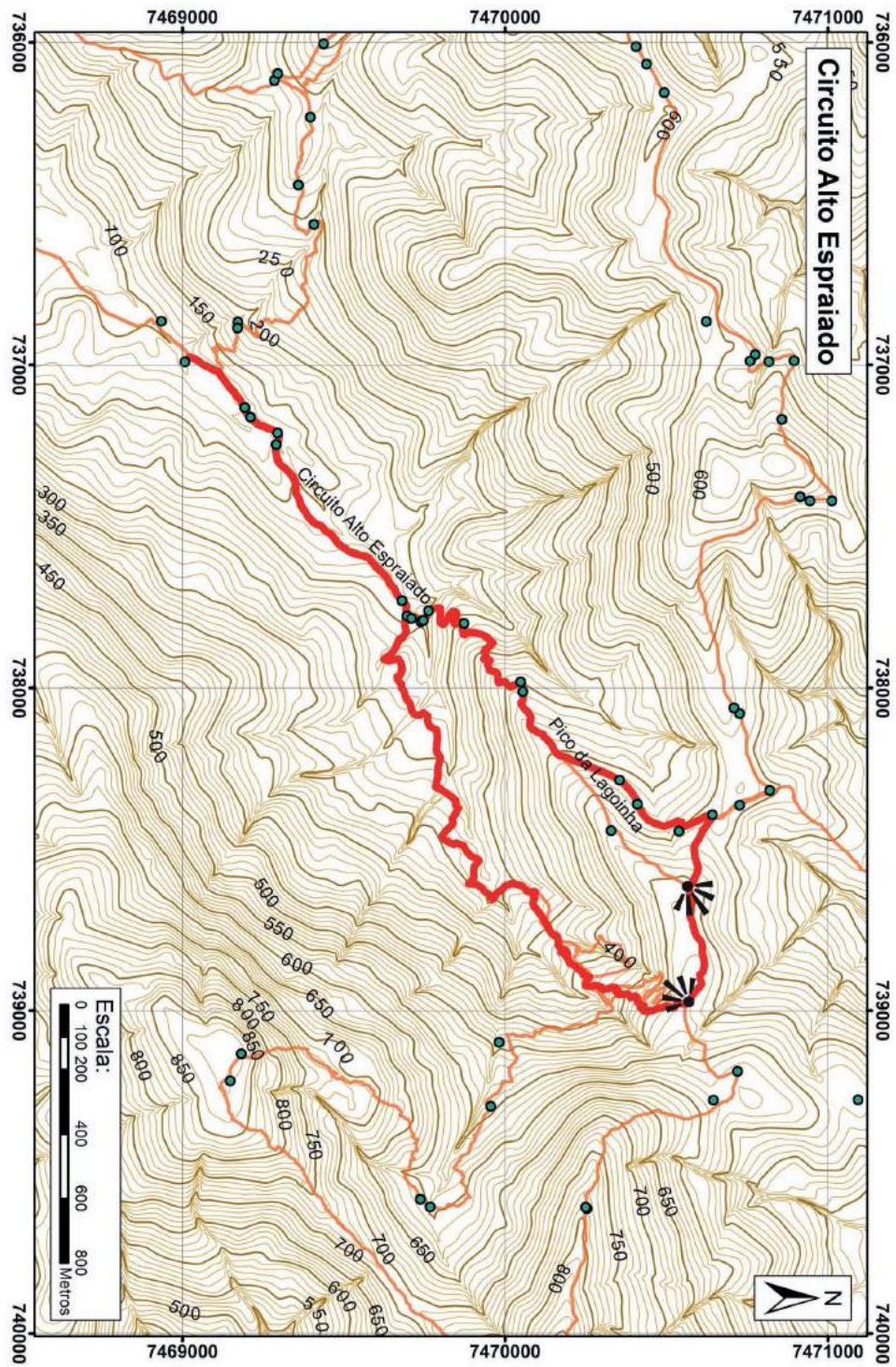
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Cachoeiras e diversos mirantes com bela vista para o Vale do Espraiado e Serra da chuva.
Foto: Vista do Vale do Espraiado.





Circuito Alto Espraiado

Circuito Alto Espraiado

Pico da Lagoinha

Escala:
0 100 200 400 600 800
Metros



Descrição geral

O começo é parte em comum com diversas trilhas da região, em específico a Espraiado x Rampa de Voo de Sampaio Correia. Um pouco antes de chegar ao cume do Pico da Divisa, tem uma saída à direita. Segue por uma mata exuberante com grandes árvores. Passa-se também por duas belas cachoeiras e algumas nascentes.

Início da trilha

O início é comum a diversas trilhas da região e fica um pouco acima da Cachoeira da Represa do Espraiado.

O caminho

A partir da Cachoeira do Espraiado, suba a estradinha e logo virá uma curva acentuada à direita, cruzando o rio nesse ponto. Seguindo acima, aparecerão algumas casas. Numa curva Virá uma saída à esquerda, que segue para Tomascar e outras trilhas da região. Fique sempre na estrada (foto 1). Siga subindo entre curvas. Chegará um portão de ferro (foto 2), na qual devemos passar pelo lado dele. Cruzará o córrego e virá uma grande pedra a sua esquerda. Um ótimo mirante, valendo a pena uma parada para algumas fotos. Ao final da estradinha, há uma casa (foto3). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Nessa casa costuma ter muitos cachorros.

A partir desse ponto, entramos de verdade na trilha. Ela continua numa discreta saída à direita da casa, ao lado de uma grande árvore. Siga subindo e mais acima virá uma saída discreta a sua direita. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Como referência, há uma casinha, que fica escondida entre a vegetação. Esse é o acesso à Cachoeira da Lagoinha que se chega em menos de 5 minutos. Seguindo acima, virá uma bifurcação, fique à direita. (Se entrar à esquerda, chega-se ao mesmo local, porém dá uma volta muito grande e o caminho é um pouco fechado e de difícil orientação). Siga subindo até chegar a uma casinha de taipa (foto 4). Ela é habitada. Evite barulho e seja cortês.

Vire à direita, passando pela frente da casa e logo após a ela, haverá três saídas, tendo como refe-





rência uma bica d'água. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Pegando a primeira e mais discreta saída à esquerda, seguirá subindo. Logo acima, cruzará uma trilha bem definida. O caminho fica logo em frente, na margem oposta dessa trilha definida. A partir daí, subirá forte e chegará a uma cerca. Ultrapasse essa cerca e verá um trilha logo a frente descendo levemente (foto 5). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Não desça. Vire à direita no





pasto. O caminho não está definido. Terá um bambuzal mais à frente e uma árvore mais alta que as demais, bem ao fundo (foto 6). Tome essa árvore como referência e siga subindo pelo caminho mais limpo até chegar a uma cerca e uma trilha definida. Essa linha é a divisa entre Tanguá e Maricá. À direita, você seguirá para o Pico da Divisa e Rampa de Voo de Sampaio Correia, à esquerda é o nosso objetivo.

Nesse ponto, a vista para Maricá é fantástica. Siga a trilha para à esquerda (foto 7) e passará por um bambuzal à margem da direita do caminho. Seguindo, descera levemente, até chegar a mais um mirante, o Alto Espraiado (foto 8). Se o outro mirante era bonito, esse é fantástico! **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Se continuar descendo reto, sem chegar ao mirante, você descera forte até chegar ao caminho que segue para Tomascar, devendo virar à esquerda e retornar. Nesse roteiro, optaremos por descer pelo Mirante do Alto Espraiado. Você começará a descer pelo caminho que fica a sua frente, olhando para o Vale do Espraiado.

É uma descida quase em linha reta, com seu leito bem definido e num pasto com algumas poucas árvores. Ao final, entrará numa área arborizada e estará abrigado do sol. Passará por grandes árvores e seguirá descendo por um caminho bem erodido em alguns trechos, devido à prática do motocross. Passará por uma casa à sua direita e seguirá descendo. É um trecho longo e não há bifurcações relevantes. Ao final, chegará a uma casa e verá o rio mais abaixo dela (foto 9). Cruze-o e estará novamente na estradinha do Espraiado, aí é só virar a caminhar até o ponto de partida!

Circuito Serra da Chuva – Alto Espreado

Duração



6 h

Distância



13.547 m

Altitude Inicial



30 m

Altitude Máxima



610 m

Altitude Final



29 m

Desnível



831 m / -831 m



Tipo: Circuito



Esforço: Moderada



Orientação: Moderada



Insolação: Alta

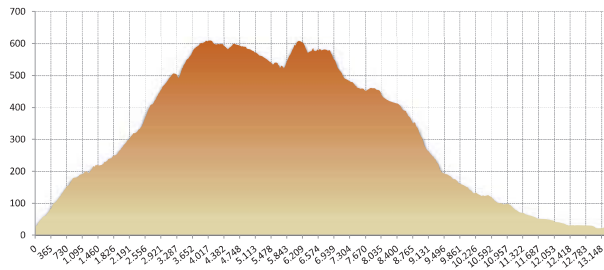


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

Perfil Altimétrico



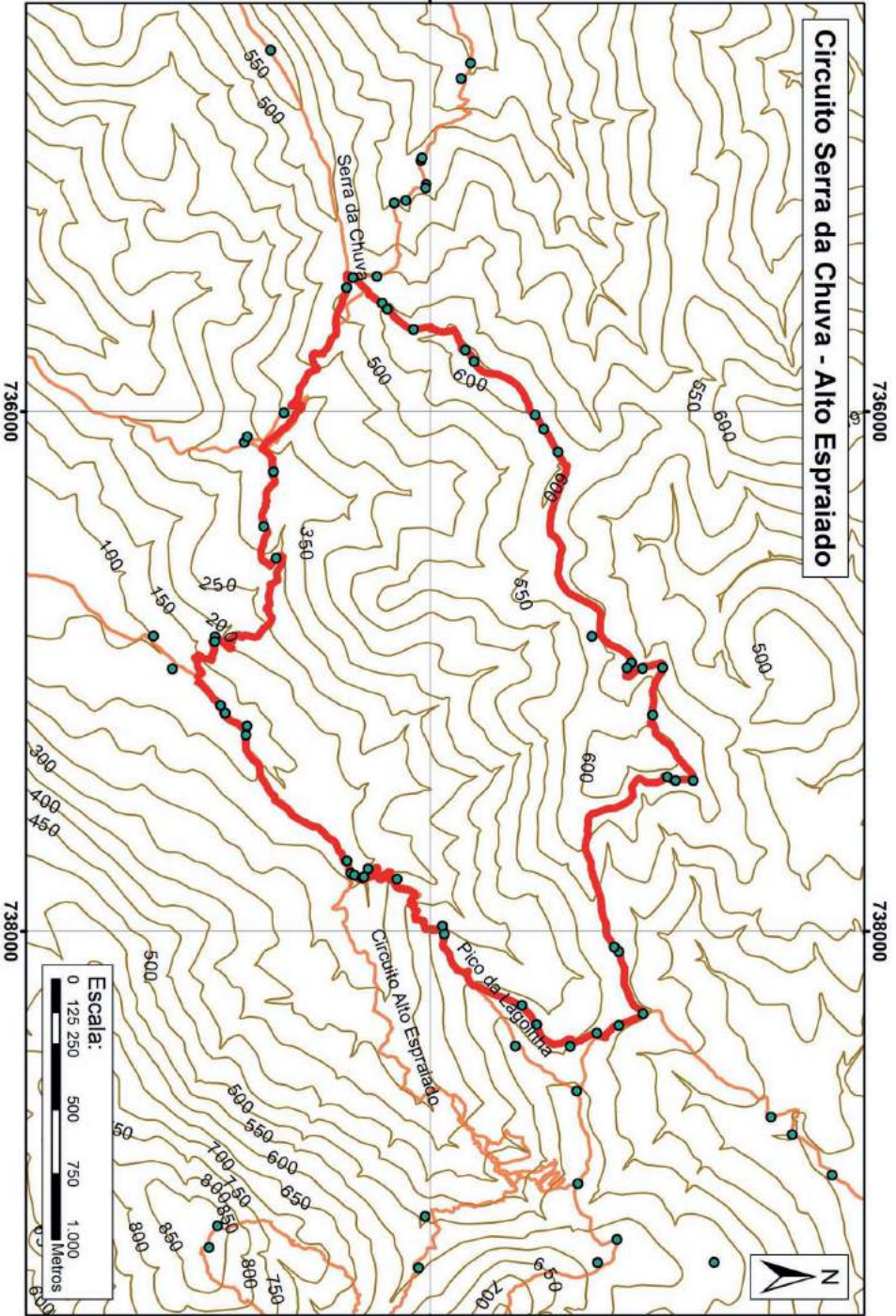
Principais atrativos

Bela vista para o Vale do Espreado, Vale do Silvado e Serra do Barro do Ouro. Foto: Córrego no Espreado.



7470000

Circuito Serra da Chuva - Alto Espraiado



736000

738000

736000

738000

7470000

Escala:
0 125 250 500 750 1.000
Metros



Descrição geral

A trilha começa subindo logo após a Cachoeira da Represa do Espraiado, passando por duas casas e segue subindo. Passará pelas ruínas de uma antiga construção em meio a vegetação. Mais acima, cruzará o rio e subirá até o ponto final do primeiro trecho da Travessia Silvado x Espraiado. A vista nesse ponto é fantástica. Daí continuará subindo para a direita até o cume da Serra da Chuva e seguirá até o trecho da Travessia Espraiado x Tomascar, de onde seguimos de volta até o Espraiado.

Início da trilha

O início é comum a diversas trilhas da região e fica um pouco acima da Cachoeira da Represa do Espraiado.

O caminho

Saindo da Cachoeira do Espraiado, siga subindo e você verá uma entrada a sua esquerda. Haverá um poste (foto 1) e um relógio medidor de energia, indicando uma propriedade particular. Entre e vá subindo por um caminho bem definido. Logo acima, você passará por duas casas. Evite barulho e seja cortês com os moradores. A sua esquerda você verá o córrego. O Caminho contorna essas casas por trás e segue subindo. Mais acima, note a presença de uma vegetação rasteira típica de jardim. A sua esquerda virão alguns sinais de uma construção bem antiga com um muro de pedra entre a vegetação (foto 2).

Continue subindo e entre curvas e na densa floresta. Mais acima haverá uma pequena descida e você cruzará o mesmo córrego que passou lá em baixo. Fará uma curva para a esquerda e depois permanecerá subindo. Virá uma bifurcação. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Vire à esquerda e siga até chegar a uma cerca. Nesse ponto, há uma espécie de mini galpão. À esquerda desse mini galpão, há uma saída que sobe a sua direita.

Seguindo esse caminho, você estará com a cerca logo a sua esquerda. Note também que ela vai ficando no alto do barranco. A sua direita e bem ao alto, tem algumas grandes mangueiras que se destacam. Mais acima, haverá uma grande curva à direita. Observe que no leito da trilha há uma laje de pedra. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Não faça essa curva e se chegar a essa laje de pedra, volte. Antes de entrar na curva, você deverá ultrapassar



a cerca de arame que estará a sua esquerda, próxima a uma árvore. Suba pelo pasto até encontrar o caminho bem definido mais acima.

Você chegará a um leito de trilha bem definido e passará por um trecho bem erodido. Ele seguirá subindo com algumas curvas e haverá uma saída com um caminho bem definido à sua esquerda. Nesse ponto existe a opção de subir reto, que chegará praticamente ao mesmo local. Note que ele é levemente plano e em meio a vegetação que estará a sua esquerda. Seguindo o caminho, você chegará a uma cerca. Esse é o trecho final da primeira parte da Travessia Silvado x Espreado.



Vire à direita e continue subindo paralelo a cerca até uma porteira (foto 3). Atravesse-a e siga novamente paralelo a cerca, agora com ela a sua direita (foto 4). Siga em terreno praticamente plano. A cerca vai se afastando e depois volta a ficar próxima novamente. Note uma construção abandonada a sua direita. Você estará caminhando na linha de cumeeada e descerá levemente.

Passará por outra cerca. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** O caminho natural é descendo para a esquerda, mas siga a cerca a sua direita, subindo até o cume. Atravesse a cerca para o outro lado. Com a cerca a sua esquerda, olhe diagonalmente para a direita e verá um caminho bem aberto lá no outro lado (foto 5). Lá é o seu objetivo. O caminho nesse ponto é pouco definido e confunde-se muito com os caminhos dos bois, mas todos acabam levando para o mesmo local. Seguindo em frente, chegará a uma parte com grandes árvores e um cercado (foto 6). Entre nesse cercado e desça um pouco para a direita e chegará a uma área com bastante lama. Siga para a esquerda, margeando um caminho com lama.





7



9

Mais à frente você o cruzará para a outra margem e começará a subir levemente. **ATENÇÃO NESSE PONTO:** terá que passar por algumas cercas colocadas para evitar a passagem de motos. Muito cuidado ao pular essas cercas, se tiver muito ruim, tente outro caminho. Seguindo a frente, em poucos metros estará no caminho visto lá do alto. É uma subida bem íngreme e reta (foto 7), não dando refresco, principalmente se o sol estiver forte. Essa é a última subida. Ao final, fará uma curva para a esquerda e começará a descer.



8

Começará a descer novamente e virá uma saída à direita (foto 8). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Não siga reto. Vire à direita e siga descendo em um caminho arborizado. Nesse ponto já estará mais abrigado do sol. Mais abaixo, virá uma cerca. Continue descendo até chegar a uma bifurcação (foto 9). **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Você chegou a trilha que leva a Tomascar. Vire à direita, pois à esquerda, segue para Tomascar. Subirá levemente até um conjunto de pequenas pedras a sua esquerda. Um ótimo ponto para uma parada. A partir daí, virá uma leve descida em um local com árvores. Haverá uma bifurcação (foto 10). Pegue para a direita (Seguindo para a esquerda, você chegará ao Mirante do Alto Espraiado). Virá outra porteira. Continuando a descer por algum tempo, até entrar em trecho bem bonito, com um leito de trilha bem definido e toda a vista para o Vale do Espraiado ao fundo, merecendo



uma parada para fotos. Mais à frente, virá uma confluência com a trilha que sobe ao Alto Espraiado. Siga reto descendo suavemente, até que entrará numa área arborizada e estará abrigado do sol. Passará por grandes árvores e seguirá descendo por um caminho bem erodido em alguns trechos, devido à prática do motocross. Passará por uma casa à sua direita e seguirá descendo. É um trecho longo e não há bifurcações relevantes. Ao final, chegará a uma casa e verá o rio mais abaixo dela (foto 11). Cruze o rio e estará novamente na estradinha do Espraiado, vire à esquerda e siga caminhando até a Cachoeira da Represa do Espraiado. Esse é o ponto de partida da maioria das trilhas da região. Para chegar até o ponto de ônibus, deverá seguir a estrada por mais alguns quilômetros.



Uma sombra no meio do caminho

Serra da Chuva

Duração



4 h 30 min

Distância



11,445 m

Altitude Inicial



29 m

Altitude Máxima



588 m

Altitude Final



580 m

Desnível



674 m / -124 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (735.218, 7.467.430)

Fim: 23K (734.254, 7.468.690)



Tipo: Trilha



Esforço: Moderada



Orientação: Fácil



Insolação: Alta

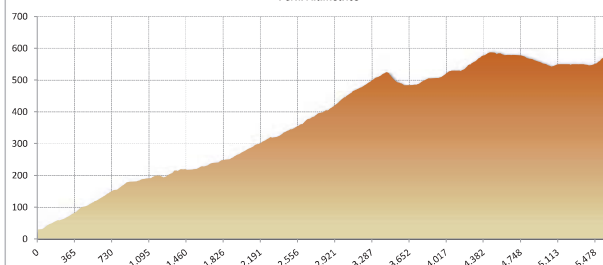


Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular

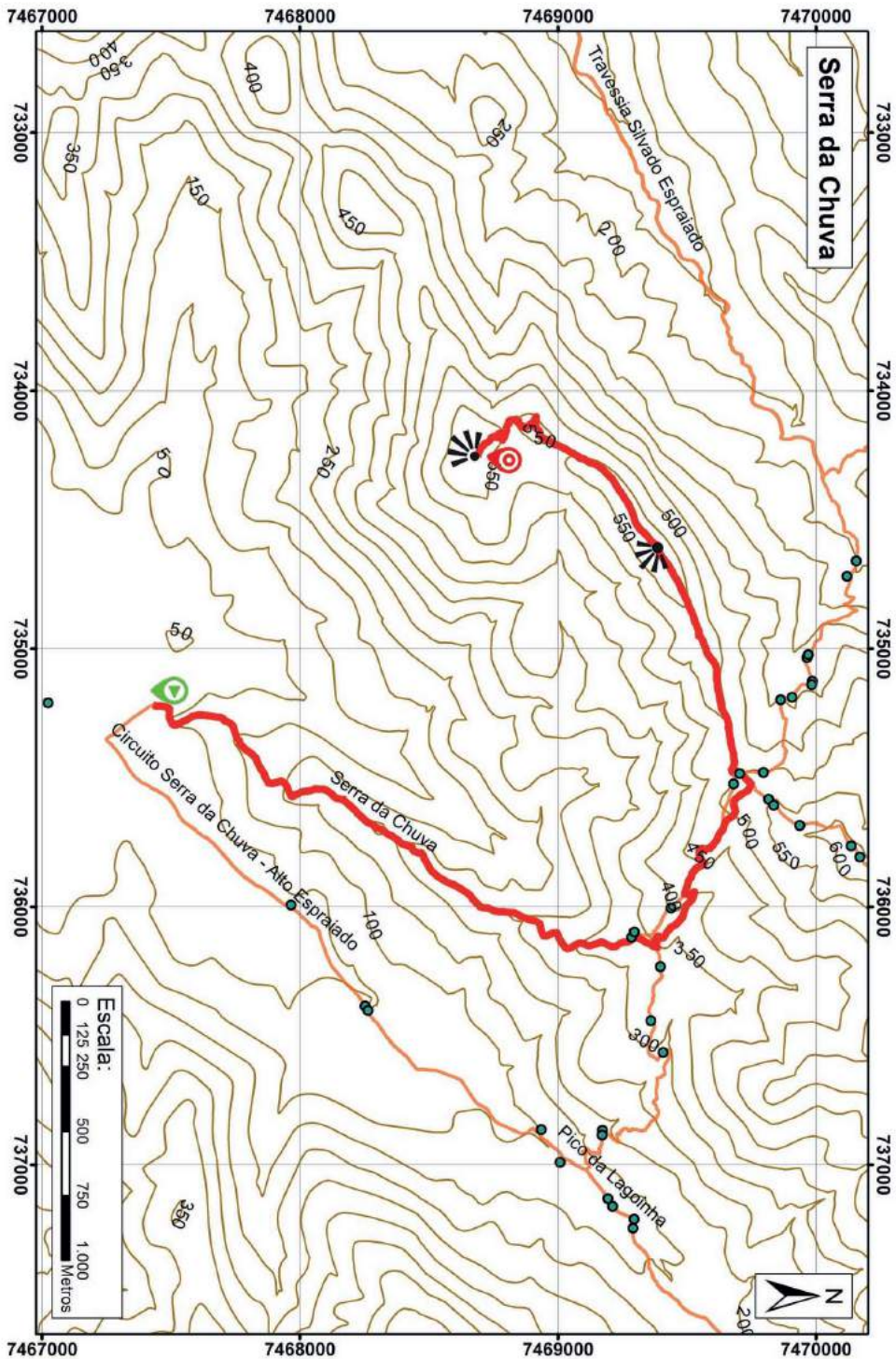
Perfil Altimétrico



Principais atrativos

Vista do Vale do Espraiado, Vale do Silvado, boa parte do litoral de Maricá, Serra do Barro do Outro, Pedra de Inoã e Alto Mourão. Foto: Subida da Serra da Chuva.





Descrição geral

A trilha sobe por uma linha de cumeeada de um dos braços da Serra da Chuva, até chegar ao ponto final do primeiro trecho da Travessia Silvado x Espraiado. Daí seguirá por um caminho com uma vista fantástica até o segundo ponto mais alto da Serra da Chuva.

Início da trilha

Seguindo estrada do Espraiado, vire à esquerda na Rua Gualberto Batista de Macedo (foto 1), onde tem um posto de saúde na esquina. Siga nessa rua e o início fica na segunda saída à direita (foto 2). Existe uma igreja bem na esquina.



O caminho

A trilha começa subindo num caminho entre as casas. Em seu início, tem-se alguns pontos com sinais de erosão devido ao corrimento da água da chuva. Segue serpenteando até que começamos a avistar um belo visual da Lagoa de Maricá e o oceano. Note que o caminho é bem amplo, como se fosse uma estradinha, porém em péssimas condições. Passará por algumas casas abandonadas e seguirá subindo. Mais acima, a estradinha fica entre duas cercas, caminhando na linha de cumeeada dessa pequena serra (foto 3), que na verdade é um braço da Serra da Chuva. Seguirá assim até o final.



4



Continuando o caminho, ele seguirá com poucos pontos abrigados do sol. Mais acima, virá uma casa abandonada. Note que há uma cerca e uma trilha que segue a sua esquerda. O caminho segue reto, numa curva leve. Existem duas possibilidades nesse ponto: (1) ou você entra por essa cerca e sube à direita da casa (foto 4), num caminho bem íngreme, porém mais curto, ou (2) você segue o caminho principal e terá que entrar um pouco mais acima.

(1) Entrando nessa cerca, há um caminho que segue plano à esquerda da casa, porém, você deve subir à direita da casa. Siga subindo numa diagonal para a direita e logo você verá uma cerca e um caminho bem definido. Continue subindo e se preferir vá fazendo curvas de nível para suavizar a subida. Mais acima você chegará ao caminho principal.

5





(2) Seguindo reto no caminho principal, você subirá e chegará a uma cerca, passando-a, verá uma casa, uma espécie de mini galpão. Pegue uma saída à esquerda, um pouco antes da casa (existe uma saída à direita, em frente a essa casa, que é o acesso à cachoeira da Represa do Espraiado, trecho final utilizado na Travessia Silvado x Espraiado). Seguindo esse caminho, note que você estará com a cerca logo a sua esquerda. Note também que ela vai ficando mais acima do caminho. A sua direita e bem ao alto, tem algumas grandes



mangueiras que se destacam. Mais acima, haverá uma grande curva à direita. Note que no leito da trilha há uma laje de pedra. **ATENÇÃO NESSE PONTO!** Não faça essa curva e se chegar a essa laje de pedra, volte. Antes de entrar na curva, você deverá ultrapassar a cerca de arame que estará a sua esquerda, próxima a uma árvore. Continue subindo pelo pasto até encontrar o caminho bem definido mais acima.

Optando por qualquer um dos caminhos acima, você chegará a um leito de trilha bem definido e passará por um trecho bem erodido. Ele seguirá com algumas curvas e haverá uma saída (foto 5), com um caminho bem definido à sua esquerda. Note que ele é levemente plano e em meio a vegetação que estará a sua esquerda. Seguindo o caminho, você chegará a uma cerca. Esse é o trecho final da primeira parte da Travessia Silvado x Espreiado.

Nesse ponto, vire à esquerda (foto 6) e siga caminhando paralelo a cerca até chegar a uma outra cerca. Atravesse-a e siga subindo (foto 7). A partir daí, você caminhará na linha de cumeada da Serra da Chuva e a vista do vale do Silvado, Pedra do Silvado, Pedra de Inoã e Alto Mourão ao fundo, lhe acompanharão durante boa parte desse trecho. Virão algumas subidas e descidas, sempre com um caminho bem definido. Note que mais a frente você verá um morrote sem vegetação. Diagonalmente a sua esquerda, verá o nosso destino, que se destaca por ser uma área de pasto em meio a vegetação. Note que caminhando na linha de cumeada, a sua esquerda você verá todo o vale do Silvado.

Já nesse morrote, você verá o destino diagonalmente a sua esquerda e bem ao alto. Siga em frente e ultrapasse uma linha de vegetação, no fundo de um pequeno vale. Ali há um cercado onde costumam ficar alguns bois. Note que há um caminho bem definido, mas existe a opção de subir direto pelo pasto, seguindo uns mourões de cerca sem arame até o cume. Já no alto, a grande quantidade de árvores, não permitem uma vista para a área litoral de Maricá.



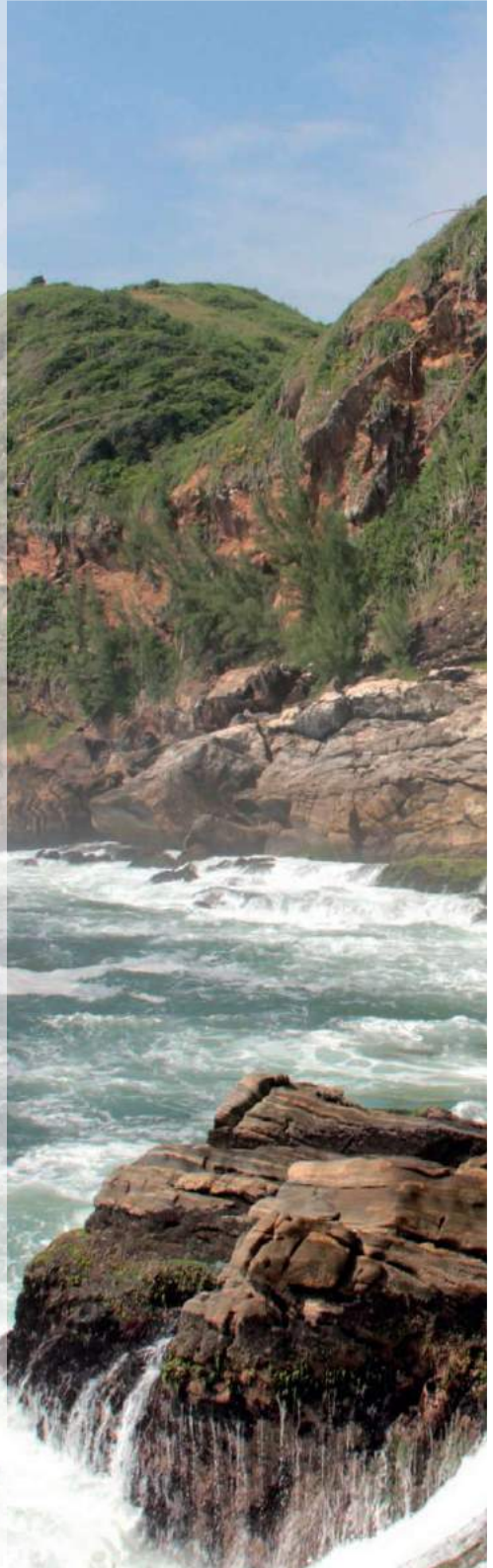
Vista da Serra da Chuva

Setor PONTA NEGRA

Informações gerais

Pela sua beleza e pontos históricos esse roteiro foi incluído no guia. Como está distante dos principais setores, foi colocada separada dos demais. Tire um dia para curtir Ponta Negra. O mar nem sempre está em condições de um mergulho, devido a força de suas ondas, mas existem locais como a Praia da Sacristia e a Enseada do Farol, que propiciam um mergulho agradável em qualquer condições. Além desses dois pontos, há possibilidade de um mergulho no Canal de Ponta Negra, mas fique atento com a correnteza e as condições da maré.

Ponta Negra também é muito frequentada por pescadores e por praticantes de mergulho. Suas águas claras dão um toque especial ao local. O roteiro pode ser feito tanto no sentido Farol-Sacristia, quanto ao contrário, sendo quase obrigação o banho de mar ao final da caminhada, independente do sentido. Há opção de modestos restaurantes, mercados e padarias.





Coatão da Praia de Ponta Negra

Como chegar

De ônibus:

Partindo do Terminal João Goulart, ao lado da Estação das Barcas no Centro de Niterói, pegar o ônibus até a Rodoviária de Maricá e de lá, pegar o ônibus até Ponta Negra. Existe a possibilidade de pegar o ônibus da linha Castelo x Ponta Negra, na Alameda São Boaventura, no Fonseca. Descer na Praça de Nossa Senhora das Graças.

De carro:

Pegar a RJ 106. Passará Maricá e quando a estrada virar mão dupla, serão aproximadamente 10 km até a entrada para Ponta Negra, na RJ 118. Entrando em direção a Ponta Negra, serão mais 7,8 km até a Praça Nossa Senhora das Graças.

Principais atrativos

Farol de Ponta Negra, Arco e Praia da Sacristia, vista para a praia de Ponta Negra, Serra e Praia de Jaconé.

Histórico

Já foi chamada de Vassaratiba, Irititiba e Mariatiba. O nome Ponta Negra pode ter duas origens. A primeira remete à época das navegações, quando os portugueses avistavam a região de costa e pedras negras, dando o nome de Ponta Negra. Outra que também é bem conhecida na região, faz referência ao século XIX, quando houve a proibição de vinda de escravos para o Brasil, sendo proibido o desembarque deles no Cais do Valongo, o famoso porto que recebeu cerca de 1 milhão de escravos no Rio de Janeiro. Com a proibição, os escravos passaram a desembarcar em pontos clandestinos e um deles era no local.



Costões Rochosos

Circuito Ponta Negra

Duração



1 h 30 min

Distância



6.236 m

Altitude Inicial



6 m

Altitude Máxima



80 m

Altitude Final



6 m

Desnível



168 m / -168 m



<<COORDENADAS>>

Início: 23K (736.191, 7.459.730)

Fim: 23K (736.191, 7.459.730)



Tipo: Circuito



Esforço: Leve



Orientação: Fácil



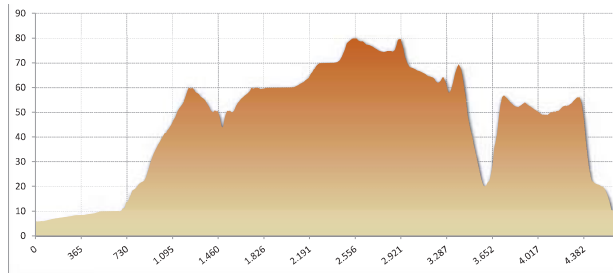
Insolação: Alta



Risco: Pequeno

Obstáculos: Poucos e Simples

Piso: Regular



Principais atrativos

Vista para a orla de Ponta Negra, Lagoa de Guarapina, Praia de Jaconé, prática de mergulho, pesca e banho de mar. Foto: Arco da Sacristia





Descrição geral

Esse roteiro é um misto de rua e trilha e tem como referência inicial e final, a Igreja de Nossa Senhora das Graças, em frente à praça homônima. Segue pela rua do canal até o Farol de Ponta Negra, em seguida, segue a rua da linha de cumeeada, até o final, onde existe um belo mirante. Nesse ponto, verá um morro a frente, na qual deverá ser contornado pela esquerda, até descer pela face oposta, chegando a uma rua. Dali, teremos o acesso ao Arco e Praia da Sacristia.

Início da trilha

Na praça, em frente a Igreja de Nossa Senhora das Graças (foto 1).

O caminho

Siga pela rua principal vire à esquerda na rua do canal, antes da ponte. Siga nesta rua que segue paralela ao canal. Ao final, vire à esquerda e começará a subir. Fará uma curva para a direita e seguirá subindo. Nesse ponto, a vista é de tirar o fôlego, vendo todo o bairro e litoral. No alto, haverá uma trifurcação (foto 2). Siga reto e logo chegará ao Farol. Nesse ponto, a vista do mar é um espetáculo a parte. Há dias em que a água do mar está tão clara que é possível ver as pedras no fundo. Há possibilidade de descer e seguir em direção a uma enseada, que é ótima para um banho, tendo uma ilha bem a frente que serve como uma barreira para as grandes ondas, proporcionando sempre águas calmas ao local.





Voltando pela mesma rua que entrou, na trifurcação, vire à direita e siga reto pela estrada de chão. Virá outra trifurcação (foto 2). Continue reto. Você seguirá pela linha de cumeeada até o final dessa estrada, onde há um largo, com uma casa a sua direita. Nesse ponto a vista para a Serra e praia de Jaconé é perfeita (foto 3). Note que no morro mais à frente dá para ver o caminho sulcado entre a vegetação. Ultrapasse a cerca e siga descendo por um trecho mais aberto (foto 4). O caminho é bem óbvio. Mais abaixo haverá uma saída à direita, que leva a um costão, muito utilizado para a pesca, porém você não deverá entrar nele. Desça em direção ao morro da frente e chegando ao colo, você deverá começar a subir.

Suba numa linha reta até começar a contornar o morro para a esquerda (foto 5). Um pouco mais acima, virá um trecho levemente plano até chegar uma cerca.

Ultrapasse a cerca e siga em direção a uma rua bem ao fundo. Chegando nessa rua, vire à direita e na bifurcação, fique a direita novamente. Ao final da rua, você chegará a um costão. Vire à direita e estará no Arco da Sacristia, uma bela formação rochosa.



Voltando ao caminho, siga de volta pelo costão e passe pela entrada da rua. Siga contornando o costão e logo você verá a Praia da Sacristia à sua frente (foto 6). O caminho para voltar está no meio da praia. Suba e logo você estará na rua novamente. Voltando pela rua, você passará pela bifurcação. Siga reto por ela e ao final, vire à esquerda. Siga nela até ao final e chegará, novamente à Praça Nossa Senhora das Graças.

Curiosidades

Um fato curioso em relação à Capela de Nossa Senhora das Graças, foi que no dia 27/11/1961, o Capitão José Caetano de Oliveira estava sobrevoando a região de Ponta Negra quando aconteceu uma pane no motor de seu avião. Sentindo a morte de perto e devoto de Nossa Senhora das Graças, suplicou a Santa sua salvação. Felizmente, o Capitão sobreviveu e para agradecer a graça recebida, construiu no local da queda da aeronave, uma Igreja em homenagem a Santa.

Toda a história é contada através de quadros no interior da capela. Do lado de fora existem dois relógios, um marcando a hora do acidente e o outro, a hora do resgate.

Com relação ao Farol de Ponta Negra, não foram encontrados registros da data de sua construção, mas há quem diga que fora construído há mais de 100 anos. Existe também a informação, porém não confirmada, de que abaixo da antiga casa do faroleiro, hoje já reformada e totalmente modificada, perto de uma grande fenda, exista um canhão, ainda da época do Império.

O canal de Ponta Negra não é natural. Ele foi aberto na década de 50, acarretando um grande desequilíbrio às lagoas da região.



REFERÊNCIAS

<http://www.espraiado.com/>
<http://ariedoespraiado.blogspot.com/>
<http://cidades.ibge.gov.br/>
<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/surfe-na-montanha-uma-onda-alucinante-que-nasceu-em-itacoatiara-16955104>
<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/darwin1832.html>
<http://twixar.me/2GH>
http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/conteudo_422528.shtml
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000200002&script=sci_arttext
http://ppegeo.igc.usp.br/scielo.php?pid=S0375-75362011000200010&script=sci_arttext
<http://maricainfo.com/2014/04/25/a-historia-de-charles-darwin-em-marica.html>
<http://www.itacoatiara.org.br/itacoatiara/historia/> - (acessado em 08/12/2015, 12:48h)
<http://culturanageroi.com.br/blog/?id=313> - (acessado em 08/12/2015, 16:24)

Carta topográfica de 1833 e 1836.

Estrada de Ferro de Maricá: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20\(34\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20(34).pdf)
http://agenda21comperj.com.br/sites/localhost/files/Hist%C3%B3rico%20e%20dados_Maric%C3%A1.pdf - (Acessado em 10/12/2015, 16:13)
<http://www.marica.rj.gov.br/ambiente/leis/MAPA%20ARIE%20Espraiado.pdf> - (acessado em 10/12/2015, 16:15)
<http://axelgrael.blogspot.com/2015/09/morro-do-morcego-aventura-em-360-na.html> - (acessado em 11/12/2015, 12:38)
<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/estiagem-seca-corrego-dos-colibris-em-niteroi-mas-arvore-centenaria-resiste-17124493> - (acessado em 11/12/2015, 12:51)
<http://camaraniteroi.rj.gov.br/wp-content/plugins/website/widgets/vereador-proposicoes-ajax.php?&a=2012&t=1&n=31> - (acessado em 14/12/2015, 15:03)
<http://www.museusdoriorj.com.br/> - (acessado em 14/12/2015, 15:29)
<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/museu-de-arqueologia-de-itaipu> - (acessado em 15/12/2015, 12:41)
<http://www.ambiental.adv.br/colibris.htm> - (acessado em 22/12/2015)

Plano de manejo do PESET - janeiro de 2015

http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039_11.html - (acessado em 30/12/2015)

www.sebraerj.com.br/custom/pdf/cam/sal/08_OsCaminhosdoTrem.pdf - (acessado em 02/02/2016)

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/22/agerj_1952_n5.pdf - (acessado em 11/02/2016)

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/22/agerj_1949_n2.pdf - (acessado em 11/02/2016)

<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Luciane%20Correia.pdf> - (acessado em 20/02/2016)

www.pegaleve.org.br - (acessado em 22/08/2016)

BRUM, Cezar. Contando a História de Maricá. 1 ed. Maricá: GB Designers, 2004

LAMBRAKI, Alexandra. Compêndios da História de Maricá. 1 ed. Maricá: Cop Editora, 2005

PIMENTEL, Luis Antônio. Topônimos Tupis de Niterói. Niterói: Traço e Photo Editora, 2001

WHERS, Carlos. Niterói, ontem e anteontem. Rio de Janeiro, 1986

WHERS, Carlos. Capítulos da Memória Niteroiense. Rio de Janeiro, 1989

WHERS, Carlos. Niterói - Tema para colecionadores. 1 ed. Rio de Janeiro, 1987

A metodologia de classificação de trilhas utilizada nesse guia foi desenvolvida pela Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ). As trilhas são classificadas de acordo com o grau de Esforço Físico, Exposição ao Risco, Orientação e Insolação. Cada parâmetro é representado por indicadores de severidade crescente e vem acompanhada de informações que detalhem certos aspectos da trilha, como extensão, altitude inicial, altitude final, altitude máxima e tempo médio do percurso. Além disso, há classificação quanto ao tipo de trilha, sendo eles: Trilha, Travessia ou Circuito.

Visando à sua aplicação prática, foi incluída uma iconografia específica para cada parâmetro, propiciando rápida identificação da classificação. Com isso, o usuário poderá avaliar de forma objetiva, se tem condições físicas e dispõe do tempo e dos equipamentos necessários para percorrer a trilha na qual esteja interessado.

Uma obra única que inclui informações, que julgamos relevantes, para que você aventureiro possa desfrutar do maravilhoso mundo do montanhismo.



ISBN 978-85-68883-44-0

